

"DEFINITIVAMENTE, O THRILLER PSICOLÓGICO DA DÉCADA."  
ENTERTAINMENT WEEKLY

# ELES MERECEM A MORTE

PETER SWANSON

GLOBAL LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Peter Swanson

Eles merecem a morte

*Tradução: Rodrigo Salem*

**GOBOLIVROS**

Copyright © 2016 Editora Globo S. A. para a presente edição  
Copyright © 2015 Peter Swanson

Publicado sob acordo com Sobel Weber Associates, Inc.

Os direitos morais do autor estão assegurados.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *The Kind Worth Killing*

*Editora responsável:* Amanda Orlando

*Editora assistente:* Elisa Martins

*Editor digital:* Erick Santos Cardoso

*Preparação de texto:* Mônica Araújo

*Revisão:* Huendel Viana, Laila Guilherme e Carmen T. S. Costa

*Diagramação:* Gisele Baptista de Oliveira

*Capa:* Estúdio Insólito

*Imagem de capa:* Lukasz Laska/Getty Images

1ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S977e

Swanson, Peter

Eles merecem a morte / Peter Swanson ; tradução Rodrigo Salem. - 1. ed. - São Paulo : Globo, 2016.

Tradução de: The kind worth killing

ISBN 978-85-250-6235-2

1. Ficção americana. I. Salem, Rodrigo. II. Título.

16-29499 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo — SP  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Parte i - As regras dos bares de aeroportos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Parte ii - A casa inacabada](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Parte iii - Esconda bem os corpos](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Notas](#)

*Para minha mãe, Elizabeth Ellis Swanson*

Parte i  
As regras dos bares de aeroportos

# CAPÍTULO 1

## TED

— EÍ, VOCÊ — DISSE ELA.

Olhei para a mão pálida e sardenta segurando as costas da cadeira vazia ao meu lado na sala VIP do aeroporto de Heathrow, então subi para o rosto daquela desconhecida.

— Por acaso a gente se conhece? — perguntei. Ela não era particularmente familiar, mas o sotaque americano, a camisa branca amarrotada e seu jeans apertado que terminava dentro de botas de cano longo, tudo isso a fazia parecer com uma das terríveis mulheres dos meus amigos.

— Não, desculpa. Estava apenas admirando seu drinque. Se importa? — Ela curvou seu corpo esguio e alto para sentar-se no banco de couro, deixando a bolsa em cima do balcão do bar. — Isso é gim? — perguntou sobre o martíni na minha frente.

— Hendrick's — respondi.

Ela fez um gesto para o barman, um adolescente com cabelos arrepiados e queixo lustroso, e pediu um gim Hendrick's com duas azeitonas. Quando a bebida chegou, levantou-a na minha direção. Eu tinha apenas um gole na taça e disse:

— Um brinde à inoculação para suavizar viagens internacionais.

— Posso brindar a isso.

Terminei minha bebida e pedi outra. Ela se apresentou, um nome que esqueci instantaneamente. E eu disse o meu — somente Ted, e não Ted Severson, pelo menos não naquele momento. Sentamos na sala VIP excessivamente acolchoada e iluminada de Heathrow, bebendo nossos drinques, trocando algumas observações e confirmando que estávamos esperando pelo mesmo voo direto

para o aeroporto Logan, em Boston. Ela tirou um livro fino da bolsa e começou a ler. Isso me deu a oportunidade de olhar de verdade para suas feições. Era bonita — cabelos ruivos longos, olhos de um azul-esverdeado como de águas tropicais e uma pele tão branca que era quase da cor de leite desnatado. Se uma mulher assim senta-se ao seu lado no bar da vizinhança e elogia sua bebida, você imagina que a vida está prestes a mudar. Mas as regras são diferentes para bares de aeroportos, onde seus colegas de copo logo serão arremessados para direções opostas. E, embora essa mulher estivesse indo para Boston, eu ainda estava possuído pela raiva doentia da situação da minha mulher em casa. Foi tudo que consegui pensar no meu fim de semana na Inglaterra. Mal comi, mal dormi.

Um anúncio soou pelos alto-falantes em que as únicas palavras compreensíveis eram *Boston* e *atrasado*. Olhei para o monitor acima das fileiras de garrafas iluminadas por trás e vi que nossa partida estava atrasada em uma hora.

— Hora de mais um — disse eu. — Por minha conta.

— Por que não? — disse ela ao fechar o livro e colocando-o de capa para cima no balcão, próximo à bolsa. *As duas faces de janeiro*, de Patricia Highsmith.

— Como está o livro?

— Não é um dos melhores dela.

— Nada é pior que um livro ruim e um longo voo atrasado.

— O que você está lendo? — ela quis saber.

— Jornal. Não gosto muito de livros.

— Então o que faz durante os voos?

— Tomo gim. Planejo assassinatos.

— Interessante. — Ela me abriu um sorriso, o primeiro que vi. Era um sorriso largo, que gerava uma ruga entre o lábio superior e o nariz e revelava dentes perfeitos e gengivas cor-de-rosa. Eu me

perguntei quantos anos teria. Quando sentou-se do meu lado, pensei que estivesse nos seus trinta e poucos, perto da minha idade, mas seu sorriso e os borrifos de sardas no nariz a faziam parecer mais jovem. Vinte e oito, talvez. A idade da minha mulher.

— E trabalho, claro, quando estou voando — acrescentei.

— O que você faz?

Dei-lhe a versão mais curta, como financiava e aconselhava empresas *start-ups* internacionais. Não disse como ganhava a maior parte do meu dinheiro — vendendo essas empresas assim que parecessem promissoras. E não lhe contei que eu nunca mais precisaria trabalhar na vida, que era um desses sujeitos *pontocom* do fim dos anos 1990 que conseguiram sair do negócio (e vender minhas ações) antes do estouro da bolha. Só escondi esses fatos porque não estava a fim de conversar sobre eles, não porque achasse que minha companhia poderia achá-los ofensivos ou desinteressantes. Jamais senti a necessidade de me desculpar pelo dinheiro que ganhei.

— E você, o que faz? — perguntei.

— Trabalho na faculdade Winslow. Sou arquivista.

Winslow era uma faculdade feminina em um subúrbio arborizado a trinta quilômetros de Boston. Perguntei o que faz uma arquivista, e ela me deu, suspeito, a versão mais curta do seu trabalho, como coletava e preservava documentos.

— E você mora em Winslow? — perguntei.

— Moro.

— Casada?

— Não. Você?

Quando ela disse isso, captei um discreto movimento em seu olhar, procurando por uma aliança em minha mão esquerda.

— Sim, infelizmente. — Levantei a mão para mostrar o dedo anular sem nada. — E não, não retiro minha aliança em bares de

aeroportos para o caso de uma mulher como você sentar ao meu lado. Nunca usei aliança. Não suporto a ideia de uma.

— Por que o *infelizmente*, então? — perguntou.

— É uma longa história.

— É um longo atraso.

— Você realmente quer escutar sobre minha vida sórdida?

— Como posso responder que não diante disso?

— Se vou te contar, precisarei de outro desses. — Levantei meu copo vazio. — Você?

— Não, obrigada. Dois é o meu limite. — Ela pegou uma das azeitonas do palito com os dentes e a mordeu. Pude vislumbrar brevemente o tom rosado do topo da sua língua.

— Sempre digo que dois martínis são um exagero e três não são suficientes.

— Que engraçado. James Thurber também não dizia isso?

— Nunca ouvi falar nele. — Eu sorri com o canto da boca, embora tenha me sentido meio bobo ao tentar usar uma frase famosa como se fosse de minha autoria. O barman logo estava na minha frente, e pedi outro drinque. A pele ao redor da minha boca chegou ao estágio de dormência prazerosa que o gim proporciona, e eu sabia que estava correndo o risco de ficar muito bêbado e falar demais. Mas, no fim das contas, essas eram as regras dos bares de aeroportos, e, embora minha colega de viagem morasse a apenas trinta quilômetros de mim, eu já havia esquecido seu nome e sabia que haveria poucas chances de revê-la na vida. E me senti bem conversando e bebendo com uma estranha. Pronunciar as palavras em voz alta dissipava minha raiva.

Então contei para ela a história. Contei que minha mulher e eu estávamos casados havia três anos e que morávamos em Boston. Contei sobre a semana de setembro que passamos no Kennewick Inn, na costa sul do Maine, como nos apaixonamos pela região e

compramos uma propriedade de frente para o mar ridiculamente acima do preço de mercado. Conteí como minha mulher, por possuir um mestrado em algo chamado Artes e Ação Social, decidiu estar qualificada para decorar a casa com um escritório de arquitetura e que tem passado a maior parte do tempo em Kennewick, trabalhando com um mestre de obras chamado Brad Daggett.

— E ela e Brad... — perguntou a mulher depois de deslizar a segunda azeitona na boca.

— A-hã.

— Tem certeza?

Então dei mais detalhes. Conteí a ela como Miranda estava se aborrecendo com nossa vida em Boston. No primeiro ano do casamento, ela mergulhou na decoração de uma casa de três andares no sul. Depois disso, arranjou um emprego de meio período na galeria de um amigo no distrito de SoWa, mas, mesmo naquela época, eu sabia que as coisas estavam ficando desgastadas. Começamos a ficar sem assunto no meio do jantar, íamos para a cama em horários diferentes. Mais importante: perdemos as identidades que haviam definido originalmente nosso papel no relacionamento. No começo, eu era o empresário rico que a apresentou a vinhos caros e bailes de caridade, e ela era a artista boêmia que planejava viagens para as praias da Tailândia e gostava de botecos. Eu sabia que éramos um tipo especial de clichê, mas funcionava. A gente se conectava em todos os níveis. Eu até gostava do fato de que, mesmo me considerando um cara bonito, ninguém olharia para mim enquanto estivesse em sua presença. Ela tinha pernas longas e peitos grandes, um rosto em forma de coração e lábios carnudos. O cabelo castanho-escuro sempre estava pintado de preto e era deliberadamente armado para parecer despenteado, como se ela tivesse acabado de sair da cama. Sua pele era irretocável e não precisava sequer de maquiagem, embora nunca

saísse de casa sem aplicar um delineador preto. Eu notava que os homens a encaravam em bares e restaurantes. Talvez eu estivesse fantasiando, mas eram olhares famintos e primitivos. Faziam com que eu me sentisse feliz por não viver mais em uma época na qual homens andavam armados.

Nossa viagem para Kennewick, Maine, foi espontânea, uma reação a uma reclamação de Miranda de que não ficávamos sozinhos havia mais de um ano. Chegamos lá na terceira semana de setembro. Os primeiros dias foram de céu limpo e calor, mas, na quarta-feira, uma tempestade vinda do Canadá nos aprisionou no quarto. Só saímos para beber cerveja Allagash White e comer lagosta na taverna que ficava no porão do hotel. Depois que a tempestade se dissipou, os dias ficaram frios e secos, com uma luz cinzenta e noites mais longas. Compramos suéteres e exploramos a trilha nos penhascos que começava ao norte do hotel e abria caminho até o Atlântico e sua costa pedregosa. O ar, até então carregado com umidade e cheiro de bronzeador, estava agora fresco e salgado. Nós nos apaixonamos tanto por Kennewick que, quando encontramos um pedaço de terra coberta por rosa-mosqueta à venda em uma ribanceira alta no fim da trilha, liguei para o número na placa de *vende-se* e fiz uma oferta.

Um ano depois, os arbustos de rosa-mosqueta foram retirados, uma fundação foi cavada e o exterior de uma casa de oito quartos estava quase completo. Contratamos Brad Daggett, um homem robusto, divorciado, com cabelo preto espesso, cavanhaque e um nariz curvado, como nosso mestre de obras. Enquanto eu passava a semana em Boston — orientando um grupo de recém-graduados do Instituto de Tecnologia de Massachusetts que criara um novo algoritmo para um mecanismo de busca inserido em blogs —, Miranda ficava cada vez mais tempo em Kennewick, hospedada em

um hotel e supervisionando o trabalho na casa, obcecada por cada azulejo e cada interruptor.

No início de setembro, decidi surpreendê-la dirigindo até lá. Deixei uma mensagem no celular dela assim que entrei na I-95, ao norte de Boston. Cheguei a Kennewick pouco antes do meio-dia e procurei por ela no hotel. Me disseram que estava fora desde cedo.

Fui até a casa e estacionei atrás da F-150 de Brad na entrada. O Mini-Cooper azul de Miranda também estava lá. Fazia algumas semanas que eu não visitava a propriedade, e fiquei feliz com o progresso do trabalho. Todas as janelas pareciam estar no lugar, e o piso em pedra calcária azul que eu escolhera para o jardim tinha chegado. Andei pelos fundos da casa, onde cada quarto do andar superior tinha uma varanda própria e, no andar de baixo, um terraço com telas para evitar insetos levava a um enorme pátio de pedra. Na frente do pátio, um buraco retangular fora cavado para a piscina. Caminhando por ali, vi Brad e Miranda através da janela alta da cozinha. Prestes a bater no vidro para avisá-los de que havia chegado, vi algo que me fez parar. Eles estavam debruçados contra as bancadas de quartzo recém-instaladas, ambos olhando para a janela com vista para a enseada de Kennewick. Brad fumava um cigarro, e observei quando jogou as cinzas na caneca de café que segurava na outra mão.

Porém foi Miranda que me fez parar. Havia alguma coisa em sua postura, a maneira como estava debruçada, virada em direção aos ombros de Brad. Ela parecia relaxada. Levantou a mão enquanto Brad passava o cigarro aceso para os dedos dela. Deu uma longa tragada e devolveu o cigarro. Nenhum deles se entreolhou durante a troca e eu soube, então, que eles não apenas estavam dormindo juntos, mas estavam provavelmente apaixonados.

Em vez de ficar furioso ou triste, meu sentimento imediato foi de pânico que me descobrissem ali no pátio, espionando aquele

momento de intimidade. Retornei para a entrada principal, passei pelo terraço, abri a porta de vidro e gritei na casa repleta de ecos:

— Olá!

— Aqui! — gritou Miranda de volta. E caminhei rumo à cozinha.

Eles se afastaram um pouco, mas não muito. Brad estava apagando o cigarro na caneca.

— Teddy, que surpresa. — Apenas ela me chamava daquela maneira, um apelido de animal de estimação que começou como uma piada, já que não combinava em nada comigo.

— Oi, Ted — disse Brad. — O que achou até agora?

Miranda circulou o balcão e me deu um beijo que pousou no canto da minha boca. Ela cheirava a xampu caro e Marlboro.

— Está parecendo bom. Meus pisos chegaram.

Miranda riu.

— Deixamos ele escolher apenas uma única coisa, e é tudo com que se importa.

Brad também saiu de trás do balcão e apertou minha mão. A dele era grande e áspera, a palma quente e seca.

— Quer um tour completo?

Enquanto Brad e Miranda me mostravam a casa, ele falando sobre materiais de construção e ela sobre onde os móveis deveriam ficar, comecei a formar uma segunda opinião sobre o que vira. Nenhum deles parecia nervoso ao meu lado. Talvez houvessem se tornado melhores amigos, do tipo que ficam fisicamente próximos e dividem cigarros. Miranda podia ser assim, melosa; sempre andava de braços dados com as amigas e beijava nossos amigos homens nos lábios ao cumprimentar ou se despedir. Ocorreu-me que havia uma chance de eu estar sendo paranoico.

Depois da excursão pela casa, Miranda e eu fomos para o hotel e almoçamos na taverna Livery. Comemos sanduíches de hadoque e bebemos dois uísques com soda.

— Brad te fez voltar a fumar? — perguntei, desejando flagrá-la em uma mentira, observando sua reação.

— O quê? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Você estava cheirando um pouco a fumaça. Lá na casa.

— Devo ter dado uma ou duas tragadas. Não voltei a fumar, Teddy.

— Não me importo. Estava apenas perguntando.

— Você acredita que a casa está quase pronta? — Ela mergulhou a ponta de uma batata frita na minha porção de ketchup.

Conversamos sobre a casa por um tempo, e comecei a duvidar se tinha visto algo demais. Ela não estava agindo como uma pessoa culpada.

— Você vai ficar para o fim de semana? — perguntou.

— Não, queria apenas dizer *oi*. Tenho um jantar hoje à noite com Mark LaFrance.

— Cancele e fique aqui. O dia, em tese, será bonito amanhã.

— Mark pegou um avião apenas para esse jantar. E preciso preparar alguns números.

Originalmente, eu havia planejado ficar no Maine a tarde inteira, esperando que Miranda concordasse com um longo cochilo em seu quarto de hotel. Mas, depois de vê-la se engraçando com Brad naquela cozinha caríssima pela qual eu estava pagando, mudei de ideia. Tinha um novo plano. Depois do almoço, levei Miranda para a casa para que ela pudesse buscar seu carro. Então, em vez de pegar diretamente a I-95, entrei na Rota 1, em direção ao sul, para a Kittery Trading Post, uma loja de artigos esportivos diante da qual passei inúmeras vezes, mas nunca tinha parado. Num intervalo de quinze minutos, gastei quase quinhentos dólares em uma calça camuflada impermeável, uma capa de chuva cinza com capuz, enormes óculos de proteção e um binóculo. Levei os apetrechos para um banheiro público do outro lado da rua onde ficava o *outlet*

da Crate and Barrel e me vesti com o novo uniforme. Com o capuz levantado e os óculos, eu estava irreconhecível. Pelo menos à distância. Rumo ao norte novamente, parei o carro em um estacionamento público próximo à enseada de Kennewick, espremendo meu Quattro entre duas caminhonetes. Sabia que não havia nenhuma razão para Brad ou Miranda virem a esse local, mas não queria correr o risco de deixar meu carro à vista.

O vento cessou, mas o céu estava pesado e cinza, e uma chuva fina começou a temperar o ar. Caminhei pela areia da praia, então escalei as rochas soltas de xisto que levavam ao início da trilha do penhasco. Movia-me com cuidado, mantendo os olhos no caminho aberto — escorregadio por causa da chuva e traiçoeiro em certos lugares graças às raízes —, e não na extraordinária vastidão do Atlântico à minha direita. Alguns trechos da trilha tinham se desgastado completamente, e um sinal desbotado avisava os transeuntes dos perigos. Por conta disso, a trilha não era movimentada, e só vi uma pessoa naquela tarde — uma adolescente com uma blusa do Bruins que cheirava como se tivesse acabado de fumar um baseado. Nos cruzamos pelo caminho sem falar nada ou olhar um para o outro.

Um pouco mais à frente, no fim da trilha, caminhei em cima do muro de cimento que delimitava a parte dos fundos de uma casa de alvenaria, a última antes do terreno abandonado de quatrocentos metros que culminava em nossa propriedade. A trilha, então, desceu ao nível do mar, cruzou uma praia rochosa repleta de boias desgastadas e algas e continuou através de uma elevação íngreme em meio a abetos retorcidos. A chuva aumentou, e tirei os óculos escuros. As chances de que Brad ou Miranda estivessem fora da casa eram mínimas, e meu plano era parar um pouco antes da clareira desmatada e me posicionar em um bosque de arbustos espessos ao longo da parte baixa da falésia. Se eu fosse avistado

com meu binóculo, a pessoa pensaria que eu era um observador de pássaros. Eu poderia fugir rapidamente para a trilha caso alguém se aproximasse.

Quando pude ver a casa erguendo-se naquela terra devastada, me dei conta, não pela primeira vez, de como a parte de trás — o lado que dava para o oceano — era estilisticamente oposta ao lado que dava para a estrada. A frente da casa revestida de pedras tinha um punhado de pequenas janelas e um imponente conjunto de portas de madeira enegrecida com arcos exagerados. A parte de trás era de madeira pintada em bege, e todas as janelas e varandas idênticas deixavam a casa parecida com um hotel de médio porte. “Tenho um monte de amigos”, disse Miranda quando perguntei por que a casa precisaria de sete quartos de hóspedes. Então ela me olhou como se eu houvesse perguntado se o encanamento era mesmo algo necessário.

Encontrei um lugar sob um abeto atrofiado, curvado e retorcido como um bonsai. Deitei-me no solo úmido e mexi no binóculo até conseguir focar a casa. Estava a uns 45 metros de distância e podia facilmente ver o interior através das janelas. Verifiquei o primeiro andar e não notei nenhum movimento, então parti para o segundo. Nada. Fiz uma pausa, observando a casa a olho nu, desejando ter a vista da entrada da frente. Pelo que sabia, não havia ninguém na casa, embora a caminhonete de Daggett ainda estivesse lá quando deixei Miranda.

Alguns anos antes, fui pescar com um colega, um ex-especulador *pontocom* que era o melhor pescador que já conheci. Ele conseguia observar a superfície do oceano e saber exatamente onde estavam os peixes. Ele me explicou que o truque era desfocar os olhos para conseguir ter uma visão de tudo ao mesmo tempo e, ao fazer isso, ele poderia captar vislumbres de movimento, perturbações na água. Tentei isso na época e só consegui uma dor

de cabeça chata. Então, depois de completar, sem sucesso, minha investigação com o binóculo, decidi usar o mesmo truque na casa. Deixei que tudo ficasse meio que borrado diante dos meus olhos, esperando qualquer movimento atrair a minha atenção. Depois de olhar fixamente a casa por menos de um minuto, percebi um movimento na janela superior do que logo seria a sala da ala norte da casa. Levantei meu binóculo e foquei a janela; Brad e Miranda haviam acabado de entrar. Eu podia vê-los claramente; o sol da tarde que baixava batia na janela em um ótimo ângulo, iluminando o interior sem causar reflexo. Enxerguei Brad andar na direção de uma mesa instalada para a sua equipe de marceneiros. Ele pegou um pedaço de madeira semelhante àquela usada nas molduras do teto e levantou para minha mulher ver. Passou o dedo pelas ranhuras e ela fez o mesmo. Os lábios dele estavam se movendo, e Miranda concordava com tudo que ele dizia.

Por um breve momento me senti ridículo, um marido paranoico camuflado como um soldado, espionando a própria mulher e o mestre de obras, mas, depois que Brad colocou o pedaço de volta na mesa, observei Miranda deslizar para os braços dele, inclinar a cabeça para trás e beijá-lo na boca. Com uma das mãos, ele agarrou a cintura dela e a trouxe para junto de si. Com a outra, puxou um punhado dos cabelos dela. Eu disse a mim mesmo que não devia continuar vendo aquilo, mas não consegui parar. Assisti a tudo por dez minutos, enquanto Brad curvava minha mulher sobre a mesa, levantava sua saia púrpura, tirava a minúscula calcinha branca e a penetrava por trás. Vi Miranda se posicionar estrategicamente em cima da mesa, uma das mãos agarrando as bordas e a outra nas próprias pernas, guiando Brad para dentro dela. Eles claramente já tinham feito aquilo antes.

Fui um pouco para trás e me sentei. Quando retomei a trilha, tirei o capuz e vomitei o almoço em uma poça escura.

— Quando foi que isso aconteceu? — perguntou minha companheira de viagem quando contei a história.

— Somente há uma semana.

Ela piscou e mordiscou o lábio inferior. Suas pálpebras estavam brancas como um lenço de papel.

— Então, o que você vai fazer a respeito? — perguntou.

Era a pergunta que vinha fazendo a mim mesmo durante toda a semana.

— O que realmente quero fazer é matá-la. — Sorri com a boca anestesiada pelo gim e tentei uma piscadela apenas para lhe dar a chance de não acreditar em mim, mas seu rosto permaneceu sério. Ela arqueou as sobrancelhas ruivas.

— Acho que você devia fazer mesmo isso — disse ela, e esperei por uma indicação de que estivesse brincando, mas nada veio. Seu olhar era inabalável. Ao olhar de volta, notei que ela era mais bonita do que eu havia pensado. Possuía uma beleza etérea, atemporal, como se fosse a musa de uma pintura renascentista. Tão diferente da minha mulher, que parecia pertencer à capa de um livro barato de detetive dos anos 1950. Eu estava prestes a falar quando ela levantou a cabeça para ouvir o som abafado dos alto-falantes. Eles acabavam de anunciar que o embarque do nosso voo teria início.

## Capítulo 2

### Lily

NO VERÃO EM QUE COMPLETEI CATORZE ANOS, minha mãe convidou um pintor chamado Chet para ficar conosco. Não me recordo do sobrenome dele; na verdade, não sei nem se cheguei a saber. Ele veio e ficou hospedado no pequeno apartamento em cima do estúdio da minha mãe. Usava óculos grossos com armação escura, tinha uma barba espessa sempre manchada de tinta e cheirava a fruta madura. Lembro-me do modo com que seus olhos se fixaram na direção dos meus seios quando fomos apresentados. O verão já estava quente, e eu vestia um short jeans rasgado e uma camiseta regata. Meus peitos não eram maiores que picadas de mosquito, mas ele olhou mesmo assim.

— Oi, Lily — disse ele. — Pode me chamar de tio Chet.

— Por quê? Você é meu tio?

Ele soltou minha mão e riu, um barulho engasgado como um motor morrendo.

— Ei, do jeito que seus pais estão me tratando, já me sinto parte da família. Um verão inteiro para pintar, cara. Inacreditável.

Eu me afastei sem dizer nada.

Ele não era o único hóspede naquele verão. Para falar a verdade, nunca havia apenas um único hóspede na Casa Monk, especialmente durante o verão, quando as atribuições de meus pais como professores diminuía e eles podiam focar o que realmente amavam — bebidas e adultério. Não digo isso para fazer drama sobre minha infância. Digo isso porque é a verdade. E naquele verão, o verão de Chet, havia um revezamento no elenco de visitantes, de estudantes a antigos e atuais amantes, todos indo e

vindo como mariposas atraídas pela luz da varanda. E estou falando apenas dos hóspedes. Meus pais, como sempre, organizavam inúmeras festas — eu escutava o burburinho e os urros através das paredes do meu quarto enquanto estava deitada na cama. Eram sinfonias familiares, começando com explosões de gargalhadas, jazz dissonante, o abrir e fechar das telas antimosquitos e terminando, nas primeiras horas da manhã, com o som de gritos, algumas vezes de choro e sempre com o bater das portas. Chet era uma raça de animal ligeiramente diferente dos outros hóspedes.

Minha mãe se referia a ele como um artista marginal, o que significava, acho, que ele não tinha ligações com sua universidade, não era um estudante ou um artista de passagem. Lembro-me do meu pai chamando-o de “o sem-teto degenerado que sua mãe abrigou durante o verão. Não se aproxime, Lily, acho que ele tem lepra. E só Deus sabe o que existe naquela barba”. Não creio que tenha sido um conselho genuíno do meu pai — minha mãe podia escutar e ele falava para o bem dela —, mas terminou sendo profético.

Passaria minha vida inteira na Casa Monk, como meu pai chamava a mansão vitoriana centenária a uma hora de Nova York, praticamente em ruínas nas profundezas das florestas de Connecticut. David Kintner — meu pai — era um romancista inglês que fez boa parte de seu dinheiro com a adaptação para o cinema de seu primeiro e mais bem-sucedido livro, uma farsa ambientada em um colégio interno que virou sensação por um breve período no fim dos anos 1960. Ele veio para os Estados Unidos como escritor convidado pela Universidade de Shepaug, e arrumou um emprego como professor adjunto quando encontrou Sharon Henderson, minha mãe, uma expressionista abstrata, professora titular no departamento de artes. Juntos, eles compraram a Monk. O lugar não tinha um nome quando fizeram a aquisição, no ano em que fui

concebida, mas meu pai, que imaginava os seis quartos com planos de enchê-los com hóspedes criativas e inteligentes (e jovens e femininas), pensou em nomeá-la em homenagem à casa que Virginia e Leonard Woolf compartilharam. Também era uma referência a Thelonious Monk, músico favorito do meu pai.

Havia diversas peculiaridades a respeito de Monk, incluindo alguns painéis solares nunca usados envoltos por heras, uma sala de cinema com um velho projetor, uma adega com um chão sujo e uma piscina em formato de rim no quintal que raramente era limpa. Com o passar dos anos, virou um lago sujo, com o fundo e as bordas cobertos por algas, a superfície constantemente salpicada por folhas apodrecidas, o filtro entupido com cadáveres de ratos e esquilos.

No início daquele verão em particular, tentei eu mesma limpar a piscina semicheia. Retirei a lona suja de mofo, encontrei uma rede de caçar borboletas para servir de peneira para catar as folhas, depois a enchi com a mangueira durante o curso de um dia inteiro de junho. Perguntei a meus pais separadamente se poderiam trazer produtos de limpeza quando fossem fazer compras, no dia seguinte. A resposta da minha mãe: "Não quero minha filha querida nadando no meio de um monte de produtos químicos durante todo o verão". Meu pai prometeu passar na loja, mas observei a memória daquela promessa esvanecer dos olhos dele antes mesmo de a conversa terminar.

De qualquer maneira, nadei na piscina pela metade do verão, dizendo a mim mesma que pelo menos ela era só minha. A água ficou verde, e o fundo e as bordas ficaram escorregadios por causa das algas escuras. Fingi que a piscina era um lago de verdade, na floresta, em um lugar especial que apenas eu conhecia, e as tartarugas, os peixes e os vaga-lumes eram meus amigos. Nadava ao entardecer, quando o barulho dos grilos alcançava o auge, quase bloqueando o som das festas que começam na varanda telada da

frente da casa. Foi em um desses mergulhos no crepúsculo que notei Chet pela primeira vez, com uma garrafa de cerveja na mão me observando nos limites do bosque.

— Como está a água? — perguntou ele, quando descobriu que fora visto.

— Está boa — respondi.

— Nem sabia que havia uma piscina aqui. — Ele saiu da mata rumo à luz remanescente do dia, vestido com um macacão branco manchado de tinta. Tomou um gole de cerveja, e a espuma grudou na sua barba.

— Ninguém a usa, apenas eu. Meus pais não gostam de nadar. — Dei umas braçadas até o fim da piscina, feliz que a água estivesse verde e opaca, assim ele não conseguiria me ver em trajes de banho.

— Talvez eu venha nadar alguma hora. Tudo bem por você?

— Não me importo. Você pode fazer o que quiser.

Ele virou a cerveja num longo gole, fazendo um som estalado ao afastar a garrafa dos lábios.

— Cara, o que eu gostaria mesmo era de pintar essa piscina. E talvez você me deixe te pintar nela. Você deixaria?

— Não sei. O que você quer dizer com isso?

Ele riu.

— Apenas isso, você na piscina, nesta luz. Gostaria de criar uma pintura. Geralmente a minha arte é abstrata, mas para isso... — Ele fez uma pausa, coçou a coxa por dentro da roupa. Depois de um tempo, perguntou: — Você tem ideia de como é linda?

— Não.

— Você é. Uma linda garota. Eu não devia falar isso porque você é jovem, mas sou um pintor, então tudo bem. Entendo a beleza ou pelo menos finjo entender. — Ele riu. — Você vai pensar nisso?

— Não sei quanto tempo vou continuar nadando. A água está meio suja.

— O.k. — Ele olhou para as árvores atrás de mim, balançando a cabeça devagar. — Preciso de outra cerveja. Quer alguma coisa? — Ele agora segurava a garrafa vazia de cabeça para baixo, pingos de cerveja caindo na grama não aparada. — Se quiser, posso pegar uma cerveja para você.

— Não bebo cerveja. Tenho só treze anos.

— Tudo bem — disse ele, me observando em pé por um tempo, aguardando que eu saísse da água. Sua boca estava ligeiramente aberta, e ele coçou novamente a coxa. Fiquei quieta na água, me virando para não encará-lo.

— Ofélia — murmurou, quase para si mesmo. — O.k. Outra cerveja.

Quando ele foi embora, saí da piscina, sabendo que meus mergulhos haviam terminado pelo resto do verão e odiando Chet por arruinar meu lago secreto. Enrolei-me na toalha de praia que trouxera para a piscina e corri para casa em direção ao banheiro mais próximo do meu quarto, no segundo andar. Meu peito queimava, embora a raiva dentro de mim se assemelhasse a um balão, inflando devagarinho, sem nunca explodir. No banheiro, com o aquecedor e o chuveiro ligados, gritei repetidamente, usando as palavras mais sujas que conhecia. Gritava assim porque estava furiosa, mas também para me impedir de chorar. Não deu certo. Sentei no chão e chorei até machucar minha garganta. Estava pensando em Chet — a maneira assustadora com que olhou para mim —, mas também nos meus pais. Por que eles enchiam nossa casa com estranhos? Por que só conheciam tarados? Depois do banho, fui para o quarto e me olhei nua no espelho pendurado na porta do meu armário. Eu sabia o que era sexo desde cedo. Uma de minhas lembranças mais antigas era a dos meus pais transando

sobre uma toalha de praia estendida nas dunas durante umas férias na praia. Eu estava a um metro de distância, cavando na areia com uma pazinha de plástico. Lembro que minha mamadeira estava cheia de suco de maçã morno.

Eu me virei e olhei para meu corpo de todos os lados, enojada pelo rastro de cabelo vermelho brotando entre minhas pernas. Pelo menos meus peitos eram pouco visíveis, ao contrário dos da minha amiga Gina, que mora um pouco abaixo na rua. Joguei os ombros para trás e meus peitos sumiram completamente. Se eu colocasse a mão entre minhas pernas, pareceria exatamente como era aos dez anos. Magricela, com cabelos ruivos e sardas que escureciam meus braços e a base de meu pescoço. Vesti jeans e um moletom, embora fizesse um calor sufocante à noite, e desci para fazer um sanduíche de pasta de amendoim.

Parei de nadar na piscina. Não sei se Chet continuou a me procurar lá. Eu o via de vez em quando no topo dos degraus que levavam ao apartamento acima do estúdio da minha mãe, fumando um cigarro e encarando a casa. E ele ficava ocasionalmente em nossa cozinha, conversando com minha mãe, geralmente sobre arte. Seus olhos me encontravam e fugiam, então me encontravam novamente.

Meu pai viajou naquele verão por mais ou menos três semanas. Aconteceu repentinamente após a visita de vários de seus amigos britânicos, incluindo uma jovem poetisa chamada Rose. Ele nos apresentou falando "Rose, conheça Lily. Lily, conheça Rose. Não briguem. Vocês são duas flores lindas".<sup>[1]</sup> Rose, magra e com peitos enormes, exalava um cheiro de cigarro de cravo e, quando apertou minha mão, encarou o topo da minha cabeça. Eu estava preocupada que Chet aparecesse na casa com maior frequência por causa da ausência do meu pai. Em vez disso, outro homem, com nome russo, surgiu. Gostava dele, mas apenas porque ele tinha um vira-lata de

pelo curto chamado Gorky. Não tivemos mais nenhum animal em casa desde que Bess, minha gata, morrera três meses antes. Com o russo por lá, Chet sumiu de vista por um tempo e eu estava começando a me sentir segura. Então Chet veio ao meu quarto em um sábado, tarde da noite.

Sabia que era sábado porque era a noite da festa *importante*, aquela sobre a qual minha mãe falava havia mais de uma semana. “Lily, querida, tome um banho no sábado por causa da festa.” “Lily, você vai ajudar sua mãe a fazer torta grega de espinafre para a festa, não vai? Deixo você preparar como quiser.” Era estranho que se importasse tanto com aquela noite em especial. Ela fazia festas o tempo todo, mas geralmente com professores e alunos da universidade. Para essa, as pessoas estavam vindo de Nova York para conhecer o russo. Meu pai continuava fora e minha mãe estava nervosa, seus cabelos curtos arrepiados nas costas de tanto que passava o dedo por eles. Afastei-me de casa por boa parte do sábado, caminhando entre os pinheiros do meu lugar preferido, um campo delimitado por muros de pedra que confinava uma fazenda havia muito abandonada. Joguei pedras nas árvores até meu braço começar a doer, então deitei por um tempo em um monte de grama macia ao lado de um salgueiro. Sonhei acordada com minha outra família, aquela imaginária com pais tediosos e sete irmãos, quatro meninos e três meninas. O dia estava quente. Podia sentir o suor salgado no meu lábio superior e, enquanto estava deitada, observei nuvens negras e pesadas se formarem no céu. Quando ouvi o primeiro barulho baixo de trovão, levantei, limpei a grama da parte de trás das minhas pernas e voltei para casa.

A tempestade castigou Monk por uma hora sombria. Minha mãe bebeu gim e tirou a comida do forno, dizendo para o russo como era perfeita a tempestade — ele não poderia pedir por uma trilha sonora melhor para a festa —, embora eu sentisse que ela estava com

raiva. Quando os convidados começaram a chegar, o céu estava azul novamente e a única evidência da tempestade eram o ar limpo e o gotejar constante das calhas. Servi aperitivos para pessoas que nunca vira antes e saí de fininho para meu quarto, levando duas tortinhas frias para jantar.

Comi no meu quarto e tentei ler. Tinha pegado um livro da pilha que ficava ao lado da cama da minha mãe. O título era *Perdas e danos*, de Josephine Hart, e ouvi minha mãe dizer como não havia gostado, como era um lixo disfarçado de literatura. Aquilo me deixou com vontade de ler, mas eu também não gostei. Era sobre um inglês, como meu pai, que estava fazendo sexo com a namorada do filho.

Odiei todo mundo no livro. Desisti e peguei um romance de Nancy Drew, da minha estante. Número dez: *The Password to Larkspur Lane*. Sabia que era grande demais para estar lendo Nancy Drew, mas aquela era minha série favorita. Adormeci no meio da leitura. Acordei com o som da porta do quarto sendo aberta. A luz veio do corredor, e eu podia ouvir rock vindo lá de baixo. Abri os olhos e pude ver Chet na porta do quarto. A luz vinha por trás dele, mas era fácil identificá-lo por causa da barba e dos óculos de armação escura, uma silhueta formada pela luz amarelada do corredor. Ele cambaleou um pouco, como uma árvore contra um vento forte. Não me movi, na esperança de que fosse embora. Talvez não fosse eu quem ele procurava, apesar de saber que era. Considerei gritar ou tentar correr do quarto, mas havia um som constante de bateria e baixo pela casa, e não acho que alguém me ouviria. Então ele certamente me mataria. Fechei os olhos esperando que sumisse e, com eles fechados, o ouvi andar pelo quarto, trancando silenciosamente a porta por dentro.

Decidi continuar de olhos fechados, fingindo dormir. Meu coração batia no peito como milho de pipoca estourando na panela,

mas mantive minha respiração normal.

Escutei quando Chet deu alguns passos em minha direção. Sabia que estava em pé bem do meu lado. Podia ouvir sua respiração, irregular e molhada, e sentir seu cheiro. O odor frutado e mofado, misturado com o aroma de cigarro e álcool.

— Lily — ele sussurrou.

Não me movi.

Ele se inclinou mais para perto. Repetiu meu nome, um pouco mais baixo dessa vez.

Fingi dormir profundamente, e que não podia ouvir nada. Trouxe os joelhos para mais próximo do corpo, me movendo da maneira que uma pessoa adormecida faria. Eu sabia o que ele estava fazendo em meu quarto, e sabia o que queria. Ele ia fazer sexo comigo. Mas, até onde sabia, isso era algo que ele poderia fazer apenas se eu estivesse acordada, então planejei ficar dormindo, não importando o que ele fizesse.

Ouvi o ranger dos seus joelhos e o farfalhar do seu jeans, então senti o cheiro azedo de seu bafo de cerveja. Ele tinha se agachado do meu lado. A música lá de baixo — a batida do baixo — parou e outra música, que parecia a mesma, começou de novo. Ouvi o som de um zíper sendo aberto vagorosamente, uma minúscula puxada metálica por vez, então um som ritmado, como uma mão sendo esfregada rapidamente para a frente e para trás em um suéter. Ele estava fazendo nele mesmo, e não em mim. Meu plano estava funcionando. O som ficou mais rápido e alto, e então ele sussurrou roucamente meu nome algumas vezes. Pensei que ele não fosse me tocar, mas senti uma mudança no ar na altura dos meus peitos. Estava quente no quarto, mas arrepios de frio percorreram minha pele. Eu me forcei a manter os olhos fechados. Chet pressionou os dedos contra meu peito, as unhas afiadas me beliscando; então ele fez um barulho que era algo entre um grunhido e um engasgo por

falta de ar e, em seguida, tirou a mão do meu mamilo. Escutei quando subiu o zíper, fechou a calça e recuou pelo quarto. Ele tropeçou no batente ao sair, então fechou a porta com força, sem tentar sequer fazer silêncio.

Fiquei na minha posição fetal por mais um minuto, então levantei da cama, peguei a cadeira e tentei colocá-la embaixo da maçaneta da porta. Era algo que Nancy Drew faria. A cadeira meio que não encaixou — era um pouco mais baixa —, mas era melhor que nada. Se Chet voltasse, seria mais difícil abrir a porta, pelo menos, e a cadeira cairia e faria barulho.

Não achava que conseguiria dormir naquela noite, mas consegui. E, quando amanheceu, fiquei na cama pensando no que devia fazer.

Meu pior medo era contar para minha mãe o que havia acontecido e ela me dizer que eu devia fazer sexo com Chet. Ou ela ficaria com raiva por eu ter deixado ele entrar no meu quarto e me observar na piscina. Sabia que era algo de que eu precisaria cuidar sozinha.

E sabia como faria isso.

## Capítulo 3

### Ted

PERTO DA MEIA-NOITE, pisei nos degraus da casa de dois andares que comprei com Miranda e, ao ver as luzes vermelhas do táxi diminuindo quando descia a rua, tentei lembrar onde guardara as chaves do lugar quando viajei para Londres uma semana antes. Justamente quando estava mexendo no bolso externo da minha maleta, a porta da frente se abriu. Miranda estava sonolenta. Ela usava uma camisola curta confortável e um par de meias de lã.

— Como foi Londres? — perguntou, depois de me beijar na boca. Seu hálito estava ligeiramente azedo, e imaginei que tivesse adormecido em frente à televisão.

— Encharcada.

— Lucrativa?

— Sim, encharcada e lucrativa. — Tranquei a porta atrás de mim e larguei minha bagagem no piso de madeira. A casa cheirava a comida tailandesa.

— Estou surpreso de encontrá-la aqui — falei. — Pensei que estaria no Maine.

— Queria ver *você*, Teddy. Faz uma semana inteira. Está bêbado?

— O voo foi adiado e bebi alguns martínis. Estou fedendo?

— Sim. Escove os dentes e venha para a cama. Estou exausta.

Observei Miranda subir os degraus íngremes que levavam ao nosso quarto no andar de cima, vi os músculos de suas panturrilhas magras tensionando e relaxando, notei a camisola balançando com o movimento do seu quadril, então me ocorreu o pensamento de Brad

Daggett colocando-a em cima da mesa de carpintaria, levantando a saia dela...

Desci para o subsolo, onde ficavam nossa cozinha e a sala de jantar. Encontrei uma caixa com camarão feito com curry vermelho na geladeira. Comi o prato frio, sentado em nossa bancada de madeira.

Minha cabeça começava a doer, e eu estava com sede. Notei que, por ter ficado sem dormir, eu já estava de ressaca de todo o gim que tomara na sala VIP do aeroporto e no avião.

A ruiva do bar também estava na classe executiva, do outro lado do corredor, uma fileira atrás da minha. Depois de embarcarmos, continuamos a conversar, embora tenhamos feito uma pausa temporária na discussão sobre as infidelidades da minha mulher. A senhora ao meu lado na poltrona da janela nos viu conversando e ofereceu:

— Você e sua mulher não querem se sentar juntos?

— Obrigado — respondi. — Adoraríamos.

Assim que nos acomodamos e pedi um gim-tônica para a aeromoça, perguntei novamente o nome dela.

— É Lily...

— Lily o quê?

— Eu te digo, mas, antes, vamos fazer um jogo.

— O.k.

— É bem fácil. Já que estamos em um avião, é um longo voo e não nos veremos de novo, vamos contar apenas verdades absolutas um para o outro. Sobre tudo.

— Você nem ao menos quer me dizer seu sobrenome... — falei.

Ela riu.

— Verdade. Mas é isso que nos permite brincar com essas regras. Se nos conhecermos, o jogo não funciona.

— Me dê um exemplo.

— O.k. Odeio gim. Pedi um martíni porque você tinha um na sua frente e parecia sofisticado.

— Sério?

— Sem me julgar — disse ela. — Sua vez.

— O.k. — Pensei por um instante e disse: — Gosto tanto de gim que às vezes me preocupo em ser alcoólatra. Se pudesse, beberia uns seis martínis toda noite.

— É um começo — disse ela. — Você pode ter um problema com bebida. Sua mulher está te traindo. E você? Alguma vez já a traiu?

— Não, nunca. Eu apenas... Como era mesmo que Jimmy Carter falava? Eu tive luxúria no coração, claro. Já me imaginei fazendo sexo com você, por exemplo.

— Imaginou? — Suas sobrancelhas se arquearam e ela parecia chocada.

— Verdade absoluta, lembra? Não fique surpresa. A maioria dos homens que você encontra provavelmente pensa coisas sujas depois de cinco minutos de conversa.

— Isso é verdade?

— Absoluta.

— Quão sujas?

— Você realmente não vai querer saber.

— Talvez queira — disse ela ao se inclinar para meu lado em seu assento. Bebi um pouco do meu gim-tônica, deixando o gelo bater contra meus dentes. — É interessante. Não consigo imaginar como seria encontrar alguém e saber no mesmo instante que gostaria de fazer sexo com ele.

— Não é isso exatamente — retruquei. — É mais como uma resposta automática em que você só imagina. Como quando estávamos na fila de embarque; eu olhei para você e imaginei seu corpo nu. É automático. Nunca acontece com as mulheres?

— Imaginar de repente transar com um homem? Não, não mesmo. É diferente com as mulheres. O que realmente pensamos é se o homem que encontramos naquele momento quer transar conosco.

Eu gargalhei.

— Bem, ele quer. Apenas aceite. Confie em mim, mas não queira saber mais sobre isso.

— Está vendo? Não é um jogo divertido? Agora, por que você não me conta mais sobre como quer matar sua mulher?

— Não sei se eu estava falando sério sobre isso.

— Tem certeza? Não saberia dizer pela maneira como você contou a história.

— Admito que, depois de vê-los juntos na nossa casa, acho que se tivesse uma arma comigo eu poderia facilmente ter atirado neles pela janela.

— Então você ainda está pensando em matá-la — disse ela, enquanto o avião começava a fazer um barulho antes da decolagem. Apertamos nossos cintos e eu dei um longo gole do meu gim. Sempre fui um viajante nervoso. — Olha — continuou ela —, não estou querendo fazer você falar algo que não queira. Estou apenas interessada, é tudo. É parte do jogo. A verdade absoluta.

— Então você começa. Tudo que me contou até agora é que não gosta de gim.

— O.k. — disse ela, e pensou por um momento. — Honestamente, não acho que assassinato seja algo tão ruim quanto as pessoas pensam. Todo mundo morre. Que diferença faz se umas maçãs podres são arrancadas do galho um pouco antes do que Deus imaginou? E sua mulher, por exemplo, parece alguém que merece ser morta.

O som seco do avião transformou-se em um zunido, e o piloto pediu para as aeromoças voltarem aos seus assentos. Eu me senti

grato por um instante quando não precisei responder imediatamente à mulher ao meu lado. As palavras dela ecoaram os pensamentos persistentes que me atormentaram por uma semana enquanto me divertia fantasiando o assassinato da minha mulher. Eu dizia a mim mesmo que matar Miranda seria um favor para o mundo, e de repente vem essa passageira me dando a autoridade moral para agir de acordo com meu desejo. E, embora estivesse chocado pelo que ela me dissera, eu também estava naquele estado de embriaguez — o gim correndo pelas veias — que faz a pessoa imaginar por que alguém desejaria estar sóbrio alguma vez na vida. Ao mesmo tempo me senti com a consciência limpa e desinibida, e, se estivéssemos em um lugar semiprivado, acho que teria pegado Lily em meus braços e tentado beijá-la. Em vez disso, depois de o avião decolar, continuei a falar:

— Vou admitir que o pensamento de realmente matar minha mulher é tentador para mim. Havia uma cláusula pré-nupcial em que Miranda não fica com metade de tudo que tenho, mas fica com bastante, o bastante para viver de forma confortável para o resto da vida. E não há nenhuma cláusula sobre infidelidade. Eu poderia contratar um detetive e construir um caso, mas seria caro, e isso me custaria tempo e dinheiro, e eu seria humilhado. Se ela tivesse vindo para mim e falado sobre o caso, mesmo que me dissesse que tinha se apaixonado por Daggett e queria me largar, eu teria concedido o divórcio. Eu a teria odiado, mas seguiria em frente. O que não consigo aceitar... O que não consigo superar... é a maneira como ela e Brad agiram naquele dia quando os vi fodendo na minha casa. Quando falei com eles mais cedo, estavam ambos muito calmos e convincentes. Miranda mentiu com tanta naturalidade... Não sei como ela aprendeu a ser assim. Mas, então, comecei a pensar sobre isso, analisando tudo que sei sobre ela, como se comporta na frente de pessoas diferentes, e entendi que ela é assim: uma mentirosa

falsa e superficial. Talvez seja até mesmo uma sociopata. Não sei como não percebi isso antes.

— Imagino que ela tenha agido da maneira como achava que você queria vê-la. Como vocês se conheceram?

Contei como nos encontramos, em uma festa na casa de um amigo em comum em New Essex, em uma noite de verão. Notei Miranda logo de cara. Os outros convidados estavam usando camisas sociais e vestidos de verão, mas ela estava de shortinho jeans rasgado, tão curto que os bolsos brancos ficavam pendurados por baixo das bainhas desfiadas, e um top com um desenho de Jasper Johns em forma de alvo na frente. Ela estava segurando uma lata de cerveja Pabst Blue Ribbon e conversando com Chad Pavone, meu amigo da faculdade que comprou a casa onde estávamos comemorando. A cabeça de Miranda ia para trás com sua risada. De imediato, pensei em duas coisas: que ela era a mulher mais sexy que já vira pessoalmente e do que diabos ela estava rindo. Desviei o olhar rapidamente deles, procurando por algum conhecido na festa. A verdade é que ver Miranda foi como um soco no peito, uma descoberta repentina de que mulheres assim existiam fora das revistas de sacanagem e filmes de Hollywood, e que provavelmente ela estava ali com alguém.

Descobri o nome dela com a mulher de Chad. Era Miranda Hobart. Ela cuidava de uma casa em New Essex havia um ano. Era uma espécie de artista e tinha encontrado um emprego na bilheteria de um teatro local.

— Ela é solteira? — perguntei.

— Acredite se quiser, ela é. Você devia falar com ela.

— Duvido que eu seja o tipo dela.

— Você só saberá se perguntar.

Quando finalmente conversamos, foi Miranda quem se aproximou. A festa tinha ido até tarde, e eu estava sentado sozinho

no jardim atrás da casa de Chad e Sherry. No meio de um emaranhado de telhados, eu podia ver o brilho púrpura do oceano, iluminado periodicamente pela luz cíclica de um farol. Miranda sentou ao meu lado.

— Ouvi falar que você é muito rico — disse ela, com sua voz profunda e sem sotaque, levemente arrastada. — É o que todo mundo está falando.

Eu havia acabado de organizar uma fusão entre uma pequena empresa que desenvolvera um programa de carregamento de imagens e uma rede social on-line, por uma soma que até eu considerava vagamente absurda.

— Eu sou — respondi.

— Então, só para você saber, não vou dormir com você só porque é rico. — Ela estava sorrindo de maneira desafiadora.

— Bom saber. — As palavras soavam desajeitadas na minha boca, as linhas de telhados ligeiramente desfocadas. — Mas aposto que casaria comigo.

Ela jogou a cabeça para trás e gargalhou. Foi assim que a vi pela primeira vez, rindo de algo que Chad dissera. Agora, vendo mais de perto, não parecia tão falsa. Estudei o formato da sua mandíbula, imaginei como seria pressionar minha boca contra a suavidade do seu pescoço.

— Claro, caso com você. Está me pedindo em casamento?

— Por que não?

— Então, quando devemos nos casar?

— No próximo fim de semana, talvez. Não acho que devemos tomar decisões precipitadas assim.

— Concordo. É um compromisso sério.

— Só para matar minha curiosidade — disse eu. — Sei o que estou trazendo para esse relacionamento, mas o que exatamente você vai trazer? Você cozinha?

— Não cozinho. Não costuro. Posso limpar. Tem certeza de que deseja casar comigo?

— Ficaria honrado.

Conversamos um pouco mais, e então nos beijamos, ali mesmo no jardim, estranhamente, nossos dentes se encontrando, nossos queixos batendo um no outro. Ela riu alto mais uma vez, e eu lhe disse que o casamento tinha sido cancelado.

Mas isso não era verdade. Nós nos casamos. Não em uma semana, mas um ano depois.

— Você acha que ela estava jogando comigo desde o começo?  
— perguntei a Lily. O avião havia decolado e estávamos naquela bolha peculiar conhecida como viagem aérea, entre países, a uma velocidade assustadora, em uma altura congelante, ainda assim ninados por um ar de mentira, assentos macios e um constante roncar de turbinas.

— Provavelmente.

— Mas a maneira com que ela se aproximou de mim... A maneira com que mencionou que eu era rico desde o começo. Parecia uma piada para ela, como algo que você nunca deveria falar se estivesse querendo arrumar um marido.

— Psicologia reversa. Traga o assunto logo à tona e ela parece inocente de alguma maneira.

Fiquei em silêncio, pensando sobre o assunto.

— Ei — disse ela. — Só porque ela te usou não significa que não sinta algo por você, que não tiveram um tempo legal juntos.

— Nós realmente tivemos um tempo legal juntos. E agora ela está tendo com outra pessoa.

— O que você acha que ela deseja de Brad?

— Como assim? — perguntei.

— Qual o ângulo? Ela está colocando um casamento em risco. Mesmo que fique com metade de tudo, ela provavelmente não vai

ficar com a casa de praia dos sonhos que está construindo. Estar com Brad pode arruinar tudo para ela.

— Pensei bastante sobre isso. Primeiro, achei que ela pudesse estar apaixonada por ele, mas não creio que tenha a capacidade de amar alguém. Acho que está entediada. Ela obviamente não me suporta, exceto como fonte de recursos. Ela não vai mudar, e ainda é jovem e bonita o suficiente para magoar inúmeras pessoas. Talvez eu realmente deva matá-la, apenas para removê-la da face da Terra.

Virei-me para minha vizinha, mas não a encarei. Os braços dela estavam dobrados sobre o colo, e vi arrepios percorrer a pele exposta dos seus braços. Era o avião que a estava deixando com frio ou era minha culpa?

— Você *estaria* fazendo um favor ao mundo — disse ela, a voz baixa o suficiente para que eu precisasse me inclinar na sua direção quando levantei meu olhar. — Eu sinceramente acredito nisso. Como disse antes, todo mundo acaba morrendo. Se você matasse sua mulher, estaria apenas fazendo algo que a qualquer hora acontecerá de qualquer maneira. E você salvaria outras pessoas dela. Ela é negativa. Alguém que faz o mundo pior. E o que ela fez a você é pior que a morte. Todo mundo morre, mas nem todo mundo tem de ver a pessoa que ama com outro. Ela deu o primeiro soco.

No círculo amarelado da luz de leitura da cabine, eu podia ver bolsões de cores diferentes nos seus olhos verdes pálidos. Ela piscou, as pálpebras finas pintadas de rosa. A proximidade de nossos rostos parecia mais íntima que sexo, e fiquei tão surpreso por nosso contato visual quanto ficaria se descobrisse repentinamente as mãos dela na minha calça.

— Como você faria? — perguntei, e senti arrepios crepitando ao longo dos meus membros.

— De uma maneira que você não seria descoberto.

Eu ri, e o feitiço se quebrou temporariamente.

— Fácil assim?

— Fácil assim.

— Outra bebida, senhor? — A aeromoça, uma morena alta de cintura fina com maquiagem rosada, segurava meu copo vazio.

Queria outro drinque, mas virar minha cabeça em direção à aeromoça causou uma repentina onda de tontura, então recusei e pedi uma água. Quando retornei, minha vizinha estava bocejando, os braços se alongando, a ponta dos dedos tocando a parte de trás do assento macio à sua frente.

— Você está cansada.

— Um pouco. Mas vamos continuar falando. Esta é a conversa mais interessante que já tive em um avião.

Uma ponta de dúvida passou pela minha cabeça. Eu era somente uma conversa interessante? Eu podia imaginá-la conversando com uma amiga no dia seguinte: *Você não vai acreditar no sujeito que encontrei no aeroporto... O maluco me contou tudo sobre como ele planejou matar a esposa.* Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela tocou meu braço com a mão.

— Desculpa — disse ela. — Isso soou louco. Estou levando a coisa a sério, ou pelo menos tão a sério quanto você queira que leve. Estamos brincando de jogo da verdade, esqueceu? E, sinceramente, não tenho um problema moral com você matando sua mulher. Ela se corrompeu. Ela te usou, casou contigo. Ela pegou o dinheiro que você ganhou e agora está te traindo com um homem que também está pegando seu dinheiro. Ela merece qualquer coisa, pelo que sei.

— Jesus, você *não* está brincando.

— Não, não estou. Mas sou apenas alguém que você não conhece sentado ao seu lado em um avião. Você precisa decidir por si mesmo. Há uma grande diferença entre querer matar sua mulher

e realmente seguir em frente. E há uma diferença ainda maior entre matar alguém e sair impune.

— Você fala por experiência própria?

— Recorro à Quinta Emenda nesta pergunta. — Ela bocejou de novo. — Acho que vou tirar uma soneca. Caso não se importe. Pode continuar pensando a respeito da sua mulher.

Ela reclinou o encosto da poltrona e fechou os olhos. Considerei dormir também, mas minha mente estava acesa. Era verdade que estava considerando a possibilidade real de matar minha mulher, mas agora eu tinha falado aquilo em voz alta. E para alguém que parece achar uma boa ideia. Essa mulher é real? Eu me virei e olhei para ela. Já estava respirando profundamente. Estudei seu perfil, o nariz delicado, amassado levemente na ponta, os lábios pressionados um contra o outro, o superior curvando-se discretamente sobre o inferior. Seu cabelo longo e ondulado estava preso por trás de uma orelha pequena e sem brincos. As sardas mais escuras na sua face ficavam no nariz, mas, observando de perto, havia pontos de sardas por todo o seu rosto, uma galáxia de marcas quase imperceptíveis. Ela respirou fundo e se virou para o meu lado. Eu me virei enquanto sua cabeça repousava em meu ombro.

Ficamos nessa posição por um tempo, pelo menos uma hora. Meu braço, que eu recusava mover, começou a doer, então ficou dormente até parecer não estar mais ali. Pedi outro gim-tônica, pensei sobre o que ela dissera sobre assassinato. Fazia sentido. Por que tirar uma vida era considerado um ato tão terrível? Em pouco tempo haveria novas pessoas neste planeta e todo mundo que estava nele morreria, alguns de forma horrível e outros como se tivessem seus interruptores desligados. A razão real de assassinato ser considerado algo tão transgressor era por causa das pessoas que ficavam para trás. Os entes queridos. Mas e se alguém não fosse

amado de verdade? Miranda tinha família e amigos, porém vim a reconhecer, nesses três anos de casamento, que todos sabiam no fundo quem era ela. Uma aproveitadora frívola, contente por conseguir tudo graças à sua aparência e por ter tudo de mão beijada. As pessoas poderiam até passar um tempo de luto, mas era difícil imaginar alguém de fato sentindo falta dela.

O avião começou a subir e descer um pouco, e a voz com sotaque extremamente americano do piloto saiu dos alto-falantes.

— Caros passageiros, estamos em uma pequena área de turbulência. Por favor, retornem aos seus assentos e apertem os cintos até que os sinais luminosos estejam apagados.

Terminei minha bebida na hora em que o avião desceu repentinamente, como um carro indo muito rápido em uma colina. Uma mulher atrás de mim deixou escapar um grito e minha cúmplice pulou acordada, olhando para mim com seus olhos verdes. Não sei se estava mais surpresa pelo movimento do avião ou por causa de sua posição, aninhada em meus braços.

— É apenas turbulência — disse eu, embora meu estômago, que havia embrulhado com o primeiro mergulho do avião, tenha se fechado de medo.

— Ah. — Ela se ajeitou, coçando os olhos com a palma das mãos. — Estava sonhando.

— O que você estava sonhando?

— Não lembro.

O avião sacolejou um pouco mais e começou a estabilizar-se.

— Estive pensando sobre o que conversamos — confessei.

— E então?

## Capítulo 4

### Lily

UM ANO ANTES DA CHEGADA DE CHET, quando Bess, minha linda gata de pelo laranja, ainda estava viva, eu a encontrei certa manhã encurralada contra a cerca viva por um gato de rua preto e grande. Bess estava silvando, a pelagem toda arrepiada, mas ela claramente recuava. Observei quando o felino pulou em suas costas, fincando as garras nas ancas de Bess. Sei que gatos não gritam de verdade, mas é a única forma como posso descrever o som que a gata fez. Um grito quase humano de terror. Fui ao encontro dela, batendo palmas, e o vira-lata fugiu. Levei Bess de volta para casa e procurei sangue em seu pelo. Não havia nenhum, mas sabia que aquele gato horrível voltaria uma hora.

— Simplesmente deixe Bess dentro de casa — sugeri minha mãe.

Eu tentava, mas Bess chorava na frente da porta, e meu pai estava dando um seminário em nossa casa naquele semestre; estudantes iam e vinham terças e quintas à noite, passavam pela porta da frente para fumar nos degraus, e Bess poderia facilmente escapar.

Era primavera, começava a esquentar, e eu dormia com a janela semiaberta. Certa manhã, logo depois do amanhecer, ouvi Bess berrando do lado de fora, um som feroz e amedrontado. Calcei os tênis e corri para baixo, saindo pelo jardim de trás. Sob o céu cinzento, vi os dois logo de cara, Bess novamente presa contra a cerca, o gato preto agachado e pronto para atacar. Eles estavam congelados naquele terrível momento, como uma maquete do Museu de História Natural. Bati palmas, gritando, e o gato apenas

virou a cabeça feia em minha direção, me agraciando com sua indiferença, e voltou para encarar Bess. Eu soube naquele momento que ele mataria Bess se tivesse chance, talvez não naquela manhã, mas em alguma outra, e que eu faria o que fosse preciso para impedir isso.

Havia uma pilha de paralelepípedos na beirada de nosso pátio inacabado. Fazia tanto tempo que estavam ali que o limo já se instalara em alguns deles. Peguei o maior que pude carregar; de arestas cortantes e escorregadio por causa do sereno. Caminhei em silêncio e rapidamente para ficar atrás do bichano vira-lata. Mas não havia necessidade de ficar quieto. Na ânsia de apavorar Bess, ele não sentia medo de mim. Instintivamente, ergui o paralelepípedo acima da cabeça e o arremessei contra o gato com toda a força possível. Ele virou a cabeça no último momento e deu um berro quando a ponta do pedregulho acertou-lhe o crânio, esmagando, em seguida, o resto do corpo. Bess atravessou o quintal em disparada como eu nunca a vira fazer antes. O corpo do gato estremeceu e logo ficou esticado, imóvel. Voltei para casa esperando encontrar alguma luz acesa, a casa desperta pela barulheira do crime, mas dificilmente algum som teria chegado ali.

Foi fácil.

O anteparo que levava ao porão estava destravado. Desci vagarosamente pelos degraus escuros e repletos de folhas escorregadias e tateei pela entrada, encontrando uma das pás de neve que ficavam alinhadas na parede. Usei a borda da pá de plástico para tirar a pedra de cima do vira-lata, em seguida pressionei a pá por baixo do corpo inerte. Não conseguia ver nenhum dano na cabeça do gato; eu estava com medo de o bicho não estar morto, apenas inconsciente e prestes a pular a qualquer momento, correndo atrás de mim, rosnando e tomado pelo desejo de vingança. Mas, quando levantei o gato, ele estava mole como

uma coisa morta, e fui surpreendida por um fedor repentino, uma trilha de fezes despejadas pelo felino ao morrer. Eu esperava sangue, mas não merda. O cheiro me deixou enjoada, mas eu estava feliz por ter matado aquele gato nojento.

Ele não era tão pesado quanto pensei que fosse, a pelagem passava a impressão de que era maior, mas era pesado o suficiente. Consegui carregá-lo por cerca de três metros para a entrada do bosque e joguei o corpo em cima de umas folhas podres. Passei outros cinco minutos cavando entulho e jogando em cima dele até cobri-lo inteiramente. Estava bom demais. Afinal, meus pais nunca vinham para o bosque.

Ao voltar para a cama, tremendo de frio, não achava que conseguiria dormir de novo, mas não tive dificuldade.

Chequei o corpo do vira-lata no dia seguinte. Estava lá, do mesmo jeito, com moscas voando ao seu redor, até que certa manhã desapareceu, sem explicação. Deve ter sido levado por um coiote ou uma raposa.

Bess voltou à vida normal de gato, entrando e saindo da casa, e, de vez em quando, ela se enroscava em meus tornozelos ou ronronava em meu colo. Imaginei que estava me agradecendo pelo que fiz. Ela tinha seu reino de volta, e tudo estava certo com o mundo.

Depois do que aconteceu com Chet na noite da festa, eu imediatamente pensei no episódio com o vira-lata. Aquilo me deu algumas ideias de como o mataria e sairia impune. Parecia-me vital que o corpo nunca fosse encontrado. E, se era esse o caso, então eu precisaria descobrir mais coisas sobre Chet.

Ele pareceu sumir por um certo tempo após a festa, sem sair do apartamento e sem visitar a casa. Só o vi uma noite. Ele estava no jardim, olhando para a janela do meu quarto. Eu tinha acabado de apagar a luz para dormir e foi aí que o vi ali, balançando um pouco,

como uma árvore na ventania. Estava me observando. Eu deixava minha janela semiaberta e as persianas um pouco levantadas para ventilar o quarto. Senti-me estúpida e medrosa, e lágrimas inundaram meus olhos, mas disse a mim mesma que Chet não me faria chorar de novo. Agora eu tinha certeza de que ele estava apenas ganhando tempo, esperando por uma boa oportunidade para me estuprar e me matar. Considerei contar a minha mãe sobre o que acontecera, mas imaginei que ela ficaria do lado de Chet, que me perguntaria por que eu estava fazendo tanto caso daquilo. E meu pai estava longe com Rose, a poetisa, e, da maneira como minha mãe falava, parecia que ele não voltaria mais. Perguntei para ela certa vez, enquanto cozinhava uma porção grande de homus na cozinha:

— Papai ligou?

— Seu papai não ligou. — Ela fez uma pausa entre cada palavra para causar maior impacto. — Seu papai, da última vez que ouvi falar, pagou mico em Nova York, então imagino que o veremos em breve. Você não está preocupada, não é, querida?

— Não. Eu estava apenas pensando. E quanto a Chet? Ele foi embora?

— Chet? Não, ele ainda está aqui. Por que está perguntando por ele?

— Apenas não o vi mais. Pensei que pudesse ter saído do apartamento e que eu poderia ir até lá novamente.

Eu amava o pequeno apartamento acima do estúdio da minha mãe, com suas paredes caiadas e grandes janelas. Havia um velho pufe vermelho que ficava em nossa casa até ser levado para o apartamento. Tinha um rasgo pequeno na parte de baixo do vinil e estava perdendo o enchimento aos poucos, mas eu sentia falta dele. Quando o apartamento ficava vazio, eu levava livros para lá e lia durante horas.

— Você ainda pode ir lá em cima. Chet não vai te morder.

— Ele tem carro?

— Se ele tem carro? Deus, acho que não. Acho que ele não tem nem lugar para ficar neste momento, além daqui.

— Como ele chegou aqui sem carro?

Ela riu e, então, lambeu o homus de um dos dedos.

— Minha filha burguesa. Querida, nem todo mundo tem carro. Ele pegou um trem da cidade. Por que você está perguntando tanto sobre Chet? Não gosta dele?

— Não, ele é nojento.

— Ah, agora você realmente falou como seu pai. Bem, não importa o que vocês dois acham. Chet é um artista de verdade, e estamos fazendo um grande favor ao mundo das artes ao permitir que ele tenha um pouco de espaço para se concentrar neste verão. Coloque isso na cabeça, Lily, que nem tudo gira ao seu redor o tempo todo.

Consegui o que queria da minha mãe. Chet não tinha carro e chegara até nossa casa de trem, o que significava que ele poderia arrumar suas coisas e partir de vez. Isso deixou meu trabalho bem mais fácil. Comecei a preparar meu plano, passando mais tempo no campo perto da antiga fazenda, juntando as maiores pedras que podia carregar. Também me deixei ser vista por Chet, arrastando uma cadeira velha para a faixa de sol no jardim entre a casa e o estúdio. Não queria que continuasse me evitando, já que era vital que ele confiasse em mim até certo ponto e estabelecêssemos uma espécie de amizade. Nos primeiros dias em que deitei ao sol, lendo e com fones de ouvido, Chet não apareceu. Uma ou duas vezes, contudo, pensei ter visto sua silhueta na porta de ripas do apartamento enquanto me observava. Certo dia, porém, ele saiu para fumar um cigarro e parou no topo da escada com seu macacão manchado de tinta, sem camisa por baixo. Dei uma olhadela por cima do livro de Agatha Christie que estava lendo, e ele balançou a

cabeça em minha direção e levantou a mão. Minha reação instintiva era de ignorá-lo, não dar o prazer de uma resposta, mas me forcei a levantar a mão e acenar de volta.

Quando fui para o meu lugar de leitura, no dia seguinte, estava quente e abafado, aquele tipo de dia em que você acorda suada, toma um banho frio e já começa a suar assim que pisa fora do chuveiro. Vesti meu biquíni verde. Era meu havia dois anos, mas meu corpo não tinha se desenvolvido tanto. Cabia em cima, embora fosse um pouco apertado embaixo, onde agora eu tinha quadril. Vesti um short — aquele que pedi para minha mãe comprar no começo do verão. Era xadrez, e minha mãe dizia que me fazia parecer uma Kennedy, mas ela comprou mesmo assim. Levei meu livro e um frasco de protetor solar para a cadeira que dava para a frente do apartamento de Chet. Eu odiava o sol e o calor. Tinha cabelos ruivos e pele sardenta, então tudo que o sol fazia era tornar minhas sardas mais aparentes. Espalhei protetor pelo corpo, tentando me lembrar se o número alto no frasco era algo bom ou ruim. Mantive um olho no apartamento e logo vi Chet espiando atrás da janela. Podia ver a ponta alaranjada de seu cigarro apagando e acendendo. Quinze minutos se passaram, e eu estava ouvindo minha fita de *Les Misérables* e lendo *Um crime adormecido* quando Chet surgiu com uma caneca de café, descendo os degraus do estúdio e casualmente vagando na direção onde eu estava relaxando.

— Olá, Lily — disse, prostrando-se a dois metros de mim, já com o sol alto iluminando seu cabelo, assim como os braços e os ombros nus. Chet quase brilhava. Ele cheirava como se não tomasse um banho havia dias.

Disse *olá* de volta.

— O que você está lendo?

Comecei a levantar a capa do livro com desdém, então lembrei que precisava ser um pouco legal para que ele não suspeitasse de nada quando eu fosse a seu apartamento, mais tarde.

— Agatha Christie. É um da Miss Marple.

— Bacana. — Chet tomou um gole de café. Como tudo que ele possuía, a caneca estava toda coberta de tinta. — Está tudo bem com você?

Eu sabia que o que ele queria perguntar de fato era se as coisas estavam bem entre a *gente*, depois do que acontecera na noite em que ele entrou no meu quarto. Ele queria saber se eu lembrava que ele estivera lá.

— Sim — respondi.

Ele balançou a cabeça para a frente e para trás.

— Está quente pra caralho aqui, cara.

Eu dei de ombros e voltei minha atenção para o livro. Fiz o suficiente e de fato não queria mais falar com Chet. Fingi ler, mas podia senti-lo me estudando. O suor se acumulou onde os dois triângulos da parte de cima do meu biquíni se encontravam, e uma gota descia rumo ao meu abdômen. Eu me controlei para não limpar o suor enquanto Chet me olhava, embora o insuportável progresso da gota desse a impressão de que o olhar de Chet estivesse me cortando como uma lâmina. Ele deu outro gole barulhento da caneca e foi embora.

Meu pai retornou. Houve um bocado de gritaria e algumas lágrimas. O russo saiu, e por algum tempo meus pais estavam constantemente na companhia um do outro, bebendo como costumavam fazer no pátio inacabado no quintal, ouvindo discos de jazz. Eu estava feliz com a volta do meu pai por algumas razões, uma delas a de que poderia me concentrar mais em me livrar de Chet, agora que meus pais estavam prestando atenção neles

mesmos. Havia organizado tudo perfeitamente no campinho, a pilha de pedras crescendo dia a dia e a corda pendurada no velho poço. Agora só dependia de escolher o dia certo, um dia em que ninguém me visse atravessar o jardim até o apartamento ou Chet e eu juntos no bosque. Esse dia chegou numa quinta-feira tranquila, três dias depois que meu pai voltou. Passei a tarde no meu quarto relendo *A casa torta* e ouvindo o som abafado dos meus pais bebendo. Eles começaram cedo, dividindo uma garrafa de vinho no almoço, então passaram para o pátio, bebendo gim e ouvindo música. Quando o último disco acabou, um novo não começou, e ouvi a porta do quarto deles ser trancada. Então vieram as risadas. Olhei para minha janela; tinha acabado de anoitecer, as sombras das árvores próximas se alongavam pelo jardim de ervas daninhas. Eu sabia que era a hora perfeita. Não havia nenhum outro hóspede na casa naquele momento, e meus pais dificilmente sairiam do quarto até amanhecer.

Vesti um jeans, calcei meias e tênis. Os maruins estariam à solta, e eu não queria mordidas nos tornozelos. Encontrei uma camiseta regata que tinha fazia alguns anos. Estava um pouco apertada e tinha um bordado de borboleta. Queria ter certeza de que Chet me seguiria até o campo. Guardei o pequeno canivete que meu avô Henderson me dera no bolso da frente. Não planejava usá-lo, mas me fazia bem senti-lo pressionado contra minha coxa. Chet era imprevisível, e eu não queria que tentasse fazer sexo comigo antes de chegarmos ao poço. Também peguei uma pequena lanterna da gaveta de cima da escrivaninha no fim da escada. O bosque era sempre escuro, especialmente ao anoitecer.

Saí pela porta da frente usando os degraus de madeira que levavam à entrada asfaltada. Cortei pelo jardim, preocupada que escurecesse muito rápido. Atrás do estúdio, o céu estava marcado com nuvens rosadas que pareciam com pinceladas de aquarela. Ao passar pela minha cadeira de leitura, percebi um cheiro de fumaça

de cigarro, olhei para cima e vi Chet descendo. Era perfeito. Não precisaria bater na porta ou me preocupar em ser arrastada para o apartamento.

— Ei, pequena Lily. — As palavras de Chet soaram meio arrastadas.

Parei e olhei para ele.

— Chet, você pode me fazer um favor? — Acho que nunca havia pronunciado o nome dele antes, e a palavra soou estranha na minha boca, como um palavrão que eu não devia dizer.

— Um favor? Qualquer coisa, qualquer coisa para você, minha Julieta, minha rosa com outro nome. — Ele espalmou as mãos sobre o peito. Eu sabia que estava tentando representar Shakespeare, mas de forma errada. Julieta ficava na varanda, enquanto Romeu estava no chão.

— Obrigada. Você pode descer aqui?

— Estarei com você em instantes, minha Julieta — disse Chet ao jogar fora o cigarro, que caiu no asfalto, espalhando faíscas. Ele voltou para o apartamento e eu esperei. Pensei que fosse ficar nervosa, mas não estava.

## Capítulo 5

### Ted

DEPOIS DE PEGAR NOSSA BAGAGEM NO AEROPORTO LOGAN, caminhei com Lily pela fila de táxis no Terminal E na direção do estacionamento central. Ela me parou assim que estávamos sozinhos no setor escuro. O piloto dissera que a temperatura em Boston era de doze graus, mas um vento uivante e forte deixava o clima mais frio.

— Vamos nos encontrar em uma semana — disse ela. — Escolhemos um lugar. Se eu mudar de ideia, não aparecerei. Se você mudar de ideia, então não apareça também, e será como se essa conversa nunca tivesse acontecido.

— Tudo bem. Onde devemos nos encontrar?

— Diga o nome de uma cidade onde você não conhece ninguém — propôs ela.

Pensei por um momento.

— O.k. Que tal Concord?

— Concord, Massachusetts, ou Concord, New Hampshire?

— Concord, Massachusetts.

Concordamos em nos encontrar no bar do Concord River Inn no sábado seguinte, às três da tarde.

— Não vou ficar chocada se você não aparecer, nem com raiva.

— Idem — disse eu, então nos cumprimentamos. Achei estranhamente formal apertar a mão de alguém que se ofereceu para ajudar a assassinar minha mulher. Lily riu um pouco, como se sentisse o mesmo. Sua mão ficava pequena perto da minha e parecia tão frágil quanto uma porcelana cara. Resisti ao impulso de puxá-la em minha direção.

Em vez disso, perguntei:

— Você é real?

Ela largou minha mão.

— Você descobrirá em uma semana.

No sábado, cheguei cedo ao Concord River Inn. Quando Lily me pediu para escolher uma cidade onde ninguém me conhecesse, escolhi Concord, mas embora fosse verdade que eu não conhecia ninguém ali, também era verdade que era um lugar que tinha feito parte da minha infância. Cresci em Middleham, a cerca de quinze quilômetros a oeste de Concord e uns cinquenta quilômetros de Boston. Middleham é uma antiga comunidade rural, uma extensão de campos abertos e florestas recém-crescidas. Nos anos 1970, dois grandes empreendimentos surgiram — ruas sem saída batizadas com os nomes das árvores que não mais estavam ali e terrenos pequenos com casinhas iguais umas às outras, todas levantadas para acomodar os funcionários da Lextronics, uma empresa próxima onde meu pai trabalhava.

Meu pai, Barry, era graduado do MIT e programador quando muita gente não sabia o que era um computador. Ele conheceu Elaine Harris, minha mãe, na Lextronics, onde ela era recepcionista e, sem dúvida, a mulher mais bonita que ele já vira. Eu não sei com certeza se meu pai já tinha namorado alguém antes de conhecer minha mãe aos trinta anos, mas ficaria chocado se tivesse. Minha mãe, por outro lado, passou parte dos seus vinte anos em uma relação cheia de idas e vindas com um colega da Universidade de Boston, que jogou hóquei profissionalmente por dois anos antes de sofrer uma contusão no joelho que encerrou sua carreira. Ela me contou, certa vez, que, assim que o relacionamento acabou — e ela percebeu que havia desperdiçado oito anos da sua vida com um “playboy” —, ela jurou que encontraria um marido simples, sem graça e confiável. E esse sujeito era Barry Severson. Namoraram por

seis semanas, ficaram noivos por mais seis e, então, se casaram em uma pequena cerimônia em West Hartford, Connecticut, a cidade natal da minha mãe.

A razão de Concord ter se tornado um lugar importante para mim era o fato de minha mãe sonhar em se mudar para lá. No começo do casamento, ela decidiu que odiava o isolamento de Middleham e ficou obcecada com esse subúrbio em particular, com suas casas de telhados triangulares, donas de casa bem-vestidas e joalherias artesanais. Meu pai cansou de ouvir isso, então minha mãe me vestia e me levava, algumas vezes com minha irmã mais velha, para almoçar em Concord, geralmente no Concord River Inn, e depois visitávamos as lojas; ela comprava roupas novas, joias ou queijo roquefort e vinho Pinot Grigio na Concord Cheese. Não foi uma surpresa para meu pai ou para mim quando, durante meu último ano no colégio Dartford-Middleham, Elaine deixou meu pai e se mudou para um apartamento alugado na rua principal do centro de Concord. Morou lá por um ano, antes de partir para a Califórnia ao lado de um contador divorciado.

Meu pai, agora aposentado, ainda mora em Middleham, onde passa o tempo criando maquetes da Guerra da Independência. Sempre o visito nas noites de quinta-feira. Se a temperatura está acima dos quinze graus, ele faz um bife na sua churrasqueira. Se está abaixo, ele cozinha uma panela de chili. Minha irmã aparece a cada dois anos no Dia de Ação de Graças. É a única vez que a vemos, porque ela mora no Havaí com seu segundo marido e os quatro filhos dele. Ela visita mais a minha mãe, parte porque ainda mora na Califórnia e parte porque elas se parecem bastante. Às vezes, acho que o divórcio aconteceu para dividir a família em gênero e geografia, com meu pai e eu na Costa Leste e minha mãe e minha irmã na Costa Oeste.

Ao subir a escada ruidosa do Concord River Inn era impossível não pensar em mim e na minha mãe sentados na sala de jantar revestida com papel de parede e nossos almoços de frutos do mar de Newburg, minha mãe tomando um Pink Lady e eu, uma Pepsi com limão. Lily e eu combinamos de nos encontrar no bar, e não no restaurante. O que esqueci é que havia dois bares no hotel, um confortável em forma de L imediatamente oposto ao restaurante e um maior nos fundos. Escolhi o menor porque estava vazio e, do meu banco, eu conseguia ver o corredor que levava ao outro bar. Pedi uma Guinness e me obriguei a tomá-la devagar. Não tinha a menor intenção de ficar bêbado naquela tarde.

Passei um bocado de tempo com minha mulher nessa semana após retornar da viagem de negócios em Londres. Miranda estava cheia de ideias para reformar a casa no Maine. Tínhamos uma mesa de carteados vintage em nossa biblioteca, e ela a cobriu com recortes de catálogos e páginas impressas da internet. Tentei não pensar nela e em Brad Daggett enquanto me mostrava item após item de coisas que a casa definitivamente precisava ter. Concordei com tudo: o chão com azulejos de temperatura controlada em todos os banheiros; a cozinha de vinte mil dólares; a piscina coberta. E, enquanto concordava, o que me fazia seguir em frente era o pensamento de que ela iria morrer e eu seria o responsável. Pensava nisso constantemente, girando a ideia na minha cabeça como se olhasse para um diamante de todos os ângulos possíveis, procurando por rachaduras ou falhas, por culpa ou dúvidas, mas não achei nada. Tudo que encontrei foi a convicção renovada de que Miranda era um monstro que eu precisaria assassinar.

Ela retornou ao Maine na quinta-feira, me fazendo prometer que a encontraria no fim de semana. Antes de sair, me levou à biblioteca para me mostrar mais alguns itens que gostaria de encomendar das pilhas de catálogos. Então me mostrou uma

imagem no celular dela, uma pintura que ela achava perfeita para a sala de jantar.

— É de um metro e oitenta por dois e setenta. Vai ficar perfeita na parede sul.

Olhei para a pequena foto. Parecia a cabeça de um homem com as orelhas em chamas.

— É um autorretrato de Matt Christie — explicou ela. — Garantia de um bom investimento. Pesquise sobre ele se você não acredita em mim. — Então ela disse um número ridículo em uma frase que ainda continha a palavra *barganha*.

— Vou pensar nisso.

Ela deu um pulinho sem tirar os pés do chão, então me beijou.

— Obrigada, obrigada. — Pressionou a mão contra minha virilha, passando um dedo ao longo da braguilha do meu jeans. Apesar dos meus sentimentos em relação a ela, comecei a ficar teso. — Quando vier para o Maine, agradeço da maneira correta, o.k.? — disse ela em uma voz sussurrante.

Senti uma vontade repentina de virá-la e jogá-la sobre a mesa, da mesma maneira que vira Brad Daggett fazendo, mas não confiava em mim mesmo. Não tinha certeza de que não esmagaria a cara dela contra os catálogos ou a xingaria de vagabunda traiçoeira. Em vez disso, falei para ela que não iria ao Maine pelo menos até o sábado à noite. Ela não pareceu muito decepcionada.

Depois que ela arrumou a mala para o fim de semana prolongado, caminhamos juntos para a garagem onde ficavam nossos carros. Após carregar o Mini Cooper, eu disse a ela:

— Espero que Brad não te dê nenhuma dor de cabeça. Vocês passam muito tempo juntos.

— O que você quer dizer?

— Ele nunca deu em cima de você, deu?

Ela se virou com uma expressão pensativa.

— Brad? Não, ele é um profissional sério. Por quê? Está com ciúmes?

Ela pronunciou a frase perfeitamente, uma mistura de surpresa, contemplação e causalidade. Se não tivesse visto os dois juntos com o binóculo, nunca acreditaria que houvesse algo entre minha mulher e meu mestre de obras. Durante os primeiros anos desde que conheci Miranda, pensava nela como uma mulher cujas emoções sempre estavam visíveis na superfície, alguém incapaz de me enganar. Como eu poderia ter errado tanto?

Ela se ajeitou no banco do motorista e me mandou um beijo pela janela antes de dar ré no seu carro pela saída apertada da garagem. Um sentimento de certeza me inundou. Com aquelas simples palavras — negando seu relacionamento com Brad —, qualquer dúvida que eu possuía foi apagada.

Lily estava atrasada, e, enquanto tomava minha Guinness vagarosamente, me convenci de que ela não apareceria. Senti uma mistura de alívio e decepção. Se nunca mais visse Lily, minha vida voltaria ao normal. Será que eu poderia dizer que ainda mataria minha mulher sem a ajuda e o apoio dela? Estaria mesmo disposto a tentar? Se eu fosse em frente e me safasse, o que impediria Lily de ir à polícia e contar que eu havia confessado o crime em uma viagem de bebedeira antes mesmo de cometê-lo? Não, se Lily não aparecesse, então eu confrontaria minha mulher, diria que sabia do seu caso e pediria o divórcio. Em seguida viria uma série eterna de emaranhados legais e rituais de humilhação, mas eu sobreviveria. Miranda iria ficar com um bocado do meu dinheiro — mesmo com o acordo pré-nupcial —, mas eu sempre podia ganhar mais. E Brad conseguiria o que merecia. Minha mulher.

Um pouco da decepção em estar sentado sozinho no Concord River Inn, agora convencido de que nunca mais veria Lily, era

porque secretamente eu esperava que parte da razão desse encontro fosse romântica. Não havia conseguido apagar a imagem de sua face pálida e linda, ou a sensação de suas mãos magras nas minhas. Talvez um caso com Lily fosse a verdadeira vingança que eu poderia arquitetar contra Miranda e Brad. Olho por olho. Não escapou à minha mente que o local que escolhemos para nosso drinque da tarde era também um hotel. Eu podia sentir a presença de todas aquelas camas vazias logo acima do teto de madeira do bar.

Como fiz durante toda a semana, comecei a reconstruir obcecadamente o voo noturno para Boston, a aparição repentina de uma mulher que queria me ajudar a matar minha esposa. Lembrei-me bem da noite, apesar do gim. Perfeitamente, eu diria, palavra por palavra, mas era como me recordar de um sonho um pouco surreal. Não estava certo de poder confiar na clareza de todas as minhas lembranças ou se estava projetando minhas ambições e desejos no evento. Desde que voltei para casa, tentei encontrar informações sobre Lily, claro. Visitei o site da faculdade Winslow, encontrei uma página meio vazia que resumia os objetivos e realizações dos arquivos de Winslow. Havia dois nomes listados no departamento: Otto Lemke, arquivista da faculdade, e Lily Hayward, arquivista. Cada um tinha um número de telefone, mas o endereço de e-mail era o mesmo: archives@winslow.edu. Pesquisei na internet por algo mais sobre Lily Hayward e não encontrei nada relacionado a ela. Nenhuma página no Facebook. Nenhum perfil no LinkedIn. Nenhuma imagem. Não fiquei surpreso. Ela não parecia uma pessoa com algum tipo de presença virtual. E, mesmo que fosse, duvidava que isso ajudasse a iluminar o que queria saber sobre ela. Por que uma estranha concorda em ajudar alguém a matar a esposa? O que ela ganharia com isso?

Eu tinha acabado de terminar minha cerveja quando a avistei. Ela estava andando devagar pelo corredor tortuoso, espiando pelas portas, e me apoiei no meu banco alto para acenar para ela vir ao bar.

— Você está aqui! — Ela parecia surpresa.

— Você está aqui também. Vamos sentar em uma daquelas mesas. O que posso pegar para você?

Ela disse que queria uma taça de vinho branco. Pedi um Sauvignon Blanc para ela, peguei outra Guinness para mim e levei os dois copos para a mesa do canto que ela escolheu. Lily estava como eu me lembrava dela, exceto pelo longo cabelo ruivo, preso atrás em um coque. Quando servi o vinho, ela estava tirando o blazer cinza. Por baixo, usava um cardigã bege sobreposto a uma blusa azul-escura. Suas bochechas estavam vermelhas do frio lá de fora.

Houve um momento de estranheza quando tomamos goles de nossas bebidas, sem falar nada um para o outro.

— É como um péssimo segundo encontro — disse eu para quebrar o gelo.

Ela riu.

— Acho que nenhum de nós esperava que alguém aparecesse hoje.

— Não sei se é bem verdade. Eu achava que você apareceria.

— Acho que eu não esperava que você aparecesse. Imaginei que tivesse acordado no outro dia com uma baita ressaca e uma lembrança vaga de planejar o assassinato da sua mulher.

— Acordei realmente com uma ressaca terrível, mas me lembro de tudo que conversamos.

— E ainda quer matá-la? — Ela disse isso como se estivesse me perguntando se eu queria pedir batatas fritas. Mas havia diversão em seus olhos, ou talvez fosse desafio. Ela estava me testando.

— Mais que nunca.

— Então posso ajudá-lo. Se ainda quiser minha ajuda.

— É por isso que estou aqui.

Observei enquanto Lily se encostava aos poucos em sua poltrona, os olhos desviando de mim para olhar ao redor do pequeno bar. Segui seu olhar pelo chão de madeira sem verniz e o teto que não era mais alto do que dois metros. Havia outro freguês no bar, um homem de terno sentado no banco que vaguei, tomando um café irlandês com creme batido por cima.

— Este lugar está bom? — perguntei.

— Ninguém conhece você aqui, certo?

— Estive aqui antes, mas não, não conheço ninguém em Concord.

Pensei em minha mãe, no ano em que ela passou morando ali. Fiquei imaginando se frequentava esse bar. Era ali que ela vinha procurar um segundo marido? Teria sido ali que encontrou Keith Donaldson, o contador que a convenceu a se mudar para a Califórnia? Eles não se casaram, mas ela ainda estava na Califórnia, com outro homem agora. Via a minha mãe menos de uma vez por ano.

— Você parece nervoso — comentou Lily.

— Estou. Não acha que seria estranho se não estivesse nervoso?

— Está nervoso por causa do que estamos planejando fazer ou por minha causa?

— As duas coisas. Neste momento, estou imaginando por que você está aqui. Parte de mim acha que você é uma espécie de agente da lei e que vai me gravar falando como quero matar minha mulher.

Lily riu.

— Não estou usando uma escuta. Se não estivéssemos em um lugar tão público, eu deixaria você me revistar. Mas, mesmo que eu

estivesse com uma escuta, eu poderia te prender por planejar matar sua esposa? Não seria uma armação?

— Provavelmente. Acho que eu poderia dizer que estava apenas tentando te seduzir falando sobre matar minha mulher.

— Seria a primeira vez. Você está?

— O quê? Tentando te seduzir?

— Sim.

— Ainda estamos brincando daquele jogo do avião? Verdade absoluta? Então não vou mentir e dizer que não pensei em você dessa maneira, mas não; tudo que disse sobre minha mulher e como me sinto sobre a situação é verdade. Fui honesto com você no avião.

— E eu fui honesta com você. Quero ajudar.

— Acredito em você. Só que não entendo inteiramente seus motivos. Entendo o que eu ganho com o que estamos planejando...

— Um divórcio rápido — disse Lily ao tomar um gole do vinho.

— Sim, um divórcio bem rápido...

— Mas você está se perguntando o que eu ganho com isso?

— Sim. Era isso que eu gostaria de saber.

— Imaginei que você pudesse estar pensando isso. Teria ficado preocupada se não estivesse. — Ela fixou seus olhos intensos em mim. — Lembra quando te falei como me sentia em relação a assassinatos? Como acho que não é algo tão imoral quanto todo mundo pensa? Realmente acredito nisso. As pessoas dão muita importância ao caráter sagrado da vida, mas existe *tanta* vida neste mundo, e, quando alguém abusa de seu poder ou, como Miranda fez, abusa do seu amor por ela, essa pessoa merece morrer. Soa como uma punição extrema, mas não vejo dessa forma. Todo mundo tem uma vida completa, mesmo que acabe rápido. Todas as vidas são experiências totais. Você conhece a frase de T. S. Eliot?

— Qual?

— “O momento da rosa e o momento do teixo são de igual duração.” Sei que não é justificativa para assassinato, mas acho que isso salienta como tantas pessoas acham que todos os humanos merecem uma vida longa, quando a verdade é que qualquer vida é provavelmente maior do que qualquer um de nós merece. Acho que a maioria tem um fetiche pela vida a ponto de permitir que outros se aproveitem dela. Desculpa, estou meio que viajando aqui. Quando te encontrei na sala VIP do aeroporto e conversamos no avião, você resolveu me contar que fantasiava sobre matar sua mulher, e isso me permitiu explicar minhas filosofias sobre assassinatos. Apenas isso, de verdade. Gosto de conversar com você, e se está realmente falando sério sobre matar Miranda, então vou ajudar da maneira que puder.

Notei que Lily, no decorrer do seu pequeno discurso, tornou-se ligeiramente emotiva, seu rosto vindo na minha direção como uma devota do Sol esticando-se aos céus para tentar capturar o máximo de raios solares. Então a vi recuar novamente, como se tivesse revelado mais do que deveria. Ela girou a taça de vinho com a haste entre os dedos. Me perguntei por alguns segundos se era insana e, tão rapidamente quanto esse pensamento, decidi ir em frente de qualquer maneira. Conhecia bem esse sentimento. Foi assim que ganhei uma enorme soma de dinheiro, ao assumir riscos absurdos.

— Quero fazer isso. E quero que me ajude.

— Vou ajudar.

Lily tomou outro gole do vinho, a luz de um candelabro de bronze na parede acima dela fazendo sua taça brilhar, refletindo no seu rosto. Parecia mais bonita, pensei, com o cabelo preso atrás, mas também mais severa. Fazia com que eu me lembrasse das modelos em alguns dos catálogos que minha mulher recebia. Catálogos repletos de garotas ricas e altas, em ternos e jeans,

posando ao lado de cavalos ou em frente a casas de campo feitas de pedra. As modelos desses catálogos nunca estão sorrindo.

— Tenho uma pergunta. Quantas pessoas  *você*  matou exatamente? — Queria fazer soar como uma piada para deixar uma evasiva, mas também gostaria de saber se ela praticava o que pregava.

— Não vou responder a isso. Mas só porque ainda não nos conhecemos bem o suficiente. Mas prometo que, depois que sua esposa estiver morta, contarei tudo que desejar saber. Não teremos nenhum segredo. É algo que aguardo ansiosa.

Sua fisionomia relaxou depois de falar isso, e senti como se houvesse uma promessa implícita de sexo tórrido no quarto silencioso. Meu copo estava vazio.

— Você tem pensado em como deveríamos fazer? — perguntei.

— Tenho pensado e muito. — Ela encostou a taça de vinho no meu copo de cerveja. — Temos uma grande vantagem, e essa vantagem sou eu. Posso te ajudar, e ninguém sabe que nos encontramos algum dia. Sou uma cúmplice invisível. Posso providenciar um álibi para você, e, como ninguém sabe que nos conhecemos, a polícia confiaria em mim. Temos zero conexão, você e eu. E também há outras maneiras com que posso ajudar.

— Não espero que você a mate em meu lugar.

— Não, eu sei. Só que, com você me ajudando, podemos reduzir drasticamente as chances de sermos pegos. Essa é a parte difícil. Cometer um crime é moleza. As pessoas fazem isso o tempo todo. Mas a maioria não escapa.

— Então, como vamos escapar?

— A melhor maneira de cometer assassinato e não ser pego é escondendo o corpo tão bem que ninguém jamais o encontre. Se nunca houve um assassinato, não pode haver um assassino. Mas existem muitas maneiras de esconder um corpo. Você pode deixá-lo

a céu aberto, mas fazer parecer o oposto do que realmente aconteceu. Isso é o que precisa acontecer com Miranda, porque, se ela desaparecer, a polícia vai continuar procurando até encontrá-la. Quando a polícia olhar para o corpo dela, é preciso que o cadáver conte uma história que não tenha nada a ver com você. É preciso levar a polícia para um caminho no qual você nunca estará. Tenho uma pergunta para você: como se sente em relação a Brad Daggett?

— O que você quer dizer?

— Você acha que ele deve viver ou morrer?

— Eu quero que ele morra.

— Ótimo. Isso vai tornar tudo muito mais fácil.

## Capítulo 6

### Lily

QUANDO CHET RETORNOU DO APARTAMENTO e juntou-se a mim no jardim, fiquei feliz que tivesse vestido uma camisa por baixo do macacão. Ele ainda fedia a sidra de maçã azeda. Eu disse a ele que havia encontrado algo no descampado do outro lado do bosque e que precisava da sua ajuda. Falei que pediria para o meu pai, mas ele estava ocupado. Chet bufou em solidariedade, como se soubesse que meus pais estavam em reunião em cima da cama.

Entramos na estreita faixa de floresta de pinheiros que separava a propriedade dos meus pais do terreno abandonado ao lado.

— Você já esteve no campo? — perguntei. Ele estava atrás de mim, um pouco cambaleante, o antebraço à frente, como se os galhos pudessem repentinamente chicotear o seu rosto.

— Dei uma caminhada até os velhos trilhos de trem quando cheguei aqui — disse ele. Os trilhos eram na direção oposta da qual estávamos indo.

— O campo é bacana. Fica atrás da antiga fazenda abandonada. Vou lá o tempo todo.

— É muito longe?

— É logo depois do bosque.

Escalamos as ruínas do muro de pedra que marcava os limites do bosque. A luz fantasmagórica do sol que se punha dava um tom elétrico às flores do campo. O céu estava passando do rosa ao roxo-escuro.

— Bonito — comentou Chet, e senti uma perturbação breve e inexplicável por ele estar compartilhando meu campinho.

— Logo ali. — Comecei a caminhar rumo ao poço.

— Você também. Você também é bonita.

Fiz um esforço para me virar e olhar para ele.

— Desculpa — disse ele. — Eu falei para mim mesmo... Mas, Deus, olhe para você. Você nem mesmo sabe quanto é bonita, não é, pequena Lily? Não se importa, não é? Se eu ficar apenas olhando... — Ele balançou um pouco, a mão esfregando a barba desgrenhada.

— Tudo bem, mas você precisa me ajudar antes. Tem algo no fundo daquele poço pendurado por uma corda, e eu não consigo puxar.

— Legal. Vamos dar uma olhada. Como você encontrou um poço aqui?

Ignorei a pergunta e o levei pelo campo. Eu sabia da existência desse poço havia anos. Não era muito profundo. Com uma lanterna dava para ver o fundo, nada além de pedaços de pedras e água represada, caso tivesse chovido recentemente. A princípio, não tinha nem certeza de que era um poço de verdade, estava mais para um buraco fundo, talvez o início de um poço que nunca foi concluído. Encontrei-o quando tinha uns nove anos e corria de um lado para o outro do campo. Um dos meus passos fez um som de madeira oca, então retirei as ervas daninhas secas do caminho para localizar a tampa do poço, um quadrado de madeira podre que parecia ter sido colocado ali para impedir pessoas como eu de cair. Mal cobria o buraco retangular e era facilmente removível. As paredes do poço foram levantadas com pedras sobrepostas. Não trazia uma lanterna comigo, então joguei pedregulhos para descobrir a profundidade. Eles atingiram algo depois de um segundo ou algo assim, então sabia que não era tão fundo. Naquela época, pensei que poderia ser um lugar para guardar tesouros ou a pista de um mistério maior. Corri para pegar uma lanterna, mas, por fim, fiquei desapontada. O poço era apenas aquilo, um buraco na terra.

Quando mostrei o poço a Chet, ele disse:

— Ei, olha só isso. Quando você o encontrou?

— Uma semana atrás — menti. — Vi a corda primeiro e então levantei a tampa. Não é fundo, acho, mas não consigo puxar a corda sozinha. Existe algo pesado no fim dela.

Colocar a corda lá embaixo foi parte da minha preparação. Encontrei a peça, de comprimento ideal, no porão da nossa casa, ao lado de uma estaca de metal, e trouxe as duas para o campo, dias antes. Amarrei firmemente uma ponta da corda em uma das pedras grandes que desencavei e joguei no fundo do poço. Então enfiei a outra ponta na terra. Não achei que parecia especialmente genuíno, mas não importava. Tudo que precisava era que Chet quisesse descobrir o que havia do outro lado da corda. Naquela manhã, fui ao banheiro dos meus pais e encontrei algo no armário da pia, um tubo de pomada. Levei comigo mais cedo e passei aquela gosma nos primeiros metros da corda, deixando-a impossível de segurar. Fiquei preocupada que Chet conseguisse puxar a corda de pé. Eu precisava que ele se agachasse na frente do buraco do poço. No fim das contas, não precisei me preocupar. Chet se ajoelhou na frente do buraco como um garotinho empolgado e segurou a corda.

— Argh, o que tem aqui?

— Não sei. Uma espécie de muco.

Ele levou os dedos até o nariz e cheirou.

— Não parece natural. Cheira a xampu.

— Talvez alguém não queira que puxemos isso. — Eu me movi para ficar em pé exatamente atrás dele. Chet esticou o pescoço para olhar para mim. Eu podia ver seus olhos esbugalhados e úmidos fixos em meus peitos. Minha pele se enrijeceu, arrepios tomaram conta dos meus braços.

— Você gosta de borboletas? — perguntou ele, os olhos ainda cravados na minha regata.

— Acho que sim — respondi, e involuntariamente dei um passo para trás. Senti um súbito asco e raiva de mim mesma por ter trazido aquele homem comigo para meu campo secreto. Claro que ele não se importava com o que havia no fim da corda. Tudo com que se importava era sexo. Ele queria enfiar o pênis em mim antes de subir a corda. Foi idiota. Tentei pensar em algo para falar, mas meu cérebro se esvaziou, e minha boca ficou seca.

Mas então Chet perguntou:

— Você não falou para os seus pais sobre isso?

— Não. Eles ficariam bravos comigo, e, se encontrássemos algo legal lá embaixo, eles não me deixariam ficar com ele.

— Podemos tentar ver o que é. — Ele voltou a olhar para o buraco. — Agora... O que ganho se encontrarmos um tesouro lá no fundo?

Ele estava fazendo o que eu esperava que fizesse, se esgueirando para baixo para tentar uma maneira de agarrar a corda. Enfiou parte da cabeça no buraco e se inclinou com os joelhos para fora.

— Não vá cair! — disse eu. Era algo que eu tinha planejado falar para deixá-lo mais seguro.

— É muito fundo?

— Não muito, acho.

Chet fez uns sons esbaforidos no poço que ecoaram do lado de fora.

— Eu seguro você. — Havia planejado bem isso, querendo deixá-lo confortável com minhas mãos nas suas costas. Não queria apenas tentar empurrá-lo e vê-lo resistir e brigar comigo.

Agarrei com firmeza o tecido do seu macacão com as duas mãos, como ele pediu.

— Consegui. Está subindo.

Reuni todo o vigor que possuía e o empurrei o mais forte que pude. Ele tentou levantar a cabeça, mas estava no buraco e a bateu contra uma das pedras que cercavam o poço. Seu corpo inclinou-se inteiro para a frente, caindo, e por um momento achei que iria junto, uma possibilidade que não havia me ocorrido. Mas de algum modo ele conseguiu prender as pernas fora e impedir a queda. Eu me joguei para o lado, ouvindo seu grito de surpresa. Uma de suas botas estava presa entre duas pedras achatadas que marcavam a entrada do poço.

— Jesus! — gritou ele. — Me ajude!

Ouvi um barulho metálico, como se algo tivesse atingido o fundo do poço. Os óculos dele, pensei.

Fiquei de pé. Uma das minhas unhas havia ficado presa no macacão e quebrado. Só notei isso porque balancei a mão por reflexo e gotas de sangue atingiram minha face.

— Lily, por Deus, me ajude!

Agachei-me ao lado de onde o pé dele ficara preso entre as rochas. Estava claro que elas não iriam segurá-lo por muito tempo e que ele iria cair de qualquer maneira, mas segurei a borda do solado e empurrei para a frente. Chet soltou um grunhido, então ouvi o som de arrastar seguido por uma batida quando ele atingiu o fundo do poço. Esperava ouvi-lo gritar um pouco mais, porém ele ficou quieto. Havia apenas o som da sujeira caindo e dos entulhos ainda se chocando no fundo, além do grasnado de dois corvos do outro lado do campo.

Tirei a lanterna que trouxera em meu bolso traseiro e a girei até ligar. Não produziu uma iluminação muito poderosa, mas seria o suficiente para enxergar no escuro do poço. Pensei que minhas mãos estariam tremendo, mas não estavam. Eu me senti concentrada e perdida, da mesma maneira que sentia quando lia um livro e o dia acabava sem que percebesse. Espiei por cima das

bordas e apontei a lanterna para o fundo. Tinha certeza de que Chet sobreviveria à queda e estaria implorando para que o ajudasse. Estava preparada para isso. No entanto, ele estava deitado de costas no fundo do poço, as pernas jogadas contra as paredes e o pescoço em um ângulo esquisito. Observei por algum tempo. A luz da lanterna estava fraca e o ar dentro do poço repleto de poeira, mas não parecia que ele estivesse se movendo. Então notei um movimento quase imperceptível e ouvi um suspiro baixo que poderia ter vindo de Chet ou de algo se encaixando lá no fundo.

Fiquei de pé e andei até a pilha de pedras que havia coletado. Escolhi as maiores, um pedaço irregular de pedra cinzenta com uma veia de quartzo que a cortava. Tive de carregá-la com as duas mãos, então segurei a lanterna entre os dentes. Cambaleando como um pinguim, voltei ao poço, me ajeitei sobre ele e me inclinei na altura da cintura. Apontando a lanterna na direção da escuridão, alinhei a pedra da melhor maneira possível e a deixei cair diretamente na cabeça de Chet. Não vi a pedra depois de jogá-la, mas ouvi o barulho que fez ao esmagar a cabeça dele. Era como o som de uma melancia estourando. Se Chet tivesse ficado vivo após a queda, agora não estava mais.

Minhas mãos doíam de carregar a pedra, e fiquei agachada por um momento. Um corvo me observou de seu poleiro, no alto de um bordo desfolhado nas extremidades do campo. Perguntei-me se ele podia sentir o cheiro de morte no ar e cheguei à conclusão de que aquilo era bem possível. Ele mergulhou a cabeça e sacudiu as asas negras. Senti como se estivesse me dando as boas-vindas a um mundo especial.

Depois de desligar a lanterna e devolvê-la ao meu bolso, retirei a estaca da terra e a joguei, junto com a corda ensebada, no poço. Então, fui e voltei até a minha pilha de pedras e atirei pelo menos mais seis grandes em Chet. Poderia cobri-lo mais tarde, mas decidi

que não faria mal adiantar o serviço. Eu teria continuado por mais tempo, mas a luz no céu estava se apagando, as nuvens ficavam roxas e escuras, o campo e as árvores ao redor perdiam suas cores, sumindo em minúsculas variações de cinza. Meu plano inicial era voltar ao apartamento em cima do estúdio e fazer as malas de Chet, levando-as pelo bosque até o poço, onde as jogaria. Então cobriria tudo com pedras e recolocaria a tampa do poço. Mas enquanto caminhava pela escuridão do bosque, com o feixe de luz da minha lanterna cobrindo apenas um pequeno pedaço da floresta à minha frente, decidi que poderia arrumar as coisas agora mas as levaria para o poço na manhã seguinte. Sabia que meus pais dormiriam até tarde.

Eu conhecia bem o pequeno apartamento acima do estúdio. Era um dos meus lugares preferidos quando vazio, porém não havia entrado nele desde que Chet tinha se mudado no início do verão. Eu estava preocupada que ele tivesse muita coisa para empacotar, mas não tinha. Ele vivia com uma mochila verde-militar cujo conteúdo estava espalhado por cima da cama de solteiro. Comecei a vasculhar o local usando a lanterna, então lembrei-me de que poderia ligar a luz. As chances eram pequenas de que meus pais olhassem do quarto para o estúdio e ficassem surpresos ao ver a luz acesa no apartamento de Chet. Na verdade, eles ficariam mais surpresos caso estivesse apagada.

A lâmpada lançava uma luz amarelada nas paredes esbranquiçadas e sobre as madeiras largas do piso. Havia poucos móveis no estúdio, apenas meu tão amado pufe, parecendo murcho, e duas poltronas com rasgões no tecido, por onde saía o estofado. A poltrona de tom pastel era outro dos meus lugares preferidos. Fiquei muito feliz de ver que Chet a usara para empilhar alguns livros, o que significava que ele não sentava nela.

Havia algumas roupas jogadas ao redor da cama, duas camisetas e duas cuecas brancas. Usei uma das camisetas para catar as cuecas do chão e colocá-las no mochilão. Um cheiro bolorento e irritante saiu da mochila semicheia. Mas o apartamento não fedia como eu imaginava. Era basicamente solvente e cinzas. No meio do chão, havia uma caneca de café quase toda cheia de bitucas. Peguei aquilo e tentei pensar onde colocar, então lembrei que poderia jogar na mochila. Chet não iria usar mais nenhuma roupa, de qualquer modo.

No banheiro, peguei a escova de dentes de Chet, um tubo de pasta quase vazio, uma pedra branca cujo rótulo afirmava ser desodorante e um frasco verde e brilhante de xampu dois em um. Deixei o resto de sabonete coberto por cabelos no lugar onde estava. Na cozinha — na verdade, um canto com uma pia, uns poucos armários e um fogão elétrico —, peguei dois pacotes de macarrão instantâneo e uma garrafa de plástico de vodca Popov. Joguei o líquido na pia e deixei a garrafa em um dos armários. De repente, comecei a me preocupar com minhas digitais por todo o apartamento e que devia estar usando luvas. Mas eu teria tempo amanhã para apagar tudo. Além disso, se as coisas saíssem da maneira que planejara, ninguém suspeitaria que Chet tivesse sido morto. Pareceria que ele apenas havia partido. Difícil imaginar alguém dando por falta dele.

Depois de encher a mochila, fechei o zíper e a levantei para ter certeza de que conseguiria carregá-la pela manhã. Estava pesada, mas eu daria um jeito. Tudo que sobrou no apartamento foi o material de pintura de Chet. Havia quatro telas, três encostadas na parede, então não conseguia ver como eram. A quarta estava no cavalete, ainda nos estágios iniciais, apenas alguns blocos de tinta sobre as marcas de lápis. Eu podia ver, no entanto, que era a piscina atrás da nossa casa e que havia uma figura desenhada no canto.

Apesar de não ser detalhada, sabia que era eu. Era um quadro pequeno, um pouco maior que uma televisão de tela plana de tamanho médio. Tirei a tela de cima do cavalete e a torci tanto que sua moldura frágil quebrou. Então, a joguei no chão e coloquei as outras telas por cima. Mal olhei para elas, mas pareciam pinturas finalizadas. Borrões abstratos de cores com algo que lembrava uma figura aqui e ali. Eu poderia ter pintado aqueles quadros.

O cavalete era de Chet, pois tinha certeza de que nunca existiu um cavalete no apartamento. Era pequeno, com três pernas retráteis de apoio. Eu o fechei e desmontei até ficar do tamanho de uma maleta pequena, um bloco de madeira com uma alça para carregar. Acrescentei à pilha de quadros.

Dei uma olhada ao redor do quarto, verificando se havia pegado tudo. Mesmo que algo tivesse ficado para trás, devia parecer que Chet simplesmente não tinha desejado levar.

Meu dedo latejava onde minha unha havia quebrado. Olhei de perto. O sangue havia coagulado, ficando marrom e pegajoso, e não achei que tivesse pingado no apartamento. De repente, quis sair dali e voltar para o meu quarto. Eu estava com fome. A menos que meus pais tivessem comido, havia restos da torta de carne na geladeira.

Programei o despertador para as seis da manhã. Mas quando meu relógio em forma de coruja piou, eu já estava acordada, fora da cama e me vestia. Eu dormiria um pouco mais, mas seria o tipo de sono prestes a ser interrompido por qualquer ranger, clique ou chiado que casas antigas produzem, daqueles que você acha que não dormiu nada e, então, chega à conclusão de que todos os pensamentos estranhos na cabeça eram sonhos, e que a cortina abaixada está brilhando de leve com a chegada do alvorecer.

Precisei de três viagens para levar tudo do apartamento para o poço. Levei a mochila primeiro, e foi o mais difícil. Precisei arrastá-la

por um tempo quando ficava muito pesada. O campo estava coberto por um orvalho frio que molhou a barra do meu jeans. Espiei dentro do poço antes de jogar a mochila. Chet ainda estava lá, enterrado embaixo das pedras que eu havia jogado. Um poucas moscas voavam perto do corpo. Na viagem seguinte, trouxe as três telas maiores. Não eram pesadas, mas desajeitadas. Precisei quebrar uma delas para caber no poço. Na última viagem, trouxe o pequeno cavalete desmontado e a pintura que Chet começara, aquela comigo na piscina. Depois de jogar tudo no poço, peguei o resto das pedras que escavei do campo e também joguei lá dentro. Foi muito prazeroso, especialmente ao ver todas as evidências de Chet desaparecer sob uma pilha de pedras. Eu tinha usado uma velha espátula enferrujada para desalojar algumas pedras. Ela ainda estava no campo e a usei para cavar montes de terra, jogando no poço até parecer que não havia nada lá embaixo, a não ser sujeira e pedras. Eu sabia que não era perfeito, mas estava satisfeita.

A última coisa que fiz antes de deixar o campo foi jogar a espátula no poço, para então recolocar a tampa. Usando meus dedos sujos, varri um bocado de grama seca por cima dela para tentar escondê-la. Circulei a área antes de sair, mas não havia nada. Nem mesmo uma bituca de cigarro. Chet havia deixado o mundo. A manhã estava calma, ouvia-se apenas o crescente zumbido dos insetos e o grasnar dos corvos, que eram os verdadeiros donos daquele campo. Grasnei de volta para eles, como fazia de vez em quando, e me perguntei o que deveriam achar de mim.

De volta em casa, tomei um longo banho, esfregando os dedos para tirar o último resquício de sujeira. A água quente batendo contra meu corpo fez com que me sentisse poderosa e segura ao mesmo tempo. Quando minha mãe abriu a porta do banheiro e falou meu nome, dei um pulo e quase caí. Meu pé escorregou pelo chão do chuveiro.

— O que aconteceu de errado?

— Nada, querida. Seu pai e eu estamos pensando se você gostaria de tomar café no Shady's.

— O.k. Quando?

— Assim que você sair desse chuveiro.

Costumávamos ir no Shady's com maior frequência. Era a lanchonete preferida do meu pai e provavelmente a minha também, sobretudo para tomar o café da manhã. Pedi uma rabanada com uma porção extra de bacon crocante. Meus pais sentaram na minha frente na baia, seus ombros se tocando, até dividindo uma tigela de frutas para acompanhar as batatas com carne do meu pai e a omelete da minha mãe. Pensamentos sobre Chet penetravam minha mente durante o café, então desapareciam quando meus pais falavam algo que me fazia rir ou quando eu pensava quanto minha comida estava deliciosa. Meu estômago parecia um saco sem fundo que poderia encher para sempre.

— Você está faminta, Lily! — disse minha mãe.

— Ela é uma garota em crescimento, quase uma mulher — comentou meu pai.

O café da manhã foi um momento bom, mesmo quando meus pais arruinaram tudo ao me perguntar outra vez se eu gostaria de pular de série na escola. Alguns dos meus professores já haviam recomendado isso no fim do ano escolar, e eu já havia recusado no começo do verão. Minha mãe trazia a questão de volta o tempo todo, então a puni recusando-me a ir para o acampamento de arte em julho. Sabia que as duas semanas que eu passaria fora eram algo que ela aguardava ansiosamente. Fiquei surpresa quando o assunto retornou, mas não durou muito e não estragou totalmente o café.

Não ouvi falar sobre Chet por uma semana e comecei a me preocupar, imaginando se não era estranho que eu não tivesse

falado nada sobre ele durante esse tempo. Então, um dia durante o almoço, quando meu pai não estava por perto e minha mãe estava no modo silencioso, perguntei o que acontecera com Chet.

— Chet foi embora. Você não sabia?

— Para onde ele foi?

— Meu Deus, Lily, não sei. Para o sofá de outra pessoa, acho. Ele nunca disse adeus, canalha ingrato.

Naquela tarde, fui até o apartamento. Parecia que meu pai ou minha mãe havia arrumado um pouco o lugar. O colchão estava sem cobertas e a lixeira da cozinha, vazia. Sentei na minha poltrona por um tempo, embora não tivesse levado um livro. As janelas estavam todas abertas e um vento fresco, o primeiro em um longo período, penetrou pelo apartamento. Estava esperando por duas coisas desde que matei Chet: ser pega e me sentir culpada. Nada disso tinha acontecido ainda. E eu sabia que nunca aconteceria.

## Capítulo 7

### Ted

QUANDO FALEI PARA MIRANDA QUE ESTAVA PLANEJANDO ir a Kennewick por uma semana, em outubro, pude notar o prazer genuíno em sua face. Estávamos sentados de frente um para o outro na cozinha, comendo linguini com molho de mariscos (o único prato que sei cozinhar) e terminando uma garrafa de Pinot Gris.

— Vai ser maravilhoso — disse ela. — Terei você só para mim por uma semana inteira.

Estudei seu rosto em busca de sinais de falsidade, mas não vi nenhum. Os olhos castanho-escuros brilharam com o que me pareceu uma empolgação autêntica. E, por um momento, acreditei nela e senti o calor e a confiança que alguém sente quando outra pessoa deseja passar um tempo com ele. O sentimento se dissipou um segundo depois, e eu fiquei novamente fascinado com as habilidades dramáticas da minha esposa, sua natureza dupla. Ela não sentia culpa nenhuma pelo que estava fazendo com Brad Daggett?

— Devemos reservar aquele quarto novamente? — perguntou ela.

— Qual?

— Uhh. Como você esquece facilmente! O primeiro lugar em que ficamos. Com a jacuzzi.

— Certo. Claro.

Depois de arrumar as coisas, subimos para ver televisão, escolhendo uma refilmagem de *Jogo mortal* que estava sendo exibida em um dos quinhentos canais que tínhamos. Miranda vestiu a camisola curta que ela escolhe para passar as noites e começou a

se alongar no nosso sofá, os pés dela sobre meu colo. Analisei os dedos dela, com as unhas meticulosamente pintadas de rosa. Peguei um dos pés nas minhas mãos e pressionei o polegar contra a pele macia da sua sola. Ela não disse nada, mas seu corpo reagiu deslizando para perto de mim de maneira quase imperceptível, o pé arqueado. Sua presença lânguida me fez mais consciente do meu corpo, meus ombros ossudos, a camisa desconfortável que eu ainda estava usando, a maneira como sentava rígido ao lado do braço do sofá, meu cotovelo inclinado de maneira esquisita. Tirei a mão do seu pé, mas ela não pareceu notar. Eu sabia que ela estaria dormindo em breve, antes mesmo de o filme terminar.

Ir para o Maine por uma semana fora ideia de Lily, uma sugestão que fez no fim do nosso encontro no Concord River Inn. Ela disse que era importante saber o que exatamente estava acontecendo lá, qual era o horário de Brad, como Miranda passava o dia.

— Comigo lá, tudo vai ser diferente — afirmei. — Miranda e Brad vão mudar a rotina.

— Não importa. Estou mais interessada na rotina dos operários. Quantas pessoas ficam lá todos os dias? Quantas vezes Brad fica sozinho? Apenas observe. Quanto mais informações, mais seguros estaremos.

Eu concordei. A parte mais difícil era deixar minha agenda livre por uma semana. Mas eu insisti, e Janine, minha secretária, conseguiu reorganizar tudo. O plano era ir a Kennewick no fim do dia na sexta-feira e voltar para Boston nove dias depois, no fim da tarde do domingo. De uma maneira estranha, eu estava ansioso por esse tempo fora e secretamente deleitando-me com a ideia de fazer uma pausa no caso de Brad e Miranda. Perguntei-me qual seria a reação de Brad quando Miranda contasse a ele. Até mesmo aquele

momento sentado no sofá contando a notícia a ela já me fazia sentir a maré mudando a meu favor.

Miranda deu um solavanco e me virei para olhar para ela, iluminada pela tela de 84 polegadas da televisão. Os olhos dela estavam fechados, os lábios levemente separados. Ela adormecera. Fiquei encarando-a por um momento em vez de assistir ao filme. As sombras acentuavam suas curvas, e a sua face, revelada pelo brilho da TV, parecia uma versão em preto e branco da minha mulher. A boca abriu-se um pouco mais, um nervo saltou em sua têmpora. Eu estava fascinado pela sua beleza crua, ao mesmo tempo que notava que ela não envelheceria bem. Seu rosto, arredondado e branco como o de uma boneca, iria inchar e seu corpo de vedete cairia. Mas ela não iria envelhecer, não é mesmo? Eu ia matá-la, não ia? Esse era o plano, e o pensamento de executá-lo e escapar me preenchia com um sentimento de satisfação e poder, mas também de medo e tristeza. Eu odiava minha mulher, mas a odiava porque a amei um dia. Estaria cometendo um erro do qual me arrependeria para o resto da minha vida? Quando pensei dessa maneira, quando comecei a me assustar com o que estava planejando fazer, desejei entrar em contato com Lily para ouvi-la falar sobre assassinato daquela sua maneira casual, como se estivesse falando sobre se livrar de um sofá velho. Mas concordamos em não nos falar por um tempo, não nos encontrar até eu ter passado minha semana no Maine, e essa era a outra razão de estar ansioso por aquele tempo em Kennewick. Cada dia naquele lugar seria um dia mais perto de encontrar Lily.

John, o concierge do hotel que geralmente cuidava das reservas, me disse que Miranda estava no Livery, então se ofereceu para levar minhas malas para o quarto. Agradei e fui procurar Miranda, zanzando pelas escadarias coloniais estreitas que levavam de forma

íngreme aos níveis inferiores do hotel. A taverna, batizada em homenagem a um estábulo que ficava naquele lugar, tinha paredes e uma lareira de pedra, além de um longo balcão de carvalho no bar que fazia curvas como as linhas de um iate. Miranda estava sozinha no bar, mas conversava, animada, com a atendente tatuada, cujo nome era Sid ou Cindy. Não conseguia me lembrar.

Eu as interrompi, beijei minha mulher, notando a ausência do gosto de cigarro em sua boca, então pedi um martíni Hendrick's. Pendurei meu blazer de lã, ensopado da caminhada do carro até o hotel. Estava chovendo em Boston, mas a chuva se tornou torrencial no Maine. Os limpadores de para-brisa mal deram conta, mesmo na velocidade máxima.

— Você está ensopado — comentou Miranda.

— Está caindo o mundo.

— Eu não tinha ideia. Não saí o dia todo.

Sid/Cindy trouxe minha bebida.

— Sua esposa, ela é uma salva-vidas. — A mulher soltou uma risada rasgada.

— Sei disso. — Virei-me para Miranda. — O que você fez o dia todo?

— Não foi um desperdício completo. Decidi quais móveis vou colocar em todos os quartos de hóspedes, fiz uma massagem e esperei, quase sem respirar, pelo meu marido. Ah, quase esqueci. — Ela levantou a cerveja já no fim. — À nossa semana inteira. — Brindei com meu copo de gim gelado, tomei um longo gole, e a bebida instantaneamente me aqueceu. — Você comeu? — perguntou Miranda.

Respondi que não e abri um cardápio para dar uma olhada. Ficamos lá até o bar fechar, e fiquei tão bêbado que, quando Miranda e eu cambaleamos para o quarto nos fundos do hotel e caímos nus sobre a cama king size, mal pensei nas razões de estar

no Maine naquela semana, ou em Brad Daggett, ou até mesmo em Lily.

Na manhã seguinte, a chuva havia passado, e as nuvens foram varridas para o mar. Era um daqueles dias de outubro que vendem calendários. O céu estava azul metálico, e as árvores transformaram-se em buquês em vermelho e amarelo. Depois do almoço, Miranda e eu caminhamos para casa. Cronometrei; levamos 25 minutos pela Micmac Road, não muito diferente da trilha do penhasco. A Rota 1 era a estrada mais movimentada desse lado do mundo, mas essa parte dela era linda, com paisagens periódicas da falésia acima do Atlântico, então muitos carros cruzaram nosso caminho. A Micmac Road saía da 1A no centro de Kennewick, depois vinham o porto e a praia, as três principais áreas que formavam a cidade. A praia era a seção menos exclusiva do litoral de Kennewick, um trecho longo de areia apinhada por chalés de aluguel, e, pela estrada, um camping que ficava lotado de trailers durante o verão. Não verifiquei isso, mas lembro que Miranda me contou que Brad era dono de um daqueles conjuntos semicirculares de chalés e que, desde o divórcio, morava em um deles. Não prestei atenção quando ela me falou sobre isso, porque não sabia naquela época que ele estava dormindo com minha mulher. Mas agora eu prestava atenção. Em tudo.

Havia apenas um veículo parado em nossa entrada, uma caminhonete Toyota com um adesivo na traseira em que se lia SE DEUS NÃO QUERIA QUE COMÊSSEMOS ANIMAIS, ELE NÃO DEVIA TÊ-LOS FEITO DE CARNE.

— Esse é Jim — disse Miranda. — Brad o contratou para fazer o gesso no porão.

Circulamos a casa até os fundos e entramos pela porta do pátio. Era impossível não pensar na última vez em que estivera ali, primeiro espiando Brad e Miranda dividindo um cigarro na cozinha e, mais tarde, agachado no fim da trilha do penhasco, observando os dois trepando na nossa futura sala de estar.

— Espere até ver o bar lá embaixo. — Miranda me levou pelos pisos de madeira do corredor de entrada, seus passos ecoando claramente no espaço vazio. Jim estava na parte de baixo, ouvindo um rock clássico em um rádio empoeirado e almoçando, empoleirado em um grande balde de plástico virado de cabeça para baixo. Ele pareceu confuso e envergonhado com nossa presença, como se tivesse sido flagrado dormindo no trabalho em vez de apenas comendo um sanduíche.

Ele abaixou a música.

— Brad vai aparecer um pouco mais tarde. Estão procurando por ele?

— Estamos apenas olhando. Ted não tinha visto aqui embaixo ainda desde, desde...

Ela virou-se para mim e dei de ombros. Não achei que conhecesse aquela parte da casa desde que a construção fora concluída. Sabia que Miranda estava insistindo em construir um grande espaço de lazer para mim, embora nunca tenha pedido por um. Ela imaginava o lugar com móveis de couro, uma mesa de sinuca, um bar completo e paredes vermelho-escuras. Quando mencionou a ideia pela primeira vez, eu a encarei como um sinal de generosidade, que ela queria fazer um lugar especial na casa apenas para mim. Agora, pensando melhor, só fiquei com raiva porque ela estava gastando meu dinheiro suado em algo que eu nem tinha certeza que um dia iria usar.

Ela fez um tour comigo, me mostrou a estante do bar, o espaço onde a mesa de sinuca iria ficar e me deixou ver amostras da possível cor que tinha em mente para as paredes. Quando saímos, Jim havia terminado seu almoço e continuava o trabalho. Uma música do Steely Dan tocava no rádio.

Não vimos Brad naquele dia até terminarmos o tour e caminharmos pela entrada rumo à estrada. Ele apareceu em sua

caminhonete, espalhando cascalho ao frear repentinamente. Desligou o motor e pulou do assento do motorista. Usava uma calça azul, uma camisa de flanela e movia-se de forma atlética. Apertou minha mão, como sempre fazia, e manteve firme o contato visual enquanto me perguntava o que eu havia achado do progresso da obra. Durante nossa conversa, Miranda pareceu desinteressada, olhando o tempo todo para a casa e a sua vista do mar, plácido e parado naquela tarde calma.

— Ouvi dizer que você vai passar a semana por aqui — disse Brad.

— Pensei em tirar umas pequenas férias. Vigiar Miranda.

Brad riu, e talvez eu estivesse sendo exagerado, mas a risada me pareceu entusiasmada demais. Eu podia ver todas as obturações dos seus dentes. Pela minha visão periférica, vi Miranda virar a cabeça para trás para olhar para ele.

— Ela é a *verdadeira* mestre de obras dessa construção. Um talento desperdiçado — comentou Brad.

— É o que ela me diz o tempo todo.

— Eu estou bem aqui, vocês sabem, não é? — retrucou Miranda. — Podem me incluir nessa conversa.

Antes de Miranda e eu voltarmos ao hotel, disse a Brad que ele devia aparecer na taverna naquela noite e tomar um drinque conosco. Ele prometeu que tentaria.

— Olha só quem está todo amiguinho... — disse Miranda quando voltamos para a Micmac.

— Ele é *seu* amiguinho. Só estava tentando ser simpático para que ele não ache que precisa se afastar, agora que estou na cidade.

— O que você quer dizer?

— Pensei que você dois fossem amigos. Ele nunca encontrou você no hotel para um drinque?

— Meu Deus, não. Ele mora nesta cidade. Não vai pagar cinco mangos por uma Bud Light.

— Aonde as pessoas vão quando querem beber nesta cidade?

— Há um lugar chamado Cooley's, em Kennewick Beach, para onde ainda *não* fui convidada a ir. Devíamos ir alguma hora essa semana. Não podemos comer todas as noites no hotel.

— Eu topo — concordei. A calçada ficou estreita, e Miranda passou o braço pelo meu e me puxou para perto de si. Apesar do brilho do sol, estava frio na sombra da passarela.

— Então, você acha que Brad não vai aparecer hoje à noite? — perguntei.

— Não tenho ideia. Talvez ele se sinta obrigado, já que foi você, que preenche os cheques, quem pediu. Mas não ficaria surpresa se não aparecesse.

— Vocês nunca tomaram uma bebida juntos? Apenas imaginei que tivessem tomado, já que dividiram uns cigarros e tal.

— Deus do céu, isso realmente te incomodou, não? Não, Brad e eu não somos amigos íntimos, mas somos cordiais. Ele é um empregado, está fazendo um ótimo trabalho e o respeito, mas não precisamos necessariamente virar amigos de mesa de bar. Além disso, pelo que ouvi falar, ele já tem um bocado de parcerias de bar nesta cidade.

— Como assim? O que você escutou?

— Ouvi de outros sujeitos da equipe que ele bebe muito e pula bastante a cerca. Foi por isso que a esposa o largou. Não que isso seja da nossa conta, contanto que termine o serviço. Por que você está interessado nele agora?

— Vou ficar aqui uma semana. Pensei em conhecer mais gente, algumas pessoas com quem você anda passando um tempo.

— Fiz uma amiga aqui, a Sid. Foi ela que me falou do Cooley's e sobre a reputação de Brad. Vamos voltar para o quarto, tirar uma

soneca e, então, tomar um drinque. Parece bom?

Brad não apareceu naquela noite na taverna. Miranda e eu sentamos na curva do fim do bar, bebemos o vinho e conversamos com Sid, embora ela estivesse ocupada com a clientela de sábado à noite. Sid tinha cabelos loiros espetados e tatuagens intrincadas que cobriam um dos seus braços por completo. Quando falava com a gente, não tirava os olhos de Miranda, algo que eu reconhecia e algo de que, em outros momentos da minha vida, eu costumava gostar. Talvez Miranda e Sid estivessem dormindo juntas também. Talvez Miranda estivesse fazendo sexo com qualquer fulano, sicrano e beltrana em Kennewick.

Durante a noite, todas as vezes que alguém passava pelas portas pesadas da taverna, eu olhava para ver se era Brad. Miranda não olhou em momento algum. Ela sabia que ele não viria ou apenas não se importava. Como eu duvidava que ela não se importasse, admiti que, de alguma forma, ela sabia de algo que eu desconhecia, que eles acharam uma maneira de se comunicar, ou que ela já sabia que ele tinha outros planos.

Não vi Brad novamente até a tarde de segunda-feira, quando uma névoa fria se aproximava, vinda do oceano, e decidi explorar a trilha do penhasco. Miranda estava dormindo. Naquela manhã, dirigimos pelo litoral até um farol que, aparentemente, valia a pena ser visitado. Ficava no fim de uma península onde a névoa era especialmente espessa. Tiramos fotos em que o farol mal aparecia, dirigimos um pouco mais à frente pela costa e almoçamos em uma barraca de frutos do mar que estava fechando naquela semana até a próxima temporada. De volta ao hotel, Miranda sugeriu uma soneca, como sempre fazia, e eu a acompanhei. De uma maneira estranha, o sexo estava melhor que nunca desde que descobri a infidelidade de Miranda. A raiva que tinha dela havia me deixado egoísta, menos interessado nos desejos dela e interessado apenas nos meus, e ela

estava respondendo a isso como nunca fizera antes. Naquela tarde, virei Miranda de bruços e a penetrei por trás, segurando-a naquela posição até mesmo depois que me pediu para fazer olhando para ela. Espalhei meu corpo sobre o dela, pressionando minha face no cabelo despenteado atrás do pescoço dela, segurando seus pulsos. Fiquei surpreso quando ela gozou um pouco antes de mim, soltando um ganido estranho. Depois disso, ela murmurou:

— Você foi um animal hoje. Gostei disso.

Ela se dobrou em posição fetal e adormeceu. Conteí os nós em sua espinha, estudei as covinhas acima das nádegas, me perguntei sobre um hematoma grande em sua coxa. Quando ela começou a roncar levemente, meus pensamentos ficaram paranoicos de novo. Ela ficava relaxada assim depois de fazer sexo com Brad? Ela considerava isso uma dádiva, uma vida inteira de homens atendendo a todos os seus pedidos? Toda a tensão que o sexo havia temporariamente extinguido voltou a me inundar. Me perguntei como seria socar a parte de trás do pescoço dela o mais forte que pudesse.

Eu me vesti e saí de fininho do quarto, sem deixar nenhum bilhete. Senti-me melhor assim que caminhei pela trilha do penhasco, cercado pela névoa fria, encarando o oceano opaco. Andei rapidamente, concentrado no caminho escorregadio, tentando não pensar na última vez em que havia feito essa trilha para casa. Quando cheguei ao fim da trilha, olhei o relógio e notei que havia levado pouco mais de trinta minutos para alcançar minha casa saindo do hotel. Fiquei em pé na falésia, observando os fundos da casa. Não estava com medo de ser flagrado dessa vez. Eu era um nobre fiscalizando minha mansão. Caminhei pelo trecho úmido de terra, então dei uma volta pelos pinheiros rumo à frente da casa. Quando me aproximava da entrada, vi uma caminhonete sair e coloquei na cabeça que acabara de perder Brad. Mas, quando

completei a volta, vi sua caminhonete com ele ao lado, um cigarro pendendo dos lábios. Ele estava digitando números no celular, mas parou quando me viu. Sorriu, e o cigarro bambaleou na boca. Sorri de volta e andei em sua direção com a mão estendida.

Era hora de conhecer Brad Daggett.

## Capítulo 8

### Lily

NÃO TINHA PLANEJADO ME APAIXONAR, mas quem planeja isso? Eric Washburn era aluno e presidente de uma fraternidade "literária" na Mather chamada St. Dunstan's, embora eu não soubesse de nada disso quando o conheci. Nós nos encontramos na biblioteca. Era hora do encerramento de uma noite frígida de sexta-feira e fomos os últimos a sair, passando pelas portas de vidro juntos rumo a uma ventania que encheu nossos olhos de lágrimas. Eric me ofereceu um cigarro, o qual não aceitei, então o acendeu e me perguntou em que direção eu estava indo. Ele me acompanhou ao Barnard Hall, um gesto que, naquela época, pareceu motivado inteiramente pelo galanteio, e não por motivações mais sinistras. Na minha entrada, me convidou para uma festa na quinta-feira à noite, na St. Dunstan's. Eu disse que iria. Ele não era especialmente bonito; tinha uma face alongada e uma testa alta, um nariz ossudo e orelhas de abano, mas era alto e esguio, e sua voz era profunda e quase melódica. Naquela noite, ele estava usando um casaco cinza longo e um cachecol cor de vinho enrolado várias vezes no pescoço. Eu tinha ouvido falar de St. Dunstan's, sabia que era uma sociedade elitista em uma universidade que já possuía sua parcela de estudantes esnobes. E eu conhecia bem a sua localização, uma mansão de pedra e ardósia, parte da revitalização do gótico que adornava o lado norte do campus, onde a Mather invadia o deserto urbano das ruas de New Chester. Era um prédio magnífico, suas construções douradas com esculturas e gárgulas, o portão frontal alto e em forma de arco e seus vitrais. Foi o tipo de arquitetura que me levou à universidade. Analisei vários lugares, mas a Mather, uma

universidade particular de duzentos anos com pouco menos de mil estudantes, foi o único lugar onde me senti bem. Com seus dormitórios de tijolos aparentes, suas arcadas, suas trilhas cercadas por ulmeiros, Mather era como um campus mergulhado em algum lugar do passado, o campus de um livro de mistério dos anos 1930, no qual garotos cantavam em quartetos e garotas de saia andavam entusiasticamente de aula em aula. Eu escolhi a Mather, para profundo desgosto da minha mãe — que fazia lobby para Oberlin, onde ela própria estudou, desde que eu tinha cinco anos — e a calculada indiferença do meu pai.

— Lily — disse Eric, depois de me convidar para Dunstan's. — Qual o nome da sua família?

— Kintner.

— Ah, certo. Você é uma Kintner. Ouvi falar que havia uma Kintner aqui. — A maneira com que ele falou me soou um pouco ensaiada, como se ele já soubesse quem eu era.

— Você conhece meu pai?

— Claro que sim. Ele escreveu *A esquerda acima da direita*.

Fiquei surpresa. A maioria dos fãs do meu pai mencionava *A menor insensatez*, sua farsa do colégio interno, e eu nunca havia escutado alguém mencionar sua comédia sobre a vida de um alfaiate londrino.

— Que horas? — perguntei. Eu estava abrindo as portas de Barnard e me sentia ansiosa para entrar.

— Umas dez. Espera, um minuto. — Eric meteu a mão no casaco e tirou um cartão quadrado que me entregou. Era branco, com a imagem de uma caveira impressa nele. — Mostre isso na entrada.

Dei boa-noite e entrei no meu dormitório. Jessica, minha colega de quarto, ainda estava acordada, e contei a ela sobre o convite. Ela investia bastante na vida social da Mather, então eu estava curiosa

para ouvir o que saberia sobre Eric Washburn e a festa de quinta-feira à noite.

— Você tem um cartão com a caveira — constatou ela ao puxá-lo dos meus dedos. — Você tem um cartão com a caveira dado pela porra de Eric Washburn! — disse mais alto.

— O que você sabe sobre ele?

— Ele é, tipo, realeza. Acho que o tatataravô dele basicamente construiu a Mather. Você nunca ouviu falar dele?

— Ouvi falar de St. Dunstan's.

— Bem, claro que você ouviu falar de St. Dun's. O convite dá direito a outro convidado?

— Acho que não. Ele não disse que dava.

Fui para a festa. Sozinha. Quando cheguei Eric estava lá, atrás do bar, e me fez uma vodca com tônica sem ao menos me perguntar o que eu queria. Então me pegou pelo braço e me apresentou a vários membros da St. Dunstan's antes de voltar aos seus deveres como barman. Falou que era um trabalho de revezamento nas quintas e que havia sido escolhido no sorteio. Fiquei um pouco decepcionada com o interior da mansão, esperava algo mais próximo do exterior gótico. Não sei o quê, exatamente. Tapetes persas e poltronas de couro? Em vez disso, era uma versão ligeiramente mais bacana das outras fraternidades que visitara no meu primeiro ano de caloura. Aposentos de teto baixo, móveis desgastados e o odor onipresente de Marlboro Light e cerveja barata. Vaguei por seus quartos no primeiro andar, conversando com alguns integrantes, a maioria perguntando sobre meu pai. Depois de beber minha terceira vodca, fui para o bar me despedir de Eric e agradecer pelo convite.

— Venha na semana que vem — disse ele, retirando outro convite de caveira do bolso para me entregar. — Não estarei trabalhando no bar.

Quando cheguei ao quarto, Jessica me pressionou para ouvir todos os detalhes. Falei a verdade, que não havia nada especialmente interessante sobre St. Dunstan's e que todo mundo pareceu legal, apesar de nada loucamente fascinante. Conteí que não havia passagens secretas ou rituais de iniciação. Expliquei que não havia uma sala cercada por caveiras de meninas novatas.

— Que nojo, Lily. Você não conheceu Matthew Ford, não é?

— Encontrei um Matthew. Era um baixinho com costeletas enormes.

— Meu Deus, ele é um gostoso...

Para o bem ou para o mal, St. Dunstan's virou minha principal fonte de vida social naquele inverno e na primavera. Fui a todas as festas das quintas e participava de um ou outro jantar como acompanhante de um membro. Não tinha certeza de por que era tão convidada. Eric parecia ter uma namorada, uma aluna chamada Faith que terminava a maioria das festas ao lado dele. Certa noite, entrei na sala de sinuca da mansão e os vi se beijando. Eles estavam encostados em uma estante de livros. Faith estava na ponta dos pés, e mesmo assim Eric precisava se curvar para beijá-la. Uma das mãos dele estava entrelaçada nos cabelos dela e a outra pressionada contra as costas finas de Faith. Eric estava virado na minha direção, e fizemos contato visual quando saí do aposento.

Os outros integrantes da sociedade (St. Dunstan's não era tecnicamente uma fraternidade, e eles não se chamavam de irmãos) ocasionalmente davam em cima de mim, mas nunca da maneira invasiva e penosa que experimentei nas poucas vezes em que fui com Jessica nas fraternidades durante meu semestre do outono. Não, as cantadas nas noites de quinta-feira eram elogios arrastados sobre minha aparência, seguidos de ofertas desajeitadas de mais bebidas, ou certas drogas recreativas, em seus quartos. Sempre recusei, não porque os garotos fizessem ofertas especialmente

repulsivas, mas porque, apesar da presença de Faith, a morena misteriosa, eu estava apaixonada por Eric Washburn e sempre estive, desde aquela primeira festa na mansão, quando ele saiu de trás do bar para me guiar pelos aposentos, me apresentando aos seus amigos. Foi a maneira como ele segurou meu braço, um pouco acima do cotovelo, como se estivesse me exibindo para os outros e eu lhe pertencesse, mesmo de leve. Eric era a razão por que mantive minhas idas à St. Dunstan's, embora gostasse dos outros membros, mesmo quando estavam bêbados e me cantavam. Os garotos que encontrei ali podiam facilmente ser rotulados de esnobes, meninos que nasceram em berço de ouro e achavam que o mundo era uma mina (como minha mãe costumava falar), mas eles geralmente eram educados e tinham conversas que não se resumiam a falar quão bêbados ficaram na noite anterior ou como planejavam o porre da noite. Eram garotos que fingiam ser homens, então tentavam com maior afinco me impressionar com pensamentos sobre política e ideias sobre literatura. Mesmo que fosse tudo uma estratégia, eu curti o esforço.

Talvez por ter sido convidada pela primeira vez por Eric, sempre o procurava para me despedir quando saía das festas de quinta-feira. Ele colocava um cartão de caveira na palma da minha mão e pedia que eu voltasse na semana seguinte. Se ele não estivesse visível no fim de uma festa, me encontraria no meio da semana para me passar um convite e, certa vez, deixou um cartão na caixa de correios do centro estudantil. Eu considerava esses convites uma prova de um pequeno romance. Um romance minúsculo, mas também o meu primeiro. E isso bastava para mim.

Minha última prova como caloura foi em uma terça-feira à tarde, e eu havia comprado uma passagem de ônibus para a manhã seguinte para me levar de New Chester para Shepaug, onde minha mãe me pegaria para irmos de carro para a Monk. Depois da prova,

tinha planejado arrumar meus poucos pertences enquanto saboreava a solidão de uma última noite no Barnard Hall. Jessica terminou seus testes mais cedo e partiu no dia anterior. Ao sair da minha prova de literatura americana, encontrei um cartão de caveira no chão laminado do meu quarto, com uma mensagem de Eric rabiscada no verso. "Dois barris cheios. Venha nos ajudar a esvaziá-los hoje à noite." Após terminar de arrumar minhas coisas, andei pelo campus enlameado na direção da mansão e não fiquei surpresa de encontrar apenas poucos integrantes com as respectivas namoradas circulando pelo bar. A maioria dos alunos já partira. Eric parecia loucamente satisfeito em me ver, e bebi mais que costumava, feliz por notar que Faith não estava à vista. Cheguei até a perguntar a Eric sobre ela.

— Ah, ela se foi, Kintner. Literal e figurativamente.

— O que você quer dizer? — Tive uma sensação horrível de que ela havia morrido e eu não estava sabendo.

— Ela se foi daqui. — Ele fez um gesto com a palma das mãos abertas ao redor do próprio corpo. — Ela se foi daqui. — Ele apontou para o próprio coração, e todos os seus amigos gargalharam. Saquei que Eric estava mais bêbado do que jamais tinha visto.

— Desculpe — disse eu.

— Não se desculpe. Ela não era para mim. Me livrei de uma mala, e boa sorte para ela. — Ele fez outro gesto teatral. De repente, notei que Eric tinha me convidado à St. Dun's naquela noite para me seduzir, e eu ia permitir. Era o que eu estava esperando. Não tinha ilusões de que seria algo além de uma transa de uma noite só, mas eu era virgem e tinha decidido que havia chegado a hora certa. Eu não era tão idiota de acreditar que perderia minha virgindade com alguém que me amasse, mas era importante perder minha virgindade com alguém que eu amasse.

A mansão de St. Dunstan's tem três quartos isolados no segundo andar. Como Eric era o presidente, ele tinha o quarto maior, um aposento de teto alto com vista para a capela da universidade. Em vez de uma cama simples, ele tinha uma cama grande com armação em madeira escura. Eric parecia mais nervoso que eu quando nos deitamos, vestidos e nos beijando na cama. Ele pediu licença e foi ao banheiro, então tirei minha roupa e fiquei embaixo dos lençóis. Quando voltou, havia jogado água fria no rosto e sua boca tinha gosto de pasta de dentes. Ficou apenas de cueca e se jogou para debaixo dos lençóis comigo.

— Será que devo usar camisinha? — perguntou ele.

Eu disse que sim. Mas não contei que era virgem, porque não queria que ele hesitasse. Fizemos sexo duas vezes naquela noite, a primeira vez com Eric por cima de mim. Por causa da altura dele, me flagrei olhando fixamente para os poucos e esparsos pelos que cobriam o centro do seu peito como um triângulo. Ele se movia de forma esquisita, e eu não estava certa de que ele estivesse curtindo, mas, quando levantei meus joelhos na altura das suas costelas, ele falou meu nome em voz alta e sem fôlego, então tinha acabado. Mais tarde naquela noite, transamos de novo, comigo por cima. Foi bom ver o rosto dele embaixo de mim, iluminado de leve por um poste na rua que víamos pela janela do quarto. Aprendi a amar sua face, até mesmo todos os defeitos. As orelhas de abano, a testa grande, os lábios finos. Eric tinha deslumbrantes olhos castanho-escuros, com cílios espessos bonitos como os de uma garota. Enquanto ficava em cima dele, eu mudava o ritmo, indo mais devagar, depois acelerando de novo. Depois de fazer isso repetidas vezes, Eric de repente me puxou a seu encontro, pôs a boca em um dos meus mamilos e estremeceu. Mais tarde, ele perguntou se eu tivera um orgasmo. Respondi que não, mas que tinha me sentido bem, o que era verdade. Saí antes de amanhecer. Ele estava agitado

enquanto eu me vestia, mas consegui sair do quarto antes que acordasse. Não queria ouvir falsas promessas. Ao longo do verão, queria ter apenas boas lembranças de Eric.

Aquele verão foi o primeiro depois que meus pais terminaram o processo do divórcio. Minha mãe estava insana, obcecada com os boatos de que David já estaria noivo e freneticamente organizando uma exposição em uma galeria de Nova York. Falei com meu pai duas vezes por telefone; ele me chamou para visitá-lo em Londres, mas recusei, feliz por ficar um verão inteiro lendo em Connecticut. A Casa Monk estava abençoada pela ausência de hóspedes. Minha tia do bem ficou por lá em agosto, mas minha mãe havia decidido passar um verão sem nenhum pedinte, como ela falava. Não ouvi falar de Eric, mas, mesmo que ele me procurasse, não teria como me contatar. Pelo que sei, ele não sabia onde eu morava nem o número de telefone da minha mãe.

Como aluna do segundo ano na Mather, requisitei um quarto só para mim, apesar dos protestos de Jessica de que éramos companheiras perfeitas. Em agosto, recebi uma carta do escritório de hospedagem informando que eu havia recebido um alojamento junto com mais três estudantes que não conhecia. Ou eu estava presa a três garotas antissociais que também pediram por quartos únicos para o segundo ano de faculdade, ou elas eram três amigas que pediram para ficar juntas. A boa notícia era que o quarto ficava no Robinson Hall, o dormitório mais antigo da faculdade, uma torre de tijolos que funcionava como recepção para os demais alojamentos. Todos os dormitórios quádruplos tinham mesas com vista para a janela e alguns até possuíam lareiras.

Cheguei atrasada na noite da mudança. Minhas três novas colegas eram claramente um trio de amigas muito unidas e haviam decorado a sala comunal com pôsteres dos Smiths e de filmes de David Lynch. Eu reconhecia as três do ano anterior, mas não era

íntima delas. Todas tinham cabelos negros como breu e compleições pálidas: versões góticas de estudantes de escola preparatória. Para mim, elas pareciam Winona Ryder em três filmes diferentes. A mais radical tinha cabelo espetado e usava apenas preto, como Winona em *Os fantasmas se divertem*. As outras duas eram mais patricinhas: a Winona de *Caindo na real* (cabelo curto, sem franja) e a Winona de *Minha mãe é uma sereia* (suéteres, pérolas e franja; talvez esse visual fosse uma ironia, talvez não).

Não sei como as três Winonas me enxergaram naquela noite de setembro, quando cheguei com calça capri e uma camisa de linho com colarinho, mas, apesar dos batons negros e orelhas com dois piercings, elas foram amigáveis, se oferecendo para abaixar o som do Joy Division enquanto eu arrumava minhas coisas. Aceitei uma taça de vinho da Winona *Minha mãe é uma sereia* quando alguém bateu na porta. Era Eric Washburn. Fiquei tão surpresa por alguns segundos que pensei que ele estivesse ali por causa de alguma das outras meninas. Mas ele estava ali por minha causa. Vestia bermuda cargo, uma camisa social e fedia a uísque e cigarro. Voltei com ele para a mansão, e fomos direto ao seu quarto. Ele me disse que tinha pensado em mim o verão inteiro, tentado desesperadamente descobrir onde eu morava. Ele me disse até que tinha certeza de que me amava. E, como uma idiota, eu acreditei.

## Capítulo 9

### Ted

BRAD E EU COMEÇAMOS BEBENDO CERVEJA, então, em algum momento, mudamos para Jameson e gengibre. Estávamos sentados nos sofás altos no Cooley's, um dos poucos bares que nunca fecham na área de Kennewick Beach. Os cardápios se gabavam de que o local foi aberto em 1957. Ninguém duvidava da veracidade dessa afirmação. O fundo do bar era repleto de tranqueiras encardidas, todas entregues por milhares de representantes de bebidas ao longo dos anos. Letreiros de parede da Schlitz. Um espelho da Genny Light. Um luminoso em forma de cachorro da Spuds Mackenzie. Fiquei feliz com a mudança para Jameson e gengibre — ficou mais fácil pegar uma Ginger Ale na minha vez de comprar as bebidas.

Depois de encontrar Brad prestes a deixar a minha casa, precisei sugerir que tomássemos uma cerveja. Ele aceitou alegremente, me ofereceu uma carona e me levou ao Cooley's, a alguns quilômetros de distância. Chegamos um pouco depois das cinco e fomos os primeiros clientes. A atendente, uma garota com idade para estar na universidade, com jeans escuro e camiseta roxa, falou "Olá, Braggett" quando entramos.

— Do que ela te chamou? — perguntei quando sentamos em um dos sofás do meio do salão.

— Braggett. É meu apelido nesta área. Brad mais Daggett. Coisa do colégio. A primeira rodada é minha, chefe. — Ele deslizou para fora do sofá em direção ao bar. Eu não sabia exatamente o que estava esperando encontrar ao beber com Brad, mas Lily me pedira para reunir o máximo de informações, então era o que estava

fazendo. Quanto mais conseguisse saber sobre ele, melhor eu estaria.

Durante a primeira hora da noite, Brad e eu conversamos sobre o progresso na casa. Ele me aparentou exatamente como sempre — oitenta por cento profissional sério e vinte por cento picareta, como um vendedor de carros que honestamente afasta o cliente do estofamento de couro, mas ainda consegue vender o sistema de navegação mais caro. Bebemos Heineken, e, enquanto conversávamos, eu o observava de perto. Era um beerrão de marca maior, acabava uma garrafa de cerveja com três longos goles. E, apesar de ainda ser bonito, um certo desgaste era aparente. Havia manchas escuras de sol no rosto bronzeado, e o começo de uma coloração escarlate em ambas as bochechas. Mesmo com um corpo cheio de músculos, havia uma papada abaixo do queixo que era parcialmente escondida pelo cavanhaque grisalho. Seu maior atrativo eram os olhos castanho-escuros e a cabeça repleta de cabelos pretos que estavam ficando grisalhos nas têmporas.

Depois de conversar sobre a casa durante várias cervejas, falei:

— Espero que Miranda não esteja te enlouquecendo. Ela é bem específica sobre o que deseja para a casa.

— Isso é bom. Os piores clientes são aqueles que mudam de ideia o tempo todo. Não, a sra. Severson tem sido ótima. — Brad tirou um Marlboro vermelho do maço que estava em cima da mesa desde que chegamos. Bateu de leve o filtro contra a madeira envernizada e me perguntou se me importava que fosse lá fora fumar.

Enquanto ele estava longe, olhei meu celular, que estava vibrando no meu bolso pelos últimos vinte minutos. Miranda me mandou uma sequência de mensagens, culminando em: SÉRIO, ONDE DIABOS VOCÊ ESTÁ? Mandei uma mensagem de volta, explicando que estava tomando umas cervejas com Brad e que voltaria logo para o

hotel. Falei que ela poderia jantar sem mim se quisesse. Ela me respondeu com um o.k. e, alguns segundos depois, BJ.

Virei-me no sofá e olhei para fora do Cooley's pela janela da frente, na direção de onde Brad estava parado, expelindo fumaça na recém-enegrecida noite. Pelo ângulo da sua cabeça, parecia também estar olhando para o celular, possivelmente digitando algo. Talvez ele também estivesse mandando mensagens para minha mulher. Uma onda de raiva me subiu pelo corpo, mas me lembrei de que estava ali em uma missão de pesquisa de fatos. A guerra havia começado com o menor dos conflitos, e, quanto mais Brad bebia, mais chances eu tinha de descobrir seus pontos fracos. Fui ao banheiro com minha cerveja quase toda intacta e derramei parte dela na pia, na tentativa de me manter relativamente sóbrio.

Quando Brad voltou, o assunto sobre Miranda não reapareceu na conversa. Ele começou a me perguntar sobre meu trabalho, minha vida no geral e, quando descobriu que eu tinha ido à Harvard, passou a me inundar com questões sobre hóquei e em quantos torneios Beanpot eu tinha ido. Apesar de não ligar a mínima, fui em uns dois jogos de hóquei com meu colega de quarto, um aluno de Letras fanático por esportes que terminou virando um bem-sucedido editor de revistas. Saímos do hóquei para a temporada passada de beisebol do Red Sox, um assunto que eu conhecia um pouco melhor. Eu lhe disse que dividia um camarote e prometi levá-lo a um jogo no ano seguinte. Depois de mudar para os Jameson e sentir ter esgotado todo o meu repertório de papo sobre esportes, perguntei sobre o divórcio dele.

— Tenho dois filhos incríveis. — Ele tirou outro cigarro do maço e o bateu na mesa. — E uma megera do caralho como ex-esposa.

— Ela ficou com as crianças?

— Exceto em dois fins de semana por mês. Olha, vou falar isso sobre minha ex-mulher, e é a única coisa que vou dizer: ela é uma

boa mãe, e os meninos estão melhor com ela. Mas se o casamento não tivesse acabado naquele momento, eu a teria matado, ou ela teria me matado, e é isso. Era um saco. *Brad*, onde diabos você está? Venha cedo para casa e conserte a privada, *Brad*. *Brad*, quando você vai nos levar para a Flórida de novo? *Brad*, você não se incomoda em trabalhar em todas essas casas lindas enquanto sua mulher e seus filhos vivem num chiqueiro? Era o tempo todo isso. Ainda bem que eu não tinha uma arma. — Ele riu de leve. Seus dentes eram ligeiramente amarelados por causa da nicotina. — Você sabe o que estou falando, parceiro — continuou. — Ou talvez não. Qual é o lado ruim de Miranda?

— Nada ruim. É como se fôssemos recém-casados. Tudo um paraíso.

— Ah, merda! — disse ele em voz alta. — Aposto que sim. — Ele começou a embolar as palavras. *Aposhto que shim*. Então me mostrou o punho por cima da mesa e eu o toquei de forma esquisita, rindo de volta. Como ele ficara bêbado tão repentinamente? Apesar de estarmos bebendo havia duas horas, Brad parecia sóbrio cinco minutos atrás.

— Não, Miranda é ótima — insisti.

— Não diga. Quero dizer, não me leve a mal, você não é um cara feio e tal, mas como você arrumou uma mulher como ela?

— Apenas sorte, acho.

— É, sorte e alguns milhões de dólares. — Assim que falou isso, seu rosto caiu em arrependimento. Não tive a chance de responder, porque ele instantaneamente colocou a palma da mão na minha frente e disse: — Ah, cara. Isso foi desnecessário. Não queria dizer isso quando pensei.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Totalmente desnecessário. Sou um cuzão e bebi além da conta. Desculpa, cara. Ela tem sorte em ter

você. Tenho certeza de que não tem nada a ver com dinheiro.

Eu sorri.

— Não, tenho certeza *de que tem a ver* com dinheiro. Mas posso conviver com isso.

— Não, cara. Não conheço Miranda bem, mas ela não parece se importar com isso. Posso sentir. — Brad parecia preparado para um longo monólogo de desculpas, então fiquei agradecido quando uma loira escultural sentou-se no sofá ao seu lado e o afastou com o quadril.

— Ei, Braggett — disse ela, então estendeu a mão em minha direção. Segurei seus dedos desmunhecados no que era tecnicamente um cumprimento, e ela falou: — Oi, amigo do Braggett. Meu nome é Polly. Tenho certeza que você não ouviu falar nada sobre mim.

— Pol, esse é Ted Severson. — Ele me apresentou. — É ele que está construindo a nova casa lá na Micmac.

— Puta merda! — Polly sorriu para mim. Mesmo com a maquiagem circense, dava para notar que ela era bonita e que, provavelmente, já fora linda. Cabelos loiros naturais, olhos azuis e peitos fartos que estavam à mostra em sua camiseta com decote em V e um suéter. A parte dos peitos que estava visível era bastante bronzeada e sardenta. — Brad me falou tudo sobre aquela casa. Vai ser linda, pelo que ouvi.

— Esse é o plano — confirmei.

— Bem, meninos, eu estava planejando me intrometer nesta sessão do Clube do Bolinha, mas, agora que vi que estão falando sobre negócios, perdi o interesse.

— Tome um drinque com a gente — sugeri.

— Obrigada, mas vou deixar os dois conversarem.

Ela deslizou para fora, deixando para trás uma trilha de perfume.

— Namorada? — perguntei a Brad.

— Na oitava série, talvez. — Brad riu, mostrando um bocado dos dentes. — Mas, agora que ela está aqui, não me importo de ir embora. Moro aqui do lado. Vamos tomar a saideira e te levo para casa depois.

— Certo — falei, embora a última coisa que eu quisesse era outro drinque, e a penúltima era entrar em um carro com um Brad bêbado atrás do volante. Mas essa era a chance de ver onde ele morava, e eu não podia desperdiçar isso.

A noite ficou fria, porém a névoa havia se dissipado e uma multidão de estrelas acendeu o céu. Embora os chalés de Brad ficassem a uns trezentos metros do bar, ele me levou na caminhonete, estacionando erráticamente em frente a uma dúzia de cabaninhas quadradas que formavam um semicírculo do outro lado da estrada litorânea. Uma placa pintada à mão dizia CHALÉS CRESCENT, seguido de um número de telefone.

— Miranda me falou que você é dono desses aqui — falei, enquanto ele destravava o chalé escuro. O lugar era iluminado apenas por um poste na rua e pela noite brilhante.

— Meus pais são os donos. Eu apenas gerencio. Estamos fora da temporada agora, mas ficam lotados durante o verão.

Ele acendeu a lâmpada de uma luminária alta quando entramos pela porta da frente. Dentro era melhor do que eu imaginava, mas também mais sem vida, apenas poucas peças de móveis utilitários e paredes brancas, quase todas vazias. A única coisa que demonstrava que aquilo era a casa de Brad e não um aposento alugado era a enorme TV sobre um rack que parecia fora de lugar em uma sala relativamente pequena. Eu pensava que o local iria estar fedendo a cigarros, mas não foi o caso.

Brad foi direto para a geladeira na cozinha, e eu fechei a porta. Ouvi duas garrafas sendo abertas, e ele voltou e me entregou uma

Heineken. Sentamos no sofá bege. Brad se estirou um pouco com as pernas abertas. A garrafa de cerveja parecia pequena em suas mãos bronzeadas e grandes.

— Há quanto tempo mora aqui? — perguntei, só para quebrar o silêncio.

— Há um ano. É um lance temporário.

— Sim. Pude notar. Quero dizer, você não ia querer viver aqui por muito tempo.

Assim que disse isso, me senti um pouco mal e notei um espasmo de ódio tomar conta do rosto de Brad, mas ele logo o disfarçou com uma expressão preocupada.

— Como falei, apenas temporário. Até o velho navio chegar.

Não retruquei, e caímos no silêncio. Olhei ao redor, notando que a pilha de revistas de pesca estava alinhada com o canto da mesa de centro. No topo havia um controle remoto, também precisamente alinhado. Sobre a cômoda mais próxima de mim, via-se um porta-retrato com a foto de um menino e de uma menina dentro de um barco. Os dois, que pareciam ter doze e dez anos, vestiam coletes salva-vidas laranja.

Peguei o porta-retrato.

— São seus filhos?

— Jason e Bella. Essa foi tirada no meu velho barco. Vendi no início do verão e comprei minha lancha Albemarle. Você pesca?

Respondi que não, mas ele continuou a falar do barco. Eu mal estava escutando, mas não importava. Estava aprendendo algumas coisas sobre Brad Daggett. Deixando de lado o fato de que ele estava dormindo com minha mulher, descobri que eu não gostava nem um pouco de Brad Daggett. Era um bêbado egoísta que provavelmente iria piorar com a velhice. Ele não se importava com os filhos muito além de ter um retrato deles na casa, e não estava claro se ligava para alguém exceto a si mesmo. Era um ninguém

neste mundo. Pensei em Lily e no fim repentino de Brad, e eu não me importava. Na verdade, queria que acontecesse. Não apenas porque estaria punindo Brad pelo que estava fazendo com minha mulher, mas também porque seu desaparecimento tornaria o mundo melhor. Brad ajudava a melhorar a vida de quem? Não a dos filhos ou da ex-mulher. Não a de Polly, que talvez pensasse ser sua namorada. Ele era um cuzão, e um cuzão a menos era bom para todo mundo.

Interrompi o monólogo de Brad sobre o barco e disse que estava indo ao banheiro. Era limpo como o resto do chalé. Joguei a cerveja pelo ralo da pia e dei uma olhada no armário. Não havia muita coisa. Barbeadores, desodorantes e produtos para o cabelo. Um frasco de ibuprofeno genérico. Uma caixa de tinta para cabelo ainda fechada. Um frasco de antibiótico com rótulo que expirara havia mais de cinco anos. Abri e olhei dentro; o frasco estava cheio de pílulas azuis em forma de diamante, que reconheci como Viagra. Então, Brad, o Garanhão, não era tão garanhão assim. Ri alto. Quando retornei à sala, Brad não havia mudado de posição no sofá, mas seus olhos estavam fechados, e seu peito subia e descia ritmadamente. Observei por um tempo, tentando sentir algo além de nojo — tentando sentir um pouco de pena, talvez, para me testar. Mas não senti nada.

Antes de sair sem fazer barulho, dei uma olhada nas gavetas da cozinha. Uma delas estava cheia de ferramentas, fita métrica, um carretel, um rolo de fita adesiva. No fundo, um revólver Smith & Wesson de dupla ação. Fiquei surpreso, mas só porque ele havia feito uma piada sobre como teria matado sua mulher caso possuísse uma arma. Por um rápido momento considerei roubá-la, mas pensei que ele certamente saberia quem teria pegado. Deixei-a onde a encontrei, mas peguei uma chave recém-cunhada de uma caixa

repleta de chaves parecidas. Ele nunca notaria, e possivelmente ela abria a porta do seu chalé ou talvez de todos os outros.

Dei uma última olhada antes de sair. Brad não se moveu um centímetro. Saí para o ar frio e salobro, então discretamente testei a chave na porta de Brad. Entrou e girou. Deixei a porta destrancada e guardei a chave no bolso. Tirei meu celular e estava prestes a ligar para Miranda me pegar quando decidi que poderia andar. O frio contra minha pele me fazia bem. Respirei fundo pelas narinas, o sal no ar me fazendo sentir vivo como havia muito tempo não me sentia. Comecei a caminhar. Eram apenas alguns poucos quilômetros, mas senti como se tivesse toda a energia do mundo.

## Capítulo 10

### Lily

NO MEU SEGUNDO ANO, passei quase todas as noites de quintas, sextas e sábados na mansão de St. Dunstan's, no quarto de Eric, que estava no último ano. Na ocasião, considerava aquela a época mais feliz da minha vida. Olhando hoje em dia, não apenas por causa do que aconteceu mais tarde, percebo que também foi um período de incertezas e ansiedades. Eu estava apaixonada por Eric Washburn, e ele dizia que me amava. Acreditava nele, mas também sabia que éramos jovens e que Eric logo se formaria e tinha planos de se mudar para Nova York para conseguir um emprego na área financeira. E meus planos consistiam em passar o ano seguinte da universidade em Londres, no Instituto de Artes Faunce, estudando conservação. Embora conversássemos sobre nosso futuro, disse a mim mesma que sabia que tudo iria mudar assim que ele se formasse.

Levei duas vidas separadas mas compatíveis naquele ano. Entre domingo e quinta-feira, eu me dedicava à minha leitura e aos estudos. Minhas colegas de quarto, as Três Winonas, colocavam música alta e não paravam de fumar, mas eram surpreendentemente quietas e relativamente boas pessoas. Descobri que tinha muito em comum com a Winona *Minha mãe é uma sereia*, uma rata de biblioteca como eu, que cresceu idolatrando Nancy Drew. Na noite de quinta-feira, eu ia para a mansão St. Dunstan's para a festa semanal. Levava minha maior bolsa, na qual colocava uma muda de roupa e uns produtos de higiene, já que sempre passava a noite e, algumas vezes, o fim de semana. Entre a manhã de sexta e a noite de domingo, Eric e eu raramente nos separávamos, com exceção

das aulas e das partidas de raquetebol, frisbee ou qualquer um dos inúmeros esportes que eram importantes para Eric vencer. Assistíamos a filmes no cinema do campus, nos aventurávamos por New Chester para experimentar comida italiana e, de vez em quando, íamos a festas fora de St. Dunstan's, que, no entanto, eram raras. Entramos em um relacionamento confortável, repleto de rotinas previsíveis, uma dose diária de piadinhas internas e o que parecia para mim um sexo bastante apropriado. Chamávamos um ao outro de Washburn e Kintner. Éramos abençoados pela ausência de dramas gerados por decepção ou infidelidade. Eu valorizava o que nos tornamos, mas não externava isso sem dizer a Eric ou qualquer outra pessoa quão forte era minha ligação com ele. Ele refletia meus sentimentos, e, de vez em quando, falávamos sobre nosso futuro juntos fora da Mather.

A ex-namorada de Eric, Faith, também era uma veterana e ainda uma presença constante nas festas das quintas. Ela agora namorava Matthew Ford e, como éramos as companheiras dos membros mais proeminentes de St. Dun's, Faith se ligou a mim naquele ano, até mesmo me perguntando ocasionalmente sobre meu relacionamento com Eric, embora eu nunca tenha mordido a isca. Eu não gostava particularmente de Faith, que era irrequieta e dissimulada e gostava de ser o centro das atenções, mas não me importava de passar um tempo com ela. Se Faith não estivesse por perto, minha curiosidade sobre a garota que passara dois anos com Eric poderia ter se transformado em obsessão. Mas ela *estava* por perto e terminei conhecendo-a, e por causa disso ela não me dava margem à imaginação.

Eu via o que atraía Eric. Faith tinha um rosto arredondado e sensual, com cabelo curto. Suas roupas saíam diretamente do Manual Oficial da Jovem Universitária, mas suas blusas sempre eram apertadas demais e suas saias muito curtas. Quando falava, ficava

bem perto e mantinha um contato visual hipnotizador, porém ria constantemente e contava piadas sobre si mesma. Se íamos juntas para algum canto, ela colocava seus braços entre os meus e, se estivesse atrás de mim, passava os dedos pelos meus cabelos. Nenhum dos meus pais era fisicamente carinhoso comigo, então eu achava o toque de Faith muitas vezes inquietante e, ocasionalmente, tranquilizador. Uma vez, quando ela ficou bêbada, me disse que gostaria de estudar as cores dos meus olhos. Ela se aproximou, seus olhos gigantes no meu campo de visão.

— Eles são como uma tapeçaria — disse Faith, com sua respiração quente contra minha bochecha. — Há manchas de cinza, amarelo, azul, marrom e rosa.

Eric raramente falava sobre Faith, mas, certa noite, ele me perguntou na cama se eu estava incomodada por Faith sempre estar por perto.

— Não muito. Ela decidiu que somos melhores amigas. Você notou isso?

— Ela é melhor amiga de todo mundo. Não, apague isso. Acho que ela gosta sinceramente de você e quer ser sua amiga. É só que...

— Não se preocupe. Sei o que você quer dizer. Não tenho a intenção de virar a melhor amiga dela. Não tenho certeza de que temos algo em comum. Além de você.

— Não, vocês não têm nada em comum. Posso assegurar isso. Ela não é má pessoa, e Matt e ela fazem um belo casal.

— Acho que sim.

E essa foi toda a conversa que tivemos sobre Faith.

Naquele verão, voltei para a Casa Monk. Minha mãe arrumara um novo namorado, Michael Bialik, um professor barbudo de linguística da universidade, que era surpreendentemente pé no chão. Tinha

casa própria a oitocentos metros da nossa, um celeiro remodelado onde vivia com o filho, um prodígio do piano chamado Sandy. Michael amava cozinhar, e por causa disso minha mãe passava a maior parte do tempo na casa dele, deixando Monk só para mim. Meu emprego na biblioteca ocupava apenas quatro horas do meu dia durante a semana, e eu passava o resto do tempo lendo ou zanzando pela propriedade. Estava apaixonada e em paz. Até retornei ao meu campinho preferido, a última morada de Chet. A tampa do poço ainda estava no lugar; parecia da mesma maneira que eu havia encontrado — anos atrás —, escondida pela grama amarelada do inverno. A fazenda ao lado continuava desabitada.

Meu plano era visitar Eric nos fins de semana em Nova York, mas, quando veio me visitar, ele se apaixonou pela casa. Ou pelo menos era o que dizia.

— Quero passar todos os fins de semana aqui, Kintner. Será a vida perfeita. Trabalho durante a semana na cidade e, então, posso pegar o trem na sexta-feira à noite e ficar com você aqui. Fins de semana no campo.

— Não vai ficar entediado?

— Sem chance. Amo isso aqui. E você? Estou pedindo para você passar o tempo todo aqui.

— Você está descrevendo todos os verões da minha vida. Não me importo. E terei você para aguardar nos fins de semana.

Então nosso verão transformou-se em uma réplica do nosso período na escola. Sozinhos durante a semana. Juntos no fim de semana. Não me importava, porque nunca liguei de ficar sozinha. E os dias em que ficava sozinha eram dias que me deixavam mais perto do fim de semana e de ver Eric saindo do trem, a bolsa cruzada nos ombros e um sorriso no rosto. E esses fins de semana eram mais intensos. Fora da Mather, nosso relacionamento parecia mais maduro, mais confortável. Sentíamos como se estivéssemos

casados. Então, não, eu não me importava em ver Eric apenas dois dias por semana.

E Eric também não ligava, por razões próprias.

Eu poderia nunca ter descoberto essas razões, e poderia ter ido a Londres no outono imaginando ainda que Eric era o amor da minha vida, se não fosse pelo meu pai ter visitado Nova York na última semana de agosto e me convidado para almoçar. Ele estava lançando um novo livro, uma antologia de contos, e veio a Nova York para encontrar seu agente e seu editor americanos e fazer uma leitura na livraria Strand. Ele não me convidou para a leitura, o que não foi uma surpresa. Perguntei a ele uma vez — no meu primeiro ano do colegial, acho — se poderia ir a uma leitura, e ele respondeu:

— Meu Deus, Lily, você é minha filha. Não iria te expor a isso. Já é ruim o suficiente que você acabe sentindo necessidade de ler meus livros, imagine ter de me ouvir lê-los em voz alta.

Então tirei uma folga da biblioteca e peguei o trem para Nova York. Meu pai e eu comemos no restaurante chique do seu hotel em Manhattan, e conversamos sobre meu vindouro ano em Londres. Ele prometeu me mandar um e-mail com uma lista de amigos e parentes que eu precisava visitar, ao lado de vários dos seus pontos preferidos em Londres, a maioria bares. Então me interrogou sobre minha mãe e o novo namorado dela. Meu pai ficou decepcionado ao saber que o professor de linguística era, no geral, um homem decente. Depois do almoço, pegamos caminhos diferentes na frente do hotel.

— Você se tornou alguém normal, Lily, apesar de mim e sua mãe — disse ele, não pela primeira vez. Trocamos um abraço de despedida. Era um dia estranhamente bonito para o fim de agosto na cidade, então decidi ir para o centro, na direção do escritório de Eric, um lugar que nunca havia visitado. O ar, sufocante durante todo o mês, estava repentinamente sem umidade, e eu me sentia

feliz só por andar pelas calçadas quietas no meio da tarde. Não tinha decidido se invadiria o trabalho de Eric para fazer uma surpresa ou não, mas estava considerando a opção, começando a imaginar a cara dele quando eu entrasse em seu escritório. Fui puxada desse devaneio quando ouvi alguém gritar meu nome. Virei-me e vi Katie Stone, uma estudante da Mather que eu conhecia das festas na St. Dunstan's, atravessando a rua e acenando para mim.

— Achei que fosse você — disse Katie, pisando no meio-fio como se tivesse saído de um táxi amarelo. — Não sabia que estava na cidade neste verão.

— Não estou. Estou na casa da minha mãe em Connecticut, mas meu pai está aqui, e vim almoçar com ele.

— Quer tomar um café? Saí mais cedo do trabalho. Meu Deus, Nova York é deprimente em agosto.

Fomos a um café na esquina mais próxima, e nós duas pedimos um latte gelado. Katie tagarelou sobre estudantes da Mather que conhecíamos e vários outros de quem nunca ouvi falar. Ela era colecionadora e fornecedora de fofocas, e fiquei surpresa por não ter me perguntado sobre Eric. Então resolvi perguntar:

— Você vê Eric com frequência?

À menção do nome dele, os olhos de Katie se abriram um pouco.

— Ah, eu não ia tocar nesse assunto. Não, não muito. Um pouco. Ele trabalha aqui perto, sabia?

— Sim, eu sei. Por que você não ia tocar nesse assunto?

— Eu só não sabia como você estava se sentindo, agora que não estão mais se vendo. Não sabia se você queria ouvir sobre ele.

Uma rajada de frio tomou conta da minha pele. Quase disse a Katie que estava, claro, vendo Eric, mas algo me impediu. Em vez disso, perguntei:

— Por quê? O que está acontecendo com ele?

— Nada que eu esteja sabendo. Vi ele um pouco, mas Eric nunca está por aqui nos fins de semana. O pai dele está doente. Você sabia disso?

— Não. O que há de errado com ele?

— Câncer, acho. Eric vai vê-lo todos os fins de semana. Acho que são próximos? — disse ela em forma de pergunta, e consegui balançar a cabeça afirmativamente, apesar do súbito desejo de sair correndo do café e para bem longe de Katie. Felizmente o celular dela começou a tocar, e, quando ela começou a revirar sua bolsa enorme, pedi licença e saí. Peguei emprestada a chave com a barista, então me tranquei no pequeno banheiro. Minha mente estava a mil, desesperadamente tentando entender a informação que havia acabado de receber. E, enquanto parte de mim questionava o que Katie havia me dito — que deveria ser um engano ridículo —, havia outra lógica que sabia que era verdade, que eu era uma idiota. Eric estava levando uma vida dupla, e ninguém sabia que ele estava me vendo nos fins de semana. Depois de devolver a chave, vi que Katie ainda estava no telefone, então aproveitei a oportunidade para bater de leve no ombro dela, apontar para o meu relógio e andar rapidamente para a porta. Katie abaixou o celular e se levantou, mas eu apenas disse “desculpa”, sem emitir nenhum som com a boca, e continuei a andar.

Uma vez fora do lugar, peguei uma rua residencial pequena. Uma das casas tinha uma escada de pedra na frente, banhada pela sombra de uma árvore. Agachei-me em um dos degraus, sem me importar caso o dono me visse e me mandasse sair. Não sei por quanto tempo fiquei naquela escada, mas foram provavelmente umas duas horas. Eu me senti péssima por boa parte desse tempo, mas logo comecei a me acalmar. Analisei a situação. Eric estava compartimentalizando sua vida comigo de tal modo que só nos víssimos nos fins de semana e nunca na cidade. Era a maneira

como ele agia; era assim que agia na universidade. Mas por que estava mentindo sobre onde passava os fins de semana? Só podia ser por uma razão — Eric estava envolvido com alguém em Nova York.

Um pouco antes das cinco horas, andei na direção do prédio onde Eric trabalhava. Sabia o endereço, mas não como era a fachada. Andei devagar, meus olhos estudando a multidão. Eu sabia que não aguentaria encontrar Eric, contudo não estava pronta para deixar a cidade ainda. Queria ver onde ele trabalhava, talvez até mesmo vê-lo sem deixar que se desse conta que eu estava ali.

O escritório de Eric ficava em um prédio de quatro andares bem comum do lado de um Gray's Papaya, uma rede de fast-food especializada em cachorro-quente. Sentei em um banco do outro lado da entrada e tirei um *New York Post* de uma lixeira próxima, desdobrando o jornal na minha frente mas mantendo os olhos na entrada do edifício. Logo em seguida, um grupo de cinco homens de terno e uma mulher com saia e blusa emergiram. Eric não estava entre eles, mas veio no grupo seguinte de três homens. Usava um terno cinza-claro, e quando os três homens chegaram à calçada todos acenderam simultaneamente um cigarro. Não estava surpresa em ver Eric fumando, embora ele tivesse me dito que havia largado no dia da formatura. Ele nunca fumou um cigarro durante suas visitas de fim de semana em Connecticut, mas isso era porque ele era duas pessoas. Seus colegas, seus cigarros acesos, começaram a andar rumo ao centro, mas Eric ficou parado por um momento, encarando o celular. Um táxi amarelo parou na sua frente, e pensei que Eric entraria nele, mas, em vez disso, uma ruiva com um vestido curto retrô desceu do carro e o beijou na boca quando ele jogou o cigarro fora.

Eles conversaram por um momento, a mão dele na curva da cintura dela.

Meu peito doía, o mundo cintilava na frente dos meus olhos, e por um breve instante pensei que estivesse tendo um ataque cardíaco. Então o pior passou. Ajeitei minha postura e respirei fundo, estudando a garota. Ela parecia familiar, mas eu ainda não tinha visto seu rosto. O fato de ela também ser ruiva foi a punhalada final, embora eu pudesse dizer, mesmo àquela distância, que a cor do cabelo daquela mulher vinha de um cabeleireiro, e não da genética.

Eric e a ruiva se viraram, e por um momento de horror achei que iriam atravessar a rua na minha direção, mas foram rumo ao norte, de braços dados. Observei os dois por cima do meu jornal e finalmente consegui ter uma boa visão do rosto da namorada de Eric na cidade. Era Faith, uma Faith ruiva. Olhando para trás, eu não estava realmente surpresa que fosse Faith — *claro que era* —, mas me lembro de ter ficado chocada com seu novo visual, o cabelo agora ruivo como o meu. E eu estava com raiva. Estava com uma raiva que não sentia havia muitos anos.

# Capítulo 11

## Ted

ANTES DE NOS DESPEDIRMOS NO CONCORD RIVER INN, depois de termos decidido que faria sentido passar um tempo no Maine com Brad e Miranda, Lily e eu havíamos planejado nosso próximo encontro. Era para ser dois sábados após nosso primeiro encontro, no mesmo horário, mas no Old Hill Burying Ground, um cemitério na colina que se erguia por cima da Monument Square, no centro de Concord. Havia dois bancos no lugar, e poderíamos sentar em cada um deles e conversar e, ainda assim, ficaríamos menos visíveis do que na taverna do hotel.

Apareci cedo naquela tarde de sábado. Havia um bocado de turistas na cidade, mas nenhum deles na colina. Sentei em um banco frio de aço, olhando para os telhados de ripas da rua principal. O céu estava baixo e com cor de granito. Um vento constante coloria o ar com folhas. Procurei por Lily, estudando os carros que circulavam na Monument Square, embora não tivesse pista de qual carro Lily dirigisse. Tentei adivinhar. Algo clássico, pensei, mas com um toque de requinte. Um BMW vintage, talvez, ou um Austin Mini. Quando vi Lily, porém, ela não estava saindo de um carro, e sim andando animadamente pela rua principal, vestindo um casaco verde que ia até os joelhos, os cabelos ruivos esvoaçando com cada passo.

Observei-a caminhando na direção do cemitério, perdendo-a de vista quando a rua descia e os telhados cobriam meu campo de visão. Senti uma onda de excitação porque estava prestes a vê-la de novo. Parte por causa da minha obsessão romântica crescente, mas também porque estava empolgado para contar a ela sobre minha

viagem e sobre a chave que roubara de Brad e que abria a porta da frente do seu chalé. De certa maneira, me sentia como uma criança levando um boletim de notas altas para mostrar para a mãe.

Lily voltou ao meu campo de visão na entrada de pedra do cemitério. Sorriu para mim antes de sentar no lado oposto do banco.

— Bela paisagem. — Ela estava um pouco sem fôlego por causa da subida íngreme.

— Vi você vindo pela rua principal. Sentiu que estava sendo observada?

— Não, nem pensei nisso. Estava preocupada porque me atrasei e você poderia ter ido embora.

— Ah, jamais teria ido embora. Tenho muito para contar.

Ela se virou na minha direção. Na luz cinzenta de outubro, seu rosto parecia embranquecido, enquanto o cabelo estava mais ruivo do que eu lembrava, uma cor alarmantemente viva entre os túmulos monocromáticos. Queria me aproximar e tocá-la, ter certeza de que ela era de verdade, mas me contive.

— Você foi para o Maine? — perguntou ela.

— Fui. — Então contei a história da minha semana, sobre o tempo passado com Brad, ter entrado na casa dele e roubado sua chave.

— Não acha que ele vai dar falta? — perguntou Lily.

— Não. Ele tinha um molho inteiro na gaveta. É o negócio que ele gerencia, então acredito que precise de muitas chaves. Pelo que sei, aquelas são chaves mestras que abrem todas as portas dos chalés.

— Bem, só pode ajudar. Apenas lembre-se de ter certeza de jogar a chave fora ou colocar de volta no mesmo lugar depois de tudo. Você não pode ser flagrado com nenhuma evidência física. Você sabe disso.

Balancei a cabeça afirmativamente, e Lily perguntou:

— O que mais você descobriu sobre a sua casa? Há uma data de entrega?

Contei a ela que Brad esperava terminar a obra no início de dezembro ou, no mais tardar, janeiro.

— Isso significa que precisamos agir relativamente rápido. É importante que aconteça antes do término da obra, acho.

Montamos um plano, onde eu precisava estar e quando e o que estaríamos fazendo. Lily discutiu como se fôssemos um par de veteranos no colégio debatendo o papel de cada um na hora da apresentação do projeto da feira de ciências. Eu era uma pessoa detalhista — precisava ser, por causa do trabalho e pelo salário que ganhava —, e minha atitude natural era tomar nota de tudo, mas sabia que nada podia ser escrito. Nunca. Como Lily dissera mais cedo, essa seria a última vez que nos veríamos até eu me tornar viúvo, então nos encontraríamos novamente, por acidente, como se nunca tivéssemos nos visto. Enquanto conversávamos e eu memorizava o que devia ser feito, senti o começo de um aperto no peito, uma sensação de compressão na garganta e na mandíbula. Virei a cabeça. Meu pescoço estralou.

— Você está bem? — quis saber Lily.

— Estou. É só porque está tudo virando verdade. Planejar minha viagem de investigação para o Maine foi uma coisa, mas isso é um pouco diferente.

Lily ficou ereta, colocou o lábio inferior embaixo do superior. Havia preocupação em seu olhar.

— Você não precisa seguir em frente, sabe disso. Isso é para você, e não para mim. E a última coisa que desejo é que você faça algo que vai assombrá-lo para o resto da vida.

— Não estou assustado com isso. Talvez esteja preocupado com a possibilidade de algo dar errado.

— Se fizermos da maneira que estamos planejando, nada vai dar errado. Deixe-me fazer uma pergunta: se houvesse um terremoto no Maine hoje e Miranda e Brad morressem, como se sentiria?

— Ficaria feliz — respondi, sem pensar duas vezes. — Resolveria todos os meus problemas, e eles mereceriam.

— É tudo que estamos fazendo. Estamos criando um terremoto que vai engolir os dois. E se fizermos da maneira correta, todo mundo, incluindo os detetives designados para o caso, vão naturalmente presumir que Miranda foi assassinada por Brad e que ele fugiu da cidade. Todos os esforços deles serão desviados para encontrá-lo, o que será impossível. Podem suspeitar de você por um breve momento. Seria estranho se não suspeitassem, mas nada que encontrem apontará em sua direção. E seu álibi será sólido como uma pedra.

— O.k., confio em você.

— Olhe, se em algum momento você decidir que não quer ir em frente com isso, apenas me avise. Mas se você está apenas preocupado com algo dando errado, não acho que precise ficar assim. Se nos mantivermos em sincronia e fizermos tudo que planejamos, você não será nem mesmo considerado suspeito. Miranda e Brad vão receber o que merecem, e não apenas isso, mas pense na compaixão que receberá. Sua linda e jovem mulher assassinada pelo bruto amante. Você precisará de ajuda para se livrar das pessoas.

Lily estava sorrindo. Ela afastou uma mecha de cabelo da testa.

— Só para você saber — disse eu. — Este não é meu motivo.

— Não?

— Não, a menos que... Hã, você estivesse se oferecendo para o lugar.

Lily ainda estava sorrindo.

- Aí a trama se complica.
- Ou enfraquece. — Ela riu.
- Certo. Ou enfraquece.

Olhamos um para o outro por um momento, e o sorriso de Lily desapareceu. Ela apertou os ombros e abotoou o casaco até o pescoço.

- Frio? — perguntei.
- Um pouco. Vamos andar? Nunca estive aqui antes.

Concordei e passeamos entre as lápides gastas e instáveis, o braço de Lily entrelaçado no meu. Nos movíamos confortavelmente lado a lado, sem precisar falar, como se fôssemos um casal antigo com anos e anos de memórias entre nós. Lemos algumas inscrições, a maioria comemorando vidas passadas no século XVIII, a maioria interrompida em idades que hoje em dia seriam consideradas trágicas. Mas eles viveram. E, não importa quão jovens fossem ao morrer, ainda estariam mortos há muito tempo.

Algumas das lápides tinham epítáfios que iam de gastos a hieróglifos ilegíveis, e muitas delas eram adornadas por caveiras aladas e as palavras *Memento Mori. Lembre-se de que você morrerá*. Passei o dedo em um dos entalhes, uma caveira na forma de uma lâmpada com olhos redondos de coruja e uma dentadura completa. Entre a caveira e a inscrição, havia dois conjuntos de ossos cruzados.

— Queria saber por que pararam de colocar imagens mórbidas nas lápides. É bem mais apropriado.

— É verdade — concordou Lily, me puxando para mais próximo de seu braço. O cemitério descia em uma ribanceira no lado mais distante, e estávamos embaixo de uma árvore ainda apinhada de folhas amarelas. Nós dois nos viramos quase simultaneamente, peguei Lily em meus braços e a beijei. Desabotoei seu casaco e

passei meus braços pela abertura, ao redor da sua cintura. Seu suéter parecia ser de lã. Ela estremeceu.

— Ainda com frio? — perguntei.

— Não — disse ela, então nos beijamos mais, cada toque ficando mais molhado, cada um de nós puxando o corpo mais para perto um do outro. Passei a mão na frente do seu suéter, sentindo as elevações de suas costelas, então um pequeno volume de um peito, um mamilo duro. O som de um galho se quebrando nos fez virar a cabeça. Na colina do cemitério havia uma figura solitária agachada, tirando fotos de uma das lápides. Nos afastamos, mas continuamos a nos entreolhar.

— Acho que foi suficiente para o dia — disse ela.

— Tudo bem. — Minha voz estava um pouco trêmula.

— Você entendeu bem o plano? Deveríamos revê-lo?

— Entendi. Está tudo aqui. — Bati com um dos dedos na testa.

— Então tudo bem.

Nenhum de nós se moveu de imediato.

— Então, depois podemos continuar isso? — perguntei.

— Eu gostaria muito.

— E você me contará todos os seus segredos?

— Contarei. Vou dizer tudo. Estou ansiosa para fazer isso.

Lembrei de uma piada idiota que fizera no Concord River Inn, perguntando quantas pessoas ela havia matado. Voltei a me perguntar com quem estava me envolvendo. Respondi a mim mesmo mais uma vez que não me importava.

— Devemos sair daqui separadamente.

— Eu sei. Antes que terminemos em uma das fotos daquele sujeito.

Olhei para cima da colina. O homem estava de pé, olhando pelas lentes da sua câmera para uma fila de lápides tortas.

— Vou primeiro — disse Lily.

- O.k. Até a próxima vez...
- Certo. Até lá... E boa sorte.

Ela se afastou de mim pela parte alta do cemitério. O sujeito com a câmera nem mesmo se virou para olhá-la. Fiquei onde estava, o gosto dos lábios dela ainda nos meus. Fechei o casaco, então enfiei as mãos bem dentro dos bolsos. O céu, apesar da cor cinzenta, havia se iluminado um pouco mais, tanto que precisei apertar os olhos para poder observá-la. Pela primeira vez desde que decidira matar minha mulher, quis fazê-lo naquele exato momento. Eu me sentia como uma criança uma semana antes do Natal, os dias ficando mais longos, cada um como uma versão em miniatura da eternidade. Eu queria Miranda morta. Ela pegou nosso amor e o transformou numa piada. Ela me fez de idiota. Continuei a pensar na maneira como Miranda costumava olhar para mim e, de vez em quando, ainda olhava, como se eu fosse o centro do seu universo. Então ela arrancou meu coração. E como eu poderia dividir o dinheiro que ganhei com uma mulher que fez isso comigo, que arrancou meu coração como se não fizesse diferença para ela? Esse era o meu motivo, e disse a mim mesmo que acreditava nele.

Mas agora eu tinha outra razão. Tinha Lily. Estava fazendo isso por causa de Lily. Eu iria matar minha mulher para que pudesse ficar com Lily. E essa razão fazia maior sentido que qualquer uma das outras.

## Capítulo 12

### Lily

EU TINHA UM FIM DE SEMANA INTEIRO antes da minha viagem de intercâmbio em Londres por um ano, e disse a Eric que estava com uma gripe terrível e que ele não devia aparecer. Ele concordou sob a condição de que o deixaria me levar ao aeroporto JFK na terça-feira. Pensei que ia ser difícil passar aquelas duas horas no carro com ele, mas foi fácil. Apenas disse a mim mesma para agir como se nada tivesse acontecido.

Durante o verão, Eric e eu havíamos discutido sobre meu ano em Londres várias vezes. Dei-lhe a chance de expressar qualquer ressalva, mas ele insistiu que devíamos ficar juntos e continuar exclusivos. Sua primeira visita estava marcada para outubro, seis semanas depois da minha chegada. Eric já havia comprado a passagem. Então, quando nos despedimos na área de desembarque do JFK, ele disse:

— Seis semanas parece muito tempo, mas não é. Nos vemos em breve.

— Ei — disse eu. — Isso vai soar estranho, mas quero que saiba que, se você achar essa separação muito longa, eu vou entender. Se quiser dar um tempo, ficar com outra pessoa, não vou gostar, mas não vou usar isso contra você. Esta é a hora de você me falar. E não mais tarde.

Ele olhou preocupado, os olhos cravados nos meus.

— É isso que você quer?

— Não, nem um pouco. Mas quero que me fale a verdade. Não me comportaria muito bem se você me traísse.

— Você nunca precisará se preocupar com isso. Nunca. — Procurei por sinais de falsidade em seu rosto. Era algo que fazia havia muitos anos ao morar com meus pais, e tinha me convencido de que sabia distinguir quando mentiam para mim. Mas não vi nada no rosto de Eric, a não ser amor e sinceridade.

— Mal posso esperar para te ver em outubro — disse eu, e o abracei apertado por um momento enquanto o motorista de um Range Rover que trancamos começou a buzinar. De certa maneira, eu não estava mentindo. Estava ansiosa pela visita de Eric. Aquela expressão que carregava no rosto, aquela inocente e amável expressão, selou o destino dele. Ainda não sabia como ia fazer, mas sabia que encontraria uma maneira de punir Eric quando fosse me visitar em Londres.

O Instituto de Artes Faunce só aceita alguns poucos estudantes estrangeiros por ano, então, durante minha semana de orientação, fiquei em um hotel em Russell Square com mais quarenta estudantes americanos, todos cursando algo chamado Academia Internacional para Estudos Exteriores, uma universidade que atendia apenas universitários americanos no intercâmbio de um ano. Naquela semana — junto com um encontro para nos conhecermos e sessões de orientação —, deveríamos formar grupos e procurar por hospedagem. Deram-nos uma lista de corretores especializados em apartamentos temporários e nos falaram que a melhor chance de encontrar algo era formando grupos de quatro ou seis pessoas. A maioria dos americanos já viera com os grupos formados das suas respectivas universidades. Estava me perguntando se seria possível encontrar um apartamento somente para mim quando uma estudante bonita se aproximou com uma lista de corretores.

— Você achou um grupo? — perguntou.

— Ainda não. E você?

— Não, mas minha irmã mais velha fez esse programa antes e me disse que é mentira esse lance de ser mais fácil com um grupo grande, eles apenas querem que você forme grupos grandes por alguma razão, e que é muito mais fácil encontrar um apartamento para duas pessoas, então olhei ao meu redor e vi você. — Ela me disse tudo isso sem respirar e com um forte sotaque texano.

— Eu estaria disposta a dividir, se você topar — disse eu, feliz de ter encontrado alguém que parecia conhecer um pouco sobre o processo de alugar um apartamento.

Ela saltitou um pouco, seus longos cabelos castanhos pulando nos ombros.

— Ah, beleza. Todos esses grupos são de garotos e garotas, e, não me leve a mal, gosto de garotos, mas não quero dividir um apartamento tão cedo com um deles. Meu nome é Addison Logan. Minha família me chama de Addie, mas estou a fim de tentar usar meu nome completo, Addison, enquanto estiver em Londres, mas você pode me chamar do que quiser.

— Eu me chamo Lily Kintner. — Apertei a mão dela.

Levamos dois dias, mas finalmente achamos um apartamento de um quarto no subsolo perto do bairro das mansões eduardianas em Maida Vale. Era um longo trajeto de metrô do Instituto Faunce e das aulas de Addison, contudo foi a vizinhança mais bacana que encontramos. Addison me falou que foi o único lugar que visitamos que não a fez ter vontade de tomar banho no mesmo instante, então concordei. Liguei para meu pai — que era o escritor convidado do semestre em algum lugar da Califórnia — para falar que conseguira um apartamento no Maida Vale. Ele falou como eu era chique, mencionou um pub chamado Prince Alfred e terminou me dizendo que “a única coisa ruim de Londres são os malditos estudantes americanos”.

Addison e eu nos tornamos boas colegas de quarto, principalmente porque nossas agendas eram tão diferentes que nunca nos víamos. Umas três semanas depois de nossa chegada, passei a vê-la ainda menos, porque começou a namorar um colega do Texas que tinha um apartamento em Camden Town.

— Sei que é ridículo viajar tudo isso para Londres e terminar namorando um menino de Lubbock chamado Nolan, mas ele é bonitinho.

— Não precisa se desculpar para mim — disse eu.

— Quando seu namorado... Eric, né? Quando ele virá mesmo?

Falei a data, e ela prometeu sumir durante a visita dele. Insisti que não me importava, embora eu quisesse que Addison ficasse longe enquanto Eric estivesse ali. Além da minha imersão no trabalho escolar no Instituto e da exploração das livrarias e museus londrinos, tinha passado meu tempo tentando encontrar uma maneira de matar Eric e escapar sem suspeitas. E eu tinha quase certeza de ter conseguido.

A primeira parte do meu plano dependia da natureza competitiva de Eric. Já passara muito tempo vendo-o jogar sinuca em St. Dun's para saber quanto ele odiava perder. Ele tentava esconder, mas, quando perdia, especialmente para alguém de quem não gostava, seus olhos ficavam vazios e ele achava uma maneira de jogar contra aquela pessoa novamente, e vencer. E, mesmo no verão anterior, Eric me visitou na Monk e me perguntou sobre o carvalho gigante do quintal. Ele enxergou as duas bandeiras coloridas que tinham sido pregadas no tronco da árvore, uma no primeiro terço do tronco e a outra mais próxima do topo. Expliquei que o melhor amigo do meu pai havia passado um mês na casa, em um verão qualquer, e como eles se revezavam na escalada do carvalho, cada um tentando levar a bandeira o mais alto possível. Foi assim por semanas, e só terminou quando meu pai, bêbado, caiu do primeiro

galho numa noite e quebrou o pulso. Depois de contar essa história a Eric, sabia que ele tentaria subir a árvore. E subiu. Precisou de várias tentativas, mas conseguiu ir mais alto que meu pai e o amigo dele.

— Como você acha que seu pai vai se sentir caso eu pregue minha bandeira aqui em cima?

Eu gargalhei.

— Não acho que vá se importar. Ele acharia divertido.

— Não preciso fazer isso, mas se você acha que ele vai achar engraçado...

— Você sempre foi assim tão competitivo?

Ele franziu a testa para mim.

— Não acho que eu seja tão competitivo. Você devia ver meu irmão.

Na época, encarei a negação de Eric como uma falha de autoconhecimento, mas agora via como parte de sua natureza fraudulenta. Ele honestamente não queria que as pessoas descobrissem sobre seu desejo obcecado de vencer a todo custo. Isso dizia muito sobre ele. E dizia muito sobre uma parte dele que era imutável. Então, quando eu soube sobre o concurso de cervejas no Bottle and Glass, um pub fuleiro no fim da minha avenida, tinha certeza de que poderia convencer Eric a entrar na disputa. Para o que eu havia planejado ele não precisava estar bêbado, mas certamente ajudaria.

Ele chegou a Londres em um sábado chuvoso e frio. Addison, como prometera, arrumou uma bolsa na sexta à noite para passar alguns dias com Nolan.

— Querida, você deve estar muito empolgada — disse ela.

— Estou — confirmei.

— Bem, tente aproveitar.

— Estou um pouco nervosa. Não sei bem por quê, mas estou.

— Isso vai desaparecer cinco minutos depois que ele chegar. Vocês só precisam transar. — Ela riu e cobriu a boca com a mão.

O voo de Eric saíra de Nova York na noite anterior e estava marcado para pousar por volta das oito da manhã. Mandeí um e-mail para ele orientando como chegar ao meu apartamento. Não estava mentindo quando falei a Addison que estava nervosa, mas não por causa do que havia planejado fazer com Eric, e sim por causa do tempo que precisávamos passar juntos antes de pôr meu plano em prática. Sabia que ele provavelmente iria querer fazer sexo assim que chegasse, e eu estava me preparando para ir até o fim. Falei para mim mesma que era um teste, uma maneira de ver como me sentia em relação a ele. Sabia que quando estivesse com Eric não mudaria meus sentimentos em relação à maneira como ele me traía, porém me perguntei se poderia mudar meus planos em relação a acabar com sua vida. Duvidava disso, contudo era uma maneira de ter certeza. E, se tudo corresse de acordo com o plano, Eric só estaria por perto por umas doze horas. Eu poderia suportar.

A campainha tocou às nove e meia, e subi o pequeno pedaço de escada até o mármore quebrado para deixá-lo entrar. Ele parecia cansado e amarrotado do voo, os cabelos arrepiados na nuca. Nós nos abraçamos e nos beijamos, e eu o levei para o apartamento no porão e mostrei o lugar.

— Você deve estar exausto.

— Estou, mas não quero dormir o dia todo. Talvez eu tire uma soneca, e então podemos ir a algum lugar.

— Tem um pub ótimo aqui no fim da rua. The Bottle and Glass.

— O.k. Só me deixe dormir um pouco. Uma hora, no máximo, e só se você deitar comigo.

Disse a Eric que fosse para a cama e que eu me deitaria em seguida, esperando que ele caísse no sono. No entanto, depois de

ele ter entrado no quarto e após quinze minutos de enrolar na cozinha fazendo uma xícara de chá bem devagar, decidi que queria de fato deitar com ele. Não era um teste — era uma maneira de dizer adeus. Entrei no quartinho escuro. Eric se mexeu embaixo das cobertas, e eu podia ouvir sua respiração. Tirei todas as minhas roupas e me enfiei do lado dele. Ele se agitou, mas não acordou. Também estava nu, e a sensação do seu corpo quente e esguio contra o meu não me fez ter nojo como imaginava. Passei a mão pelo seu peitoral forte, desci pela barriga reta e toquei seu pênis. Ele ficou duro instantaneamente, e Eric começou a murmurar algo no travesseiro que eu não conseguia entender, então lentamente se virou na minha direção. Abri as pernas e o puxei para o meio delas. Ele começou a falar algo, mas empurrei sua cabeça para baixo de modo a ficar do lado da minha. O cabelo dele cheirava como se não tivesse sido lavado, mas era gostoso. Guiei Eric para dentro de mim, então puxei o lençol e a coberta para cobrir nossas cabeças e fizemos amor naquela caverna sufocante, nenhum de nós falando nada, apenas nos movendo em um ritmo devagar e sonolento.

Ele dormiu de novo quando terminamos e eu me afastei, empurrando os lençóis para a altura da minha cintura. O ar frio contra meu torso nu e minha pele molhada de suor me deram uma boa sensação. Pensei sobre o que havia planejado fazer com Eric mais tarde e tentei me sentir mal. Fiz uma comparação dele com Chet, que queria fazer sexo com uma criança, mas pelo menos não fingia amar outra pessoa. Eric era mau dos pés à cabeça, alguém que passaria a vida pegando o que quisesse e machucando aqueles que o amavam. Eu havia lhe entregado meu amor — minha vida, na verdade —, e ele me tratara com desdém.

Pouco depois do meio-dia, Eric acordou desorientado e faminto. Tomou banho e se vestiu, então fomos explorar minha vizinhança. Eu o levei à lanchonete, compramos sanduíches e bebidas e os

levamos para um pequeno parque chamado Rembrandt Gardens, que ficava ao lado de um canal. Havia parado de chover, mas o céu ainda estava coberto e escuro, e gotas caíam das árvores e encharcavam tudo. Abri minha jaqueta em um banco de madeira, sentamos e comemos os sanduíches, terminando a refeição assim que uma chuva chata começou a castigar as folhas acima de nós.

— Desculpa pelo tempo — disse eu.

— É o tempo ideal para pubs.

— Preparado para uma bebida? O Bottle não fica muito longe daqui. Não invente de se meter no concurso de cervejas, o.k.? É tudo que peço.

— O que é isso?

Foi tudo que precisei fazer. Quando chegamos ao Bottle and Glass, um pub que era discreto e antiquado para os padrões londrinos, com pisos sem carpetes e bancos de madeira, Eric leu sobre o concurso de cervejas e estudou os nomes de quem havia vencido. Para ficar imortalizado nas paredes do bar, tudo que se precisava fazer era beber um pint de cada uma das dez cervejas de torneira, na ordem determinada pelo pub e no espaço de cinco horas. Eles monitoravam as visitas ao banheiro para ter certeza de que o cliente não vomitava. Eric me falou que não parecia muito difícil. Eu pensei a mesma coisa, então perguntara isso a Stuart, o barman, na semana anterior. Ele me disse que a combinação de cervejas, de porters a sours e de pilsners a ciders, era uma missão complicada e bem mais difícil do que parecia. Ele tinha visto muitos sujeitos grandões desistir ou vomitar antes do fim.

— Vou tentar — disse Eric para mim e para a atendente do dia, uma senhora que eu não conhecia.

— Sério, Eric? — perguntei, quando a atendente falou “Certo, querido” e apareceu com um folheto de inscrição.

— Escreva seu nome aqui onde diz “Início”, assim como a hora, e eu aprovo. Quando você terminar sua décima cerveja, tudo que precisa fazer é voltar a este balcão, assinar seu nome no fim do formulário e depois é com você. A maioria deixa as últimas canecas no vaso sanitário.

Reclamei um pouco, só para manter as aparências, mas sabia que Eric não mudaria de ideia. A primeira cerveja era uma Fuller <sup>ESB</sup>, e me juntei a ele. Levamos nossos pints para uma mesa no canto.

— Estou de férias — disse ele, então deu um gole enorme.

— Não quero que fique passando mal o tempo todo que estiver aqui.

— Não vou ficar. Dez pints em cinco horas? Sem grilo.

Fiquei no bar por três horas e meia. Estava claro que Eric estava determinado a finalizar o desafio, mas ele estava na sétima cerveja, uma porter, e bebendo bem devagar.

— Estou mais cheio que bêbado — disse ele, mas suas palavras, por causa do fuso horário e das cervejas, soavam pesadas.

— Vamos desistir. Estou cansada de ficar sentada neste pub.

— Não vou desistir, agora que cheguei tão longe. — Ele deu uma olhada ao redor. Alguns moradores locais que apareceram mais tarde notaram a tentativa de Eric em chegar à parede. Eu sabia que ele continuaria, não importava a razão.

— Então vou embora. Estou com fome e não quero ficar comendo batatas fritas. Vou pegar uma comida no indiano e comer no apartamento.

— Desculpa, Lily.

— Não precisa pedir desculpas. Divirta-se. Tente não vomitar no bar, e te vejo em umas duas horas. Você sabe voltar?

— É no fim da rua, certo?

Eu saí. Estava escurecendo, o céu coberto estava roxo-escuro e havia uma neblina no ar. Andei diretamente para o restaurante

indiano na esquina, que costumava frequentar. Pedi um rogan josh e um frango korma com uma Coca-Cola para esperar a comida.

— Sem amêndoas no rogan josh? — perguntei quando o dono me entregou meu pedido. Eu sabia a resposta, mas queria que minha pergunta ficasse gravada.

— Sem amêndoas no rogan josh, mas com castanha-de-caju no frango korma.

— Certo. Obrigada.

Levei o pacote de comida ao apartamento. Deixei a sacola em cima da mesa de madeira da cozinha e fui para o quarto verificar a mala de Eric. Ele trouxera diversas mudas de roupa, o livro *O jeito Peter Lynch de investir* e roupa de corrida. Suas duas canetas autoinjetáveis de epinefrina estavam em um saco plástico, em um bolso interno fechado. Ele devia estar com uma delas naquele momento — eu o alertara uma centena de vezes —, mas sabia que não era o caso. A alergia dele a castanhas era fatal, porém sua vaidade o impedia de levar as canetas consigo. “O que eu devia fazer, Kintner, trazê-las em uma pochete?” Ele havia se convencido de que nunca comeria nada em público que remotamente tivesse a chance de conter castanhas. Peguei as canetas e as enfiei embaixo do colchão, então voltei para a cozinha. Estava com fome, comi um pouco das próprias caixas, antes de jogar o frango korma em uma tigela. Espalhei o frango e seu molho amarelo e metodicamente peguei todas as castanhas, colocando cada uma delas dentro de um pilão que havia achado em um dos armários da cozinha. Quando tive certeza de ter encontrado todas as castanhas, peguei o pilão e esmaguei metade delas até virar uma pasta fina, então misturei-a no frango korma e despejei de volta na caixa. Peguei as castanhas restantes, coloquei em uma toalha de papel dobrada e as escondi atrás dos temperos na geladeira. Lavei o pilão e a tigela e os guardei no lugar em que havia encontrado. Pus as caixas de comida indiana

no pequeno refrigerador do apartamento. Frango korma era uma das comidas preferidas de Eric, e o restaurante a que sempre íamos em New Chester nunca incluía castanhas no prato. O palco estava armado. Tudo que precisava fazer era esperar.

Tentei ler *Gaudy Night*, porém não conseguia me concentrar. Não estava exatamente nervosa, mas queria que terminasse logo. Eric havia começado o concurso por volta da uma e meia, então ele precisaria terminar, de uma forma ou de outra, às seis e meia. Quando eram umas seis e quinze, a campainha tocou. Dei um pulo. Perguntei-me se ele teria desistido, mas, quando cheguei à porta da frente e a abri, dei de cara com Addison. Ela estava chorando, seus ombros subindo e descendo rapidamente, e procurando na bolsa por suas chaves.

## Capítulo 13

### Ted

NO MEU TERCEIRO ANO NA ESCOLA DARTFORD-MIDDLEHAM, pedi para uma garota do segundo ano chamada Rebecca Rast que fosse comigo ao baile. Era uma loira popular que conheci quando trabalhamos juntos no jornal do colégio. Ela pareceu feliz quando a convidei, embora eu soubesse que se interessava mais pelos atletas. Tudo bem por mim, eu estava apenas procurando por companhia.

Uma semana antes do baile, porém, encontrei Rebecca numa festa regada a cerveja em uma base militar abandonada na cidade mais próxima. Eu ouvira falar dessas festas, mas nunca tinha ido a uma. Cerca de cem estudantes estavam lá, carros estacionados no asfalto quebradiço do estacionamento da antiga base, os garotos se apinhando na colina no lado sul dos prédios. A maioria deles havia levado caixas de cerveja da casa dos pais ou pedido para os irmãos mais velhos. Fui com meu melhor amigo, Aaron, que, como eu, não era popular nem um rejeitado. Antes de sair de nosso carro, quase demos meia-volta, intimidados pela cena e envergonhados por não termos levado álcool. Mas vi Rebecca pulando de um conversível cercada por amigas e me convenci de que deveria, pelo menos, dizer olá para a menina que iria ao baile comigo na semana seguinte.

Para minha surpresa, ela pareceu animada em me ver, e passamos boa parte da festa juntos, bebendo cerveja quente na colina e explorando a base abandonada. Terminamos em um telhado plano que alcançamos usando uma escada de incêndio enferrujada. Olhamos para as estrelas, desfocadas por causa da cerveja que bebemos, então começamos a nos beijar. Era uma noite quente de primavera, e Rebecca vestia um top bem curto e uma minissaia

jeans. Ela me deixou tocar nela em todos os cantos, até chegou ao ponto de sussurrar para mim que devíamos ir com calma, a menos que eu tivesse uma camisinha. Eu não tinha, mas, deitado na cama mais tarde naquela noite, falei a mim mesmo que precisava arrumar uma com urgência e certamente antes do baile. Era um pensamento excitante, porém mais excitante era o fato de que eu tinha minha primeira namorada.

Na noite do baile, peguei Rebecca na modesta casa dos seus pais perto do lago Middleham. Enquanto a mãe dela tirava fotos, o pai se apoiava no Dodge Dart, fumando um charuto e me olhando friamente por baixo do boné do Patriots. Fiquei feliz quando nos acomodamos sãos e salvos dentro do meu carro rumo ao Holiday Inn, onde acontecia o baile. Rebecca usava um vestido azul-claro com um decote profundo. Seu cabelo estava trançado, e ela cheirava a baunilha.

Apesar do meu nervosismo, as primeiras horas do baile correram bem. Rebecca estava falante e sedutora. Comemos frango à cordon bleu e dançamos diversas vezes. Durante uma das músicas lentas, beijei Rebecca gentilmente no lado da cabeça. Ela me puxou para perto, e pensei naquela camisinha embalada escondida na carteira, atrás da minha habilitação.

Não faltavam nem vinte minutos para o fim do baile quando tudo foi por água abaixo. Fui ao banheiro, e quando voltei Rebecca não estava em nossa mesa. Eu a vi no lado mais distante do salão, encostada na parede e conversando com um garoto do terceiro ano que reconheci ser Bill Johnson, um defensor do time de futebol americano da escola. Fiquei parado, meus órgãos internos congelaram e minha garganta se fechou. Em vez de atravessar o salão sem fim para confrontá-los, retornei para minha mesa e foi dali que vi Rebecca e Bill se abraçarem e, depois, se beijarem, indo embora juntos do baile.

Vi Rebecca no corredor do colégio na segunda-feira à tarde. Pensei que ela pudesse se desculpar, mas observei quando seus olhos resvalaram em mim e ela virou o rosto. Descobri naquela semana que ela e Bill eram um casal. Não sei se foi mais fácil ou mais difícil que bem poucos dos meus colegas soubessem da minha humilhação na noite do baile. Sabia que, se Rebecca tivesse pelo menos tentado se desculpar, as coisas teriam sido completamente diferentes.

Planejei minha vingança por mais de um ano. Fazia sentido que, se fosse fazer algo contra Rebecca, eu precisaria esperar o tempo passar. De outra maneira, eu seria um suspeito natural. Dediquei meu último ano no colégio a conseguir as melhores notas que pudesse, mantendo a mente focada e não me permitindo encarar nenhuma situação com potencial para humilhação. Fui aceito em Harvard, surpreendendo até meu conselheiro escolar, e, apesar de a aceitação ser uma espécie de vingança, eu ainda queria fazer Rebecca pagar. Em um mundo perfeito, eu acharia uma maneira de humilhá-la do mesmo modo que ela me humilhou, porém não consegui achar essa maneira. Optei pela segunda alternativa — eu iria assustá-la, bem feio.

Uma semana antes da formatura, deixei meu Escort no estacionamento atrás da loja de bebidas Annie's, em uma tarde sem sol, então caminhei por um trecho de floresta que levava aos fundos da casa dos Rast. Se alguém me visse, enxergaria um garoto usando uma jaqueta jeans e um boné de beisebol, algo que, normalmente, eu nunca usaria. Mas ninguém me viu. Levei um pé de cabra na mochila para arrombar a porta de trás, mas ela estava aberta. Sabia que ninguém estaria em casa, que o sr. Rast fora embora havia alguns meses e que a sra. Rast trabalhava durante o dia na farmácia cvs. E sabia, aliás, esperava, que Rebecca estivesse voltando sozinha

para casa depois do fim das aulas, às três. Eu me escondi no armário do quarto dela e esperei.

Pensando nisso hoje em dia, lembro-me do horror e da emoção que senti naquele espaço pequeno e escuro, as roupas de Rebecca Rast encostadas em mim, a máscara de esqui no meu rosto começando a me fazer suar. Deixei a porta do armário um pouco aberta e consegui ouvir o carro de Rebecca sendo estacionado, ela entrando na casa e subindo vagarosamente a escada. Ela foi primeiro ao banheiro pelo que me pareceu um longo tempo, então ouvi o som da descarga e ela entrou no quarto, murmurando uma música para si mesma. Meu coração batia tão alto no peito que me perguntei se ela não tinha escutado. Eu havia planejado pular do armário com a máscara, mas não precisei. Ela veio direto para o armário e o abriu. Dei um passo para a frente, uma tesoura em uma das mãos e fita adesiva na outra. Ela abriu a boca para gritar, porém nada saiu. Vi toda a cor desaparecer do seu rosto e tive certeza de que ela desmaiaria, mas em vez disso ela tentou correr. Pulei nela por trás, percebendo naquele momento que ela usava apenas roupas íntimas. Segurei Rebecca no chão e consegui enrolar a fita, primeiro no rosto e na boca, depois ao redor das mãos e dos tornozelos. Não foi fácil; fui chutado várias vezes, contudo suportei sem fazer barulho, não entregando minha identidade. Depois que ela estava imobilizada, passei a ponta afiada da tesoura na sua garganta. Seus olhos se fecharam, lágrimas saíam deles. Eu podia sentir um cheiro forte de urina.

Joguei o casaco, a máscara, a tesoura, o pé de cabra e a mochila no contêiner de lixo atrás da loja de bebidas. Dirigi tremendo para casa, minhas emoções se alternando entre a enorme satisfação de ter feito Rebecca pagar pela dor que me causara e uma vergonha doentia por achar que tinha ido longe demais. Essas sensações duraram o verão inteiro, a vergonha substituída

temporariamente pelo medo terrível de ser descoberto. Eu seria humilhado publicamente, mandado para a prisão e não poderia estudar em Harvard. Mas a polícia jamais apareceu, e, com o passar do verão, comecei a acreditar que tinha escapado. Ouvi sobre o incidente uma vez quando encontrei uma amiga fofqueira chamada Molly. Ela me contou que Rebecca Rast — “Você a conhece, não? Ah, meu Deus, você foi ao baile com ela, não foi?” — fora atacada na própria casa, amarrada e jogada no armário, e que todo mundo achava que tinha sido o pai dela, o sujeito estranho que trabalhava no posto de gasolina. Foi tudo que ouvi a esse respeito.

Ainda sonho com Rebecca Rast. Nesses pesadelos — e eles são definitivamente pesadelos —, Rebecca morre na noite em que a prendi com fita adesiva e a deixei no armário. Nesses sonhos, estou repleto de culpa e morto de medo de ser pego, mas nunca consigo me lembrar se eu queria realmente matá-la ou apenas assustá-la. De qualquer maneira eu sou um assassino, e a consciência disso tomou conta da minha vida.

Na manhã da sexta-feira em que Miranda estava viajando para Miami para uma despedida de solteira, acordei depois de ter um desses sonhos. Estava sozinho na cama e fiquei deitado ali por um momento, as imagens do pesadelo exibidas no meu cérebro, então desaparecendo. A princípio pensei que fosse um sonho com Rebecca Rast, mas percebi que a pessoa assassinada em meu sonho era Miranda. Prendi-a no armário de Rebecca, e ela morreu lá. Outras imagens do sonho voltaram à minha mente. Um funeral em que ninguém olhava para mim. O medo horrível de ter esquecido de esconder o corpo. Uma imagem do meu pai, água saindo do seu nariz. Um campo no qual eu não parava de escavar. Por um momento terrível, pensei se tratar de lembranças recentes, e não de fragmentos de um sonho. Eu tivera essa sensação anteriormente, sempre quando ficava naquele estado entre o sono e o despertar —

a sensação medonha de que o sonho era real, eu era um assassino e que o mundo saberia disso em pouco tempo. Sacudi a cabeça e falei a mim mesmo que era apenas um sonho, então saí dos lençóis e peguei meu celular na mesa de cabeceira. Já passava das oito horas, e eu nunca dormia até tão tarde. O carro que levaria Miranda para o aeroporto Logan chegaria às oito e meia. Vesti uma calça jeans e um suéter de algodão e desci.

— Ei, dorminhoco — disse ela quando a encontrei na sala de jantar. Miranda estava sentada na longa mesa Stickleby, as malas a seu lado. Usava um vestido azul curto e um par de botas vermelhas de caubói e verificava atentamente o celular.

— Não está com frio, vestida assim?

Ela olhou para cima.

— Sim, mas não por muito tempo. Vou falar para o motorista ajustar a temperatura para o clima de Miami. — Ela desligou o celular, jogou-o na bolsa e se levantou. — O que você vai fazer enquanto eu estiver fora?

— Primeiro, você sempre está fora, então não tem nenhuma novidade. E, em segundo lugar, vou trabalhar, claro.

— Você devia jantar com Mac hoje à noite. Tenho certeza de que ele está por aqui.

— Não, ele está no funeral da tia. Lembra que falei para você? Vou tirar o cordeiro do freezer. Farei um jantar especial só para mim.

— Por favor, coma tudo. Casey me disse que vamos comer caranguejo no Joe's Stone Crab hoje à noite.

Levei a bagagem dela para a entrada, lutando contra a vontade de comentar como estavam pesadas para três dias de viagem. Miranda espiou pela janela da porta da frente.

— A limusine está aqui — disse ela, e me puxou para um abraço apertado incomum. — Vou sentir saudades, Teddy.

— Quanto tempo você vai ficar fora exatamente?

Ela deu um tapinha no meu peito.

— Não faça piadas. Vou realmente sentir sua falta. Você é um marido incrível, sabia disso?

— Vou sentir saudades também. — Tentei injetar algum sentimento na voz. O modo como Miranda estava agindo me fez pensar brevemente se a despedida de solteira não era uma invenção. Será que ela encontraria Brad em Miami?

Miranda abriu a porta da frente e o motorista pulou para fora do carro, correndo em nossa direção para pegar a bagagem. Miranda o seguiu de volta, o vento cortante batendo na barra de seu vestido. Ela se virou para acenar para mim e parecia frágil e congelada em suas roupas inadequadas. Antes que eu fechasse a porta, tirou seus óculos escuros enormes da bolsa e os colocou no rosto, então me mandou um beijo.

O dia surgiu diante de mim. Eu precisava dar uns telefonemas e revisar um projeto, mas isso levaria metade da manhã. Fiz uma caneca de café e fui para o computador. Dei um Google no nome Lily Hayward pela centésima vez, mas nada que parecesse com ela surgiu, exceto seu emprego na Universidade Winslow. Procurei a cidade de Winslow e mapeei uma rota da minha casa para um restaurante promissor no centro da cidade. Que mal haveria em dirigir até lá e almoçar? Era um dia lindo de outubro; depois de um longo e quente verão, as folhas estavam no auge. Podia dar uma caminhada, comer e ver a cidade em que Lily morava. E, se a visse — e as chances eram pequenas —, que mal teria? Não precisávamos nos falar, e, se nos falássemos, faria alguma diferença?

Fiz meu trabalho, então tomei banho e me arrumei. Na minha garagem, decidi, no calor do momento, que em vez do Audi dirigiria meu Porsche 911, um 1976 vintage, o carro que comprara quando assinei meu primeiro grande contrato. Evitei a Pike e dirigi na direção do rio, pegando a Storrow Drive. O rio estava cheio de

remadores universitários, todos se preparando para o fim de semana da regata Head of the Charles. O dia estava perfeito, o céu cortado apenas pelo vapor da trilha dos aviões. Olhei para cima, imaginando se estava vendo vestígios do avião que levava minha mulher para a Flórida.

Da Storrow Drive, peguei a estrada do Soldiers Field e tomei o caminho pelas Waltham e Newton até que encontrei a estrada Boston Post e rumei a oeste pelos subúrbios na direção de Winslow. Mudando as marchas, me perguntei por que escolhera o câmbio automático no meu Audi. Meu próximo carro seria manual.

Dirigi pela rua principal de Winslow, procurando por uma vaga no surpreendentemente movimentado centro da cidade. Estudantes atravessavam a rua em grupos. A maioria das garotas vestia jeans e botas e tinha cabelos amarrados em rabos de cavalo. Esperando que atravessassem, espiei pelos portões de metal que levavam ao campus da universidade. Podia ver três prédios de tijolos aparentes limitados por um jardim meticulosamente cortado. Uma fileira de carvalhos marcava o caminho pelo campus. Será que Lily estava em um daqueles prédios que eu conseguia enxergar? Será que ela era uma daquelas mulheres que levavam o próprio almoço e comiam no escritório ou ela andava até o centro para almoçar? Era uma sexta-feira, afinal, e um dia ensolarado de outubro. O carro atrás de mim buzinou, e coloquei meu Porsche para andar, então entrei em uma rua paralela que tinha estacionamento com parquímetro. Encontrei uma vaga e andei de volta ao conjunto de restaurantes pelo qual havia passado antes. O lugar sobre o qual havia lido, o Carvery, estava lá, mas escolhi ir a um restaurante chamado Alison's, que tinha uma mesa no lado de fora que dava para o sol do meio-dia e para o campus da Universidade Winslow. Pedi um Bloody Mary e salada a uma das estudantes que trabalhavam como garçonete e observei os pedestres passar. As alunas possuíam a aparência de

cara lavada de jovens feministas fervorosas. Carregavam mochilas que pareciam capazes de dar trabalho a jogadores de futebol americano. As que não eram estudantes eram, na maioria, donas de casa de meia-idade fazendo compras e almoçando. Usavam cachecóis artesanais e roupas com babados que escondiam seus quadris. Vi alguns poucos que pareciam professores — homens com péssimos cortes de cabelo e ternos de tweed e mulheres que pareciam versões mais velhas das solenes jovens estudantes. Mas não vi Lily, nem mesmo quando, após tomar um segundo Bloody Mary, decidi passear pelo campus de Winslow.

Era uma universidade bonita, o campus se elevava discretamente desde o centro de Winslow na direção de um lago circundado por um calçadão. Sentei por um tempo em um banco de madeira no jardim botânico, do lado do observatório com telhado pontiagudo. Não havia ninguém por perto, e imaginei que esse seria o tipo de lugar para onde Lily levaria o almoço. Talvez para esse banco específico. Fiquei sentado até que nuvens cobriram o sol e ficou frio.

Esqueci de pagar o parquímetro depois do almoço, e havia uma multa de estacionamento proibido sob o limpador de para-brisa. Quinze dólares. Guardei-a no bolso da jaqueta e entrei no Porsche. Fiquei cansado repentinamente e peguei a rodovia direto para Boston, chegando em casa assim que recebi uma mensagem de Miranda dizendo que havia pousado em Miami em segurança e iniciado as comemorações. Enviei uma mensagem de volta e fui para o computador checar meus e-mails. Era um período ocioso para mim, não que estivesse reclamando. O mercado de ações, depois de anos de estagnação, se erguia novamente. Minha carteira de clientes era rica, e o trabalho era apenas uma maneira de passar o tempo.

Outra mensagem de Miranda: não esqueça de tirar o cordeiro do congelador.

Escrevi de volta, agradecendo pela lembrança.

Na verdade eu havia esquecido, então desci para a cozinha do porão, tirei os pedaços de carne do freezer e os deixei embaixo da água da torneira. A mensagem de Miranda era estranha, assim como a despedida sentimental. Será que estava planejando algo sinistro? Ou seria possível que ela tivesse terminado com Brad e estivesse repentinamente arrependida? Mesmo assim, aquilo não apagava o que ela havia feito comigo.

Fui para a adega adjacente e peguei um Syrah europeu que combinaria bem com o cordeiro. Abri a garrafa e decantei o vinho. Os cortes de carne estavam começando a amolecer, então os deixei nas suas embalagens de plástico dentro de uma tigela de água fria e subi para a sala. Não havia lido o jornal naquele dia, então sentei na poltrona reclinável de couro e li as notícias enquanto bebericava um gim-tônica. Depois de um tempo, deixei o jornal de lado e comecei a pensar em Miranda, Brad, Lily e tudo que havia acontecido ou iria acontecer, desde que encontrei Lily no voo de Londres. Continuava a lembrar do sonho que me acordara naquela manhã. Aquela sensação péssima de que, uma vez que tenha matado alguém, você não pode ressuscitá-lo. Você nunca mais será capaz de acordar de um sonho e ficar deitado pensando que sua vida pode ser um catálogo de pecados, mas que você não é um assassino. E, de repente, percebi que meu plano de matar Miranda e Brad havia virado um fim para justificar os meios, uma maneira de ficar mais perto de Lily, e que não precisava cometer assassinato para conseguir isso. Eu podia simplesmente dizer a Miranda que queria o divórcio, então mandar um e-mail para Lily e perguntar se ela estaria livre para um jantar. Ninguém, exceto nós, sabia dos planos que havíamos feito. Miranda poderia ficar com Brad, eu teria Lily e o mundo continuaria girando. Sempre fui bom em compartimentalizar, portanto conseguiria guardar em uma caixa toda a minha raiva e

vergonha do que acontecera com Miranda e fechá-la. Entregaria meu casamento aos meus advogados; metade de todo o meu dinheiro ainda era bom o bastante. Um sentimento de alívio percorreu meu corpo. Era como se estivesse acordando de um sonho ruim e percebendo que era apenas um sonho, nada havia acontecido.

A campainha tocou, e pulei da poltrona.

Andando na direção da porta, olhei instintivamente para meu relógio. Ainda eram seis horas. Quem estaria me visitando? Disse a mim mesmo que devia ser apenas um entregador e tentei lembrar se estava esperando por alguma encomenda.

Coloquei a corrente na porta e a abri por doze centímetros. Era Brad Daggett, com um sorriso envergonhado no rosto. Demorei um pouco para captar que Brad, do Maine, estava na minha porta em Boston. Parecia incongruente, como ver um homem de terno num evento country.

— Ted — disse ele meio sem fôlego. — Que bom que você está em casa. Podemos conversar?

— Claro. — Retirei a corrente e abri a porta. — Entre. — Eu me arrependi assim que as palavras saíram da minha boca. Não havia uma boa razão para Brad viajar do Maine até Boston para me ver. Ele estava quase dentro da casa quando o empurrei levemente contra a porta, impedindo seu progresso.

— Brad, o que você está fazendo aqui?

— Apenas me deixe entrar, Ted. Explicarei tudo. — Sua voz estremeceu, e pude sentir o cheiro de bebida em seu hálito. Nossos olhos se encontraram, e de repente fiquei assustado. Eu o empurrei um pouco mais forte contra a porta, mas ele não se movia. Remexeu no bolso da jaqueta e vi a arma que havia retirado. — Me deixe entrar, Ted — repetiu enquanto eu recuava e deixava Brad entrar na minha casa.



## Capítulo 14

### Lily

— ADDISON, QUAL É O PROBLEMA? — perguntei.

— O canalha do Nolan — respondeu ela ao passar pela porta, me seguindo escada abaixo. Ela estava sacudindo a chuva do casaco, os respingos batendo na minha nuca.

— Vocês dois brigaram? — perguntei quando entramos no apartamento.

Ela olhou para mim, secando as lágrimas das bochechas com a palma das mãos.

— Ele tem uma namorada na TCU. Uma namorada *séria*.

— Merda. Como você descobriu?

Addison me contou que entrara no computador dele, lera seus e-mails e que ele confessara tudo, dizendo que queria contar sobre Linda, mas que achava que Addison, no início, não passava de uma aventura, só que agora não tinha certeza. Ouvi a história meio distraída, abrindo uma garrafa de vinho e servindo uma taça para ela, porém minha mente estava freneticamente tentando descobrir o que fazer quando Eric retornasse. Eu devia abandonar o plano inteiro, avisando a Eric sobre as castanhas no frango korma, ou devia seguir em frente, tendo Addison como testemunha? De certa maneira, tê-la ali poderia ser melhor. Ela confirmaria minha história — que Eric acidentalmente ingeriu a comida indiana com castanhas e que não conseguimos encontrar sua caneta de epinefrina. Mas muita coisa poderia dar errado com Addison por perto. Ela poderia chamar uma ambulância que chegasse a tempo. Ela poderia notar que a epinefrina não estava no lugar onde ele pensava estar. E se Eric perguntasse sobre o frango — tendo ou não castanhas nele, eu

não podia mentir na frente dela. E, o mais importante, não seria justo deixá-la ver Eric morrer de choque anafilático. Decidi recuar.

— Espera. Onde está Eric? O voo não chegou? — perguntou Addison, sua cabeça girando pelo pequeno apartamento como se Eric estivesse ali e ela não tivesse visto.

— Sabe aquele concurso no Bottle and Glass?

— Aquele lance das dez cervejas?

Expliquei a ela sobre a insistência de Eric em competir e falei como fiquei com fome e cansada de esperá-lo e saí antes.

— Acho que nenhuma de nós está tendo muita sorte com os homens nesta noite.

— Bem, vou sobreviver — falei. — Você é que foi sacaneada. O que vai fazer a respeito?

Antes de Addison responder, a campainha tocou novamente.

— É Eric — disse eu. — Se prepara. Ele deve estar bêbado.

— Lily, deixa eu sair. Esqueci completamente que ele vinha hoje à noite. — Addison se levantou e pegou a bolsa de cima da mesa da cozinha.

— Sem chance. Você fica aqui.

Subi a escada, me preparando para um Eric embriagado, mas quando abri a porta não era ele em pé na minha frente, mas Nolan, os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Ah, o bígamo... — disse eu. Ele me olhou, confuso.

— Ela está aqui? — Nolan era alto e magro e tinha orelhas avermelhadas. O cabelo ralo era quase branco de tão loiro, e ele usava um colar de conchas apertado ao redor do pescoço.

— Ela está aqui — confirmei. — Mas isso não significa que ela queira te ver. Espere aqui que vou checar.

Deixei Nolan no alpendre e voltei lá para baixo. Addison estava reabastecendo seu copo de vinho.

— Adivinha quem está aqui?

— Quem? — Ela parecia sinceramente intrigada.

— Nolan. Deixei ele lá em cima. Quer que o mande embora?

Ela soltou um longo e profundo suspiro.

— Não, vou falar com ele. — Ela continuou sentada na mesa, e percebi que estava esperando que eu fosse pegá-lo. Subi a escada pelo que pareceu a vigésima vez naquela noite e, quando cheguei à porta, podia ouvir duas vozes masculinas em alto tom. Reconheci uma como sendo a de Eric; ele estava de volta do pub.

— Pelo visto vocês se conheceram — disse eu, abrindo a porta para achá-los juntos, Eric com a mão no ombro de Nolan, falando com ele sobre o concurso do bar. Sabia que ele havia se dado bem pela maneira com que se virou para mim, um sorriso bonito no rosto. — E parece que você triunfou — completei.

— Quase desisti — disse ele. — É mais difícil do que parece.

— Desçam, vocês dois. Eric, deixe Nolan e minha amiga em paz. Eles precisam conversar.

Marchamos para baixo pela escada barulhenta. Addison agora estava em pé no corredor com um olhar de determinação. Nolan disse “Ad” com uma voz rouca. Eric se apresentou, soando relativamente normal para uma pessoa com tanta cerveja no organismo. Era uma de suas qualidades imutáveis, ser sempre civilizado e amigável, fosse qual fosse a circunstância. Praticamente um político.

Eric e eu entramos, enquanto Nolan e Addison ficaram do lado de fora, iluminados apenas por uma lâmpada pendurada por um único fio. Expliquei a Eric o que estava acontecendo, procurando captar qualquer reação que ele tivesse ao ouvir que Nolan, como ele mesmo, estava namorando duas mulheres ao mesmo tempo.

— Você acha que eles vão se acertar? — perguntou ele. E, antes mesmo que eu pudesse responder, continuou: — Preciso comer alguma coisa.

Eu estava prestes a falar que tinha comida indiana na geladeira e que esquentaria para ele, mas que tivesse cuidado com o frango korma porque achava que havia castanhas nele, quando Addison entrou no apartamento.

— Não se preocupem. Vamos dar um pouco de privacidade para vocês. Vamos tomar um drinque. — Nolan estava atrás dela, e pude notar que eles tinham se beijado pela vermelhidão ao redor da sua boca. Não sei o que ele tinha dito, mas funcionara. Addison pegou o casaco e a bolsa, e os dois voltaram à noite úmida. De repente, notei que meu plano estava valendo novamente, se eu quisesse. Meu estômago embrulhou com a ansiedade, mas o que testemunhei entre Nolan e Addison me deixou mais decidida. Sujeitos como Nolan e Eric nos magoam e quase sempre escapam com muita facilidade.

— Olha, Eric, estou exausta. Bebi demais também, e Addison me exauriu. Vou me deitar. Tem comida indiana na geladeira, se quiser. Peguei um frango korma para você.

— Você é uma santa. — Ele me beijou de forma displicente no canto da boca. Fui para o quarto, encostei a porta e tirei meu jeans e o suéter para me enfiar no pijama de lã que me mantinha quente no nosso apartamento frio. Podia ouvir Eric vasculhando a cozinha; havia sons de pratos batendo, então o barulho alto do micro-ondas sujo. Podia sentir o cheiro do frango — a mistura de molho e leite de coco — sendo aquecido. Sentei-me na beira da cama. Estava calma, mas minha mente estava febril, repleta de imagens. Imaginei Chet no campinho ao anoitecer, balançando-se sobre mim, sem saber que estava prestes a morrer. Vi Eric saindo do seu escritório, acendendo um cigarro e encontrando Faith. Vi Eric na noite em que fizemos amor pela primeira vez, os olhos dele a centímetros dos meus.

O micro-ondas parou de fazer barulho e escutei Eric abrir e fechar a porta, então fez-se silêncio por um momento. Presumi que estivesse comendo rapidamente, talvez ainda em pé.

Um minuto se passou, e a porta do quarto se abriu. Eric estava ali, a embalagem de comida na mão e a pele do rosto já avermelhada. E havia um inchaço ao redor dos seus olhos.

— Tem castanhas aqui. — Ele apontou para a comida. Suas palavras soaram como se estivessem passando por um punhado de algodão.

— Tem certeza? Onde está sua epinefrina? — perguntei.

— Mala. — Ele golpeou freneticamente o ar com a mão, o dedo apontando para onde estava sua bagagem.

Peguei a mala de onde estava no chão e a levei para o pé da cama. Eric largou a marmitta na mesa do quarto e foi direto para a mala, me empurrando para fora do caminho. Ele procurou no bolso onde havia deixado as canetas, então virou-se para mim, o pânico nos seus olhos e a vermelhidão da pele aumentando. Uma de suas mãos estava agora coçando o pescoço.

— Você não trouxe? — perguntei, em um grito de pânico.

— Sim. — Ele mal conseguia pronunciar a palavra. Soava como se viesse de uma longa distância, o grito de um homem preso no fundo de uma caverna úmida e estreita.

Eric jogou o conteúdo da mala na cama, então começou a remexer tudo rapidamente. Ele se sentou, o corpo rígido, os lábios franzidos enquanto tentava puxar ar para os pulmões. Comecei a ajudá-lo a revirar roupas e artigos de higiene, mas ele segurou minha mão e imitou o gesto de fazer um telefonema.

— Quer que eu peça ajuda? — perguntei.

Ele balançou a cabeça afirmativamente. A vermelhidão ao redor do seu pescoço e na garganta aumentou de forma alarmante, como elevações em um mapa topográfico. Mas o rosto ficou pálido, assumindo uma cor azulada. Corri para a sala e parei por um momento, só escutando o que estava acontecendo no meu quarto. Ouvi outro zíper sendo aberto, então um baque. Coloquei o fone de

volta, contei devagar até dez, então caminhei para a porta do quarto e espiei a cama. Eric estava deitado, a mão ainda no pescoço, mas não estava mais coçando o local. Sua mão estava apenas ali, imóvel. Observei por tempo suficiente para saber que ele não estava respirando e, só para ter certeza, esperei um minuto, então cruzei o quarto e encostei dois dedos no pescoço dele, em busca de pulsação. Não havia nada. Voltei para o telefone e disquei 999, dei meu nome e endereço, contei à mulher com voz jovial do outro lado da linha que meu namorado tivera um choque anafilático.

Depois do telefonema, me movi rapidamente. Peguei algumas das castanhas inteiras que estavam no papel-toalha dentro do congelador e coloquei no frango korma que ainda estava na tigela de Eric (ainda quente do micro-ondas) e na embalagem do restaurante. Então dei descarga no papel-toalha e lavei as mãos. No quarto, Eric não havia se movido. Enfiei a mão embaixo do colchão e puxei o plástico com as duas canetas de epinefrina intactas. Os pertences de Eric estavam espalhados pelo quarto. Limpei minhas digitais do plástico com um par de meias, então enfiei tudo em um dos seus tênis de corrida. Parecia um lugar onde alguém poderia manter remédios de emergência. Eric nunca faria isso, mas ele não contaria a ninguém. E tampouco contaria que eu teria dito que não havia castanhas no frango. Eu diria a todos que ele estava bêbado, que decidira comer o frango de qualquer maneira quando eu estava no quarto e que não conseguimos achar suas canetas de epinefrina. Tentei pensar se deixara algo de fora da cena. Pensei que poderia parecer melhor se eu tivesse pressionado o peitoral de Eric algumas vezes, apenas para mostrar que havia tentado os procedimentos de primeiros socorros. Será que um legista conseguiria diferenciar isso? Estava prestes a começar quando a campainha tocou de novo.

Corri escada acima e deixei os paramédicos entrar.

Três dias depois, a família de Eric foi avisada e todas as providências foram tomadas para o traslado do corpo para casa. Em seguida, o policial que chegou após os paramédicos na noite de sexta-feira veio à minha porta informar que não haveria nenhum inquérito.

Fiquei feliz, claro, mas surpresa. Havia lido tantos mistérios ingleses e presumi que uma morte levemente incomum fosse resultar numa investigação, na qual todas as evidências apontariam na direção de uma morte trágica e acidental. De certa maneira, estava decepcionada.

— Tudo bem — disse eu, com uma expressão confusa no rosto.  
— O que isso significa?

— Apenas que o legista considerou a morte acidental e não vê a necessidade de uma apuração mais profunda. É a decisão certa, creio eu, embora um inquérito oficial pudesse questionar o Bottle and Glass e aquele concurso deles. Pode ser que eu mesmo passe lá para conversar com eles. — O policial tinha olhos gentis e um bigode que escondia o lábio superior. Pela segunda vez, contei todos os fatos relevantes. Como Eric estava bêbado, como avisei das castanhas na comida, como ele comeu de qualquer maneira e como ele não lembrou onde havia guardado seu remédio.

— Muito obrigada — agradei.

— Sim, estou pensando que posso ir lá no pub e falar um pouco mais com eles — repetiu o policial. Ele ficou em pé por alguns instantes no corredor, então se virou para ir embora. Ele havia me dito seu nome, mas não lembrei naquela hora.

Minha orientadora no Instituto Faunce me perguntou se eu gostaria de retornar para os Estados Unidos, e respondi que estava bem e ficaria em Londres. Se houvesse um funeral, eu provavelmente compareceria, mas, apesar do trauma, estava feliz em Londres e no programa. Era a verdade — amava meu apartamento no subsolo de Maida Vale e amava que Addison, desde

o incidente, quase nunca ficasse lá. Nunca pensei em mim como uma pessoa urbana, preferindo a quietude de Connecticut à humanidade opressiva de Nova York. Mas Londres era diferente. Havia algo relaxante em relação às longas fileiras de apartamentos, sua agitação educada e anônima. As ruas ao redor de onde morava eram tão quietas que o som de pássaros cantando era mais comum que as conversas entre as pessoas. Fiquei feliz quando soube por e-mail que os Washburn decidiram organizar um funeral íntimo para a família e que haveria uma homenagem mais tarde no futuro. Planejei comparecer. Para começo de conversa, seria estranho que não fosse, mas também queria ver se Faith apareceria e, em caso afirmativo, qual seria sua reação ao me ver. Ainda me perguntava se ela havia conspirado voluntariamente com Eric para me trair durante o verão ou se ela também era vítima da duplicidade dele. Era algo que eu tinha a intenção de descobrir.

Um mês e meio depois da morte de Eric, peguei um caminho diferente da estação de metrô até em casa e passei pelo Bottle and Glass. Era uma noite fria e escura, e as janelas do pub enquadravam uma luz fraca e os vultos dos beberrões do happy hour. Não havia entrado ali desde o dia em que Eric morreu. Passei pelas portas até o salão apinhado de pessoas, repleto de murmúrios com sotaque britânico. Pedi um pint de Guinness no balcão e levei meu copo até a parede que explicava as regras e o regulamento do concurso de cervejas. Nada havia mudado, e me perguntei se o policial amável tinha aparecido ali para conversar com os proprietários sobre o concurso. Se tivesse, ninguém o ouvira. Ao lado das regras, havia uma prancha de madeira com nomes marcados nela, nomes daqueles que haviam concluído o desafio. Fui até o fim da lista. Eric Washburn era o penúltimo nome. Havia também um mural coberto por fotografias polaroides. Todos os instantâneos pareciam iguais — homens pálidos e de olhos caídos segurando um copo vazio de

cerveja. Encontrei a foto de Eric no canto direito superior. Sua cabeça estava um pouco para trás, e havia um brilho nos seus olhos que reconheci ser orgulho. Ele ainda estava bronzeado do verão, e, com a cabeça daquele modo, seus lindos cílios femininos estavam ainda mais aparentes. Pensei em pegar a fotografia para mim, mas decidi deixar ali. Ela pertencia àquele local. Era um testemunho.

Ao terminar a Guinness, pensei que minha carreira como assassina estivesse acabada. Não porque não tivesse mais estômago para aquilo, mas porque não teria mais essa necessidade. Nunca deixaria outra pessoa se aproximar de mim novamente, me machucar da maneira como Eric fez. Era uma mulher adulta agora. Sobrevivi à vulnerabilidade da infância e aos perigos do primeiro amor. Havia conforto em saber que nunca mais estaria nessa posição fragilizada novamente e que, de agora em diante, seria a única pessoa responsável pela minha felicidade.

Andei de volta ao apartamento vazio naquela noite, cozinhei um jantar simples e então sentei-me na minha poltrona preferida para ler.

Uma vida longa e descomplicada se desenrolava diante de mim.

## Capítulo 15

### Ted

RECUEI PELO CORREDOR DE ENTRADA, olhos o tempo todo na arma que estava na mão de Brad.

— Que merda é essa? — falei, e o encarei. Ele não parecia normal. Sua pele normalmente corada estava cinzenta e os músculos do pescoço, tensos. Vestia uma jaqueta jeans com forro de pele de carneiro e tinha um brilho de suor na testa. Parecia bêbado.

— Belo lugar que você tem aqui — disse ele, as palavras saindo em um ritmo estranho, como se ele as tivesse ensaiado.

— Posso te mostrar a casa, Brad? Que tal um drinque?

Suas sobrancelhas franziram como se minhas palavras tivessem causado uma certa confusão.

— Sim, bem mais bacana que meu chiqueiro temporário, não é? É aqui que um homem de verdade mora, certo?

Uma lembrança passou pela minha mente. A noite em que saí para beber com Brad. Eu falando algo sobre onde ele vivia. Um olhar de ódio em seu rosto. E, de repente, percebi que Brad estava ali para me matar e, em vez de entrar em pânico, me acalmei e racionalizei a situação, minha mente tomando o controle. Sabia que podia convencê-lo a não cometer o crime. Sabia que era mais inteligente que ele.

— Sério, Brad, o que você está fazendo com essa arma?

— O que você acha que estou fazendo? — retrucou ele, levantando o revólver na altura da minha cabeça. Tudo no aposento desapareceu, exceto aquela arma.

— Jesus, Brad, pense por um minuto! — Encarei a arma, provavelmente a mesma que tinha visto na gaveta dele em

Kennewick. Um revólver de dupla ação. Observei enquanto Brad deslizava o polegar pelo cão do revólver. Ele não sabia que podia apenas apertar o gatilho? Eu precisava agir, quer fosse atacar ou fugir. Estava a menos de um metro dele e me vi cada vez me aproximando mais. A última ocasião em que me metera em uma briga foi na terceira série, e perdi para um menino da primeira chamado Bruce. Simplesmente empurrei Brad o mais forte que pude, girando seu corpo de tal maneira que a arma ficasse longe de mim. Ele voou para trás, sua cabeça atingiu a porta da frente com um forte barulho. Pensei que ele pudesse ter sido nocauteado, mas pronunciou uma palavra que não entendi. Eu me virei e corri para a escada. Quando pisei no primeiro degrau, já pensando no telefone, ouvi o estampido alto da arma de Brad e senti um sopapo de ar nas minhas costas, como se a bala houvesse passado a três centímetros de mim. Continuei saltando pela escada. Na hora em que alcancei o topo, podia ouvir Brad atrás de mim, suas botas de trabalho atingindo os primeiros degraus. Peguei o telefone que ficava em cima de uma mesa antiga e tropecei, caindo no chão acarpetado, derrubando a mesa e o telefone junto. Algo quente vazou pela minha barriga e coloquei minha mão lá. Quando a retirei fiquei surpreso em ver sangue e, por um segundo, me perguntei de onde vinha. Então Brad ficou em pé sobre mim, a arma apontada na minha direção. Ele estava respirando rapidamente, um fio de saliva pendurado no lábio inferior.

— Por quê? — perguntei, mas, assim que fiz isso, já sabia a resposta. Brad não era um psicótico que decidira me matar apenas porque insultei sua moradia. Estava fazendo aquilo por causa da minha mulher. E, em poucos segundos, tudo ficou claro para mim. Miranda estava usando Brad para se livrar de mim. Ela queria todo o dinheiro para si. Por que não percebi antes? Uma pontada aguda de dor atravessou meus órgãos e fiz uma careta, então quase ri.

Olhei para Brad com seu rosto estúpido e a arma que tremia em sua mão.

— Miranda nunca vai ficar com você.

— Você não sabe de porra nenhuma!

— Brad, ela está te usando. Quem você acha que será o principal suspeito? Ela está na Flórida. Vocês dois estão tendo um caso. Todo mundo sabe disso.

Vi uma expressão de dúvida na sua face e senti uma ponta de esperança.

Pressionei minha mão contra a saída da bala no meu estômago. O sangue pulsando entre meus dedos ainda estava quente e espesso.

— Você se acha o máximo — disse ele.

— Brad, você é um idiota.

— Vamos ver — ele declarou antes de apertar o gatilho.

Parte ii  
A casa inacabada

## Capítulo 16

### Lily

— EI, VOCÊ — EU DISSE A TED SEVERSON. Ele estava sentado no bar da sala VIP do aeroporto de Heathrow. Eu o reconheci na mesma hora, mas duvido que ele tenha me reconhecido. Nós nos encontramos apenas uma vez, dois anos antes, quando esbarrei em Faith Hobart em um mercado a céu aberto no bairro de South End.

— Agora me chamo Miranda — informou Faith.

— Ah.

— É meu nome verdadeiro. Faith é meu nome do meio. Miranda Faith.

— Acho que não sabia disso. Então você deixou Faith para trás. Ela riu.

— Acho que você pode dizer isso. Este é meu noivo, Ted.

Um homem bonito e meio sério tirou seus olhos de uma placa tipográfica antiga e apertou minha mão. Ele possuía o aperto firme de um profissional, mas, após algumas poucas palavras sobre como era bom me conhecer, ele voltou à prensa. Falei para Faith/Miranda que ia me encontrar com alguém e precisava ir. Antes de sair, ela sussurrou:

— O que aconteceu com Eric foi terrível. Perdão, não entrei em contato depois, mas você estava em Londres e...

— Não importa, Faith, está tudo bem.

Eu me afastei. Pensei inúmeras vezes no que poderia acontecer se encontrasse Faith novamente. (Acho que devia chamá-la de Miranda agora.) Como ela reagiria a mim? Ficou surpresa quando descobriu que Eric havia morrido ao me visitar em Londres? Foi enganada também? Mas, após encontrá-la no mercado, vendo-a

com seu novo cabelo pintado de preto, botas de quinhentos dólares e um noivo que não fazia a menor ideia de quem ela era, e sua preocupação casual comigo, eu soube. Soube que ela havia efetivamente me enganado. Quando estava com Eric em Nova York, ela sabia que ele ainda me encontrava nos fins de semana em Shepaug. Será que era vingança por eu ter namorado Eric? Ou será que ela era uma daquelas mulheres que tinham tesão de afastar homens das suas mulheres? Por um breve momento, ali no South End de Boston, voltei a experimentar aquela pontada de dor no peito que senti quando descobri com certeza que Eric havia me traído com Miranda e que minha vida nunca mais seria a mesma.

Disse a mim mesma que não devia me preocupar com isso e consegui, mas, quando vi Ted Severson no aeroporto (Miranda era sua mulher agora; eu li em uma nota no *Globe*), decidi falar com ele.

— Ei, você — disse eu, dando uma chance para que me reconhecesse, embora duvidasse. Ele me olhou, sem fazer a menor ideia de quem eu era. Estava visivelmente bêbado, os olhos vermelhos e a boca semiaberta. Estava bebendo martíni. Pedi um também, embora odiasse martíni.

Pegamos o mesmo voo de volta para Boston e ele me falou sobre sua vida triste, sobre a traição de Miranda, seus sentimentos de raiva e resignação. Disse-me tudo isso porque achava que nunca mais me veria. Em outra hora e lugar, ele nunca teria revelado tanto. Até me falou sobre o imenso ódio que nutria por sua mulher, e brincou sobre querer matá-la. Falei para mim mesma que não devia me envolver, mas soube, desde o primeiro momento em que conversamos, que era tarde demais. Miranda entrara na minha órbita novamente, e por alguma razão. Talvez fosse por egoísmo ou justiça, ou talvez algo inteiramente diferente, mas, no curso das semanas seguintes, convenci Ted Severson a assassinar Miranda, assim como Brad Daggett, o amante dela. Não foi difícil. Contudo,

justamente quando o plano estava prestes a tomar forma, peguei o *Sunday Globe* na porta numa manhã e, durante o café à mesa da cozinha, vi uma foto de Ted, um quadrado pixelado no topo de uma coluna do caderno de Cidades.

Li a matéria abaixo da foto, a caneca de café no caminho para minha boca.

## ***MORADOR DE SOUTH END MORTO A TIROS NA PRÓPRIA CASA***

*Boston — A polícia está investigando o assassinato de um residente de Boston que ocorreu na área da praça Worcester em South End, na noite de sexta-feira.*

*A polícia respondeu a um chamado de que tiros foram disparados às 18h22. De acordo com o detetive Henry Kimball, a vítima de 38 anos, Ted Severson, foi encontrada no segundo andar da sua residência e declarada morta na cena do crime.*

*"Estamos também investigando um roubo que ocorreu na noite de sexta no mesmo bairro do homicídio", declarou Kimball. "Não sabemos ainda se os dois crimes estão relacionados, mas estamos pedindo a qualquer pessoa que possa ter alguma informação para se apresentar."*

*Ted Severson, presidente da Severson Inc., uma empresa de consultoria, deixa a esposa, Miranda Severson, que estava na Flórida no momento do assassinato.*

*Segundo um vizinho, Joy Robinson, Ted e Miranda Severson formavam "um bonito casal jovem. Pareciam atores de televisão. Não acredito que aconteceu isso com eles. E neste bairro".*

*Qualquer pessoa que possa ter informações que ajudem a polícia a resolver o caso, tanto do homicídio quanto do roubo, deve ligar para a linha direta "Basta de Crimes" da polícia de Boston.*

Coloquei minha caneca de volta na mesa e reli a história. Senti meu corpo frio. Jamais me ocorreu que, enquanto Ted e eu planejávamos matar Miranda, ela poderia estar fazendo a mesma coisa com Ted. *Tinha* de ser Miranda, com a ajuda de Brad. Com certeza não era um roubo aleatório que virara assassinato. Era muito conveniente que Miranda estivesse fora, na Flórida, com um álibi sólido. Brad deve ter vindo do Maine e atirado em Ted. Talvez ele tenha invadido uma casa nas redondezas para despistar. Talvez não. De qualquer maneira, Ted estava fora do caminho de Miranda, e todo o dinheiro iria para ela.

Pensei em Ted. Foi encontrado morto no segundo andar da sua casa. Deve ter deixado Brad entrar, então saiu correndo. Deve ter percebido que estava prestes a morrer e que Miranda orquestrara tudo. Minha garganta se fechou, e senti lágrimas se formando em meus olhos, mas sem cair. Tinha me afeiçoado a Ted. Quando conversamos no avião, só o enxerguei como uma forma de descobrir mais sobre minha nêtese da universidade. Miranda Faith Hobart era um fio fora do lugar na minha narrativa, e eu tinha dito a mim mesma que, embora tivesse roubado meu namorado, não a considerava uma pessoa verdadeiramente venenosa. Depois de falar com Ted e escutar a história da traição dela, eu sabia que esse não era mais o caso. Ela era totalmente podre.

E talvez eu estivesse empolgada por ter uma presa novamente, preciso admitir. Assassinato era uma sarna que eu não coçava havia muitos anos.

Mas Ted se tornou mais importante para mim. Mais que isso, de verdade. Quando nos beijamos no cemitério em Concord, fiquei surpresa com a minha reação, em quanto senti por causa de um beijo. Disse a mim mesma — como sempre faço ao me envolver com outro homem — que me apaixonar não era uma opção. Sabia que não podia passar por aquilo novamente. Mas gostei muito de Ted.

Era bonito, porém desajeitado, como se nunca tivesse se acostumado à própria sorte. Um daqueles homens que dominam o mundo, porém não sabem disso. Eu podia ver por que Miranda o atraiu. Não apenas era uma das mulheres mais sensuais de qualquer lugar, mas também era satisfeita consigo mesma. Ele deve ter ficado atraído por essa qualidade. Entretanto, tirando a intensidade do nosso beijo — as folhas amareladas ao nosso redor, sua mão no meu suéter —, o que realmente senti com Ted foi a sensação incomum de ser eu mesma ao lado dele, ser capaz de compartilhar segredos com outro ser humano. Ele estava me contando seus pensamentos mais íntimos, seu desejo de assassinar sua mulher, e eu disse a mim mesma que um dia lhe contaria tudo sobre meu passado.

Mas Ted agora se fora.

E tudo que podia pensar era como eu queria vê-lo novamente e como isso nunca iria acontecer.

Entrei na internet para ver se poderia encontrar algo além do divulgado sobre o que acontecera na noite de sexta-feira. Não havia nada, apenas algumas matérias de jornais que repetiam as informações do *Globe*. Pensei mais sobre o assassinato e como Miranda orquestrara tudo. Certamente Brad puxou o gatilho. Havia a possibilidade de uma terceira pessoa envolvida, mas eu duvidava. Então, como eles combinaram? Miranda sai da cidade e certifica-se de que Ted esteja sozinho em casa na sexta-feira. Brad vem dirigindo do Maine. Primeiro, ele invade a casa de um vizinho e rouba algo. Teria de ser um vizinho conhecido de Miranda. Ela saberia que o proprietário estaria fora e que não teria um alarme na casa. Seria bem mais fácil. Depois do roubo, Brad deve ter ido para a casa de Ted e batido na porta. Ted o teria deixado entrar, então tudo que Brad precisava fazer era atirar nele. Pareceria um roubo que deu errado. Então, Brad retorna para o Maine.

Divaguei sobre o álibi de Brad. Ele teria de ter um, mas como poderia se dirigir do sul do Maine até Boston, cometeu dois crimes e retornou? Precisaria de, pelo menos, três horas, provavelmente mais, porque precisaria respeitar os limites de velocidade nas rodovias. Talvez Miranda estivesse contando com o fato de que absolutamente ninguém soubesse do seu caso com o mestre de obras da sua casa. Isso era uma possibilidade? Ted descobriu. Outra pessoa na cidade poderia saber. Membros da equipe de Brad? A bartender do Kennewick Inn? Não parece provável que tenham conseguido guardar segredo absoluto.

E, claro, eu sabia. Isso me deixava em uma posição única — possuía essa informação diretamente de Ted Severson, e ninguém mais no mundo estava ciente de que nos conhecíamos. Podia ir à polícia, claro, e contar tudo, sem mencionar que Ted também estava planejando matar a mulher. Mas não faria isso. Havia uma boa chance de que a polícia estragasse a acusação e Miranda saísse livre. E, mesmo que fosse presa e condenada, ela se tornaria uma celebridade nacional. Eu podia vislumbrar isso — uma mulher com aquela aparência que havia convencido o amante a matar o marido dela. Passaria na TV durante anos.

Miranda merecia punição, agora mais que nunca.

Enviei uma mensagem de texto à minha amiga Kathy, dizendo-lhe que não estava me sentindo bem e que precisava cancelar os nossos planos de ir ao cinema à tarde. Então mandei um e-mail para meu chefe na Universidade Winslow, deixando claro que estava sentindo uma gripe se aproximar e que planejava tirar o dia de folga. Meu chefe morria de medo de germes e sempre ficava feliz de nos dar dias de folga por causa de doenças.

Eu tinha um trabalho a fazer, e o primeiro passo seria visitar Kennewick e conhecer Brad Daggett. Sabia que precisava agir

rapidamente, porque a polícia poderia estar cercando o caso. E eu precisava chegar lá antes deles.

## Capítulo 17

### Miranda

APENAS DEZ MINUTOS HAVIAM SE PASSADO depois das dez horas da manhã, e eu podia sentir cheiro de álcool no hálito dele. Havia pingos de suor por sua testa, e a pele abaixo dos olhos estava inchada e arroxeadada.

— Você estava sozinho?

— Sim — disse Brad.

Estávamos em pé na entrada de cascalho da casa inacabada no Maine. Era domingo. Brad havia matado meu marido na sexta à noite e eu sabia, apenas olhando para ele, que havia calculado mal suas capacidades. Ele parecia alucinado, os olhos brilhantes.

— Foi tudo bem — falei. — A polícia acha que foi um assalto que deu errado. Exatamente como planejamos.

— Sim — repetiu ele.

— Como está se sentindo? Você parece doente.

— Não me sinto bem. Foi mais difícil do que pensava.

— Querido, me desculpe. Você não vai se sentir assim por muito tempo. Eu prometo. Vamos nos casar. Você será rico. Confie em mim, essa sensação não vai durar.

— Sim, sei disso.

— Então você precisa se recompor. Se a polícia vier e conversar com você, não pode parecer um zumbi. Tudo bem? Agora já está feito. Ted está morto, e não tem mais volta.

Um carro passou pela Micmac Road, e Brad virou a cabeça para observá-lo. Mantive meus olhos em Brad. Era uma manhã fria, e sua respiração se condensava no ar. Ele se virou de volta para mim.

— Não sei se deveríamos estar nos encontrando aqui desse jeito. — Ele tirou um Marlboro vermelho do maço que ficava no

bolso da frente da sua jaqueta. Acendeu o cigarro com um fósforo, protegendo a ação com ambas as mãos, embora não houvesse vento.

— Você é meu mestre de obras. Meu marido acaba de ser assassinado, e preciso falar para você suspender o trabalho por alguns dias, somente enquanto penso no que precisa ser feito. Não é nada de mais. Estou indo ver a minha mãe. Ninguém sabe sobre nós dois. Ninguém. Você precisa se recompor, Brad.

— Eu sei. Eu vou. É só que... Você não estava lá. Ele parecia assustado.

— Claro que parecia assustado, querido.

— E também há outra coisa.

— O quê?

— Acho que ele sabia sobre nós dois.

— O que você quer dizer?

— Ele disse algumas coisas. Disse que você nunca ficaria comigo e que eu estava sendo usado por você.

— Ele provavelmente inventou aquilo na hora. Assim que te viu entrar pela porta com a arma, ele percebeu que nós dois estávamos juntos. Não havia jeito de saber antes.

— Acho que ele sabia. Ele não estava surpreso. Agia como se soubesse o tempo todo.

Pensei por um momento e me perguntei se era possível, mas concluí que não.

— Como ele poderia saber?

— Porra, não sei, Miranda, mas estou te falando. Ele sabia. — Brad alterou o tom da voz, e a mão com o cigarro começou a tremer enquanto falava.

— Shhh, tudo bem. Talvez ele soubesse, mas Ted está morto agora, então não importa, certo?

— Ele poderia ter contado a alguém.

— Para quem ele iria falar? Eu o conheço. Não tinha amigos próximos. Talvez ele suspeitasse, mas não falaria para uma viva alma. Eu garanto.

— O.k. — Brad deu uma longa tragada no cigarro.

— Querido, me escute. Você precisa estar preparado com sua história. Você é um mestre de obras e estava trabalhando para nós. Ted nunca estava por perto, mas eu, sim. Eu parecia meio entediada, metia o nariz em todos os detalhes da casa, mas, fora isso, eu era legal. Nunca dei em cima de você. Você nunca deu em cima de mim. Por que diabos você estragaria um contrato tão lucrativo? Eles eram podres de ricos. Não faz ideia de quem matou Ted. Não faz ideia se eu e Ted éramos felizes. Parecíamos felizes quando você nos via, mas, sinceramente, você não prestava muita atenção. É isso. É tudo que você sabe.

— O.k.

— Repita para mim.

— Jesus, Miranda, eu entendi.

— Tudo bem. Então me fale sobre sua noite com Polly. Como foi?

— Certo. Almoçamos no Cooley's, ficamos bebendo e saímos por volta das três. Fomos para minha casa. Ela estava embriagada, desmaiou antes que eu saísse.

— Você transou com ela?

— Jesus, Miranda!

— Não estou perguntando porque estou curiosa. Não me importo. É provavelmente melhor que vocês tenham transado, caso a interroguem sobre a história.

— Por que ela seria interrogada? Pensei que você tivesse falado que...

— Ela não será interrogada, estou apenas me assegurando. Ela é seu álibi. Quero saber o que ela vai falar no caso de a polícia

checar seu álibi.

— Ela vai se sair bem. Provavelmente vai falar que sou o namorado dela e que bebemos um pouco, então transamos na minha casa. Falará que passei a noite com ela. Não vai dizer que desmaiou. Conheço a peça.

— Ela ainda estava lá quando você voltou?

— Sim, nem se moveu.

— E você a acordou?

— Sim, fiz exatamente o que você falou. Acordei Polly. Eram umas dez, e a levei de volta para o carro dela.

Outro carro passou pela Micmac, e Brad se virou novamente. Ele jogou fora o cigarro e, com a mão livre, puxou de leve uma de suas costeletas.

— O.k. — disse eu. — Vou indo nessa. Fale para a equipe tirar uns dois dias de folga, até que eu descubra o que vou fazer. Eu te ligo, mas somente por razões de trabalho, certo?

— Sim, eu sei.

Dei um passo para a frente, olhando para a estrada para ter certeza de que estava vazia, então peguei a mão grande e cheia de calos de Brad e a levei para baixo até tocar a frente da minha calça de ioga. Não estava usando calcinha e, na sexta-feira, durante as poucas horas em que fiquei em Miami, saí com minhas amigas para um spa e sofri durante uma depilação a cera. Pressionei os dedos de Brad entre as minhas pernas.

— E quando tudo isso terminar — sussurrei —, você e eu vamos tirar longas férias em alguma ilha tropical onde ninguém nos conheça e vou trepar com você até subir pelas paredes.

— Jesus, o.k. — disse ele, afastando a mão de mim e dando um passo para trás. — Alguém pode nos ver.

— Você se preocupa demais. Esse é o seu problema.

— O.k. — disse ele novamente, e tirou outro cigarro do maço. Deu uma olhada na direção da caminhonete, provavelmente pensando na garrafa que deixara no porta-luvas.

— Preciso ir, querido — eu disse, e entrei no meu carro. — Fique tranquilo, certo?

Ele balançou a cabeça afirmativamente, e dei a volta para fora da entrada. Brad fora um grande erro. Isso estava claro, e tudo que eu podia esperar era que a polícia mantivesse a investigação apenas em Boston e nunca o interrogasse.

Voltei para a I-95 e me ajeitei para o longo caminho em direção a Orono. Depois de casar com Ted, tentei convencer minha mãe a se mudar para algum lugar mais perto de Boston, mas ela insistia em ficar no Maine. Dei dinheiro a ela, que acabou comprando uma casa de 1.600 metros quadrados pela qual se apaixonou por causa de uma geladeira de aço e uns balcões de granito. Disse a ela que virar dona de uma casa bacana em Orono seria como comprar metade de uma vaga de carro em Boston, mas ela não queria se mudar. Acho que queria ficar no Maine para jogar seu recém-encontrado dinheiro na cara das amigas. Além da casa, comprou roupas novas e um Mercedes.

— Você falou para seu pai que agora estou dirigindo um Mercedes? A gente teve um por cinco minutos, sabia? — disse ela depois de comprar o carro.

— Papai não dá a mínima para o que você dirige, mãe.

— Você acha que só porque ele é um tipo intelectual não se importa com qual carro as pessoas dirigem.

— Não. Ele apenas não se importa com qual carro  *você*  dirige, mãe.

Isso foi há algumas semanas. Não tinha falado com ela novamente até ontem, quando liguei para avisá-la que Ted, o genro

dela, havia sido morto em uma tentativa de assalto. Disse-lhe que iria ficar duas noites com ela, porque não queria ficar em Boston.

— Claro que você não quer, Faith. — Minha mãe ainda me chamava de Faith, meu nome do meio que usei entre os seis anos e o término da faculdade. Insisti em mudar quando descobri que havia outra Miranda na minha classe da primeira série. Quando falei para minha mãe que estava voltando a usar Miranda, ela se recusou a fazer a mudança. — Acabei de me acostumar com Faith e não vou mudar de novo.

Senti que o detetive Kimball não ficou satisfeito quando lhe falei que estava indo para o Maine para ficar com minha mãe.

— Podemos arrumar um quarto de hotel para você aqui na cidade — disse ele. — Sua mãe poderia vir para cá.

— É importante que eu fique em Boston?

— Seria prático ter você por perto para responder quaisquer questões que, porventura, possamos ter. — O detetive Henry Kimball falava com uma voz baixa e parecia muito nervoso para ter chegado a alguma posição de prestígio no departamento de polícia. Ele tinha cabelos castanhos um pouco longos demais e olhos da mesma cor. Usava um casaco de tweed por cima do jeans. Parecia uma daquelas almas perdidas que costumavam trabalhar na revista literária da universidade. Eu me perguntei quão rapidamente poderia fazê-lo se apaixonar por mim. *Rápido pra caralho*, pensei.

— Só vou para o Maine. Você tem meu celular. Não posso ficar... Não posso ficar na minha casa neste momento. Você compreende...

— Claro, eu entendo, sra. Severson. Totalmente. Bem, então vamos ficar em contato. Ligo para a senhora imediatamente, caso surja alguma novidade sobre a investigação.

Tivemos essa conversa depois que identifiquei o corpo de Ted. Peguei um táxi da delegacia de volta para nossa casa e arrumei uma

mala. Brad achava que dirigir para o Maine tão cedo poderia parecer suspeito, mas achei que pareceria natural.

Depois de perder meu marido, faria sentido que quisesse passar um tempo com minha mãe. Quero dizer, a não ser que você conhecesse minha mãe. Mas dirigir até lá me deu a chance de passar em Kennewick e checar Brad, para ver quanto deveria me preocupar com os nervos dele. E acabou que eu realmente precisava me preocupar.

Depois de passar por Portland, as estações de rádio decentes começaram a sumir, e coloquei um CD de coletânea que Ted havia feito para mim. Começava com uma música que ele dizia estar tocando na festa em que nos conhecemos. "Mansard Roof", do Vampire Weekend. Não conseguia me lembrar da canção naquela festa, mas gostava dela e cantei junto. Quando casei com Ted, não planejava matá-lo. Não o amava, mas gostava dele o suficiente. E ele era generoso, me deixava gastar seu dinheiro sem reclamar. Não que tivesse algo para reclamar. Pelo que eu sabia, o dinheiro nunca acabaria. Então, certa manhã, acordei em Boston, o sol entrando pela janela do nosso quarto. Olhei para Ted, ainda dormindo profundamente, o rosto enrugado no travesseiro. Analisei um trecho de pelos abaixo do seu queixo que passara despercebido quando fez a barba no dia anterior. Ele roncava levemente, mas cada respiração começava com um soluço nasal, como se seu fôlego tivesse sido capturado na beira de alguma coisa. Ouvir aquilo me deixou furiosa, e percebi que passaria o resto da minha vida acordando e olhando para o mesmo rosto, envelhecendo. Envelhecendo e roncando, cada vez mais. Essa parte foi ruim o bastante, mas também sabia que, assim que acordasse, Ted iria olhar para mim, seu rosto iria ganhar uma expressão de agradecimento e ele falaria algo como "Olá, linda". Isso era o pior. Eu precisava sorrir, quando tudo que desejava era socar aquele sorriso estúpido do seu rosto. Ted se mexeu um

pouco, e eu sabia que ele iria acordar. Da forma mais silenciosa que podia, afastei o edredom e arrastei minhas pernas para a beirada da cama. Não fui rápida o suficiente. Ted acordou, passou um dedo pelas minhas costas e falou, numa voz sonolenta boboca: "Aonde você vai, gostosa?". Naquele momento, eu soube que não poderia seguir em frente. Queria o dinheiro, mas não podia passar minha vida inteira com Ted. Nem de longe. Havíamos começado a levantar a casa em Kennewick. Pensei em Brad Daggett, nosso mestre de obras, e me perguntei se ele servia para algo mais além de construção de casas.

Na hora em que cheguei à periferia de Bangor, o CD já havia tocado duas vezes, mas eu continuava a ouvi-lo. Saí da I-95, passei pela caixa-d'água Thomas Hill e entrei na avenida Kenduskeag, que me levava diretamente para a cidade. Estava tudo meio depressivo, as folhas das árvores já secas e caindo. A maioria tinha sido ensacada ou empilhada, e a cidade havia voltado à sua paleta de cores familiar de tijolos e telhados, habitações rasteiras cobertas por um baixo céu cinzento.

Entre na rua State, acompanhando o rio Penobscot, rumo ao norte em direção a Orono. Quando estava a 350 metros da casa da minha mãe, meu telefone vibrou. Abaixei o volume do rádio e atendi.

— Sra. Severson, é o detetive Kimball.

— Alô — disse eu. Embora ele pudesse estar ligando por várias razões, meu coração parou um momento.

— Perdão por incomodá-la, mas temos uma pergunta. Você sabe por acaso o que seu marido fez no dia... na sexta-feira, durante o dia?

— Humm, pelo que sei, ele ficou em casa o dia todo. Só o vi pela manhã, antes do meu voo para a Flórida. Ele me falou que tinha trabalho para fazer e que planejava comer sozinho à noite. Iria

fazer cordeiro. Mandei uma mensagem para lembrá-lo de tirar a carne do freezer. — Deixei minha voz um pouco trêmula.

— A-hã. Seu marido conhecia alguém em Winslow, Massachusetts?

Desacelerei o carro, procurando pela casa da minha mãe.

— Winslow. Acho que não. Por quê?

— Encontramos uma multa da cidade de Winslow no carro dele. Era de 14h33 da sexta-feira que seu marido faleceu. Ficamos curiosos se você sabia por que ele teria dirigido até lá.

Enxerguei a entrada da casa da minha mãe, o Mercedes em branco-diamante, e estacionei ao lado dele.

— Não faço ideia. Onde mesmo em Winslow? É onde fica a faculdade, certo?

— Sim. Seu marido tinha contatos de trabalho por lá?

— Poderia ter. Realmente não sei. Por quê? Você acha que pode estar relacionado com o que aconteceu?

— Não, não. Estamos apenas seguindo todas as pistas. Então, pelo que você sabe, seu marido não encontrou ninguém que ele conhecia naquela sexta-feira?

— Até onde sei, não. Mas eu não estava lá...

— Claro. Muito obrigado, sra. Severson. Se pensar em alguma coisa ou lembrar de quem seu marido poderia conhecer em Winslow, entre em contato. Você tem meu número?

— Você acabou de me ligar. Tenho.

— Certo. Obrigado.

Sentei em meu carro por alguns minutos, embora tivesse visto o vulto da minha mãe espiando da sala no segundo andar. Me preocupava que a polícia chegasse à conclusão de que precisava investigar aonde Ted tinha ido no dia em que foi morto. Estava contando com a simples conclusão de que Ted havia lutado contra um ladrão. Respirei fundo, me perguntei por alguns instantes se

minha mãe ainda fumava e se ainda havia cigarros na casa, então me acalmei. Claro que eles queriam saber aonde Ted tinha ido naquele dia. Era rotina. Mas por que ele foi para Winslow e por que não me falou nada? Não menti quando falei para o detetive que, pelo que sabia, Ted não conhecia ninguém em Winslow. Mas o nome da cidade martelava em minha cabeça, e não sabia exatamente o porquê. Alguém que conhecia morava lá agora ou eu estava confundindo com Winchester? E por que Ted foi para Winslow? Será que ele também tinha segredos? Agora eu tinha algo diferente com que me preocupar, junto com o fato de que Brad estava desmoronando como uma avalanche. A história da minha vida.

Saí para o ar frio de Orono. Folhas secas se espalhavam pela entrada. Tirei a minha bolsa de roupas do banco de passageiro do Mini e caminhei para a porta da frente da casa da minha mãe.

## Capítulo 18

### Lily

NO CAMINHO DE WINSLOW PARA KENNEWICK, continuei pensando no que Miranda tinha feito com Ted. Ele era um inocente. Embora planejasse o fim da própria Miranda, assim como o de Brad, eu sabia que, no fundo, ele não era um assassino por natureza, não era um predador de verdade. E agora sei que ele foi a presa o tempo todo. Eu me perguntei se ele, inconscientemente, chegou a sentir que Miranda viria atrás dele. Seria por isso que estaria querendo matá-la — porque a sentia na sua cola, da mesma maneira que um rato sente a presença de um gato, empoleirado e em pé na grama alta?

O dia estava frio e cinzento, mas minha janela estava entreaberta, e, enquanto saía da I-95 rumo à rotatória ao norte de Portsmouth, podia sentir o cheiro da maresia. Não conhecia tão bem o Maine. Desde que comecei a morar em Massachusetts, havia visitado Cape Cod diversas vezes, ficando na casa de uma colega de trabalho e de uma amiga em Wellfleet, mas fui poucas vezes tão ao norte do estado. Entrei na rodovia e passei por Kittery, a terra dos outlets, e vi a Kittery Trading Post, a loja onde Ted havia comprado o binóculo que usou para espionar Miranda. Eu podia imaginá-lo nessa estrada, apenas algumas semanas antes; podia imaginar como se sentia, aquele sentimento angustiante no estômago quando você se decepciona com alguém que ama.

Assim que passei pelos outlets, a paisagem da estrada se abriu e vislumbrei os mangues e, ao longo, o Atlântico, quase da mesma cor do céu pesado e plácido.

Levei um tempo para encontrar o Kennewick Inn. Saí da Rota 1 em Kennewick Beach, então dei a volta ao sul para o porto de

Kennewick. Passei por fileiras de chalés de aluguel desgastados pelo sal e me perguntei qual deles pertenceria a Brad e sua família. Passei pelo Cooley's, seu letreiro de neon apagado naquele início de tarde de domingo. Havia uma caminhonete parada no estacionamento, e pensei se Brad já estaria lá. Depois de Kennewick Beach, a estrada Micmac cortava alguns terrenos caros. Mantive meu foco em encontrar a casa que Ted e Miranda estavam construindo, e a encontrei imediatamente — uma monstruosidade em bege sobre a ribanceira, com o oceano negro por trás. Havia duas caçambas de lixo na frente dela, mas não vi nenhum veículo.

Continuei dirigindo até chegar ao hotel, estacionando na entrada pouco movimentada de cascalho. Abaixo do letreiro de madeira, esculpido em letras cursivas, havia uma placa pendurada onde se lia TEMOS VAGAS. Eu sabia que teriam. Era um domingo de outubro, e nessa época do ano os turistas vão para as montanhas observar as árvores, deixando a costa para aqueles que moravam lá o ano todo.

Estudei o hotel. Era uma estrutura de vigas de madeira erguida contra a estrada, com uma longa extensão por trás e desenhada para parecer tão velha quanto o prédio original. Toda a madeira exterior fora pintada recentemente e, mesmo na luz cinzenta do dia, parecia brilhar com a promessa de luxo e conforto. Não tinha certeza se pegar um quarto seria uma decisão inteligente; havia uma pequena possibilidade de que Miranda também estivesse ali. Mesmo assim, era improvável — o marido dela acabara de ser morto, e presumi que ela estivesse em Boston tomando conta dos negócios. Mas não tinha certeza. Encontrá-la não seria a pior coisa do mundo. Não havia razão para que ela suspeitasse de algo em relação a mim e seu marido. Havia zero conexão entre nós. Ainda assim poderia alertá-la e, para meu plano funcionar, eu precisava que ela estivesse relaxada.

Decidi ficar. A verdade era que eu queria dar uma olhada no lugar em que Miranda havia morado durante boa parte do ano anterior. As pessoas a conheciam por ali. Poderia ouvir algumas fofocas. Qualquer coisa que me desse uma vantagem.

Andando do carro até a recepção, o ar cheirava a fumaça. Um trabalhador de macacão que saía do prédio segurou a porta enquanto eu passava com minha mala. Caminhei pelo piso de madeira desnivelado em direção à recepção. Esperei por um minuto e toquei o sino. Um homem grisalho de bigode surgiu de um escritório adjacente. Seu crachá o identificava como John Corning, concierge.

— Saindo?

— Chegando, na verdade. Se tiver um quarto. Não tenho reserva.

John levou quinze minutos me descrevendo vários dos quartos disponíveis. Fiquei com um na parte antiga do hotel. Fui avisada de que o teto era baixo, mas havia uma linda vista do oceano.

— Turismo? — perguntou John.

— Tirei dois dias de folga e nunca tinha vindo aqui. Então quis me dar um presente.

— Bem, você escolheu o lugar perfeito. Temos vários serviços de spa, mas você precisa ligar antes para marcar. O salão de jantar está fechado hoje à noite, mas o Livery está aberto no subsolo e particularmente considero a comida muito boa. Prove a lagosta. E ficaria feliz de recomendar restaurantes nas redondezas. Precisa de alguém para levar você até o quarto?

Respondi que não precisava e subi a escada estreita para o segundo andar. A vista do meu quarto era um pequeno trecho de mar por trás das fileiras de árvores do outro lado da estrada, mas o quarto era bom, com paredes em azul-escuro, móveis de estilo rústico e uma cama com dossel com cobertores em vermelho,

branco e azul. Perguntei-me, claro, se tinha sido nesse quarto em que Miranda e Ted ficaram. Teriam dormido nessa cama?

Desfiz minha mala. Informei ao John da recepção que ficaria por duas noites, embora tenha levado roupas suficientes para mais tempo. Daria o meu jeito aos poucos. O quarto estava muito quente e o aquecedor estalava e assobiava e sibilava, então abri a janela e fiquei ali enquanto o ar frio me banhava. As nuvens baixas se dissipavam com o passar da tarde, e eu podia ver a sombra do hotel alongando-se sobre a estrada. Estaria escuro em menos de uma hora. Havia planejado andar pela trilha do penhasco, mas decidi que poderia fazer isso no dia seguinte. Deixei a janela entreaberta e deitei na cama macia. O teto era cortado por vigas escuras, e imaginei Miranda naquele quarto olhando para a mesma imagem. Vislumbrei-a sozinha, nua embaixo dos lençóis, pensando nos dois homens da sua vida — o marido e o amante — e planejando o assassinato. Tentei pensar em Ted, mas minha mente voltava para Miranda. Era possível que eu estivesse errada sobre ela e que Ted realmente tivesse sido morto por um assaltante surpreendido? Não achava isso, mas era uma possibilidade. Era a primeira coisa que precisava descobrir e a razão por que precisava encontrar Brad o mais rápido possível.

Miranda inundou meus pensamentos. Lembrei-me dela, anos atrás, olhando fixamente para meus olhos naquela noite de bebedeira em St. Dunstan's. Ela queria estudá-los, disse, e eu permiti. Podia sentir o aroma doce de vodca em seu hálito, e uma das suas mãos tocava meu pulso. Ela listou todas as cores que podia ver nos meus olhos. Naquela época, me perguntei o que estava tramando. Pensei que tivesse algo a ver com Eric, que ela estava tentando me assustar, já que eu estava saindo com seu ex-namorado, mas então eu só pensava se não teria algo a ver comigo.

O que ela viu em meus olhos? Teria visto Chet no fundo do poço? Uma semelhança que iria além de Eric Washburn?

Alguns caras, cujo nome não lembro, gritou “Se beijem”, lá do outro lado da sala, e quebramos o contato, mas nunca me esqueci daquele momento. Me pergunto se ela também se lembra.

Fiquei no quarto até um pouco depois das cinco, então vesti meu jeans mais apertado. Amarrei meu cabelo para trás em um rabo de cavalo e me maquiei mais do que o normal, até passando delineador. Depois de jantar no Livery, planejava passar no Cooley’s, o bar na praia, e precisava criar uma personagem.

O Livery estava calmo quando sentei no bar. O barman, um gigante de rosto depressivo que usava suspensórios e gravata, cortava limões, e uma garçonete limpava as mesas. A área do bar era extensa e apertada. Em uma das extremidades havia uma lareira apagada e, na outra, um homem com longos cabelos grisalhos afinava um violão e ligava um amplificador. Pendurei minha bolsa em um gancho abaixo do balcão e pedi uma garrafa de cerveja light. Os melhores momentos do futebol americano estavam sendo exibidos na TV afixada acima das garrafas, e fingi interesse. Tinha me perguntado se alguém apareceria ali numa noite de domingo, mas, por volta das seis horas, quando estava na segunda cerveja, pelo menos quinze fregueses tinham chegado, a maioria sentando no bar. O sujeito do violão já havia tocado duas músicas do Eagles. Eu estava sem comer desde o café da manhã, e pedi um hambúrguer de peru com batatas-doces fritas. Quando o lanche estava chegando, John, o concierge do hotel que me atendeu, sentou dois bancos adiante e pediu um martíni Grey Goose.

— Olá, você — disse eu, virando meu banco parcialmente na direção dele.

Observei enquanto os seus olhos tentavam me reconhecer. Eu sabia que estava diferente da hora em que fiz o check-in. Depois de

um longo segundo, ele disse:

— Olá, hóspede sem reserva. Gostou do quarto?

— É bastante agradável. Você estava certo.

— Não bateu a cabeça ao passar pela porta?

— Quase.

A bebida dele chegou, a vodca formando uma meia-lua na borda da taça.

— Como você espera que eu beba isso? — disse ele para o barman, que, sem pestanejar, enfiou um canudo curto preto no martíni. John diminuiu a quantidade de vodca, então deu um piparote no canudo de volta para o barman, que deixou o troço bater em seu peito e cair no chão.

— Deve ser bom sair do trabalho e poder beber um martíni a menos de cem metros do escritório.

— Eu não estava brincando quando disse que este lugar era bom. Veja que bela propaganda estou fazendo ao beber no próprio lugar onde trabalho. — Sua risada foi quase infantil, os ombros subindo e descendo.

Conversamos um pouco enquanto comia meu hambúrguer e ele tomava seu martíni, adicionando gelo aos poucos. Estava prestes a desistir de ouvir alguma fofoca sobre Ted e Miranda, mas, quando o segundo martíni de John chegou, ele perguntou:

— Você disse que era de Boston?

— Não, disse que era de Massachusetts. Winslow, fica a uns quarenta quilômetros a oeste.

— Você leu sobre o assassinato no South End? Ted Severson.

— Li. Um roubo na casa ou algo assim, não foi?

— Sim. O cara estava construindo uma casa aqui, a uns dois quilômetros estrada acima. — Ele apontou para o norte com uma de suas mãos grandes e carnudas. — Eles ficam... ficavam... aqui o tempo todo.

— Ah, meu Deus. Você o conhecia?

— Muito bem. E Miranda, a mulher dele, ela praticamente morou aqui no ano passado.

— Morou mesmo — confirmou o barman, quebrando o silêncio.  
— Jantava aqui quase todas as noites.

— Sidney já soube? — perguntou John ao barman, e notei que as duas garotas próximas, no bar, pararam de conversar e estavam prestando atenção em nosso papo.

— Não sei, mas tenho certeza que sim. Só se fala disso na cidade.

— A casa está pronta? — perguntei, tentando me manter na conversa.

— Ainda não. Se você andar até o fim da trilha do penhasco, conseguirá vê-la. Ia ser gigante. Uma pequena monstruosidade, na minha opinião, mas não falei isso para eles.

— O que você acha que vai acontecer com a casa?

— Não tenho ideia. Pelo que sei, Miranda vai terminá-la e se mudar para cá.

— Ah, ela certamente se mudará para cá. — A voz veio de uma das duas mulheres que nos escutavam. Elas tinham uns vinte e poucos anos, uma usava um moletom da UNH e a outra, blusão e boné do Patriots. A garota que falou, a do moletom, tinha uma voz rouca, como se fumasse desde pequena.

— Você acha? — perguntou John.

— Acho. Quero dizer, ela praticamente morava aqui de qualquer maneira. E vivia falando como amava este lugar e como a casa ia ficar maneira e coisas assim. Ela é do Maine, sabia? Orono. Quero dizer, talvez ela não se mude para uma casa tão grande agora que o marido morreu, mas não ficaria surpresa se viesse morar aqui. Ela pode viver em qualquer lugar com o dinheiro que tem.

— Por que ela ficava aqui o tempo todo se a casa não estava pronta ainda? — perguntei.

John respondeu:

— Ela estava supervisionando. Dizia que praticamente desenhou o lugar do zero. O marido dela só aparecia nos fins de semana. Todos nós o conhecíamos muito bem.

— Como ele era?

— Como era? Gentil, mas um pouco distante, acho. Todo mundo pensava conhecer Miranda muito bem, mas Ted nem tanto. Talvez porque ela estivesse sempre por aqui.

— E também porque Miranda sempre pagava drinques para todo mundo e Ted nunca fez isso. — O comentário veio da mulher com o boné do Patriots, e, assim que disse isso, seu rosto ficou pálido quando se lembrou de que Ted havia sido assassinado. Ela cobriu a boca com as mãos. — Não quis... — E parou.

— Eles eram ricos? — perguntei.

Todo mundo em nosso pequeno círculo de fofoqueiros imediatamente reagiu: as duas mulheres falando "Ah, sim" em uníssono, John bufando alto e o barman balançando a cabeça afirmativamente, um movimento lento e exagerado.

— Podres de rico — afirmou John. — Você devia caminhar pela trilha do penhasco amanhã para ver a casa. Não tem como não notá-la. Tem algo em torno de dez quartos. Não estou exagerando.

O músico solitário começou a tocar "Moonlight Mile", dos Stones, e meus novos amigos falaram sobre como Ted e Miranda Severson eram ricos. A mulher com o capuz do moletom levantado usou a palavra "miliardário", enquanto John comentou que eles eram "muito bem de vida". Fui ao banheiro, e quando voltei as duas mulheres estavam colocando as Bud Light em porta-cervejas, para sair e fumar, e John havia me comprado uma nova cerveja.

— Já que estamos fofocando... — disse eu, me sentando no banco. — Parece estranho que ela tenha passado tanto tempo aqui em um hotel sem o marido. Não acha que ela estava saindo com alguém?

John cofiou uma das pontas do bigode.

— Não creio. Ela sempre parecia empolgada quando Ted aparecia. — Uma leve frieza surgiu em sua voz, como se eu tivesse feito perguntas demais.

— Só estou divagando — disse eu. — É tão triste...

Tomei mais algumas cervejas no bar. John saiu depois do segundo martíni e me juntei às duas mulheres, me apresentando. Os nomes delas eram Laurie e Nicole, e ambas eram garçonetes, a primeira em um restaurante de frutos do mar em Portsmouth e a segunda em um hotel do litoral, a quatro quilômetros dali. Domingo à noite era a hora que as duas tinham para sair. Tudo que elas queriam fazer era falar sobre Ted e Miranda, o tom da conversa se alternando entre o respeitoso e o devasso. Por volta das oito da noite, o Livery estava quase todo lotado e outro casal, amigo de Laurie e Nicole, juntou-se a nós. Mark e Callie tinham uns trinta anos, também trabalhavam no ramo de restaurantes, e muito do que fora falado sobre a morte de Ted Severson foi repetido quando os dois se sentaram. Fiquei e apenas ouvi. Já havia decidido que não iria ao Cooley's até a noite seguinte. Embora estivesse bebendo cervejas light, eu tinha consumido muitas, a maioria paga pelos meus novos amigos, e estava bêbada demais para confiar em mim mesma numa conversa com Brad Daggett.

Perto da hora de fechar, quando o grupo ficou mais barulhento, perguntei sobre a possibilidade de Miranda ter aprontado no Maine.

— Acho que não — disse Laurie, que se autoproclamou a mais próxima de Miranda naquela mesa. — Se ela tivesse aprontado alguma, não sei quando teria tempo, porque ficava aqui a noite toda

e depois sempre ia direto para o quarto. Não, não acho que ela estivesse pulando a cerca. Quero dizer, a safra aqui não é das melhores.

— Sim, é péssima.

— Não quero ofender, Mark. Você já tem dona, mas, falando sério, duvido muito.

— Ela é bonita pra caralho. Te faz pensar em coisas... — disse Mark. Sua namorada, Callie, concordou com a cabeça, assim como Nicole e Laurie.

— Ela é? — perguntei.

— Ah, meu Deus, sim. É tipo uma modelo. A maior gostosa.

— Ela deve ter levado umas cantadas.

— Se foi para outros lugares, tipo, o Cooley's, pode até ter rolado, mas não aqui, na verdade. Esse não é muito um bar de paquera.

— Sidney teria dado em cima dela — declarou Callie.

Novamente, todos concordaram com a cabeça.

— Sim, Sidney estava obcecada — disse Laurie. — Lily, Sidney é a atendente do bar aqui na maioria das noites. Ela estava totalmente apaixonada por Miranda, mas, você sabe, aquilo era uma coisa de mão única.

Não descobri mais nada e, quando o bar fechou, às dez, voltei para meu quarto, vesti meu short e uma camiseta e deitei na cama depois de afrouxar os lençóis. Não conseguia dormir se meus pés estivessem presos. Desliguei o abajur da cabeceira da cama e o quarto ficou instantaneamente escuro, um breu a que não estava acostumada. Onde eu vivia, em Winslow, era quieto, mas minha rua era iluminada por postes, e meu quarto nunca ficava completamente escuro. Tentei pensar em Ted, mas as trevas do aposento me faziam lembrar onde ele estava naquele momento, e quando comecei a adormecer, era Miranda que assombrava minha consciência, seus

olhos a três centímetros dos meus, seu toque no meu pulso virando um agarrão, as unhas afiadas crescendo como garras e penetrando na minha pele.

## Capítulo 19

### Miranda

NAQUELA NOITE EM ORONO — depois de comer comida chinesa do delivery e ver minha mãe lutando para me perguntar sobre a morte de Ted em vez de contar sobre a sua vida patética —, me deitei na cama de solteiro que era o único mobiliário daquele quarto sem decoração. As paredes eram pintadas de um branco-esverdeado, e, mesmo com a luz dos postes da rua a iluminá-las, eu me sentia oprimida por sua viscosidade.

Eu estava completamente acordada, ainda preocupada com Brad e sua habilidade de se recompor. E ainda me perguntava por que Ted teria ido a Winslow naquele dia em que foi morto. Tenho repetido o nome — *Winslow, Winslow* — sozinha, o dia inteiro. Ainda estava certa de que havia algum conhecido morando lá. Certamente era alguém que Ted também conhecia, então vasculhei meu cérebro, listando todos os nossos amigos, para tentar descobrir quem seria. E, até aquele momento, nada.

Comecei a roer a pele ao redor da unha do meu polegar até sentir o gosto de sangue, então me forcei a parar. Pensei em me levantar, descer para procurar pelos cigarros que minha mãe finge não ter, mas sabia que, se ela me ouvisse, sairia do quarto para tagarelar mais um pouco. Em vez disso, tentei me masturbar, a única coisa que tinha certeza que me faria pegar no sono. Imaginei homens sem rosto, como sempre, mas eles eram substituídos pelos rostos de Ted ou Brad, então, por fim, desisti, conformada com uma noite de insônia. Encarei o teto e o ocasional feixe de luz que surgia quando um carro passava pela rua.

Devo ter caído no sono, porque acordei com minha mãe em pé ao meu lado com um roupão cor-de-rosa e o cabelo ainda úmido do banho.

— Meu Deus, mãe.

— Desculpe, Faith. Só queria olhar para minha filha dormindo em paz.

— É exatamente esse o problema. Eu estava em paz e dormindo.

— Volte a dormir, então. Estarei na cozinha lá embaixo. Vou deixar seu café da manhã quentinho.

Depois que ela saiu, fiquei acordada na cama, checando meu celular. Estava desligado desde a noite anterior, e eu tinha umas mil mensagens de voz e de texto de amigos, todos enviando os pêsames e perguntando se eu precisava de alguma coisa. Fiquei online para ver se havia alguma novidade sobre a investigação da morte de Ted, e não pareceu o caso — as matérias ainda focavam a invasão domiciliar aleatória, a vizinhança se unindo em solidariedade e medo. Nenhuma notícia era uma boa notícia, falei a mim mesma, e decidi voltar para Boston naquele dia. Ou talvez para Kennewick. Outro dia e outra noite com minha mãe estavam fora de cogitação.

No café da manhã, conversamos sobre meus planos, minha mãe perguntando apenas sobre coisas para as quais sabia as respostas. Sempre foi assim. *Qual uniforme vai usar no primeiro dia de escola? Vai se inscrever em qual universidade? Por que você acha que seu pai faria tal coisa?* Naquela manhã, ela me perguntou onde eu estava planejando morar, agora que Ted se fora.

— Não em Boston, claro — ela mesmo respondeu, antes que eu pudesse falar qualquer coisa. — Já sei disso.

— Provavelmente Boston — retruquei.

— Faith, não diga isso. Não depois do que aconteceu. Sua vizinhança claramente não é segura. Nunca achei que fosse, e

estava certa. Vi aquele filme com Matt Damon sobre o bairro...

— Mãe, eu moro no South End, e não no sul de Boston. São vizinhanças completamente diferentes.

— Claramente não são. Ou, se fossem, ambas são violentas e perigosas. Você devia se mudar para cá, mostrar para todo mundo em Orono como venceu na vida. Com seu dinheiro, você poderia comprar a maior casa da região.

— Mãe, não quero falar sobre isso. Não, agora, tudo bem?

Para ser justa com minha mãe, ela concordou solenemente com a cabeça e começou a lavar a louça enquanto soltava suspiros ocasionais para mim. Eu a perdoei por seus péssimos modos e seu egoísmo. Sempre fiz isso. As pessoas dizem que as personalidades são formadas e definidas quando fazemos cinco anos, mas a personalidade de Sandra Roy, pelo menos na segunda metade da vida dela, foi inteiramente formada no dia em que meu pai, coordenador do departamento de História da Universidade do Maine, perdeu essa titularidade ao dar em cima de uma novata. Até aquele momento, minha mãe pensava ter uma vida de luxo. Acho que até tinha, de certa maneira — ela foi criada em um cortiço em Derry e conseguiu chegar à Universidade do Maine, onde encontrou Alex Hobart, um estudante de classe média de Vermont. Ela largou a universidade no terceiro ano para casar com ele e, meses depois, deu à luz meu irmão, Andrew. Um ano mais tarde, foi minha vez de nascer. Quando éramos jovens, meu pai conquistou a titularidade no departamento de História da universidade. Ele se destacou, tornando-se um dos mais jovens coordenadores da faculdade; seu crescente salário anual era quase uma fortuna em Orono, e minha mãe, feliz com apenas duas crianças, transformou nossa casa estilo colonial em seu projeto de vida. Quando fiz nove anos, a família toda viajou para a Europa e minha mãe voltou falando de modo

diferente, soando como uma atriz americana dos anos 1950 com palavras cortadas e sons de vogais vagamente britânicos.

Então, tudo desmoronou no ano em que comecei o colegial. Uma caloura inscrita nos seminários do meu pai sobre o Egito antigo o gravou pedindo sexo para ela em troca de notas boas. O caso tornou-se público, e meu pai foi imediatamente demitido. Minha mãe o expulsou de casa e pediu o divórcio. Aquele ano, para mim, é um grande e furioso monólogo da minha mãe, que parecia culpar meu pai mais pela perda do trabalho rentável do que pela chantagem sexual. Esses monólogos eram dirigidos a mim. Andrew tinha acabado de descobrir a maconha e o som do Phish, então passava todo o seu tempo livre no quarto, com a cabeça encapsulada em grandes fones de ouvido. Não havia nenhuma poupança; todo o dinheiro dos meus pais havia sido gasto na reforma da casa e em férias. Dois anos depois do divórcio, minha mãe vendeu a casa em estilo colonial e nos mudamos para um apartamento de três quartos localizado em um sótão, um lugar normalmente alugado para estudantes. Andrew, já no fim do colegial, não ficou nem um mês no apartamento e se mudou para a casa de um amigo. Minha mãe protestou, mas eu sabia que ela não dava a mínima. Ela havia se virado contra todos os homens, e isso incluía meu irmão indolente. "Apenas as garotas agora", dizia ela, insistindo que o apartamento era temporário. Mas ficamos lá nos meus dois últimos anos de colegial. Meu irmão se formou, então passou um ano seguindo o Phish em uma turnê pelo país, terminando em San Diego, onde ele ainda morava. Da última vez que ouvi falar nele, estava trabalhando em uma cervejaria e havia juntado as trouxas com uma mulher que já tinha quatro filhos. Ele deixou mensagem no meu celular depois da morte de Ted, mas não liguei de volta. E provavelmente não iria ligar nunca.

Depois do divórcio, meu pai se mudou para Portland, onde conseguiu um trabalho temporário em uma faculdade comunitária. Minha mãe arranhou um emprego de recepcionista no consultório de um dentista, e, entre o salário dela e a pensão chinfrim do meu pai, mal conseguíamos nos manter. O refrão constante naquele apartamento de duas mulheres era de que a vida da minha mãe estava arruinada, mas que a minha poderia ser melhor. E, por melhor, minha mãe queria dizer mais dinheiro.

No colegial eu era normalzinha, mas me transformei numa ladra de lojas caras. A maioria dos meus roubos acontecia fora de Orono, em Bangor ou Portland, quando visitava meu pai. Eu roubava lojas de departamento, lugares que empregavam detetives especializados em rondar como se fossem consumidores. Aqueles detetives eram treinados para encontrar ladrões apenas pela linguagem corporal, procurando por alguém que agisse de forma nervosa ou suspeita. Nunca fui pega, porque jamais agia como uma ladra. Aperfeiçoei a tática da garota indiferente com o cartão de crédito dos pais nas mãos para pequenas compras. Levava uma bolsa grande comigo para onde fosse e procurava itens pequenos e caros. Cachecóis. Perfumes. Tornei-me bastante habilidosa.

A única vez que fui vista roubando foi por um colega de classe em uma farmácia em Orono. Eu raramente roubava naquele lugar — era muito perto de casa e costumava frequentá-lo o tempo todo. Eu estava no terceiro ano do colegial. Comprei vários itens de uma senhora atenta no balcão, mas saí com três pacotes de refil de giletes para meu aparelho de depilação Venus escondidos na bolsa.

Depois de passar pelas portas automáticas, ouvi a voz de um garoto:

— Acho que você esqueceu de pagar por algumas coisas.

Eu me virei. Era um garoto que conhecia da escola. James alguma coisa. Não tinha notado que ele trabalhava na farmácia.

— Como é? — Tentando soar como se tivesse algo mais importante para fazer além de conversar com um funcionário de farmácia.

— Na sua bolsa. Vi que você colocou giletes nela.

— Ah, meu Deus! — Fiz minha melhor interpretação de surpresa.

— Esqueci totalmente delas. — Comecei a voltar para a loja. — Vou só...

O garoto riu, agarrou meu braço e me guiou pelo estacionamento sufocante. Era agosto, aquele período anual de duas semanas quando o norte do Maine fica quente, abafado e infestado de mosquitos. O asfalto amolecia e enchia o ar com cheiro de piche.

— Não estou te entregando — disse ele. — Apenas te vi. Estou cagando se está roubando. Faça isso o tempo todo.

— Ah. — Ri. — Conheço você, não?

Fizemos as devidas apresentações. O nome dele era James Audet e também estava no terceiro ano, embora tenha entrado para minha escola em Orono no meio do ano anterior. Era bonito, de olhos azuis, bochechas altas e cabelos loiros espessos. Era baixinho e musculoso, para compensar. Isso o deixava com um andar parecido com o de um ginasta, caminhando com a ponta dos pés. Eu era meio solitária no colégio, esperando o tempo passar até a faculdade, e determinada a tirar boas notas para assegurar uma bolsa fora do estado. James e eu nos tornamos amigos rapidamente. Ele me confessou que a única coisa que importava na vida era dinheiro e que planejava ganhar muito.

— Então case com uma mulher rica — disse eu. Estávamos no Friendly's, um lugar em outra cidade onde gostávamos de passar o tempo.

— Sou muito baixinho. Mulheres ricas gostam de homens altos.

— É mesmo?

— É fato. Você, no entanto, poderia facilmente casar com um homem rico. Olhe para essas tetas.

— Argh. Pareço um monstro.

— Confie em mim. Você é aquela garota meio estranha no colégio que volta para um encontro de ex-alunos, anos depois, e todo mundo acha que é uma modelo. Já vi isso acontecer centenas de vezes.

— Viu onde?

— Em filmes, claro.

Depois da formatura, nós dois conseguimos emprego no que parecia ser o centro de Orono. James foi para uma pizzaria, e eu terminei na mesma farmácia que costumava roubar de vez em quando. Fui aceita na Mather, uma universidade em Connecticut. Era conhecida prioritariamente por abrigar meninos ricos de Nova York e Boston, mas me formei no ensino médio como a terceira melhor aluna da minha sala, e a situação financeira dos meus pais garantia que mais da metade dos meus gastos fosse bancada por uma bolsa. James estava indo para a Universidade do Maine, onde seu pai treinava a equipe de luta greco-romana. Éramos virgens e, em julho daquele verão, decidimos fazer sexo para que não entrássemos na faculdade sem experiência. Transamos no banco traseiro do Caprice Classic de James. Depois, ele me perguntou como tinha sido.

— Incestuoso — disse eu, e ambos rimos tanto que James caiu do banco e machucou o quadril. Mantivemos os encontros, dizendo a nós mesmos que já havíamos visto os melhores filmes em cartaz naquele verão, o que ajudava a passar o tempo. Na nossa última noite juntos, antes de o meu pai me pegar para me levar a Connecticut, James falou:

— Foi bom te conhecer.

— Humm, nos vemos no Dia de Ação de Graças.

— Não, eu sei. Tenho certeza que você vai arrumar um namorado rico e não vai nem mesmo falar comigo.

— Vou *falar* com você — garanti.

Mas ele estava certo, e mal nos vimos depois que começamos a faculdade. Só pensei nele quando voltei para o Maine e me perguntei se ele sabia quão rica eu era.

— Você ouviu falar algo sobre a família Audet? — perguntei à minha mãe depois de arrumarmos a louça do café da manhã e nos sentarmos na sala com janelas altas que davam para a igreja metodista ao lado do cemitério.

— O filho deles, Jim, casou. Você o conhecia. Ele trabalha em um banco em Bangor, e ouvi dizer que a mulher dele está grávida.

— Ele virou Jim agora?

— É como Peg o chama. Não o vi desde seus tempos de colégio. Ainda é baixinho, ouvi dizer.

Meu celular tocou. Reconheci o número do detetive Kimball. Uma onda de medo atravessou meu corpo.

— Mãe, preciso atender essa ligação.

Atendi o celular enquanto caminhava para a cozinha.

— Sra. Severson?

— Sim.

— É o detetive Kimball novamente. Como está?

— Tudo bem — disse eu, com uma voz melancólica.

— Perdoe-me o incômodo, mas preciso pedir que retorne para Boston.

— O.k. Por quê?

— Uma vizinha sua acha que viu o homem que pode ter matado seu marido. Temos uma descrição e precisamos que venha dar uma olhada nela.

— Por quê? Acha que é alguém que eu possa conhecer? — perguntei, imediatamente me arrependendo do meu tom de voz.

Soei defensiva.

— Não necessariamente. Estamos tratando o caso como um roubo que deu errado, mas precisamos descartar qualquer outra possibilidade. E uma delas é que o responsável era alguém que queria seu marido morto, e, se esse for o caso, então poderá identificá-lo.

— Retorno hoje à tarde.

— Ótimo, sra. Severson. Sei que não será fácil, mas qualquer ajuda...

— Não tem nenhum problema.

O detetive tossiu seis vezes seguidas.

— Desculpe, é gripe. Mais uma coisa. Conseguiu pensar em alguém que seu marido conhecia em Winslow? Lembra que eu havia pedido...

— Não. Pensei muito sobre isso, e nada me veio à cabeça. Desculpe.

— Só checando. Por favor, me ligue assim que estiver de volta a Boston. Posso levar a descrição para você onde quiser...

— Eu ligo. — E desliguei.

Podia ouvir minha mãe falando no telefone fixo da sala. Tudo que consegui entender foi a palavra *terrível* repetida várias vezes. Olhei para as janelas. O céu ficou escuro, as nuvens inchadas e negras, uma tempestade se aproximava. Por causa disso, meu reflexo aparecia na janela da cozinha. Encarei a mim mesma, pensando alto sobre Winslow. Eu sabia que conhecia alguém lá... Era alguém do colégio ou da Mather? E, então, me toquei e repentinamente sabia quem eu estava procurando. Era Lily Kintner, aquela garota assustadora da Mather que estava com Eric Washburn quando ele morreu em Londres. Lembrei ter ouvido que ela morava em Winslow e trabalhava na faculdade como bibliotecária. Mas ela não conhecia Ted. Pelo menos, acho que não conhecia. Seria

possível que eles tenham se encontrado alguma vez, anos atrás, quando a vi em South End? Seria ela quem Ted estava visitando?

Minha mãe ainda estava no telefone, ela achava que sussurrava como se eu não pudesse ouvir tudo que estava dizendo. Então, subi para o quarto para arrumar a mala e retornar para Boston.

## Capítulo 20

### Lily

TED HAVIA ME FALADO QUE O COOLEY'S ERA UM BOTEÇO PÉ-SUJO, e estava certo. Era um bar que adquiriu seu visual ao longo de anos de tranqueiras acumuladas a ponto de parecer meio falso. Se esse lugar fosse em Nova York ou Boston, você até acharia que algum empreendedor hipster o teria aberto no ano anterior. Mas, ali, a luminária da Schlitz era coberta por uma película de sujeira de verdade, e o barman era realmente mal-humorado, e não algum ator interpretando um personagem. Sentei no canto distante do bar com vista para a porta da frente. Perguntei-me se conseguiria reconhecer Brad Daggett caso ele entrasse. Achei que sim. Ted o descrevera como um cretino grande e bonito que estava começando a aparentar sua verdadeira idade. Isso poderia descrever metade dos homens que entrariam em um bar como o Cooley's em uma noite de segunda-feira, mas também estava contando com o fato de saber que Brad matara um homem recentemente. Eu sabia que poderia reconhecer um assassino.

Eu havia chegado logo depois das cinco da tarde, dirigindo do Kennewick Inn debaixo de uma tempestade que escureceu o céu do entardecer. Havia três carros no estacionamento do Cooley's, mas eu era a primeira freguesa. Ajeitei-me em um dos bancos, tirei o casaco molhado e pedi uma Miller Lite. O barman, idêntico a Ichabod Crane, destampou e me entregou a garrafa, então deixou um cardápio plastificado com pontas desgastadas no balcão. Dei uma olhada — a Torta de Caranguejo Cooley's era a especialidade da casa.

A noite estava calma, e, embora tenha me surpreendido com a multidão no Livery, na noite anterior, não fiquei surpresa com a

escassez de almas corajosas que decidiram se aventurar no Cooley's em uma noite fria e molhada de segunda-feira. Por volta das sete da noite, os únicos fregueses no lugar eram um homem solitário de pelo menos setenta anos que apoiou seu considerável peso em um dos bancos e pediu um Bourbon, duas loiras acabadas no canto oposto do bar e mais dois turistas de meia-idade que hesitaram na porta mas decidiram que não tinham coragem de dar meia-volta e sentaram em uma mesa. Nas minhas duas horas dentro do Cooley's, tomei duas garrafas de cerveja e tentei a famosa torta do lugar, um pedaço que chegou em um prato lascado e decorado com raminhos de salsa. Era uma torta cremosa recheada com caranguejo cortado e farinha de rosca da cor de areia. O gosto era a versão sabor peixe daqueles terríveis recheios de camarões cozidos que você raspa. Dei duas mordidas, então pedi uma porção de batatas fritas. O bartender pareceu se divertir com isso.

Passei boa parte do dia no hotel, lendo o jornal no lobby, ao lado da lareira, depois almoçando no Livery, onde fui servida por Sidney, a esguia e bonita bartender que supostamente tinha uma queda por Miranda. Enquanto comia minha salada, ela passou para trás do bar com uma intensidade proposital, certificando-se de que cada copo estivesse limpo e todas as superfícies espanadas. Ela usava uma camisa Oxford com as mangas dobradas até quase o ombro, mostrando suas tatuagens no bíceps. Um dos seus braços era totalmente tatuado com flores e pinups. Ela não parecia de conversa, então decidi não perguntar sobre Ted e Miranda. Porém, pouco antes da minha saída, uma funcionária do hotel veio ao bar encher um copo de Coca-Cola Diet para levar, e entreouvi a conversa delas.

— Tem falado com Miranda? — perguntou a funcionária, uma morena cheinha com um terno preto.

— Deixei uma mensagem no celular dela, dizendo apenas que sentíamos muito. Não estou esperando que ela me ligue de volta.

— Jesus.

— Eu sei, né? Continuo pensando nela... sobre o... Ted.

— O que acha que ela vai fazer? — perguntou a mulher, que parecia uma gerente de eventos, tomando um longo gole de Coca pelo canudo.

— Todo mundo está me perguntando isso. Sinceramente, não sei de porra nenhuma. Ela é uma amiga, acho, mas não é como se a conhecesse *tão* bem. Pelo que sei, nunca mais a veremos de novo.

Deixei o dinheiro no balcão e afastei meu banco. Ouvira tudo que queria. A menos que as pessoas estivessem sendo recatadas, não parecia que os funcionários do hotel e os frequentadores do Livery tivessem conhecimento de que Miranda estava se engraçando com Brad às escondidas. Não fiquei surpresa. Ela obviamente se empenhou muito para esconder tudo, e, se Ted não houvesse reparado numa troca de cigarro entre eles e suspeitado, ninguém além de Brad e Miranda saberiam que eles eram mais que patroa e empregado. Isso me fez perceber que Miranda provavelmente planejava usar Brad para matar Ted desde o início. Ela nunca iria para o Cooley's. Brad nunca foi ao Livery. Minha aposta era que o único lugar em que os dois tinham contato físico era na casa em construção, e somente quando nenhum funcionário estava por lá.

Depois do almoço, voltei para o meu quarto para colocar minhas botas de escalada e um casaco para andar na trilha do penhasco. Estava ansiosa para isso. O clima estava instável e tempestuoso, e o mar, que via do hotel, cinza e revolto. Chequei o clima no meu celular, e parecia que teríamos uma tempestade gigante, mas apenas no fim do dia. Saí do hotel e atravessei a Micmac com o vento pressionando as roupas contra meu corpo. Me esforcei para descer os degraus rudimentares que levavam à faixa

curta de praia onde a trilha começava. Ali havia apenas um homem parado e um labrador marrom que corria em círculos atrás de uma bola de tênis jogada pelo sujeito. Segui imediatamente para a trilha; a maré estava alta e os primeiros cem metros estavam escorregadios, com água do mar empoçada sobre as rochas planas. Mas depois disso o caminho elevou-se e entrou mais para a terra, tanto que uma fileira de árvores atrofiadas e arbustos — a maioria algoz-das-árvores, com suas frutas amareladas abertas e revelando o interior vermelho, e amieiro preto — me protegeu do vento. Andei devagar, não apenas para ser cuidadosa, mas porque estava aproveitando a beleza da caminhada. Nunca fui fã do litoral — todos aqueles corpos melecados espalhados pela praia como pedaços de carne na churrasqueira. Talvez eu seja preconceituosa, já que minha pele pálida e sardenta se transforma em uma grande bolha vermelha em vez de se bronzear. Gosto de nadar, mas prefiro a água de lagos e lagoas à salmoura do mar, e nunca fui capaz de me acostumar com a sensação da areia agarrada às minhas pernas e pés. Mas esse pedaço da costa do Maine me fazia sentir diferente. Talvez fossem o clima dramático e as nuvens ligeiras, mas ao longo desse caminho me senti abraçada pela beleza, pela força primitiva da natureza. As grandes pedras cinzentas eram bem mais atraentes que as faixas temporárias de praia que a maioria das pessoas deseja. Respirei fundo várias vezes, como se estivesse sedenta por ar.

Não havia ninguém mais na trilha naquele dia. Não fiquei surpresa. Quando alcancei o fim dela, com sua vista para os fundos da casa de Ted e Miranda, o vento havia aumentado, e os bolsões de chuva começaram a bater de lado, martelando meu casaco.

Procurei pelo local onde Ted poderia ter ficado com seu binóculo. Havia vários, mas um monte de grama atrás de uma pequena árvore retorcida parecia prover a melhor cobertura. O binóculo de Ted devia ser bom, já que a casa parecia ficar a uma

distância inalcançável, do outro lado de um terreno feio, terraplanado. Considerei atravessá-lo para olhar melhor a casa, mas fiquei preocupada que Brad ou outro funcionário pudessem estar ali. Em vez disso, dei meia-volta. As ondas quebravam nas pedras, enviando explosões de água do mar e espuma. Virei o rosto contra a chuva que vinha na diagonal, sem me preocupar mais em ficar ensopada, e andei cuidadosamente e confiante pelo caminho de volta.

No hotel, fui para o pequeno bar no andar do lobby, pedi um uísque quente — a bebida preferida do meu pai no inverno — e o levei para o quarto, onde o bebi enquanto me afundava na banheira. Eu me sentia bem e precisei me lembrar de que estava em Kennewick com uma missão: a de vingar um amigo. Depois do banho tirei uma soneca rápida, vesti novamente meu jeans apertado da noite anterior, reapliquei a maquiagem exagerada e fui para o Cooley's.

Estava lá havia três horas e bebera quatro cervejas light quando resolvi que Brad provavelmente não iria aparecer. Os turistas haviam ido embora, e as duas mulheres no balcão também. Três homens entraram separados, e, quando cada um deles passava pela porta e sacudia o casaco, eu esperava que fosse Brad, mas um deles tinha vinte e poucos anos, outro era um gordão em formato de pera com barba completa, e o terceiro chegou vestindo um blazer azul por cima de uma camisa de gola alta branca e jeans. Tinha a idade certa, pensei, cerca de quarenta anos, mas a cara limpa. Ainda assim, o observei atentamente. Era possível que Brad tivesse raspado o cavanhaque que Ted mencionara, e podia ser que estivesse arrumado para alguma razão especial. Talvez fosse encontrar um novo cliente. Talvez estivesse saindo com alguém. Ele reparou que eu o observava, arqueou as sobrancelhas na minha direção e levantou a mão com a caneca de cerveja. Olhei para o

meu celular como forma de desencorajá-lo de vir até mim. Decidi que ele provavelmente não era Brad. Estava sentado perto o suficiente para eu ver que suas mãos eram macias e que tinha cabelos brancos no topo da cabeça, e, a menos que Brad fosse um gênio do crime que mudara de aparência por completo, duvidava que fosse ele. Paguei minha conta em dinheiro e cambaleei para fora do Cooley's em meus saltos altos que não estava acostumada a usar.

— Não me deixe aqui de mãos abanando — disse o de blazer azul quando passei por ele.

Eu me virei e o avaliei.

— Qual o seu nome? — quis saber.

— Chris.

— Chris, onde você trabalha?

Ele pareceu confuso com minha linha de questionamento, mas me respondeu.

— Sou gerente da Banana Republic em Kittery. A gente se conhece?

— Não. Estava apenas curiosa. Tenha uma boa noite, Chris. — Continuei a andar para fora do bar.

Lá fora, a chuva forte de mais cedo se tornara um chuveiro permanente. A direção do vento havia mudado, e, embora o mar estivesse apenas do outro lado da rua, o ar cheirava a pinheiros e lama. Ocupando duas vagas de estacionamento, havia uma caminhonete torta com a janela do motorista aberta. Andando perto dela, podia sentir o cheiro de cigarro no ar úmido. Fui para meu carro e vasculhei um pouco minha bolsa, esperando que o motorista do veículo terminasse seu cigarro e saísse para que eu pudesse dar uma olhada nele. Assim que tirei as chaves da bolsa, o motor da caminhonete parou e, ao me virar, vi o gracioso arco que a ponta do cigarro fez ao atravessar o estacionamento, pousando numa poça com um chiado audível. Um homem alto saiu da caminhonete.

Estava iluminado por um letreiro no fim do Cooley's. Tinha cabelos escuros, ombros largos, e, quando se virou para fechar a porta, pude ver claramente seu cavanhaque negro. Só podia ser Brad.

Não tinha a intenção de segui-lo para dentro do Cooley's de novo.

— Brad — chamei, e ele levantou a cabeça para olhar para mim. Mesmo com a fraca iluminação do estacionamento, eu podia ver que seus olhos estavam inchados devido à falta de sono e que ele tinha a aparência nervosa e fantasmagórica de um homem que havia feito algo muito errado.

— Eu? — respondeu ele.

— Você é Brad, certo?

— A-hã.

— Brad Daggett?

— Sim. — Ele deu uma rápida olhada ao redor do estacionamento, talvez procurando um esquadrão da SWAT preparado para matá-lo caso fizesse um movimento brusco.

— Posso conversar rapidamente com você? Aqui fora? É importante.

— Sim, claro. Por acaso eu conheço você?

— Não. Mas temos amigos em comum. Conheço Ted e Miranda Severson muito bem. Olha, está chovendo, e faz frio aqui fora. Podemos sentar no meu carro e conversar? Ou quem sabe na sua caminhonete, caso se sinta mais confortável?

Ele olhou novamente ao redor do estacionamento. Eu sabia que sua mente devia estar trabalhando em velocidade dobrada, imaginando quem eu seria e o que poderia querer.

— Não tem nada com que se preocupar. — Deixei minha voz o mais suave possível. — Por que não sentamos na sua caminhonete?

— Sim, claro. — Ele abriu a porta. Dei três passos pelo estacionamento molhado e abri a porta do carona. Antes de entrar,

abri o zíper da minha bolsa. No topo, havia uma arma de choque desenhada para parecer uma lanterna. Não achava que fosse precisar dela, mas queria ser cuidadosa. Não tinha ideia de como Brad estava reagindo ao fato de que assassinara um homem a sangue-frio havia menos de uma semana, mas tinha de presumir que estivesse paranoico, assustado e, possivelmente, fosse perigoso.

— Então você conhece os Severson? — quis saber Brad, depois de entrarmos na caminhonete, soando com uma casualidade forçada. O interior do veículo era impecavelmente limpo, cheirava a cigarro e aromatizador para carros.

— Sim — disse eu. — Bem, conhecia Ted Severson. E conheço Miranda.

— Foi horrível o que...

— O que aconteceu com Ted, eu sei. Foi mesmo. Na verdade, é por isso que estou aqui. Deixe-me falar por um minuto, tá, Brad? Você não vai gostar do que estou prestes a dizer, mas preciso que me escute. Acha que consegue?

Olhei diretamente para ele. Seus olhos estavam vermelhos, e sua pele, apesar do profundo bronzeamento, tinha um aspecto repuxado de um homem nada saudável. Sua respiração cheirava a grãos molhados, e me perguntei quanto já havia bebido. Ele balançou a cabeça positivamente.

— Claro, claro.

— Brad, preciso que você me faça um favor. Um enorme favor. E, se você me fizer esse favor, então não vou contar a ninguém que você dirigiu até Boston na última sexta-feira e matou Ted Severson.

Prendi a respiração, a mão repousada na arma de choque dentro da bolsa aberta. Pensei que ele fosse investir contra mim ou, pelo menos, me falar violentamente que não fazia ideia do que eu estava falando. Em vez disso, seu lábio inferior abaixou um pouco, e a mandíbula ficou tensa. Por um momento, pensei que ele fosse

explodir em lágrimas. Em vez disso ele falou, com uma voz que soou desesperada e seca:

— Quem é você? O que quer de mim?

— Neste momento, sou sua melhor amiga em todo o mundo.

## Capítulo 21

### Miranda

DEIXEI ORONO PELO MESMO CAMINHO DA VINDA, dirigindo de volta por Bangor. Antes de pegar a I-95, parei para abastecer em um posto local onde um adolescente colocou gasolina para mim. Sentei no carro, preocupada com Brad. Será que o idiota foi mesmo visto na minha vizinhança na noite do assassinato? Eu estava rezando para que o desenho que o detetive tinha em mãos fosse de alguém completamente diferente ou que, pelo menos, não parecesse com Brad, porque, se isso acontecesse — mesmo que a semelhança fosse leve —, eu precisaria dizer alguma coisa. E, se fizesse isso, Brad seria interrogado pela polícia, e não acho que ele suportaria. Imaginei o rosto suado e seus olhos esquivos; a polícia só precisaria dar uma olhada nele para saber que pegaram o homem certo. E ele falaria, com certeza. Só precisaria de uma hora de interrogatório. E, então, minha única opção seria alegar que Brad estava delirando, que claramente estava obcecado por mim e matou Ted por conta própria. Eu até poderia dizer à polícia que fizemos sexo duas vezes, na casa que estava construindo, mas que nunca havia sugerido matar meu marido. Seria a palavra dele contra a minha, e nunca conseguiriam provar que eu tinha algo a ver com aquilo. Mas as pessoas saberiam. Claro que saberiam. Eu me flagrei cerrando os dentes e parei.

Respirei pelo nariz, curtindo o cheiro de gasolina, enquanto o funcionário passava meu cartão de crédito. A chuva começou — pingos grossos e intermitentes que produziam batidas no teto do carro quando saí do posto rumo à I-95.

Continuei preocupada com Brad por boa parte do caminho até Boston. Talvez ele se impusesse quando a polícia falasse com ele. Talvez seu álibi se sustentasse. E talvez — eu esperava — o desenho com a descrição não parecesse com Brad. Seria o melhor, mas, no fundo, eu sabia que o desenho iria se parecer com Brad, que ele fodeu tudo e deixou alguém vê-lo. Depois de um tempo, me forcei a pensar em outra coisa, e assim veio Lily Kintner, a mulher que morava em Winslow e que não estaria na minha mente caso Ted não tivesse sido multado lá na última sexta-feira. Houve um tempo em que Lily era uma presença constante e irritante na minha vida. Ela estava dois anos atrás de mim na Mather. Eu a conheci no terceiro ano, quando meu namorado Eric Washburn deu a ela um convite para St. Dun's.

— Quem é ela? — perguntei. Eu não havia sido convidada para uma festa de quinta-feira na St. Dun's até meu segundo ano, e somente depois de estar trepando com Eric havia três semanas.

— Você conhece David Kintner, o escritor? — perguntou Eric.

— Não.

— Ela é filha dele.

Ela apareceu naquela festa de quinta-feira, e quase não a notei. Parecia uma criança desamparada de um conto vitoriano — magra e pálida, com longos cabelos ruivos. Eu a observei e, no início, achei que ela estava nervosa, se escondendo na parede em que se apoiava com uma bebida na mão, assustada demais para conversar com alguém. Mesmo assim me aproximei, dei outra olhada e vi que ela, na verdade, não se importava de estar em St. Dun's. Parecia quase desinteressada, como uma garota no fundo de uma sala de aula. Será que ela entendia o que significava conseguir um cartão com a caveira logo no primeiro ano? Pensei que ela nunca fosse voltar, mas continuou vindo, todas as quintas, e estava claro que Eric havia ficado interessado nela. Encontrei um dos livros escritos pelo

pai dela na biblioteca e li um pouco no cubículo do porão. Devia ser uma comédia, mas era principalmente sobre garotos em um internato na Inglaterra sendo cruéis uns com os outros. Pareceu-me o tipo de livro idiota que Eric idolatraria. Não dava a mínima para ele desde que comecei a dormir com Matthew Ford, que fazia Eric parecer quase de classe média.

No último ano, Eric e Lily viraram um casal. Fiquei bem com isso. Matthew e eu combinávamos bem mais que Eric e eu. Ao contrário de Eric, Matthew era inseguro o suficiente para compensar a falha me comprando tudo que eu queria. Eu lhe contava histórias intrincadas sobre minha origem em um clã franco-canadense rico, mas que meu pai havia sido deserdado por ter se mudado com a família para o Maine e ensinado apenas inglês para sua filha. Antes do feriado de Natal daquele ano, eu dissera a Matthew que precisava de mil dólares para entrar escondida em Montreal e visitar minha avó paterna, que estava morrendo. Ele me deu dinheiro vivo. Era um bom relacionamento, mas eu não cultivava nenhuma ilusão de que iria além da faculdade. Presumi que o mesmo aconteceria com Eric e Lily, principalmente porque ela ainda estava no segundo ano, mas, quanto mais eu via os dois juntos, mais eu percebia que era algo sério. Pelo menos Lily estava levando a sério; dava para notar isso. Não estava certa se Eric era capaz de amar alguém. Ele era como eu, de certa maneira, alguém que podia ligar e desligar quando quisesse. Certa vez, quando estávamos juntos, ele me disse que poderia ter uma relação igual com duas mulheres ao mesmo tempo. Nunca me esqueci disso e o lembrei durante a semana dos veteranos, quando nossas provas tinham acabado e os outros alunos ainda estavam ocupados estudando.

— Você está sugerindo algo? — perguntou ele. Estávamos sentados na escadaria de St. Dun's, dividindo um cigarro e ouvindo o

fim de uma festa lá embaixo. Estava tocando Radiohead, e alguém gritava para mudar a música.

— Não sei. Todo mundo acha que você e Lily estão bem sérios.

— E você e Matthew?

— Terminando assim que passar o dia da formatura.

— Ah, tá.

— Olha — disse eu ao tocar seu queixo. — É a semana dos veteranos. O que você me diz?

Ficamos juntos naquela noite e continuamos a ficar durante o resto daquele verão. Eric visitava Lily na casa dos pais dela nos fins de semana e passava a semana comigo. Lily nunca viajava para a cidade, e ele dizia a seu grupo de amigos que visitava o pai doente nos fins de semana. Para brincar, pintei meu cabelo de ruivo e disse a Eric para fingir que tinha apenas uma namorada. Amava meus fins de semana sozinha em Nova York. Alugava um apartamento de um quarto no Village, e os sábados e domingos eram só para mim. Imaginava Eric e Lily no campo, apaixonados, e não me importava nem um pouco. Na verdade, me fazia rir.

Eric morreu em Londres naquele outono. Estava visitando Lily e esqueceu de levar seu antialérgico. Caiu morto depois de comer castanhas. Costumava imaginar como teria sido para Lily. Ouvi falar que ele morreu no apartamento na frente dela. Imaginei Lily procurando freneticamente pela epinefrina dele, tentando mantê-lo vivo. Sempre pensei que ela teve sorte. Só conheceu Eric Washburn como um namorado fiel. Nunca soube da verdade sobre ele.

Encontrei Lily anos depois. Ela não estava no Facebook, mas ouvi boatos sobre ela — que era uma espécie de bibliotecária na Universidade de Winslow — e alguma coisa sobre seu pai ter se envolvido em um acidente de carro que matou a segunda esposa. Eu a reconheci de cara. Não mudou nem um pouco, toda pálida e esquelética, os cabelos de Pippi Meia-longa cortados da mesma

maneira, rosto frio. Falei que sentia muito sobre o que acontecera com Eric Washburn, e ela me encarou por um momento com um olhar seco e constante. Essa foi toda a nossa interação. Tentei me lembrar se havia apresentado Lily a Ted, e acho que provavelmente sim, mas não tinha certeza. Lembrava mesmo era do seu olhar frio, dos olhos verdes quase translúcidos. Ela sabia sobre mim e Eric naquele verão? E, se soubesse, seria possível que Eric não tivesse morrido de forma acidental? Não acredito nisso, mas me enervava o fato de que ela estivesse de volta aos meus pensamentos. Havia tantas razões para Ted ter ido para Winslow naquela sexta-feira; as chances de que tivesse algo a ver com Lily eram incrivelmente remotas.

Cheguei a Boston às quatro da tarde. Estacionei na rua a três quadras da minha casa e fui ao bar de um hotel-boutique, onde bebi uma vodca com gelo e pedi um prato de orecchiette de lagosta. Estava faminta. Quando terminei a massa, voltei para meu carro e liguei para o detetive Kimball. Ele atendeu imediatamente.

— Estou em Boston — eu lhe informei.

— Ótimo. Onde? Posso te pegar para levar à delegacia, se assim desejar.

Falei para ele que estava a uma quadra da nossa casa, parada na rua, sem saber o que fazer ou para onde ir. Engasguei ao falar isso.

— Compreensível. Se você esperar aí, posso te pegar. Então, se quiser, pode fazer algumas ligações lá da delegacia. Talvez tenha a casa de alguma amiga em que gostaria de ficar. Ou um hotel...

O detetive chegou dez minutos depois em um Mercury Grand Marquis branco e me levou à delegacia. O interior do carro cheirava a cigarros e menta. Ele estava vestindo jeans e um casaco de veludo. A gravata parecia antiga e gasta em um dos lados.

— Muito obrigado por ter voltado a Boston — disse ele enquanto evitava o tráfego, uma das mãos na direção e a outra no joelho, dedo indicador balançando ao som de uma música inexistente. — Estamos confiantes nesta pista. Acho que temos um retrato falado detalhado do homem que matou seu marido.

— Como? — perguntei.

— Uma mulher foi visitar um dos seus vizinhos. Ela ficou no carro para mandar mensagens de texto e viu um homem sair da casa que foi roubada. Os Bennett, do 317, conhece? Então andou na direção da sua casa. A testemunha disse que ficou observando o sujeito, porque ele parecia suspeito e nervoso. Quando ele passou embaixo de um poste de luz, ela conseguiu dar uma boa olhada no rosto dele. Fez a descrição para nosso desenhista, e temos um bom retrato falado, creio eu. — O detetive olhou para mim. Sorria timidamente, como se não soubesse como agir. Observei os olhos dele percorrendo meu rosto.

— Por que deseja me levar para olhar o retrato falado? Acha que posso conhecê-lo?

— Acho que é uma possibilidade. Nossa testemunha disse que o suspeito apertou a campainha da casa de vocês. Seu marido atendeu a porta e conversou com o homem por um tempo. Na verdade, a testemunha disse que parou de observar porque eles pareciam se conhecer. Quando voltou a olhar, ele não estava mais lá, então ela presumiu que o homem tivesse entrado na casa.

— Ah, meu Deus! — exclamei. — Era alguém que Ted conhecia?

— É apenas uma possibilidade, sra. Severson. É possível que fosse um ladrão qualquer que convenceu seu marido a deixá-lo entrar na casa. Por isso queremos que olhe o desenho.

— Tem certeza de que esse homem que foi até a porta era o mesmo que atirou... que atirou no meu marido?

O detetive casualmente girou o volante do carro e fez uma curva para estacionar em frente à delegacia.

— Acreditamos que sim. — Ele desligou o motor. — A testemunha disse que estava no carro por volta das seis da tarde, e essa foi aproximadamente a hora em que seu marido morreu, de acordo com o legista. Ela não ouviu nenhum tiro, mas o carro dela estava ligado e a casa de vocês tem paredes grossas, pelo que me falaram.

Abaixei a cabeça e respirei bem fundo pelo nariz.

— Você está bem? — perguntou o detetive.

— Já estive melhor. Desculpe. Só preciso de um minuto... Vamos entrar e olhar o retrato falado.

Ficamos calados enquanto o detetive Kimball me escoltava para dentro da delegacia e desviava da recepção fortificada para dar em um corredor com chão de linóleo escovado e paredes de tijolos. Segui o detetive até uma área aberta entre os cubículos. Me movimentei devagar. Estava claro, pelo que havia escutado, que Brad havia sido visto. Controlei minha raiva e pensei no que precisava falar ao detetive. Se o retrato falado se parecesse remotamente com Brad eu precisaria dizer, senão pareceria suspeito quando eles fossem finalmente interrogar aquele idiota. Eu estava desesperadamente torcendo para que o desenho não parecesse nem um pouco com ele, então poderia falar honestamente que não tinha ideia de quem era aquele homem.

Chegamos à mesa do detetive, uma baia cercada por divisórias. Ele me ofereceu uma cadeira de plástico para que eu pudesse me sentar e puxou uma giratória estofada para si. Sua mesa era bagunçada, mas as pilhas de pastas e papéis pareciam organizadas em colunas distintas, cada uma com um post-it de cor diferente por cima. Ele puxou uma pasta da coluna mais baixa e a abriu.

— Consegue enxergar direito aqui? — perguntou. Estávamos debaixo de uma lâmpada fluorescente brilhante fixada no teto de azulejos, e respondi que sim. Ele pegou um pedaço de papel da pasta marrom e virou para que eu pudesse ver o desenho. Era um bom retrato falado de Brad — o pescoço grosso, o cavanhaque negro e os olhos pretos próximos, abaixo de sobrelhas espessas. Suas características mais reconhecíveis — o cabelo grosso e a testa pequena — estavam cobertas pelo boné de beisebol que usava. Eu podia sentir os olhos do detetive Kimball em mim. Podia sentir sua expectativa quase infantil.

— Não sei. — Projetei o lábio inferior, estudando o desenho para ganhar alguns segundos. Mas a semelhança era grande para que não mencionasse nada. — Sabe com quem ele parece? Com o nosso mestre de obras no Maine, Brad Daggett, mas ele mal conhecia Ted e não mora em Boston, então... — Fiquei ereta na cadeira e olhei para o detetive. — Não sei se isso ajuda.

— Brad Daggett? Pode soletrar para mim? — Ele anotou. — O que pode me falar sobre ele?

— Na verdade, não muito. Trabalho com ele na casa, mas não sei nada sobre sua vida pessoal. Não consigo imaginar nenhuma razão para que tenha vindo para cá ver Ted. Ou, pior, matá-lo. Não faz sentido.

— Ele era seu mestre de obras? É possível que seu marido e ele tivessem algum problema com dinheiro?

— Não sem meu conhecimento. Eu era a única que trabalhava próximo a Brad, e tomava a maioria das decisões relacionadas a dinheiro. Não. Sem chance.

— Então, *você* teve alguma discussão com ele sobre dinheiro? Qualquer problema?

— Coisas bestas aqui e ali, como quando ele comprou o molde errado para o teto, mas nada importante. Ele foi totalmente

profissional e estava sendo incrivelmente bem remunerado. Não há nenhuma razão em absoluto para que tivesse algo contra Ted.

— Ele é casado?

— Quem, Brad? Acho que não. Ele *foi* casado, porque tenho certeza de que tem filhos, mas nunca mencionou uma esposa.

— Ele alguma vez agiu de forma inapropriada com você? Deu a impressão de que ele... Humm, de que a achava atraente? — Ele gaguejou um pouco quando falou isso, e parecia desconfortável. Por um breve momento, me perguntei se esse nervosismo era verdadeiro ou apenas uma encenação.

— Não. Ele podia até achar isso, mas nunca deixou transparecer. Como já disse, ele foi totalmente profissional. — Olhei novamente para o desenho, impressionada como parecia com Brad e furiosa por ele ter sido estúpido o suficiente para ser visto, então acrescentei: — Quanto mais olho para esse desenho, mais se assemelha a ele, embora apenas superficialmente. É um homem de cavanhaque, é só.

— Tudo bem. — Kimball pôs o dedo sobre o desenho e puxou o papel de volta. — Vamos dar uma checada nele. Você tem o telefone dele?

Tirei meu celular e dei o número de Brad.

— Realmente não acredito que...

— Não, não. Eu sei, mas precisamos seguir com isso para eliminá-lo da investigação. Minha aposta é que o assassino do seu marido é exatamente o que parece. Alguém que entra nas casas procurando por joias e outros pequenos objetos para roubar. Talvez o culpado tivesse algum disfarce que lhe permitiu convencer seu marido a deixá-lo entrar na casa. Você diria que Ted confiava demais nas pessoas? Deixaria um estranho entrar na sua casa se lhe contasse uma boa história?

Pensei por um momento, dizendo a mim mesma que a resposta verdadeira seria um retumbante *não*.

— Posso imaginar isso acontecendo. Ele teve uma vida abastada, e nada de ruim aconteceu com ele até então. Você pensaria o contrário, com todo o dinheiro que ele fez... Mas Ted confiava muito nas pessoas.

O detetive Kimball se encostou de volta na cadeira e balançou a cabeça afirmativamente para mim. Eu podia sentir que estávamos andando em círculos. Isso me deixava nervosa. Sabia que, assim que ficasse sozinho, o detetive iria ligar para Brad, e eu não confiava que ele conseguisse suportar essa ligação, embora tenhamos repetido suas falas centenas de vezes em voz alta. Pensei em tentar ligar para ele antes para avisá-lo e acalmá-lo, mas percebi que haveria registros telefônicos, que a polícia saberia que telefonei imediatamente após identificá-lo no retrato falado.

— Sabe de uma coisa? — Notei que era importante não esconder nenhuma informação da polícia. — Na verdade, vi Brad Daggett ontem de manhã. Precisava falar para ele suspender o trabalho na casa. Estava a caminho do Maine.

— Ah. — O detetive deixou a cadeira se inclinar para a frente.

— Ele estava completamente normal. Um pouco chocado, achei, com o que aconteceu com Ted.

— Como disse anteriormente, só precisamos eliminá-lo da lista de suspeitos. Tenho certeza de que tem um álibi. Pelo que está dizendo, não me parece que ele tenha algo a ver com isso. Ah, outra coisa, sra. Severson, os policiais da perícia já terminaram de investigar sua casa. Então, a senhora está livre para voltar. Não sabia se...

— Preciso voltar lá. Apenas para pegar algumas roupas e, então, verei como vou me sentir em relação ao lugar.

— O.k. — Ele se levantou, e logo depois fiz o mesmo. — Preciso ficar aqui na delegacia, mas posso pedir que um colega a leve de volta ao seu carro ou à sua casa.

— Não, obrigada. Posso pegar um táxi.

— Bem, então é isso. Vou chamar um táxi. Não posso lhe dizer quão grato estou por sua vinda aqui e por ter olhado o retrato falado. Foi bastante prestativa, e na minha experiência, quando temos um reconhecimento assim, a prisão não demora muito. Alguém vai conhecer esse sujeito.

Continuei em pé por um minuto, hesitando sair do local, sabendo que as coisas poderiam ser desvendadas de forma rápida. Minha mente vacilou sabendo que Brad seria interrogado, provavelmente em poucas horas. Eu o treinara, mas não o bastante. E existiam outras coisas, como o fato de Ted, na sua última visita a Kennewick, ter se encontrado com Brad e ficado bêbado com ele no bar da praia. Era algo muito estranho para Ted. Aquilo me fez pensar sobre o que Brad dissera no outro dia — como ele estava convencido de que Ted sabia sobre nós. Talvez ele soubesse, mas como seria possível? E, se sabia, teria contado a alguém? Porém, se não soubesse, o fato de Ted e Brad terem tomado umas bebidas juntos só deixaria a polícia mais desconfiada de Brad.

— Você está bem? — perguntou o detetive Kimball de forma envergonhada, e percebi que ele me flagrou ali, em pé, perdida nos meus pensamentos, por cinco segundos. Deixei meus ombros cair, fingindo segurar o choro, então olhei para ele e deixei as lágrimas rolar. Ele olhou rapidamente ao redor do escritório, mas tropecei nele e ele precisou me pegar nos braços. Comecei a chorar, puxando Kimball para mais perto de mim, enterrando minha cabeça embaixo do seu queixo. Pressionei seu corpo forte o suficiente para que ele sentisse meus peitos espremidos contra o seu torso. — Está tudo bem, sra. Severson. — Ele me tocou no ombro, deixando a outra

mão livre do seu lado. Afastei-me dele, me desculpando loucamente, assim que a detetive James, sua parceira, uma mulher negra alta, apareceu e me perguntou se eu precisava de algo.

— Apenas de um táxi — respondi. — Desculpe. Desculpe mesmo.

— Não se preocupe com isso. Entendo completamente. — A detetive James havia suavemente reconhecido a viúva aflita e foi gentil, porém firme, me afastando da mesa de Kimball. Parei e me virei.

— Ah, detetive — disse eu. — Lembra que me perguntou se eu conhecia alguém em Winslow?

Ele ainda estava em pé, seu celular na mão.

— Sim, lembro.

— Pensei em alguém. O nome dela é Lily Kintner. Estudei com ela na Universidade Mather. Tenho certeza de que não tem nada a ver com Ted ter ido até lá na sexta-feira, mas...

— Eles se conheciam? Você era próxima dela?

— Não, não éramos. Ela roubou meu namorado na faculdade, para falar a verdade, então não sou uma grande fã... Mas ela e Ted não se conheciam... Bem, eles podem ter se encontrado umas duas vezes, pensando melhor. Vi Lily em Boston uns dois anos atrás.

— Como se soletra o nome dela?

Falei para ele. Obviamente não havia nenhuma conexão entre Ted e Lily, mas notei que não machucaria entregar outro caminho para a polícia seguir. Poderia adiar o que agora parecia inevitável — que Brad seria pego e me entregaria junto.

Falei à detetive James que eu estava melhor e gostaria de ir embora.

— Tem certeza de que não quer um copo d'água antes de ir? — perguntou com sua voz rouca, me olhando de cima. Percebi que tinha perto de um metro e noventa. Devia ter consciência disso,

porque, todas as vezes que a via, ela estava usando sapatilhas. Calça escura, camisa de gola e sapatilhas. E nunca usava joias. Ela me deixava nervosa de uma maneira que eu não ficava quando perto de Kimball. Não achava que ela suspeitasse de mim; era mais porque não conseguia saber o que ela estava pensando. Olhava para mim da mesma maneira que olharia para um cobrador de pedágios.

— Posso levá-la até lá fora, sra. Severson?

— Não. Estou bem. E é Miranda.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e se virou. Tinha certeza de que ela tampouco usava maquiagem.

O detetive Kimball deve ter chamado um táxi, porque já havia um esperando por mim na frente da delegacia. Já estava anoitecendo, e começava a chover. Parecia que o tempo ruim me perseguira o caminho todo desde a casa da minha mãe.

## Capítulo 22

### Lily

DEIXEI O KENNEWICK INN BEM CEDO na manhã de terça-feira, imaginando que poderia dirigir diretamente para a Universidade de Winslow. Não fazia sentido perder outro dia de trabalho e chamar atenção. Tomei duas xícaras de café no hotel, mas parei num Dunkin' Donuts em Kinnery para pegar outro café. Estava exausta. Brad e eu conversamos por várias horas na noite anterior, primeiro na sua caminhonete, depois no chalé onde ele morava. Apesar do que ele tinha feito com Ted, me senti mal em relação a Brad. Estava um bagaço e, assim que ele percebeu que eu não o entregaria, se agarrou a mim como um náufrago encontrando um bote salva-vidas. Ele me contou que armaria um encontro com Miranda naquela noite, às dez. Se ela concordasse, ele ligaria para minha casa de um telefone público no Cooley's. Só deixaria tocar duas vezes, mas o número ficaria gravado no identificador de chamadas do meu telefone.

Cheguei ao escritório antes de todo mundo. Depois de entrar no meu e-mail de trabalho, não fiquei surpresa de ver que meu chefe, Otto, havia saído mais cedo na segunda-feira, o dia anterior, sentindo que uma tosse estava vindo e que ele achava melhor também tirar a terça de folga. Otto Lemke era, de longe, o homem mais sugestionável do planeta, principalmente quando o assunto era qualquer tipo de doença. Só porque eu disse a ele no domingo que não estava me sentindo bem, provavelmente o joguei em uma espiral de doenças psicossomáticas. Passei a manhã escrevendo descrições curtas de nossas coleções em arquivo para alimentar o site interno para a consulta de estudantes e professores. Quando fiz

o suficiente para justificar uma manhã de trabalho, caminhei pelo campus até o café gerenciado por estudantes onde sempre almoçava. A tempestade da véspera havia deixado o mundo mais brilhante e limpo, como um carro emergindo de um lava-jato. O céu limpo parecia azul-metálico. O ar estava fresco e cheirava a maçã. No café, pedi salada de atum ao curry no pão de trigo e levei meu sanduíche para um dos bancos de pedra que tinham vista para os carvalhos vermelhos e eriçados ao vento, que dividiam os prédios da Winslow. Minha vida era boa, e por um breve momento me perguntei por que havia me envolvido no sórdido caso de Miranda, Ted e Brad. O que planejava fazer na noite seguinte em Kennewick era um tremendo risco. Eu dependia de Brad, que estava tão frágil que era quase possível ver as rachaduras nele, e também dependia de Miranda não desconfiar quando Brad sugerisse o encontro. Sentia-me exposta e não estava cem por cento confiante, mas sabia que, se tinha ido tão longe, precisava chegar até o fim. Ted merecia ser vingado e Miranda merecia ser punida, agora mais que nunca.

Naquela tarde marcara uma visita a uma ex-aluna, agora por volta dos oitenta anos, que estava se oferecendo para doar objetos dos seus anos escolares para o arquivo da universidade. Essas visitas geralmente eram a melhor parte do meu trabalho e, algumas vezes, a pior. Tudo dependia da lucidez e da expectativa do ex-aluno ou professor. De vez em quando, tudo que tinham eram uns poucos livros acabados e anotações das aulas; eram normalmente pessoas solitárias procurando alguém para conversar por um tempo, alguém que ouviria longas histórias sobre seus tempos de universidade. Outras vezes, no entanto, aqueles antigos alunos apareciam com algumas relíquias. Eram as garotas que guardavam tudo. Os cardápios impressos da formatura do inverno de 1935. Fotografias da nevasca de março de 1960, quando os montes de neve alcançaram dois metros de altura. Um poema escrito à mão da

época em que May Gylys foi professora convidada. Nunca sabia o que esperar dessas visitas, e só as marcava quando a pessoa ficava a uma distância curta de carro. Se não, pedia aos doadores que enviassem fotos do material por e-mail.

Quase cancelei a visita daquela tarde. Ainda estava cansada pela noite sem dormir e não tinha certeza se aguentaria acompanhar um estranho qualquer pelas suas memórias, mas disse a mim mesma que deveria manter minha rotina o mais normal possível, então fui, dirigindo por algumas cidades a oeste, para Greenfield, onde Prudence Walker, da turma de 1958, morava. Ela estava varrendo as folhas quando cheguei e já havia enchido vários sacos, todos arrumados na calçada para ser retirados. A casa dela era uma agradável construção no estilo Cape Cod, em uma vizinhança formada por mansões coloniais e casas de praia. Estacionei na entrada da garagem, atrás de um Camry novo, e Prudence Walker largou o ancinho e veio me saudar.

— Olá. Muito obrigada por ter vindo até aqui. Você fez um grande favor a uma idosa. — Ela estava vestindo uma saia jeans desbotada e um casaco verde. Seus cabelos grisalhos estavam amarrados em um rabo de cavalo.

— Não é nenhum problema. — Saí do carro.

— Está tudo encaixotado e já na escada da frente. Eu traria para você, mas toda a minha energia foi gasta tirando aquilo do sótão. Antigamente, pelo visto, eu achava que precisava manter *tudo*. Na maioria são cadernos, mas incluí anotações feitas na classe, programas de estudo, e há um bocado de provas também. Você disse que queria isso, não?

— Vou pegar tudo. Obrigada novamente pela doação.

Caminhei até a entrada e peguei a caixa pesada. Prudence Walker me acompanhou, caminhando numa marcha desigual que

fazia seu ombro direito abaixar cada vez que dava um passo com a perna direita.

— Odeio ter de fazer você dirigir até aqui e já dispensá-la assim, mas estou tentando limpar todas essas folhas antes de o sol sumir. Posso pegar um copo d'água ou algo assim para você?

— Não, obrigada — respondi, colocando a caixa na mala do carro.

Quando dei ré pela entrada, vi Prudence voltar instavelmente para seu ancinho, que havia deixado encostado na árvore. Senti uma onda de amor por aquela mulher, tão disposta a descartar sua antiga vida sem olhar para trás, mas, na verdade, estava agradecida por não precisar passar uma tarde inteira verificando álbuns antigos.

Deixei a caixa em Winslow, respondi mais alguns e-mails, então dirigi para minha casa, um chalé de dois quartos, construído em 1915. Ele dava para um lago pitoresco, péssimo para nadar (ficava repleto de mosquitos no verão), mas decente para patinação no gelo nos meses frios de inverno. Verifiquei o telefone, e ainda não havia nenhuma chamada do Cooley's. O consultório do meu médico havia ligado para me lembrar de uma consulta e minha mãe também telefonara, mas não deixara recado. Não eram nem cinco da tarde, e pensei em tirar uma soneca antes de fazer o jantar. Deitei no sofá da sala, e quando estava caindo em um sono leve a campainha tocou e dei um pulo, sem saber onde estava por alguns segundos. Passei os dedos pelo cabelo, me levantei e caminhei para o corredor da entrada. Olhei pelo vidro que cercava a porta. Um homem ligeiramente desganhado em seus trinta anos estava ali, coçando a parte de trás do pescoço. Abri a porta parcialmente, mantendo a corrente presa.

— Posso ajudar? — perguntei.

— Falo com Lily Kintner? — quis saber o homem, retirando a carteira da jaqueta de tweed. Antes que eu respondesse, ele abriu a

carteira e mostrou um distintivo da polícia de Boston. — Sou o detetive Kimball. Se importa de conversar por um minuto?

Tirei a corrente da porta e a abri. Ele limpou os pés no tapete de boas-vindas e entrou.

— Gosto desta casa. — Ele olhou ao redor.

— Obrigada. Como posso ajudá-lo? Estou curiosa. — Dei alguns passos rumo à sala, e ele me seguiu.

— Bem, seu nome surgiu em uma investigação, e tenho algumas perguntas. Tem um tempinho?

Ofereci a ele a poltrona vermelha de couro, e ele sentou-se na beirada. Sentei no sofá. Estava assustada com o que ele estava prestes a dizer, mas ansiosa para ouvir.

— O que a senhora pode me falar sobre Ted Severson?

— Aquele homem que foi morto em Boston no fim de semana?

— A-hã.

— Posso falar o que li nos jornais, mas apenas isso. Tenho uma vaga conexão com ele, mas não o conheço. Era casado com uma colega minha de faculdade.

— Você fez faculdade com Miranda Severson? — O detetive sacou um caderno do casaco, o abriu e tirou um pedaço de lápis do arame.

— Sim, a Universidade Mather. Ela se chamava Miranda Hobart naquela época. Faith Hobart, para falar a verdade.

— Ela usava outro nome?

— Faith é seu nome do meio. Era como a chamavam na faculdade.

— Você manteve contato com ela? Como sabia que era casada com Ted Severson? — Ele se arrumou na poltrona, encostando-se aos poucos nela. O cabelo dele era longo, especialmente para um detetive da polícia. Tinha olhos castanhos arredondados,

sobrancelhas espessas, um nariz imponente e uma boca que poderia pertencer a uma garota, com um lábio inferior carnudo.

— Nós nos encontramos sem querer em Boston há alguns anos.

— Ela estava com o marido?

— Sabe, estava me perguntando o mesmo quando li a matéria. Ela estava com um homem, acho, e nos apresentou, mas não lembro muito dele. Não conseguia acreditar quando li sobre o que aconteceu em Boston. Detetive... Kimball...? Eu estava indo fazer um café. Devo preparar duas xícaras? — Levantei-me, consciente de que estava agindo de forma potencialmente suspeita, mas precisava de tempo para pensar.

— Humm, claro. Se você for fazer para si.

— A menos que acredite que possamos terminar isso rapidamente. Na verdade, estou curiosa para saber por que o senhor está aqui — eu disse enquanto caminhava para a cozinha.

— Não. Pode fazer o café. Adoraria uma xícara.

Na cozinha, respirei fundo, coloquei a água para ferver e pó de café no fundo da prensa francesa. Precisava pensar de forma clara. Algo acontecera para ele ter se dado conta de minha ligação com Ted Severson, e eu precisava ser extremamente cuidadosa para não ser pega em alguma mentira ou contradição. Eles descobriram algo, mas eu não sabia quanto. Quando a água começou a ferver, joguei-a sobre o café e apertei o êmbolo. Coloquei o café em duas xícaras e o levei, em uma bandeja com açúcar e leite, para a sala. Tomei um susto quando vi o detetive em pé, olhando de perto a minha estante de livros.

— Perdão. — Ele se sentou novamente na beira da poltrona. — Você possui alguns livros interessantes. Espero que não se importe que pergunte... Mas você é filha de David Kintner, não é?

Deixei a bandeja na mesa de centro e sentei no sofá.

— Hã? Sim. Você o conhece? E, por favor, sirva-se.

— Eu o conheço. Li várias das obras dele e fui a uma leitura certa vez. Em Durham, New Hampshire.

— É mesmo?

— Ele era um espetáculo.

— Ouvi falar. Nunca o vi ler ao vivo.

— Sério? Estou surpreso.

— Não fique. Ele é meu pai, e o que faz como trabalho não me fascina exatamente. Pelo menos, não quando era mais jovem.

Observei o detetive preparar sua xícara de café, colocando leite, mas não açúcar. Ele tinha mãos bonitas, com dedos longos e finos. De repente, fiquei chocada ao notar como se parecia com Eric Washburn. Magro e masculino, mas com um rosto de características quase femininas. Boca rosada. Cílios espessos. Ele tomou um gole do café, colocou a xícara de volta na mesinha e falou:

— Sabe, não foi fácil encontrá-la aqui. Você ainda usa o nome Kintner ou mudou oficialmente para Lily Hayward?

— Não, ainda uso o Kintner legalmente. As pessoas aqui me conhecem como Lily Hayward. Era o sobrenome de solteira da minha avó paterna. Nenhuma razão específica. É só que, trabalhando em uma faculdade, as pessoas conhecem meu pai, e o nome vem com toda essa bagagem. Então, quando consegui o emprego, decidi usar outro nome.

— Compreensível.

— Então, você sabe o que aconteceu com meu pai?

— O acidente na Inglaterra.

— Isso.

— Sim, ouvi falar. Desculpe. Sou realmente um fã do seu pai. Li todos os livros dele, na verdade. Lembro que ele dedicou o último a você.

— Foi, sim. Pena que não foi um livro melhor.

O detetive sorriu.

— Não era tão ruim. Acho que as críticas foram um pouco duras demais. — Ele tomou outro gole e ficou quieto por um momento.

— Então... — comecei. — Voltando a Ted Severson. Ainda estou confusa sobre o porquê de ter me procurado.

— Bem, tudo poderia ser uma grande coincidência, claro, mas Ted Severson veio para Winslow no dia em que foi morto. Sabemos disso porque ele foi multado. Não teria vindo ver você, por acaso?

Uma onda de raiva da estupidez de Ted tomou conta do meu corpo, seguida por um toque de tristeza. Ele veio me procurar. Veio à minha cidade. Balancei a cabeça.

— Como falei anteriormente, não o conheço, e ele não me conhece. Podemos ter nos encontrado uma ou duas...

— Você estava na Inglaterra em setembro, certo?

— Sim. Fui ver meu pai depois que saiu da prisão. Na verdade, ele vai se mudar para os Estados Unidos, e eu estava lá para ajudá-lo com a logística.

— Você lembra o voo que pegou na volta?

— Posso verificar, se você precisar.

— Tudo bem, sei qual é o voo. Foi o mesmo que Ted Severson pegou depois de uma viagem de negócios à Inglaterra. Lembra de tê-lo visto naquele voo?

Eu estava preparada para isso. Então, eles sabiam que Ted e eu estávamos juntos em um voo. Ainda era altamente improvável que soubessem que nos encontramos mais tarde no Concord River Inn. Será que eles sabiam que eu havia viajado para Kennewick ontem? Provavelmente não, mas não seria difícil descobrir.

— Você tem uma foto dele? — perguntei.

— Não comigo, mas se você tiver internet...

— Certo. Vou verificar novamente, mas falei com um homem naquele voo e, agora que pensei melhor, provavelmente era Ted Severson. Nós nos encontramos, na verdade, no bar do aeroporto de

Heathrow. Lembro agora que ele parecia me conhecer quando nos encontramos. A maneira como me cumprimentou. Mas então nos apresentamos e conversamos por um tempo. Não me pareceu familiar.

— Então você sabia o nome dele?

— Sim, mas não o decorei, para falar a verdade. Ou, se fiz isso, não lembro.

— Mas você falou seu nome para ele?

— Sim, e falei que trabalhava aqui em Winslow.

— Então, se ele quisesse, poderia investigar e vir até aqui atrás de você?

— Em teoria, sim — respondi. — Embora, se ele realmente quisesse entrar em contato comigo, não sei por que não tentaria me ligar.

— Você deu seu telefone?

— Na verdade, não.

— Então, é possível que ele tenha tentado encontrar seu telefone e não conseguiu, então dirigiu até aqui.

— Claro, seria possível. Só me parece estranho. Tivemos uma conversa agradável, mas não houve nenhum flerte. Ele era um homem casado e...

O detetive sorriu e deu de ombros.

— Você pode não ter percebido. Vemos isso o tempo todo. Um sujeito conhece uma mulher, e a mulher não nota nada de estranho. Quando ela vê, mais tarde, ele a está perseguindo. Ou vice-versa, mas isso é menos comum.

— Você acha que eu estava sendo perseguida?

— Não faço ideia. Estávamos apenas curiosos sobre por que ele teria dirigido até aqui no dia em que foi morto. É uma morte suspeita, então investigamos tudo que aconteceu recentemente que não se encaixa no padrão de comportamento. Mas, se ele dirigiu até

aqui na esperança de encontrar você, não posso imaginar que isso esteja relacionado com a morte dele.

— Eu também não.

— Se importa de me responder se está em algum relacionamento, srta. Kintner?

— Não me importo. Não estou saindo com ninguém. E pode me chamar de Lily.

— Só verificando, Lily. Nenhum namorado ciumento na sua vida?

— Não que eu saiba.

O detetive olhou para seu caderno e ficou em silêncio por um tempo. Relaxei. Até onde pude deduzir, me protegi o máximo que consegui. Não podia negar ter encontrado Ted no avião. Havia testemunhas. Mas não tinha motivo para admitir qualquer outra coisa. Se a polícia descobrisse que passei duas noites em Kennewick logo depois do assassinato, apenas alegaria que aquilo não passava de uma coincidência. Pareceria estranho, mas o que poderia acontecer comigo? Não era como se eu estivesse envolvida de verdade no assassinato da sexta-feira.

— Perdão, Lily, mas preciso perguntar algo. Pode me dizer onde estava na sexta-feira à noite?

— Aqui. Sozinha. Fiz jantar para mim mesma, então assisti a um filme.

— Alguém passou por aqui? Ou ligou?

— Desculpe, não. Acho que não.

— Tudo bem. — Ele terminou o café e se levantou. — Você poderia olhar para um retrato de Ted Severson na internet e identificá-lo?

— Claro — respondi e peguei meu laptop. Juntos, achamos uma foto que acompanhava uma matéria sobre a morte de Ted e, então,

falei que sim, tinha certeza de que era o mesmo homem com quem havia conversado no avião.

— É tão estranho... — disse eu. — Li a matéria e meio que percebi que conhecia esse homem, ou pelo menos conhecia sua mulher com certeza. E agora descubro que o encontrei recentemente e falei com ele.

Na porta, o detetive Kimball apalpou o bolso da jaqueta, então falou:

— Ah, mais uma coisa. Quase esqueci. — Ele retirou uma chave, ainda brilhante. — Se importa se eu checar se esta chave abre sua porta?

Eu ri.

— Que drama. Você acha que esse homem tinha uma chave da minha casa?

— Não, mas encontramos isso entre as coisas dele, e preciso verificar todas as possibilidades. Estou apenas eliminando sua casa.

— Por favor, pode verificar. Eu entendo. — Devia ser a chave que Ted roubara da casa de Brad, provavelmente uma chave mestra para todos os chalés de aluguel. Se Brad virasse um suspeito, não levaria muito tempo até que descobrissem que a chave pertencia a ele.

Assisti ao detetive colocar a chave na fechadura da porta da frente. Entrou com facilidade, e por um confuso e aterrorizante momento pensei que poderia girar na minha porta, que talvez Ted tivesse a chave da minha casa por alguma razão. Mas não girou. O detetive forçou umas duas vezes e desistiu.

— Não é — disse ele. — Eu precisava checar. Você foi muito prestativa. Se lembrar de algo mais... — Ele entregou um cartão, e eu o peguei. Olhando para baixo, pude ver que seu primeiro nome era Henry. Fiquei em pé na porta e o observei até o carro sumir de vista. Estava quase escuro, o céu riscado por nuvens alaranjadas.

Atrás de mim, o telefone tocou duas vezes e parou. Andei na sua direção, e o identificador de chamadas dizia LIGAÇÃO PERDIDA e o número no visor. O código de área era 207. Chequei novamente se era o mesmo número do Cooley's que havia anotado em um guardanapo, mas estava bem certa de que era. A ligação significava que Brad havia armado um encontro com Miranda para mais tarde naquela noite. Tudo corria como planejado. A visita do detetive havia me deixado nervosa, mas, como ele disse, estava apenas me eliminando da investigação.

Abri a geladeira e olhei para dentro, decidindo o que cozinhar para o jantar.

## Capítulo 23

### Miranda

QUANDO BRAD E EU ESTÁVAMOS PLANEJANDO o assassinato de Ted, algum tempo atrás, considerei por um breve momento comprar um par de celulares irastreáveis e descartáveis. Só por precaução. Estupidamente, desisti da ideia porque não queria nenhuma evidência que apontasse para nossa culpa. Agora, queria desesperadamente ter comprado. Eu estava andando pela casa no South End, enlouquecendo e divagando sobre se deveria ligar para Brad e avisá-lo que seria interrogado. Não sei nem se isso ajudaria. Talvez ele entrasse mais em pânico se eu falasse que a polícia estava indo atrás dele. E parte de mim estava em dúvida se deveria contar a Brad que ele havia sido reconhecido por uma testemunha e devia arrumar as malas e sair da cidade, fugir.

Os cenários se desdobravam na minha mente.

*De acordo com os registros telefônicos do seu celular, sra. Severson, depois de ter identificado Brad Daggett como o homem visto entrando em sua casa, você ligou para o mesmo sr. Daggett naquela noite. E agora não conseguimos encontrá-lo. Sobre o que exatamente vocês conversaram durante aqueles dez minutos?*

Eu diria a eles que havia ligado para Brad para avisá-lo que a polícia poderia interrogá-lo, que identifiquei um suspeito parecido com ele. Disse que não se preocupasse, que ninguém realmente achava que ele tinha algum envolvimento. Eu não fazia ideia, detetive. Quero dizer, como poderia saber?

*Você vai ficar feliz de saber, sra. Severson, que capturamos Brad Daggett nesta manhã. Ele não foi longe, na verdade. Foi pego na fronteira com o Canadá. Ele confessou o assassinato do seu marido*

*e tem uma história interessante para contar. A senhora se incomodaria de ir à delegacia para algumas perguntas?*

Não, a fuga de Brad não era uma opção. Ele precisava segurar o nervosismo o suficiente para a investigação esfriar. Eu tinha planos para Brad, mas eles precisariam esperar.

Fiquei em pé diante do janelão da sala do segundo andar. Estava escuro lá fora, a chuva não dava trégua e era quase reconfortante. Do outro lado da rua, podia ver os quartos iluminados dos meus vizinhos. Vi um vulto se movimentando e uma cortina sendo baixada.

Fiquei ali por um tempo. Ainda não tinha acendido nenhuma luz na minha casa, então me sentia meio invisível, olhando para o meu canto da cidade. Um carro passou vagarosamente pela rua, encostando em um meio-fio e jogando um jato d'água na calçada. Será que a polícia já estaria me vigiando? Eu seria uma suspeita? Era segunda-feira. O assassinato ocorrera na sexta, e ninguém ainda havia sido preso. Eles devem estar ficando nervosos e eu sabia, em uma parte de mim, que só podia ser um dos suspeitos. A mulher de um rico que morreu de forma bastante estranha. Mas seria mais que isso? Puxei as cortinas da janela, me certificando de que se encontrassem no meio, então acendi uma luminária. Isso jogou uma redoma de luz pela sala. Pisquei rapidamente, então apaguei o abajur. Deitei no sofá com tudo escuro, me perguntando se teria sido um erro voltar para minha casa. Talvez fosse melhor ter ficado em um hotel, como o detetive cara-de-bebê havia sugerido.

Continuava imaginando Brad no momento em que um detetive se aproximasse para interrogá-lo sobre onde ele estava na noite de sexta-feira. Eu o imaginei suando e gaguejando, o detetive suspeitando logo de cara. Eu sabia que o trem ia descarrilhar rapidamente. Julguei Brad de forma errada. Quando nos

encontramos, tudo que vi foi um mestre de obras boçal e meio estúpido. Seduzi-lo foi muito fácil. Esperei até ficarmos sozinhos na casa. Pedi um cigarro, dizendo para Brad não contar a meu marido.

— Ei — disse ele. — Não vou dizer nada para o seu marido que você não queira que eu diga. — Era o início de agosto, e eu usava um vestido curto com botões na frente. Tirei o vestido pela cabeça, arranquei minha calcinha e deslizei por cima do balcão recém-terminado da cozinha. A altura estava errada, e Brad precisou arrastar uma pilha de azulejos e subir nela. Foi desajeitado e pouco satisfatório, mas depois menti e disse a ele, com lágrimas nos olhos, que era a primeira vez que fazia sexo desde a primeira semana do meu casamento, que meu marido não tinha interesse em mim. Nós nos vestimos e chorei por mais um tempo, então ficamos nus de novo e fizemos sexo, Brad sentado em uma das cadeiras dobráveis que sua equipe havia trazido para os intervalos do almoço. Montei nele, olhando para seu rosto, os músculos da minha perna tremendo. O olhar no rosto de Brad, seus olhos sobre mim, me falaram tudo que eu precisava saber.

— Nunca em outro canto — disse eu naquela tarde. — Apenas aqui, e só quando tivermos absoluta certeza de que ninguém pode aparecer. O.k.?

— O.k. — concordou ele.

— Se você contar isso para alguém...

— Não vou contar.

Uma semana depois falei para ele que, de vez em quando, sonhava em matar meu marido. Duas semanas mais tarde, Brad me falou que faria isso por mim se eu quisesse. Foi fácil assim. Disse para ele que, se fizéssemos tudo certinho, sem erros, ninguém suspeitaria de nós dois e poderíamos nos casar, comprar um iate e tirar um ano de lua de mel. Quando mencionei o iate, os olhos de Brad brilharam de uma maneira que eu ainda não havia visto,

mesmo quando fazíamos sexo. O sexo o prendera, mas seria a ganância que o manteria preso. E por todo esse tempo achava que ele suportaria a pressão, mas agora não tinha mais certeza.

Saí do sofá, sacudi os braços e pulei duas vezes na ponta dos pés. Minha pele estava formigando, e minha mente, em polvorosa. Coloquei uma vodca Ketel One com gelo em um copo e andei pela casa escura. Havia uma mancha no segundo andar, no lugar em que Ted sangrara. A polícia havia me avisado sobre isso, então não estava chocada. Toquei a mancha com o dedão do pé. Era uma poça marrom-escura que quase combinava com o piso de madeira. O pessoal da limpeza viria no dia seguinte, e eu me certificaria de avisá-los sobre aquilo. Levei minha bebida para a sala de TV e zapeei pelos canais por um tempo, parando em *Uma linda mulher*, meu filme favorito quando era mais jovem. Passava na televisão o tempo todo naquela época e eu adorava ver o filme, mesmo antes de entender o que significava uma prostituta. Parecia estúpido agora, mas assisti mesmo assim, recitando os diálogos antes de serem ditos. Eu me acalmei, e, quando o longa acabou junto com o copo vazio, sabia que precisava dirigir de volta para o Maine e conversar com Brad. Ele precisava estar preparado para o que estava por vir, e eu sentia que poderia fazer diferença se passasse um tempinho com ele.

Meu carro estava na rua, e não na garagem. Vesti meu jeans e um moletom verde com capuz e saí de casa. Andei na chuva em direção ao carro e resisti à tentação de olhar em volta e ver se estava sendo vigiada. Não acho que estivesse. Meu carro estava estacionado na esquina da minha rua. Entrei nele, saí da vaga e dirigi rumo à I-93. As ruas estavam vazias e não parecia que havia alguém atrás de mim, nenhuma luz inesperada à vista. Entrei na rodovia, ainda certa de que não estava sendo seguida. Mantive o carro na faixa do meio, coloquei um CD e tentei relaxar. A rodovia

brilhante com a chuva na minha frente. Era tarde quando cheguei aos chalés Crescent, a chuva constante se tornara uma neblina. A caminhonete de Brad não estava na frente da unidade dele. Presumi que estivesse no Cooley's, mas o aguardaria ali. Significava que Brad estaria bêbado quando falasse com ele, mas esperava que não estivesse totalmente travado sem entender nada. Meu plano era prepará-lo para ser interrogado, garantir que soubesse exatamente o que iria falar e, então, dirigir de volta para Boston de manhã cedo.

Estacionei o carro do outro lado da estrada, embaixo de um carvalho com os galhos baixos por causa da chuva, e esperei. Não precisei de muito tempo. A caminhonete de Brad entrou na vaga da unidade dele por volta das onze da noite. Eu havia abaixado um pouco minha janela, mas, mesmo assim, o interior do Mini embaçara na espera, e o veículo de Brad era um borrão. Abri minha janela por inteiro e notei outro carro, um Honda, talvez, parar do lado da vaga de Brad. Porra, pensei, provavelmente era Polly. Observei quando Brad e uma mulher alta e esguia saíram dos seus respectivos carros. Brad segurou a porta, e ela entrou primeiro no chalé. Vestia um tipo de casaco de couro brilhante e um jeans apertado. Muito magra para ser Polly e com uma postura muito segura. Brad a seguiu. A maneira como entraram na casa me dizia que não era um encontro comum. Movimentavam-se como homens de negócio entrando em uma reunião. Esperei por cinco minutos, então puxei o capuz para cima da cabeça e saí do carro. Pensei que ainda estivesse chovendo, mas era a árvore, pingos que caíam das folhas remanescentes.

Atravessei a rua e me aproximei do chalé de Brad — nunca estivera lá dentro, mas havia parado na porta da frente, certa vez, havia alguns meses, para entregar plantas da casa, antes mesmo de nosso envolvimento. Lembro-me de notar como era organizado e vazio. Esgueirei-me na direção de uma janela à esquerda da porta da entrada. Havia persianas, mas a luz que passava por elas me

fazia pensar que conseguiria ver o interior. Queria ver se reconhecia a mulher. Estava quase na janela quando uma luz que ficava acima da porta foi acesa, jogando um clarão branco na frente da casa. Eu me movi rapidamente para o lado, meus tênis esmagando as conchas que cobriam a entrada. Pressionei as costas contra a parede de madeira onde a sombra era mais escura e esperei que a luz exterior se apagasse. Depois de um longo minuto, isso aconteceu. Não ouvi ninguém se movendo dentro da casa, e a estrada permanecia vazia. Havia uma janela do lado da casa, baixa o suficiente para que eu pudesse enxergar através dela ao ficar na ponta dos pés. As persianas estavam fechadas, mas havia um espaço entre elas e eu podia ver a cozinha — uma geladeira branca, um balcão vazio — e, além dela, uma sala de estar, onde Brad e uma mulher ruiva conversavam no sofá. Na frente deles, sobre a mesinha de centro, vi duas garrafas de cerveja. Por um momento achei que fosse Lily Kintner, da Mather, e um arrepio percorreu meu corpo. Mas a mulher moveu um pouco a cabeça e vi que não era Lily. Ela estava usando maquiagem barata: um delineador preto e batom brilhante. A menos que Lily tenha mudado, ela não era o tipo de usar qualquer maquiagem.

Observei os dois conversando intensamente por um tempo e não pude de jeito nenhum entender qual era o assunto. Brad parecia abatido, seus ombros baixos e a boca semiaberta. A mulher, fosse quem fosse, estava comandando a conversa. Brad parecia um estudante idiota tentando entender o que sua professora dizia. Eu não esperava nem um pouco encontrar isso. Esperava ver Brad com alguma vagabunda do Cooley's se contorcendo no sofá dele. Não teria gostado muito disso, mas teria preferido à cena que via. Sobre o que eles poderiam estar conversando?

Brad balançava a cabeça afirmativamente sem parar, como um fantoche cujo fio estivesse sendo puxado, então tateou o casaco,

tirando o maço de cigarros. A mulher ficou de pé, se alongou, a blusa revelando uma parte da barriga pálida, e andou na direção da cozinha. Precisei de toda a minha força de vontade, mas continuei olhando entre as palhetas, rezando para que ela não olhasse em minha direção. Eu queria observá-la melhor. Ela abriu a porta da geladeira, se curvou para olhar dentro, e fui capaz de encarar seu perfil. Realmente parecia muito com Lily Kintner — mesmo corpo andrógino, pele pálida e cabelos ruivos, mas as roupas não combinavam.

A mulher pegou uma garrafa de água fechada da geladeira. Antes de voltar para a sala virou a cabeça, os olhos analisando os balcões limpos da cozinha. Dei uma olhada melhor nela com a lâmpada fluorescente da cozinha refletindo nos seus olhos, um verde sobrenatural, que pareceram brilhar por um momento. Desci da ponta dos pés. Ela *era* Lily Kintner. Havia visto os olhos dela, e agora tinha certeza. Sem hesitar, caminhei rapidamente de volta para o meu carro, desviando da entrada da casa para não ativar o sensor de movimento novamente. Entrei no meu Mini. Era Lily. Tinha certeza. Mas como era possível? Como ela teria se envolvido com Brad? E não era só Brad, claro. A ida de Ted para Winslow fora claramente para vê-la. Então ela estava envolvida com Ted. Estavam tendo um caso? Ela começou isso como uma forma de vingança de longa gestação? O mais importante nesse momento, agora que havia encontrado Brad, o que ela queria dele?

Abaixei meu assento para esperar. Minha mente estava a mil. A chuva havia parado, mas o céu ainda estava coberto por nuvens e me senti protegida pela sombra da árvore. Vigiei o chalé de Brad, imaginando se Lily passaria a noite lá mas sabendo que precisaria esperar caso ela não ficasse. Minha cabeça estava cheia de possibilidades, porém, em todas elas, eu estava sendo caçada. De alguma maneira, Lily estava me caçando.

Pareceram duas horas, mas acho que passara apenas uma quando Brad abriu a porta da frente e Lily apareceu. A luz exterior se acendeu e a vi entrando no carro dela. Ela deu ré na saída e rumou para o sul pela Micmac. Parte de mim queria segui-la, ver para onde ia, mas era mais importante falar com Brad e descobrir o que estava acontecendo. Forcei-me a esperar cinco minutos, só para garantir que Lily não tivesse esquecido algo e voltado. Então atravessei a rua correndo e bati na porta do chalé. Ele abriu um pouco e olhou para mim, seus olhos inchados confusos por um momento. Tirei o capuz.

— Sou eu, Brad. Deixe-me entrar.

— Merda. — Ele abriu a porta.

Dei um passo para dentro e fechei a porta. Podia sentir o cheiro de perfume barato.

— O que porra Lily Kintner estava fazendo na sua casa?

— Esse é o nome dela?

— Jesus, Brad. O que ela queria?

— Acabei de encontrá-la no Cooley's. Ela se aproximou no estacionamento. — Os olhos dele estavam tentando descobrir exatamente o que me falar. Resisti à tentação de esmurrá-lo o mais forte que podia na garganta.

— Brad, que porra ela queria de você?

Ele cambaleou um pouco, como se fosse um cachorro golpeado no focinho, e falou:

— Ela quer te matar, Miranda. Quer que eu arme tudo. Disse que é a única coisa que posso fazer para não terminar na prisão. Eu ia te contar, juro.

## Capítulo 24

### Lily

CHEGUEI A KENNEWICK ÀS OITO DA NOITE DE TERÇA-FEIRA, vinte e quatro horas depois de planejar tudo com Brad. Sem tráfego, a viagem de Massachusetts só levava pouco mais de uma hora. Parei meu carro no Admiral's Inn, um novo hotel resort erguido sobre uma falésia do outro lado da praia no porto de Kennewick. O estacionamento não estava cheio, mas tampouco estava vazio. Dei uma volta e parei de frente para o pequeno trecho de praia e, além dele, o Kennewick Inn. Fiquei sentada no meu carro por um minuto. Era uma noite de céu limpo e salpicado de estrelas amarelas. A lua quarto-crescente refletia no mar. Eu levava uma pequena lanterna para que pudesse andar na trilha do penhasco até a casa de Ted e Miranda, mas não achava que fosse precisar.

Mais cedo, depois de preparar uma omelete de queijo para o jantar, liguei para a casa do meu chefe e disse que ainda estava com a garganta inflamada e poderia ficar pior.

— Não vá trabalhar amanhã. Fique em casa. Melhore — disse ele com pânico na voz.

— Bem, definitivamente vou ficar em casa amanhã.

— Sim, faça isso. Tire a semana de folga, se precisar.

Depois da ligação, repassei os detalhes do plano. Era arriscado. Tudo dependia de Brad ser capaz de fazer tudo que pedi, e eu odiava depender de alguém. Nunca fiz isso antes e não teria feito dessa vez, mas precisava agir rapidamente. O detetive que encontrara no dia anterior — Henry Kimball — estava chegando depressa perto de Brad e Miranda, ou apenas de Brad, e eu precisava chegar primeiro.

Sentei por um momento no carro. Vestia minhas roupas mais escuras — jeans preto e um suéter preto de gola rulê por cima de várias camadas de roupa, já que a meteorologia previa temperatura abaixo de zero. Calcei minhas botas de escalar com bom solado, coloquei um gorro de lã verde-escuro com o pompom cortado e meu cabelo para dentro. Levara uma mochila cinza para escaladas diurnas e a enchi com um par de luvas, minha arma de choque, a lanterna, uma garrafa térmica com café quente, um cantil de bolso com brandy, uma faca de cortar peixe com cabo de couro, um estojo multiferramentas e um punhado de sacos plásticos.

Quando saí do carro, estava mais frio do que imaginava, um vento constante vindo do mar, e desejei ter levado um casaco. Guardei a lanterninha no bolso de trás do jeans, a mochila nos ombros, tranquei o carro e caminhei rumo à falésia onde a trilha começava. Andei o mais casualmente possível; caso alguém estivesse observando, me imaginaria como o tipo de pessoa que sempre caminhava pelo litoral em noites de lua. Pelo que pude perceber, contudo, não havia ninguém para me ver, e alcancei a trilha sem ser notada.

Tinha tempo de sobra e andei vagarosamente, ligando a lanterna apenas uma vez, quando a passagem ia por baixo de um nicho de árvores retorcidas. Se a caminhada tinha sido linda dois dias antes, agora era mais estonteante — o oceano parecia de prata sob a luz da lua. Parecia que eu estava entrando em um filme preto e branco dos anos 1930, o mar e o céu vindos de alguma projeção de mentira de uma noite romântica e temperamental ao mesmo tempo. Continuei a me mover, todos os meus sentidos formigando, como se eu fosse um pequeno animal que saiu da toca para um mundo gigante. Algo rastejou no arbusto e parei, aguardando para ver se era outro animal como eu ou apenas o vento soprando do mar. Não ouvi nada mais, e continuei andando. Quando alcancei o

fim da trilha, me agachei e olhei para a casa ameaçadora. Sob a luz do luar parecia terminada, o telhado de três pontas suntuoso contra o céu. O trecho de terra entre o mar e os fundos da casa, o mesmo que, durante o dia, parecia sujeira remexida, fora transformado pela lua, agora parecendo o jardim elevado que estava destinado a virar. Olhei para trás em direção ao céu; um grupo de nuvens estava se movendo rapidamente, prestes a encobrir a lua. Observei o progresso delas e, quando a lua foi encoberta e o mundo ficou temporariamente escuro, respirei fundo e atravessei o terreno na direção da casa, certificando-me de desviar do buraco parcialmente cavado onde a piscina deveria ficar. Subi dois degraus largos até o pátio finalizado, me agachei novamente, tirei a mochila das costas e a abri. Peguei a arma de choque e a faca, o par de luvas e dois sacos plásticos, então fechei a mochila e fiquei em pé, guardando a faca no bolso da frente do jeans e a arma no outro. Envolvi as botas com os plásticos, prendendo as bordas nas meias de lã, e então calcei as luvas e testei as portas corrediças que Brad disse que estariam destravadas. Elas estavam, e eu entrei pela casa completamente escura.

Fechei as portas atrás de mim e fiquei parada por um momento, ouvindo atentamente e deixando meus olhos se acostumar com o breu. Demorou um tempinho, mas eles finalmente se adaptaram e o interior da casa ficou cinzento e difuso. Conseguia enxergar o piso, algumas pilhas de azulejos aqui e ali e caixas fechadas de gesso. Andei na direção do corredor da porta de entrada, os sacos plásticos sussurrando pelo chão. Algo bateu na minha cabeça e o empurrei involuntariamente, olhando na direção de um par de fios pendurados onde futuras luzes ficariam no teto.

Caminhei rumo à cozinha com vista para o sul, suas janelas largas me ajudando a me encontrar, esperando que uma delas desse para a entrada de carros da frente. Não havia nenhuma assim, então

dei meia-volta, me movendo como se estivesse em câmera lenta pela luz granulada. O ar na casa estava tão frio quanto lá fora e cheirava a serragem e cola. Encontrei a porta da frente, duas vezes mais alta do que qualquer ser humano normal, e espiei por um dos vidros laterais. Tudo que consegui ver foi a caçamba de lixo grande, algo esvoaçante nas bordas por causa da ventania, mas ainda nenhum carro. O vidro ia do chão ao teto, então sentei com as pernas cruzadas e esperei. Eu estava uma hora adiantada.

Durante essa hora, disse a mim mesma diversas vezes que simplesmente poderia me levantar e ir embora, refazer meus passos pela trilha, entrar no carro e dirigir de volta para Winslow. Não havia feito nada ilegal ainda, e não havia nada que me implicasse em nenhum crime. Eu era intocável. Mas também disse a mim mesma que, se fosse embora, estaria vivendo em um mundo em que Miranda Hobart ganhara a permissão para matar e escapar ilesa. Ted estava morto. Eric Washburn estava morto. E ambos poderiam estar vivos se não fosse Miranda.

Ouvi a caminhonete de Brad antes de vê-la. Ele desligou os faróis, mas o veículo imenso estava rangendo pela entrada de pedregulhos. Ele parou entre a caçamba e a casa. Ainda estava claro lá fora por causa do céu aberto, e eu conseguia enxergar Brad no banco do motorista e Miranda no lado do passageiro. Chegaram mais cedo que previa, e Miranda ficou na caminhonete por um minuto. Perguntei-me sobre o que estariam conversando. Quando ela abriu a porta, a luz da caminhonete acendeu e vi Brad, com um cigarro apagado nos lábios, rapidamente colocar as mãos sobre Miranda enquanto ela descia na entrada. Ela caminhou em direção à casa rebolando da maneira que eu lembrava, seus cabelos presos no que parecia um boné. Quando ela se aproximou da porta, fiquei de pé e recuei para as profundezas escuras da casa. Meu coração bateu

um pouco mais forte no peito, mas também senti uma descarga elétrica percorrer minha pele.

Ouvi uma chave sendo inserida e a trava se abrindo. A porta rangeu, e Miranda deu um meio passo para dentro da casa, então parou. O vento lá fora tinha aumentado. Sabia que ela estava deixando seus olhos se acostumar com a escuridão, como também fiz, e, por isso, por enquanto, ela não conseguia me enxergar. O rosto dela estava cinza na luz, seus olhos bem abertos na tentativa de ver algo e os lábios semiabertos. Olhei para suas mãos na maçaneta. Ela também usava luvas.

— Aqui — disse eu.

Ela se virou e eu liguei a lanterna, apontando o fecho para o chão para que ela pudesse ver onde eu estava. Assim que ela me localizou, apaguei a luz.

— Lily?

— Entre. Seus olhos vão se acostumar.

Ela fechou a porta.

— Não é um pouco dramático? — disse ela, e a Faith da universidade retornou à minha memória. Sarcástica, levemente bêbada, falando comigo sob as luzes de alguma festa da St. Dun's, bebida em uma das mãos e o cigarro na outra.

— Brad disse o que eu queria? — perguntei.

Ela deu um passo adiante. Usava um sobretudo, e sua mão direita estava no bolso maior. Instintivamente, toquei a arma de choque que estava no meu bolso dianteiro, seu cabo protuberante.

— Ele me disse. — Miranda parou a cerca de um metro de mim. Eu queria recuar um pouco, mas não queria que ouvisse o roçar dos sacos nos meus pés. — Fiquei surpresa.

— Surpresa com o quê?

— Bem, surpresa com tudo. Surpresa que você esteja aqui. Surpresa que conhecesse Ted. Porém fiquei ainda mais surpresa com

o fato de você querer dinheiro de mim. Não combina com você. Tem algo a ver com seu pai?

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Ele matou alguém, não foi? Na Inglaterra. Deve ter honorários advocatícios.

— Não, o dinheiro é para mim.

— Certo. Não me importo — disse ela. — Você sabe que não posso pegar nenhum dinheiro agora. A herança precisa ser finalizada. Essas coisas levam bastante tempo.

— Eu sei. Só queria te encontrar aqui hoje à noite para que pudesse ouvir de você diretamente. Depois de hoje, as coisas podem ser feitas por intermédio de Brad.

— Posso te perguntar uma coisa? Você estava dormindo com Ted? Como isso aconteceu? Como vocês dois se conheceram?

— Estávamos em um mesmo voo. Ele sabia tudo sobre você. Sabia que o estava traindo com Brad. Você não o enganou. — Na luz baixa, vi Miranda dar de ombros. Ela estava perto o suficiente para que eu sentisse seu cheiro. Tabaco. Perfume caro.

— Por que não me entregou? — quis saber Miranda. — Se você tem tanta certeza de que sou essa pessoa horrível...

— Vou te denunciar, Faith, se não fizer tudo que mando.

— Tudo isso tem a ver com Eric? — perguntou ela. Ouvi uma porta ranger em algum ponto da casa, o vento entrando.

— Não. Não tem. Tudo isso diz respeito apenas a você.

Miranda se virou primeiro. Brad saiu da escuridão para ficar entre nós com uma chave-inglesa enorme na mão direita. Ele devia ter entrado pela porta do pátio e se moveu tão silenciosamente pela casa que me perguntei se havia tirado os sapatos. O rosto dele na penumbra estava distorcido, sua mandíbula indo para trás e para a frente, como se tivesse algo preso na garganta. Ele olhava para

mim. Eu o observei levantar a ferramenta pesada sobre a cabeça e seu braço começando a descer.

## Capítulo 25

### Miranda

LEVEI DUAS HORAS E UMA CANECA DE CAFÉ COM UÍSQUE, mas Brad me contou tudo. Contou como viu o carro do xerife na frente da sua casa à noite. Ele entrou em pânico, passando direto pelos chalés e indo para a cabana do pai em Lebanon. Decidiu passar a noite ali, mas começou a pensar que pareceria estranho, algo que um homem culpado faria. Ele dirigiu de volta a Kennewick e foi direto para o Cooley's em vez de ir para casa, e foi lá que encontrou Lily Kintner esperando no estacionamento. Conversaram dentro da caminhonete dele; ela disse que sabia tudo sobre o assassinato. Sabia que Brad e eu estávamos tendo um caso e que planejamos matar Ted. Sabia que Brad tinha dirigido até Boston e arrombado a casa de um vizinho para parecer um assalto que dera errado, então bateu na porta de Ted, pediu para entrar e atirou nele.

— Como ela sabia de tudo isso? — indaguei.

— Não perguntei, Miranda. Ela só sabia. Ela sabia de tudo. — A voz de Brad tinha subido de tom, e sua mão tremia com o café que bebia.

— Shh. Vai ficar tudo bem. Estou aqui agora.

— Eu sei. Ia te ligar assim que acordasse amanhã, para contar tudo o que aconteceu.

— Querido, sei que você ia. Mas ainda bem que vim hoje à noite. Vai nos dar mais tempo para planejar o que fazer com ela. O que ela quer?

Brad hesitou.

— Eu deveria falar para você que ela quer dinheiro.

— Que porra isso significa? Você *deveria* me falar?

— Só escute. Estou te contando tudo. Eu deveria te falar que ela quer seu dinheiro, um milhão por ano para ficar em silêncio, e que ela quer te encontrar amanhã à noite na casa na Micmac. Ela quer ouvir que você concorda.

— Amanhã à noite?

— Sim, às dez. Eu te levo até a casa e vocês se encontram, cara a cara.

— Jesus.

— Não, Miranda, você não está me ouvindo. Isso é o que eu *deveria* te falar. Ela quer te matar. Ela está planejando te matar. Foi o que ela me falou.

— Como? — perguntei. Foi a primeira pergunta que veio à minha cabeça.

— Ela tem uma arma de choque, e depois ela disse que iria te estrangular. — Brad limpou o nariz com a parte da trás da mão.

— Eu não entendo por que ela contou tudo isso a você.

— Ela te odeia. Disse que te conhece desde a faculdade e que você é uma má pessoa.

— Uau. Jesus! — exclamei.

— Você parece feliz com tudo isso.

— Pareço? Não, estou surtando. — Eu estava surtando, mas havia outro sentimento que não conseguia definir. Era como estar no colegial e descobrir que o garoto mais bonito da classe perguntou sobre você aos amigos dele. Eu havia afetado Lily e nem sabia disso.

— Como ela achava que iria escapar? Como ela achava que você iria escapar ileso? Eles já suspeitam de você. Tinha a porra de uma testemunha em Boston. Alguém te viu entrando na minha casa, Brad. Por isso o xerife estava atrás de você hoje à noite. Você vai ser interrogado.

— O que você está dizendo? — Perdigotos saíram dos lábios dele, alguns me atingindo no rosto.

— Relaxa, não é nada de mais — menti. — Você tem um álibi, lembra? Mas foi por isso que dirigi até aqui, para começo de conversa. A polícia vai te interrogar. Não sei quando, mas vai acontecer. Você só precisa se lembrar de tudo que conversamos. Atenha-se à história, e tudo ficará bem.

— Mas agora outra pessoa sabe o que aconteceu.

— Eu sei. Deixe-me pensar um pouco. — Respirei fundo duas vezes, ainda tentando ajustar minha cabeça ao fato de que Lily sabia de tudo e queria me matar.

— Lily contou como ela conheceu Ted?

— Não. Pensei que você soubesse. Mas ela sabia tudo sobre o que aconteceu.

— Como ela acha que vai escapar de ser presa se me matar?

— Ela disse que esconderia seu corpo e seu carro para fazer parecer que você fugiu da cidade. Disse que é a única maneira que existe de eu escapar da polícia. Eu deveria te levar para o encontro amanhã à noite e, então, ajudá-la a levar seu corpo para o carro. Ela tinha tudo planejado.

— E então? Você disse que ficaria feliz em fazer isso para ela?

— Eu estava quase morrendo do coração, Miranda. Ela sabia de tudo. Eu disse que pensaria a respeito. Em tese, preciso ligar para ela do Cooley's, amanhã, se eu conseguir armar. Só preciso deixar tocar duas vezes para mostrar no identificador de chamadas. Obviamente eu iria contar tudo para você, mas fingi seguir com o plano. O que mais poderia fazer?

— Não, você fez a coisa certa. Estou orgulhosa. Deixe-me pensar por um minuto.

Brad puxou uma das suas costeletas.

— Sei o que precisamos fazer. Sei o que preciso fazer.

— O quê?

— Matá-la, Miranda. Vai ser fácil. Ela está aqui escondida para te ver. Ninguém sabe que ela está envolvida nisso. Ela me contou. Posso te levar até a casa. Você vai pela frente, e eu dou a volta pelos fundos. Fique conversando, e eu entro escondido e a golpeio com alguma coisa. Posso enterrá-la no jardim.

— Você faria isso por mim? — perguntei.

— Matei seu marido por você, Miranda. Eu te amo. Claro que mataria essa vagabunda.

Fazia sentido. Era a única saída. Se Lily sabia de tudo, ela precisava morrer, mas eu estava preocupada.

— Será que ela não está esperando isso? — pensei alto. — É muito arriscado para ela vir até aqui e me encontrar.

— Ela não está vindo para te encontrar. Ela está vindo para te *matar*. Ela me disse isso.

— É isso que estou dizendo. Como ela poderia ter certeza de que te convenceria a fazer isso? Ela acabou de te conhecer. Ela realmente *acabou* de te conhecer, não é?

— Olha, ela foi convincente. Disse que era a única saída; que você iria me jogar para os lobos, e quando a polícia me encontrasse seria minha palavra contra a sua, e não havia nenhuma prova de que você conspirou para matar seu marido. Você poderia falar que fiquei louco, obcecado por você. Ninguém, a não ser eu, poderia contestar isso.

Esse era meu plano, claro, caso Brad fosse preso por matar meu marido. Eu diria que tivemos contato físico uma vez, num momento de fraqueza meu, mas que nunca houve nenhuma conversa sobre matar Ted. *Agora que estou pensando nisso, eu realmente mencionei a Brad que estava viajando para a Flórida para um fim de semana prolongado. Ele deve ter pensado... Ele deve ter pensado que estava falando isso porque eu queria... Ah, meu Deus.*

Eles poderiam suspeitar de mim, mas não poderiam me condenar de jeito nenhum.

— E você acreditou em toda essa merda que ela te contou? — perguntei a Brad com uma expressão de nojo no rosto.

— Não. Acredito em você, mas disse a ela que iria ajudar. Fingi acreditar nela. Estamos encrocados, Miranda. Ela sabe de tudo.

— O.k., o.k. Vou encontrá-la na casa e você a mata. Tudo vai funcionar. Precisa ser feito mesmo.

Conversamos um pouco mais naquela noite, mas Brad estava bêbado, começando a falar coisas sem sentido, e precisava dormir. Eu estava pagando o preço por confiar em um bêbado cagão para ajudar a matar meu marido. Antes de sair, uma hora antes do amanhecer, disse a ele que deveria sumir durante o dia. Dirigir pelo litoral e não atender o celular.

— Você não está em condições de ser interrogado pela polícia.

— Eu sei — concordou ele.

— Tudo vai terminar bem. Eles podem suspeitar de nós, mas não vão nos pegar. Sabíamos disso desde o começo.

— Eu sei.

— Se você quiser, querido, pode ir embora depois da noite de amanhã. Deixe a cidade. Deixe o país. Vá para as ilhas, e te encontro quando tudo isso tiver acabado.

— Eles vão saber que sou o culpado.

— Sim, mas não vão te encontrar. Posso dar dinheiro para sua fuga e encontro você depois com mais grana. Você estaria livre.

— E meus filhos? — disse ele com uma voz engasgada. Levantou a cabeça gorda na minha direção, e vi que seus olhos estavam realmente marejados. Ele nunca mencionara os filhos. Nem uma única vez.

— Shhh. Não vamos falar sobre isso agora. Você precisa ir para algum canto e dormir, então conversamos sobre isso amanhã à

noite. Lembre-se: fique longe de casa e desligue o celular. Dirija para algum canto e durma na caminhonete, o.k.? Só uma precaução, caso os policiais venham amanhã cedo. Encontro você em Portsmouth, do lado de fora do restaurante a que fomos com Ted há algum tempo. Tudo bem? Nove da noite.

Cheguei de volta a Boston no momento em que o sol estava começando a iluminar a linha dos prédios com uma luz fria e delicada. Entrei em casa, levando o jornal da manhã comigo, e fiz um café. Enquanto o líquido era coado, tomei banho e me arrumei. Tentaria tirar uma soneca mais tarde, porém sabia que não conseguiria pegar no sono agora. Eu estava em meio a uma tempestade de merda. A polícia não comprara a história do roubo e se aproximava de Brad. E, agora, essa loucura com Lily. Não podia nem mesmo pensar nisso. Sempre houve algo insano em Lily Kintner. Ela era observadora. Lembro-me disso. A gente se conheceu quando ela provavelmente tinha dezoito anos, mas parecia bem mais velha. Calma, segura de si e definitivamente diferente de todas as calouras.

Será que ela sabia que eu havia roubado Eric dela naquele verão antes da morte dele? Eu não o roubei, na verdade, só estávamos dividindo Eric sem a permissão de Lily. Será que ela descobriu e estava me perseguindo desde aquela época, esperando por uma oportunidade para me matar? Se Eric ainda estivesse aqui, pensei... E, repentinamente, voltei para aquela teoria inacabada. *Será que ela matou Eric em Londres?* Ele morreu de um ataque de alergia, mas ela poderia ter lhe dado as castanhas, sabendo que ele não encontraria o remédio. Era insano, mas uma possibilidade. Tentei me lembrar do que ouvi naquela época. Era o assunto entre todos os meus amigos em Nova York. Ele estava bêbado, saiu para comer um prato indiano, o frango tinha castanhas e ele morreu. Algo assim. Uma coisa de que me recordo com certeza era de que Lily

estava com ele o tempo todo, provavelmente o vira morrer. Será que ela escondera os remédios? Agora parecia uma teoria plausível.

O dia passou devagar para mim. Continuei mudando de ideia sobre o que fazer naquela noite. Queria Lily morta, mas me preocupava estar presente na cena do crime. Fui tão cuidadosa para não ser condenada pelo assassinato de Ted, para que nenhuma evidência apontasse para mim. Vislumbrando a noite vindoura, sentia como se estivesse caminhando para uma armadilha. Eu *estava* caminhando para uma armadilha — Brad havia me dito isso —, porém, mesmo sabendo o que se passava na cabeça de Lily, me sentia incomodada, insegura pela primeira vez em muitos anos. Mas também sabia, sem nenhuma dúvida, que Lily precisaria ser eliminada por saber tudo que sabia. Com ela fora do caminho, poderia respirar mais aliviada. Então poderia focar em Brad.

Meu celular estava carregando na mesa ao lado da cama. Eu me deitei e conferi a lista de ligações perdidas e mensagens de voz. Uma delas era do detetive Kimball me avisando que o legista havia liberado o corpo de Ted e que eu podia avisar a funerária. Ele também perguntou se eu sabia alguma maneira direta de entrar em contato com Brad Daggett. Ouvir isso foi um alívio. Brad estava fazendo o que mandei e sumira. Pensei em ligar para a funerária, mas resolvi deixar para lá. Em vez disso, enviei mensagens de texto para dois amigos, avisando que estava bem, apenas me resguardando. Liguei para minha mãe, e conversamos rapidamente. Falei que estava exausta com todas as tarefas associadas à morte de um marido.

— Nem me fale isso, docinho. Divórcios não são fáceis também. Toda a burocracia.

Tentei dormir, caindo em um sono mais frágil que porcelana chinesa, mas os pensamentos em Lily sempre me acordavam. Tentei lembrar como ela parecia, e tudo que conseguia ver era seu corpo

esguio e reto, seus cabelos ruivos e sua frieza eterna. Quando tentei me recordar do rosto dela, podia ver os contornos gerais, mas nenhuma característica específica. Como era o nariz dela? Sua boca? Toda vez que achava vislumbrar algo, a imagem desaparecia como uma borboleta. Notei que estava roendo a pele do meu dedão e me forcei a parar antes de arrancar sangue. Estava vestindo uma calça de ioga e me toquei por cima dela, pensando em um homem rico, na Itália, um vizinho casado que viera à minha casa à beira do lago só para me foder. Começou a funcionar, e abaixei a calça até quase os joelhos, mas, antes de gozar, passei a pensar em Ted, como na primeira noite nessa casa, nessa cama, ele tinha espalhado pétalas de rosa e estirado um roupão caríssimo para mim, e como isso havia quebrado o clima para mim.

Estacionei o carro no beco atrás do restaurante em Portsmouth, onde combinara de encontrar Brad. Havia esfriado, e vestira um sobretudo e um chapéu com o cabelo preso por baixo dele. Um dos postes na frente do restaurante estava com a lâmpada queimada, então fiquei embaixo dele esperando por Brad. Era uma noite clara, apesar disso, e ainda me sentia exposta. Brad apareceu exatamente na hora em que planejamos e pulei para o banco de passageiro, esperando que ele estivesse relativamente sóbrio.

— Ainda vamos fazer isso? — perguntei assim que ele se afastou da calçada.

— Foda-se! Claro — disse ele, e notei pela entonação alta da sua voz que estava parcialmente bêbado, mas não imprestável.

— Fale de novo o que vamos fazer.

— Na Micmac, vou desligar os faróis e dirigir rumo à casa. Você sai do carro e vai para a porta da frente com as chaves. Dou a volta pelos fundos e entro pela porta do pátio. Então, caminho para onde vocês duas estão e atinjo ela na cabeça com uma chave-inglesa.

— Por que você não atira logo nela?

— Não tenho mais aquela arma. Você sabe disso.

— Certo, esqueci. Então, e depois?

— Você me ajuda a enrolar o corpo no plástico que já está espalhado pela casa. Levo o corpo para a caminhonete e deixo você no seu carro. Depois, me livro do cadáver.

— Conte-me de novo: por que eu preciso estar lá?

Brad virou a cabeça vagarosamente em minha direção. Estávamos indo rumo ao norte pela Rota 1, e as luzes de um carro na faixa contrária iluminaram suas feições. Por um momento, vi ódio em seus olhos e involuntariamente estremeci.

— Porque ela está vindo por sua causa. Se eu aparecer sozinho, quem sabe o que pode acontecer? E porque você precisa fazer parte disso. Fiz o primeiro sozinho, mas preciso de você agora. Não vou fazer isso sozinho de novo.

— O.k., o.k. — disse eu. Sabia que Brad realmente queria era que eu visse alguém morrer. Não esqueci o olhar assombrado quando o vi pela primeira vez depois que atirou em Ted. Ele provavelmente achava que eu não suportaria, mas estava preparada. Estava nervosa no afã de fazer tudo certo, mas não por ver a cabeça de Lily ser esmagada.

Chegamos um pouco cedo, então Brad rodou pelas ruas vazias de Kennewick. Passando pela praia olhei para o mar, parte dele brilhando como prata por causa da lua. Eu realmente gostava de Kennewick, mas não para morar a vida toda. Era um lugar para escapar de vez em quando da cidade. Depois que a herança fosse definida e todo o dinheiro de Ted estivesse no meu nome, venderia a casa na falésia. Havia lugares melhores para morar. Eu me via em ilhas no Mediterrâneo, palmeiras e bares na praia que não pareciam o Cooley's. Desperdicei o bastante da minha vida na Nova Inglaterra.

Era perto das dez quando Ted apagou os faróis da caminhonete e saiu da Micmac para a entrada de pedregulhos da minha propriedade. Ele dirigiu devagar, a caminhonete balançando na entrada esburacada pelas chuvas recentes. A casa surgiu, parecendo imponente contra a paisagem mas pequena e frágil diante do mar. Brad estacionou perto da caçamba de lixo e desligou o motor. Um vento constante batia contra o veículo.

— Ela provavelmente já está lá dentro — disse Brad. — Nos observando.

— Não perca tempo, certo? Assim que eu entrar na casa, entre em ação. Não quero encarar uma vagabunda psicopata lá dentro.

— Vou ser rápido. Quero que tudo acabe logo.

— O.k. — disse eu. Mesmo com a luz fraca do interior da caminhonete, eu podia notar que Brad estava levemente trêmulo. Passei a mão por sua bochecha áspera, e ele pulou como se uma cobra o tivesse mordido.

— Jesus. Assustado?

— Você me assustou. Não consigo ver nada nesta caminhonete. Você devia ir.

Abri a porta, e Brad colocou as mãos sobre a luz do teto.

— Vejo você lá dentro. — Fechei a porta. O motor fez um barulho, esfriando. Tirei as chaves do bolso e andei na direção dos degraus de pedra. A casa escondia a lua e, quanto mais perto eu ficava, a casa parecia um muro negro com nada por trás. Respirei fundo, chocada como o ar havia ficado frio. Apalpei as chaves, procurando a certa, abri a porta e dei um passo para dentro. Por um momento, senti como se tivesse caminhado pela fachada falsa de uma casa e ainda estava lá fora. Olhei para cima em busca das estrelas, mas não havia nada lá.

— Aqui — disse uma voz, e Lily se materializou num fecho de luz, então desapareceu novamente. — Entre — disse ela. — Seus

olhos vão se acostumar.

Deixei a porta bater atrás de mim. O teto alto do corredor de entrada aos poucos começou a tomar forma na luz cinzenta.

Testei minha voz.

— Não é um pouco dramático? — Minha frase ecoou pela casa.

— Brad disse o que eu queria? — perguntou Lily.

Andei em direção à voz, uma das minhas mãos instintivamente no bolso do casaco. Eu levava um pequeno frasco de spray de pimenta com o qual costumava andar na cidade. Disse a Lily que estava surpresa por ela querer dinheiro. Perguntei se era para ajudar o pai, esperando tocar num assunto sensível e irritá-la.

— O que você quer dizer? — perguntou ela com a voz calma, quase despojada.

— Ele matou alguém, não foi? Na Inglaterra. Deve ter honorários advocatícios.

— Não. O dinheiro é para mim.

Falei que não poderia arrumar o dinheiro, e ela me falou que só queria me ver cara a cara, ouvir que não tínhamos nenhum problema. Estávamos a cerca de um metro uma da outra, e eu não planejava me aproximar mais. Meus olhos já tinham se adaptado à escuridão, mas Lily era apenas um vulto sem feições. Ela não havia se movido desde que eu entrara, como se tivesse raízes nos pés. Se andasse na minha direção, eu correria. Conhecia cada centímetro dessa casa e planejava usar essa vantagem.

— Você estava dormindo com Ted? — perguntei. Brad devia estar chegando a qualquer segundo, e eu queria saber isso. — Como vocês dois se conheceram?

— Estávamos em um mesmo voo. Ele sabia tudo sobre você. Sabia que o estava traindo com Brad. Você não o enganou.

— Por que não me entregou? — perguntei. — Se você tem tanta certeza que sou essa pessoa horrível.

— Vou te denunciar, Faith, se não fizer tudo que mando.

Foi esquisito ouvir meu velho nome, e isso me levou aos tempos da universidade, as salas esfumaçadas e as festas regadas a álcool. De repente consegui vislumbrar o rosto de Lily, seus olhos verdes e gélidos.

— Tudo isso tem a ver com Eric? — perguntei quando vi um vulto andando em nossa direção. Era Brad vindo matar Lily. Quase desejei que esperasse um pouco. Queria saber se Lily havia assassinado Eric em Londres, anos atrás. Precisava saber isso.

— Não — disse ela, com alegria na voz. — Não tem. Tudo isso diz respeito apenas a você.

E então Brad chegou, seu rosto fantasmagórico, segurando uma enorme chave-inglesa. Eu observei, fascinada, então notei que os dois rostos, de Lily e Brad, tinham se virado na minha direção. Meus joelhos se dobraram e eu estava repentinamente no chão cheio de serragem, com uma mão na cabeça. Brad estava em cima de mim. Ele agarrou minha mão e a afastou da minha cabeça. Meu chapéu caiu. Estava prestes a morrer, pensei. Ouvi o assobio da chave-inglesa quando Brad a balançou de novo.

## Capítulo 26

### Lily

BRAD BATEU NA CABEÇA DE MIRANDA COM A CHAVE-INGLESA. Primeiro, ela ficou de joelhos, então foi ao chão, o chapéu caindo. Ela levou a mão ao lugar do impacto. Por um segundo achei que Brad não seria capaz de terminar o serviço, mas ele se agachou e a atacou várias vezes. Sem o chapéu para amaciar os golpes, a chave-inglesa fez um barulho seco contra o crânio dela. No último golpe ouvi um som quebradiço, como alguém socando a mão através de uma parede. Afastei Brad gentilmente quando estava claro que ela estava morta. Mesmo sob a luz fraca do interior da casa, eu podia ver a cabeça de Miranda afundada em um dos lados e a poça de sangue espalhada pelo chão.

— Deixe a chave-inglesa aqui com ela. Vamos sair um pouco — disse eu.

Brad obedeceu, repousando a chave suavemente ao lado do corpo inerte de Miranda. Segurei seus ombros e o levei para a frente da casa. O ar estava na mesma temperatura que do lado de dentro da casa, porém parecia mais limpo, permeado pelo perfume salgado do mar. Deixei a porta bater atrás de nós.

— Está feito — declarei para Brad.

— Acha que ela está morta?

— Sim, ela está morta. Acabou. Você fez um ótimo trabalho. Ela suspeitou de algo?

— Não, falei tudo como você me pediu. Mas ela te viu antes.

— Como assim, ela me viu antes?

— Ontem à noite. Depois que você saiu da minha casa, ela estava lá. Veio me encontrar e a viu lá. Reconheceu você. — Brad

tirou seus cigarros do casaco e tentava, sem sucesso, extrair um deles do maço.

— Vamos fumar um pouco dentro da caminhonete — sugeri. — Então podemos cuidar do corpo.

Entramos na caminhonete de Brad. Tirei minha mochila e a coloquei no colo.

— Está com frio? — perguntou Brad. — Posso ligar o aquecedor.

— Não, estou bem. Mas preciso de uma bebida. — Abri a mochila e tirei o cantil de bolso com brandy de damasco. — Se importa? Estou surtando um pouco.

— Puta merda! — Brad começou a soltar uma gargalhada curta e nada natural.

Encostei o gargalo do cantil nos lábios, mas não bebi.

— Quer um pouco? — perguntei. — É brandy de damasco. É bom.

Ele tirou o cantil das minhas mãos, tomou um longo gole e devolveu.

— Pode tomar outro. Tenho o suficiente para esta noite.

— Se não podemos beber nesta noite, não sei quando... — disse ele ao pegar o cantil de novo. Eu o ouvi tomar dois goles. Estava suficientemente bêbado. Esperava que o gosto de damasco escondesse o que estava no brandy, e isso aconteceu. Não sei quanto tempo demoraria para fazer efeito, mas queria ouvir mais sobre a visita de Miranda na noite anterior.

— Conte-me de ontem à noite — incentivei. — Depois vamos cuidar do corpo.

Brad abriu seu isqueiro com o polegar e acendeu um cigarro, jogando uma fumaça azulada contra a janela.

— Ela me assustou pra caralho, foi isso que aconteceu. Você saiu, e cinco minutos depois ela apareceu. Pensei que era você de novo.

— Por que ela estava lá?

— Porque não queria me ligar. Falou que a polícia tinha uma testemunha, que ia me interrogar e eu precisava me recompor. Não falamos muito porque ela ficou perturbada ao te ver.

— Você falou sobre o que conversamos?

— Sim. Falei exatamente o que combinamos. Que você tentou me convencer a ajudar a matá-la e que eu tinha falado que pensaria a respeito, mas que era tudo fingimento. Falei que mataria por ela. E ela acreditou.

Na noite anterior, quando me aproximei de Brad no estacionamento do Cooley's, meu plano era simplesmente fazê-lo atrair Miranda para a casa na estrada Micmac. Era o primeiro passo. Uma vez que estivesse sozinha com ela, sabia que conseguiria matá-la usando minha arma de choque no início e, depois, usaria o saco plástico para asfixiá-la ou tentaria a faca, mas, quando comecei a falar com Brad do lado de fora do Cooley's, vi que ele era um homem à beira de um ataque de nervos. Debaixo da luz fraca do interior da sua caminhonete, podia enxergar que seus olhos estavam assombrados e assustados. Ele me lembrava um animal com a perna presa em uma armadilha, faminto e desesperado. Mudei o plano imediatamente, dizendo que conhecia Miranda desde a faculdade e sabia o que ela havia feito, tramado contra ele desde o começo.

— Ela vai te entregar, Brad. Sabe disso, não é? — disse a ele.

— Não sei.

— Brad, não estou te perguntando. Estou afirmando. Miranda é uma má pessoa. Existe algum tipo de evidência de que Miranda tem relação com o assassinato de Ted? Além da sua palavra, digo. Tudo que ela tem de fazer é falar que você tramou tudo sozinho. Você não tem como provar o contrário. Vai passar o resto da vida na prisão, e Miranda vai ficar livre. Você foi usado.

— Ah, meu Deus! — Ele limpou um dos olhos com a parte de trás da mão larga.

Foi fácil assim levá-lo para meu lado. Estava claro que ele não tinha sido completamente enganado por Miranda. Longe disso. Falei que devíamos ir para a casa dele e analisar nossas opções. Segui sua caminhonete até o chalé de aluguel onde vivia. Ted tinha descrito o lugar para mim, destacando como era estéril e limpo, e ele estava certo. Os móveis eram firmes, mas desinteressantes. Havia revistas jogadas pela mesa de centro, e o lugar inteiro cheirava a produtos de limpeza. Perguntei-me se estava mais limpo agora do que na vez em que Ted o visitou — imaginei Brad, em pânico, compulsivamente arrumando seu chalé. Sentamos no sofá. Recusei a oferta de uma cerveja, mas Brad pegou uma Heineken da pequena cozinha adjacente à sala. Bebeu metade dela com apenas um gole.

— Você está apaixonado por ela? — perguntei.

— Achava que sim. Quero dizer, não sei. Você a conheceu. Sabe como ela é. Vai ficar rica pra caralho.

— Sim, ela vai ficar rica, mas não vai compartilhar a fortuna dela com você. Confie em mim. É como ela age. Ela convence os homens a fazer o que ela deseja e, depois, os elimina. Ela o convenceu a matar o marido dela, e fez isso quando estava a 1.500 quilômetros de distância.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, seu rosto molenga.

— Essa é a pior parte — continuei. — Ela transformou você em um assassino, e isso é algo que você nunca poderá reverter. Mas não foi você, Brad. Foi Miranda. Ela te manipulou. Você nunca teve chance alguma.

Observei enquanto lágrimas caíam deixando dois rastros dos seus olhos e inundando o rosto rude. Falei o que ele queria ouvir: que não era responsável pelo assassinato de Ted Severson, mas,

sim, Miranda. Eu o absolvi. Quando parou de chorar, pedi que me pegasse uma cerveja. Não planejava bebê-la, mas queria dar algo para Brad se ocupar e mostrar que estava do seu lado. Ele voltou com duas garrafas, sentou e destampou as cervejas com um abridor que carregava no chaveiro.

— O que eu devo fazer? — perguntou ele. — Procurar a polícia e confessar? Contar tudo que aconteceu?

— Isso não vai ajudar em nada. Você ainda é o culpado pela morte de Ted. Ela não estava nem um pouco perto quando aconteceu, e vai falar que não tem nada a ver com isso.

— Então o que eu devo fazer? — Ele bebeu a cerveja, babando um pouco pelo queixo.

O modo como olhava para mim significava que eu poderia mandá-lo quebrar os próprios dedos e ele o faria sem pensar duas vezes. Então aproveitei a chance e falei:

— Preciso que me ajude a dar um jeito em Miranda. Ela merece isso, e é a única forma de livrar sua cara. Quer me ajudar a fazer isso?

— O que você quer dizer com *se livrar dela*?

— Vou matá-la, Brad.

— O.k.

Então apresentei o plano. Contei que ele deveria falar para Miranda que eu gostaria de encontrá-la, que sabia tudo sobre o assassinato e queria dinheiro. Nós nos encontraríamos na casa que ela estava construindo alguma hora na noite do outro dia.

— Ela vai suspeitar — disse Brad.

— O.k. Você está certo. Então, em vez de falar que quero chantageá-la, diga que é uma armadilha, que falei da chantagem, mas, na verdade, desejo matá-la, que ansiava por esse momento desde a universidade. Ela virá. Sei disso. Então, vou me livrar dela e você pode me ajudar a enterrar o corpo. Se ele for descoberto, me

certificarei de que tenha um bom álibi. Vou dizer que nos encontramos em Kennewick e que você estava em minha casa no Massachusetts. Você vai ficar bem, eu prometo.

— E o dinheiro?

— Você nunca verá a cor desse dinheiro, Brad. Nunca. Você vai para a prisão. O que estou oferecendo é uma forma de escapar. Com Miranda fora do caminho, você está salvo.

Ele concordou com a cabeça rapidamente, como se fosse um fantoche.

— Você vai matá-la?

— Deixe isso comigo — disse eu.

— Eu poderia fazer. — Brad tinha algo novo nos olhos. Não era mais medo, mas ódio e, talvez, um pouco de loucura. Me perguntei se ele havia dormido desde que matara Ted.

— O que você quer dizer?

— Eu poderia mandar Miranda para dentro da casa e, então, entraria escondido pela entrada dos fundos, pelo pátio. Tenho uma chave-inglesa enorme. Poderia usar para bater na cabeça dela. Assim, você não precisaria fazer isso. Não quero que você saiba como é matar alguém.

Era perfeito. Resolveu meu principal problema. Se eu matasse Miranda, inevitavelmente haveria testes forenses que provariam que uma mulher de 1,76 m dera o golpe fatal e não um homem de 1,88 m.

— Você não precisará entrar escondido.

— Como assim?

— Conte a ela que está planejando me matar porque sei de tudo. Diga a Miranda que você vai entrar escondido para me atingir com a chave-inglesa. Então, mesmo que ela te ouça entrando na casa, vai pensar que você está atrás de mim. Ela nem perceberá o que vai acontecer.

— O.k. — Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Tem certeza de tudo isso?

Ele respondeu que sim, e eu acreditei. Conversamos mais um pouco, repassando os detalhes do plano. Reafirmei diversas vezes que tudo daria certo. Quando saí da casa dele, estava convencida de que Brad faria tudo que me disse que faria.

E ele fez.

Eu tinha me perguntado, ali no escuro com Miranda na minha frente, se eu tinha sido estúpida e se Brad me mataria no lugar dela. Mas no último momento, quando Brad levantou aquela ferramenta pesada, eu sabia. Sabia que tinha vencido e Miranda, como todos os outros antes, iria morrer e eu iria viver.

Com as janelas da caminhonete fechadas e Brad fumando, o carro ficou esfumaçado.

— Então, ela estava querendo me matar? — perguntei a Brad. Precisava saber.

— Sim. Como você disse. Apesar disso, ela ficou surpresa... Disse que vocês não eram tão próximas na faculdade. — Ele esfregou os lábios com seus dedos de espátula. — Como você sabia de tudo? Como sabia tanto sobre o que aconteceu com Ted? Esqueci de te perguntar ontem à noite.

— Encontrei Ted Severson em um voo de volta de Londres. Ele me contou que a esposa o estava traindo com o mestre de obras da casa. Viu vocês com um binóculo da trilha do penhasco. Continuamos a nos encontrar. Ele decidiu que queria matar Miranda. E a você também. Falei que o ajudaria.

Brad deu mais um trago longo no seu cigarro, mas estava quase no filtro. Abaixou a janela e o jogou fora. Ouvei o chiado quando atingiu uma poça.

— Você tá me zoando. — Brad balançou a cabeça na minha direção. O hidrato de cloral estava fazendo efeito. A fala de Brad

começava a virar um balbucio, e seus olhos estavam se fechando.

— Não. Queria estar. Ted estava planejando matar Miranda e ela estava planejando matar Ted, mas ela chegou primeiro. Bem, você chegou primeiro. Está tudo acabado agora, pelo menos.

— Está. Está. — Suas palavras estavam pesadas. O *s* soava como *ch*, e eu mal conseguia entender o que ele estava falando. Sua cabeça estava virada para baixo, e ele me lembrou um boxeador tentando ficar acordado em um ringue, sem aceitar que havia sido nocauteado. Começou a se inclinar na minha direção e movi meu assento para trás, os plásticos nos meus pés roçando contra o piso do carro.

— Por que você... Por que você está com sacos nos pés? — Suas palavras estavam quase todas desordenadas, e eu nunca entenderia o que estava falando caso não soubesse para onde ele estava olhando. Ele caiu para a frente, escorregando de lado até o ombro direito bater com força na minha coxa. Puxei seu casaco jeans com as duas mãos e o endireitei no banco. Ele pendeu para trás, a boca aberta. Abri minha porta e saí da caminhonete, fechando rapidamente para a luz do interior não ficar muito tempo acesa. Olhei para cima. O céu estava estrelado, mais claro agora do que quando estacionara o carro. O mar se acalmou e ficou invisível. Eu me permiti ficar dez segundos ali em pé e, então, comecei a trabalhar.

Eu levava sacos extras e tinha minha faca, mas antes de apelar para essas duas coisas olhei na caçamba da caminhonete para ver se a caixa de ferramentas estava presa com uma corda elástica contra a traseira da cabine. A tampa de metal ondulada estava destravada, e usei minha lanterna para ver lá dentro. Todas as ferramentas que eu queria estavam lá — martelos, serras manuais, uma chave de roda, uma caixa plástica com uma furadeira —, mas o que capturou meu olhar foi um arame de cabide desenrolado para

destravar a fechadura quando as chaves ficassem dentro da cabine. Peguei aquilo e o endireitei. Seria perfeito; não queria nenhum sangue na caminhonete.

Sentei de volta no banco de passageiro e fechei a porta. Abaixei minha janela; o cheiro do cigarro de Brad ainda impregnava a cabine, mas havia algo mais... o odor químico de álcool destilado vindo de sua boca. Talvez também do seu corpo. Ele havia começado a roncar — barulhos nasais em cada saída de ar. Agarrei Brad pelos ombros e o sacudi o mais forte que consegui, mas ele não mostrou sinais de sair do sono profundo. Perguntei-me se a combinação de álcool — quanto será que ele havia bebido naquele dia? — com o hidrato de cloral poderia matá-lo, mas não poderia correr o risco de que isso não acontecesse.

Fiquei de joelhos no banco de passageiro. Empurrei a cabeça de Brad para longe de mim, para que caísse encarando a janela do motorista. Ela ainda estava inclinada para trás, e havia um espaço entre seu pescoço grosso e o encosto da caminhonete. Passei o arame ao redor do pescoço dele e amarrei as extremidades em ambos os lados para que o fio ficasse bem apertado. Peguei o alicate da minha mochila e aparei os excessos do arame para que o nó ficasse bem curto.

Enrolei as extremidades com a ponta do alicate e apertei o arame até notar que Brad estava morto.

Parte iii  
Esconda bem os corpos

## Capítulo 27

### Kimball

EU NÃO CONSEGUIA DORMIR.

Não era novidade para mim, principalmente quando trabalhava em um caso. Chequei o relógio na mesinha do lado da cama. Passava um pouco das três da manhã. Pyewacket, meu gato, dormia sobre minhas roupas jogadas no chão. Ele parecia estar com frio, enrolado como uma lagarta que finge estar morta. Provavelmente estava se perguntando por que aqueles troços de metal espalhados pelo apartamento não começaram a fazer sons e esquentar. O fim de outubro já estava frio, mas eu gostava de esperar até novembro, pelo menos, antes de ligar o aquecedor.

Pensei em me levantar da cama e ver o que estava passando no TCM, mas sabia que, se fizesse isso, não conseguiria dormir de novo. Precisava, no mínimo, estar um pouco perspicaz no dia seguinte. Ted Severson tinha sido morto na noite de sexta-feira, e acabávamos de entrar na quarta-feira seguinte. Quase uma semana inteira. Tínhamos um suspeito número um — esse cara chamado Brad Daggett —, mas ele dera uma sumida e ninguém conseguiu achá-lo. Eu tinha passado o dia no Maine na companhia da prestativa força policial de Kennewick, vigiando a casa de Daggett e verificando todas as pistas sobre o seu paradeiro. Após Miranda Severson ter identificado Daggett, chequei o sistema e ele estava lá. Havia sido preso duas vezes. Cinco anos atrás um caso de violência doméstica e, há dois anos, por dirigir bêbado. Liguei duas vezes para o número que Miranda havia passado, mas ele não atendeu. Então entrei em contato com a polícia local e pedi que oficiais passassem na casa dele e, talvez, começassem a interrogá-lo para obter alguma

informação sobre o assassinato de Ted Severson. Fizem como pedi, mas ele não estava em casa. Eu disse a eles que poderia esperar mais um dia, que interrogaria o suspeito pela manhã e, então, teríamos mais informações. Imprimi a foto mais recente que tínhamos de Daggett e a levei para Rachel Price, em Somerville, na manhã seguinte. Quando ela olhou para a imagem, deu um saltinho e disse:

— Ah, é ele. Com certeza absoluta, é ele.

— Esse é o homem que você viu entrando na casa, às seis da tarde da sexta-feira?

— Sim, ele mesmo. Tenho certeza.

Isso foi na manhã de terça-feira. Liguei para o xerife, então fui até lá pessoalmente. Daggett ainda estava desaparecido. Não estava nas construções que supervisionava, nem em casa, um conjunto de chalés de aluguel que possuía em Kennewick Beach. Paredes brancas e jardim verde bem aparado. Lembrava as minhas férias de infância em Wells Beach, um pouco mais para o norte. Quando ficou claro que ele não estava em casa e não voltaria tão cedo, tentei a chave que achei escondida na gaveta do quarto de Ted Severson. Encaixou na fechadura do chalé de Brad. Por que Ted teria a chave da casa do seu mestre de obras? Será que *e/les* estavam tendo um caso? Espiei dentro do pequeno e imaculado chalé, mas não entrei. Um juiz local me concedera um mandado logo depois do almoço e vasculhamos o lugar, mas não encontramos nada.

Fiquei com raiva de mim mesmo o dia todo por não ter agido mais rapidamente quando Miranda me deu o nome Brad Daggett. Devia ter levado logo a foto dele para Rachel Price, mas a hesitante identificação de Miranda não havia me deixado com muita esperança. Agora parecia definitivamente claro que Miranda apenas identificou Brad porque não tinha alternativa e estava se protegendo. Ela deve ter sido a pessoa que disse para Brad ficar fora

de casa e desligar o celular. Era a história mais velha do mundo. A mulher que manda o namorado matar o marido dela. O ponto fora da curva era a chave escondida na gaveta de Ted, a chave do chalé de Brad no Maine. A chave seria de Miranda e ela escondera na gaveta do marido? Era bem possível, pensei.

No início da tarde, espalhamos alertas de busca por Brad e seu veículo. Entrevistamos a ex-mulher dele, além de colegas e funcionários. Ninguém vira Brad desde o almoço do dia anterior, quando ele comprou um sanduíche grande de almôndegas em uma pizzaria de York que costumava frequentar. Ele desaparecera.

Deixei o Maine um pouco mais tarde, pegando a I-95 de volta para Boston. No caminho, recebi uma ligação animadora de Billy Elkins, o policial que deixei encarregado de encontrar Lily Kintner, a mulher que Miranda Severson dissera conhecer em Winslow, Massachusetts. Ele descobriu um bocado. Lily Kintner trabalhava na biblioteca da Universidade de Winslow, aparentemente usando o nome de Lily Hayward. Mas ela era a dona de uma casa na estrada Poplar, em Winslow, registrada no seu nome verdadeiro. O mais importante: Ted e Lily estiveram juntos em um voo de Londres em 20 de setembro. Dei um soco no ar dentro do carro, então anotei o endereço dela.

Pedir para Billy verificar a lista de passageiros foi apenas uma intuição, e eu não conseguia acreditar que tinha dado certo. Assim que Miranda identificou Lily Kintner como a pessoa que morava em Winslow, me perguntei se seria a filha de David Kintner, de longe meu escritor preferido. Não sabia muito sobre ela, apenas que seu nome era Lily e que nascera nos Estados Unidos na época em que David havia morado em Connecticut e era casado com a artista americana Sharon Henderson. A Universidade Mather ficava em Connecticut, e se Lily tinha a mesma idade de Miranda então ela poderia ser a filha de Kintner.

David Kintner não era famoso apenas por ser escritor; ele tornara-se indigno por ter matado acidentalmente a segunda mulher em um desastre de carro, quando dirigia bêbado em Londres. A cobertura do fato foi grande na Inglaterra e menor nos Estados Unidos. Acompanhei o caso porque era fã dos seus livros. Ele ficou preso e foi libertado há pouco tempo, menos de um mês atrás. Faria sentido que sua filha americana tivesse viajado para Londres para vê-lo. Miranda me disse que Ted viajara recentemente para Londres a negócios, então me ocorreu que Ted e Lily Kintner poderiam ter se encontrado em um avião. Eu havia pedido para Billy checar a lista de passageiros, e todo o trabalho de detetive foi recompensado. Ela *deve* ter sido a razão de Ted ter ido para Winslow naquele dia, embora, provavelmente, não tivesse nada a ver com a morte dele.

Quando cheguei na saída para a I-93, em direção a Boston, fiquei na I-95 e virei para oeste rumo a Winslow. Não esperava muita coisa do interrogatório de Lily Kintner, mas precisava verificar.

Ela estava em casa e era realmente a filha de David Kintner, como eu suspeitava. Morava em uma casa repleta de livros, com poucos vizinhos, à beira de um lago arborizado. Ela me recebeu na porta um pouco despenteada, seus olhos demorando um pouco para focar meu rosto. Eu me perguntei se a tinha acordado de uma soneca. Ela me convidou a entrar. Perguntei sobre Ted Severson e ela me disse que o conhecia, mas apenas das reportagens sobre sua morte nos jornais e por ter casado com alguém que ela conhecia da época da faculdade. Ofereceu-me café e aceitei. Enquanto ela preparava, dei uma olhada nas suas estantes de livros e encontrei uma fileira inteira com as obras de David Kintner. Passei o dedo pelas lombadas, lembrando-me das fotos dele. Alto e anguloso, com uma cabeleira branca espessa. O retrato de um beberrão — pálido e rosto ossudo. Lily retornou com o café, seus cabelos passando por trás das orelhas, os olhos sonolentos agora acesos e vigilantes.

Contei-lhe que conhecia os livros do seu pai, que era seu fã, e ela não pareceu se impressionar, como se tivesse ouvido muito na vida sobre a genialidade do pai. Eu disse que sabia da situação na Inglaterra, e aquilo me permitiu trazer à tona o assunto do voo no qual estivera junto com Ted Severson. Algo se acendeu em seus olhos verdes luminosos, e ela me disse que havia conhecido um homem no voo, que ele parecia familiar e que provavelmente era Ted. Eles haviam conversado bastante, e era possível que ela tenha falado quem era e onde morava. Encontramos uma foto dele na internet e ela confirmou que a pessoa no avião era Ted Severson, mas alegou não fazer a menor ideia de por que ele teria ido a Winslow.

Acreditei em parte no que ela me disse. Acreditei que ela não sabia que Ted Severson tinha ido à cidade dela para procurá-la e que estava surpresa com minha aparição em sua casa, mas não acreditei que não soubesse que o homem no avião fosse marido de uma amiga. Não fazia sentido. Mas por que ela mentiria sobre isso?

Na porta da casa dela, coloquei minha mão no bolso, meus dedos tocando a chave que agora sabemos pertencer ao chalé de Brad Daggett no Maine. Mesmo assim, perguntei a Lily se poderia experimentar a chave na sua porta. Só queria analisar sua reação. Ela pareceu perplexa, mas não preocupada. Saí do lugar sem realmente saber o que pensar, mas sabia por que Ted Severson tinha ido a Winslow naquele dia. Ele havia encontrado Lily Kintner em um voo e se apaixonado. Isso era certeza. Eu me identifiquei. Na verdade, tenho pensado sem parar em Lily Kintner desde que a encontrei, no dia anterior. Ela era bonita, disso eu lembro, mas estava tendo dificuldades em reconstruir suas feições em minha mente. Conseguia vislumbrar os cabelos ruivos longos e os olhos verdes como os de um gato, mas seu rosto era inconstante no alcance das minhas lembranças. No entanto, não fiquei atraído tanto

pela sua presença física, mas por sua compostura quase sobrenatural e pela maneira como habitava o chalé cheio de livros nas florestas de Winslow. Ela se sentia solitária naquele lugar? Ou seria uma daquelas raridades, um ser humano que não precisa de outras pessoas na vida? Era algo que eu tinha a intenção de descobrir.

Minha irmã caçula, Emily, que me conhecia melhor do que qualquer pessoa no mundo, me disse recentemente que meu problema com relacionamentos é que me apaixono por todas as mulheres pelas quais me sinto atraído.

— Não é assim com a maioria dos caras? — perguntei.

— Não. A maioria dos caras só quer dormir com todas as mulheres pelas quais se sentem atraídos. A última coisa que desejam é se apaixonar. Você diz ser um detetive e não sabe disso?

— Confie em mim, eu também quero dormir com essas mulheres.

— Sim, mas você se apaixona, e então elas partem seu coração ou...

— Podemos falar agora sobre sua vida amorosa? — interrompi. Era como fazia Emily mudar de assunto quando ela analisava meus romances fracassados.

Pyewacket se agitou, o que significava que eram cinco da manhã. Ele pulou na minha cama, preparado para respirar em cima dos meus olhos até me acordar, mas joguei minhas pernas para fora do cobertor antes que tivesse essa chance. Deixei que saísse pela porta de serviço do meu apartamento, que levava à escada de incêndio. Ele disparou para fora, descendo agilmente pelas placas de metal rumo ao pequeno jardim, onde tinha a missão de proteger o reino de folhas em queda e esquilos solitários.

Voltei para a cama, agora certo de que não conseguiria dormir mais. Mantinha um caderno com espiral e uma caneta na pilha de

livros ao lado da cama. Era para ser um lugar para anotar pensamentos sobre casos nos quais estava trabalhando, mas também uma ideia de livro de poemas. Ainda me considerava um poeta (algo que ninguém na delegacia sabia), embora tenha perdido a habilidade de escrever algo além de versinhos bobos. Disse a mim mesmo que pelo menos estava escrevendo algo, e que talvez isso ajudasse a resolver os casos. Naquela manhã cedo, escrevi estes dois:

*Era uma vez um marido chamado Ted.  
Ele teve seu fim levando um chumbo de leve.*

*Estava claro que ele era rico...  
E sua mulher era um perigo...  
Então, não é surpresa que esteja morto.*

*Era uma vez uma garota, Miranda ela se chamava.  
Estava claro que ninguém a suportava.  
Mas por baixo daquela petulância  
Havia muita abundância,  
Tanto que ricaços nela se enfileiravam.*

Na mesma página, acrescentei o seguinte:

*Era uma vez a filha de um escritor  
Cujo verde dos olhos causava fervor.  
Esperava tirar  
Suas roupas para provar  
Que nua ela ainda tinha mais sabor.*

Eu me perguntei, não pela primeira vez, por que meus versos sempre terminavam de forma sacana. Tentei criar algo sobre Brad Daggett, mas falhei. Em vez disso me levantei, fiz um café e comecei a me arrumar para o trabalho.

Cheguei à minha mesa pouco depois das sete da manhã, liguei para o chefe de polícia de Kennewick e descobri que Brad Daggett não havia retornado para casa.

— Não estou surpreso — disse eu, em parte para mim mesmo. — Mantenha uma patrulha por lá, só para garantir. Embora esteja quase certo que ele tenha fugido.

— Falamos com a namorada dele ontem à noite — acrescentou o delegado Ireland, voz rouca como se combatesse uma gripe. — Polly Greenier. Ela é meio que uma figura fácil no Cooley's, bar onde Brad Daggett gostava de beber. Eles iam e vinham. Por anos, na verdade. Estudaram juntos.

— Ela sabe de algo?

— Não sabia de nada sobre onde ele poderia estar. Perguntei quando foi a última vez que tinha visto Brad, e ela me disse que foi na noite da sexta-feira.

— Na última sexta-feira?

— Foi o que ela disse. Estavam bebendo no Cooley's e terminaram no chalé dele. Ela diz que passou a noite lá.

— Tem certeza de que ela disse o dia certo?

— Não tenho certeza, mas podemos verificar. Se estavam no Cooley's e saíram juntos, o pessoal do bar vai lembrar. É uma cidade pequena, e as pessoas notam coisas assim.

— Pode checar isso para mim?

— Com certeza.

— Mais uma coisa. Peça para um dos seus patrulheiros passar na casa que Severson estava construindo sob a supervisão de Brad. E qualquer outra casa de que Brad tenha as chaves. Se ele ainda estiver na área, faz sentido que possa estar se escondendo em uma delas. Verifique também todos os chalés que pertencem a ele.

— Já verificamos.

— O.k., obrigado, Ireland.

— Me chame de Jim, o.k.?

— Pode deixar.

Após a ligação, fiquei sentado à minha mesa mais um pouco, preocupado com o álibi de Brad Daggett e quão sólido poderia ser. Não podia ser verdade, pelo que sabia. Ele deve ter feito a namorada concordar que estavam juntos na sexta à noite. Se era esse o caso, então o álibi desmoronaria mais fácil que um monte de palha em um furacão. Escrevi o nome dela no caderno na minha frente, circulando várias vezes. Então minha parceira, Roberta James, passou por mim, deixando um Egg McMuffin na minha mesa (“Dois por um, então pensei em você.”), e a atualizei com o que tinha ouvido naquela manhã. Depois que ela saiu, escrevi algumas frases embaixo do nome de Polly Greenier. *Por que ela mentiria por Brad? Por que Ted tinha uma chave da casa de Brad? Por que Lily Kintner mentiu para mim?*

Estava prestes a ligar para Jim Ireland novamente e dizer que desejava falar com Polly Greenier pessoalmente, quando ele me telefonou.

— É melhor você vir até aqui — disse ele. — Encontramos um corpo. Na casa que Dagget estava construindo.

— É ele? — perguntei, já ficando de pé, vestindo o casaco e procurando as chaves do carro no bolso.

— Não. Não é um *ele*, se você me entende. É uma mulher. Ainda não vi o cadáver, mas eles têm quase certeza de que é Miranda Severson. A cabeça dela estava esmagada.

— Estou indo agora. — Desliguei o telefone. Puxei James, que tinha acabado de se sentar à mesa dela, e informei que íamos voltar para o Maine.

## Capítulo 28

### Lily

DEPOIS DE ME CERTIFICAR DE QUE BRAD estava realmente morto, desenrolei o arame do seu pescoço. Puxei o corpo pelo casaco jeans e consegui arrastá-lo do banco do motorista até o de passageiro, onde o coloquei com o cinto de segurança afivelado. Inclinei o assento um pouco para trás, para que o corpo fizesse o mesmo movimento, e fechei seu casaco até o fim, de modo que o colarinho de pele de ovelha cobrisse as marcas do arame no pescoço. Se alguém nos visse na caminhonete, ele pareceria um passageiro dormindo. Pelo menos era o que eu esperava.

Liguei a caminhonete e dirigi para fora da propriedade e de volta à estrada, mantendo os faróis desligados até virar na Micmac. Chequei o mostrador de gasolina, a agulha se equilibrando em algum lugar entre três quartos de tanque e cheio, e achei que seria o suficiente para nos levar até Connecticut. Estava preparada para abastecer em algum momento, pagando em dinheiro vivo, mas fiquei feliz de não precisar. Até agora ninguém havia me visto no Maine, e eu planejava continuar assim.

Dirigi rumo ao norte, pegando a rampa de entrada da I-95. Saí da Micmac antes de chegar a Kennewick Beach, pois sabia que a polícia estava no encalço de Brad e provavelmente estaria vigiando a casa dele. Adoraria voltar lá, pegar algumas coisas dele e fazer parecer que ele fugira, mas não valia o risco. Antes de chegar à rodovia interestadual, parei em uma oficina chamada Mike's, uma daquelas cercadas por sucata de carros velhos. Com os faróis apagados, estacionei do lado de uma fileira de sucatas e saí da caminhonete. Encontrei um carro que não parecia se mover havia

pelo menos dois invernos e, usando meu alicate, removi a placa dele e a troquei pela da caminhonete de Brad. Levou uns cinco minutos, e foi tão silencioso que só ouvi o som do vento contra as folhas nas árvores. Placas trocadas, voltei para a caminhonete, a luz interior iluminando momentaneamente Brad, agora com sua cabeça virada de forma pouco natural para o lado. Tirei meus olhos dele e enxerguei o aparelho de pagamento automático de pedágio colado do lado de dentro do para-brisa. Havia alguns pedágios na interestadual; dois no Maine e outro quando a rodovia passava brevemente por New Hampshire. Analisei se era melhor passar pelos pedágios usando o aparelho, para possivelmente ser rastreado, ou se deveria removê-lo e pagar em dinheiro. Decidi que dinheiro era a melhor alternativa, então arranquei o transmissor do para-brisa, jogando-o no bosque ao lado da oficina. Brad parecia o marido de alguém dormindo bêbado, e duvidei que me reconheceriam. Os cabelos eram minha característica mais marcante, e estavam escondidos por dentro do gorro.

Não precisei me preocupar. Os operadores de pedágio mal olharam para mim ou Brad em toda a viagem de quatro horas até minha velha vizinhança em Connecticut. Não havia ninguém nas estradas e eu poderia fazer a jornada em três horas e meia, mas mantive a velocidade dentro do permitido, ficando na faixa da direita enquanto caminhões de carga passavam em velocidade pela esquerda. Deixei o rádio desligado, porém em algum ponto por volta de Worcester o corpo de Brad moveu-se e soltou um ruído de gás. Estava preparada para isso, dizendo a mim mesma que cadáveres produzem sons, mas mesmo assim pulei dois centímetros do meu banco quando aconteceu. Depois disso liguei o rádio, alternando entre estações de merda até algum lugar em Connecticut, quando achei um programa de jazz que passava de madrugada e sem comerciais. Não gostava muito de jazz, já que me lembrava dos

meus pais, mas conseguia reconhecer alguns clássicos. "On Green Dolphin Street", de Miles Davis, e "Autumn Leaves", de Nat King Cole. Ouvi as letras tentando manter minha mente longe do fato de ter dirigido a noite toda com um defunto ao lado. Mesmo com a música alta, ouvi mais duas vezes o corpo expelir algo, inundando a cabine da caminhonete com fedor de urina e excremento. Pensei naquele gato preto vira-lata que matara anos atrás, quando era menor, e como fiquei chocada com a presença de merda. Lembro como o nojo que aquele gato me fez sentir me deixou ainda mais feliz por tê-lo matado. Foi o mesmo com Brad Daggett do meu lado. Ele teve o que mereceu, talvez um pouco melhor, mas estava morto agora e não podia machucar mais ninguém. Entretanto, eu ainda precisava lidar com aquele corpo nojento. E precisava sobreviver às memórias dessa viagem. Pisei um pouco mais fundo no acelerador, pensando que não ia doer dirigir um pouco acima do limite de velocidade. Os quilômetros se passaram com "There's a Small Hotel" e "Almost Blue", de Chet Baker, e Dinah Washington cantando "This Bitter Earth". As canções começaram a sair de sintonia quando me aproximei de casa, mas não mudei de estação, preferindo trechos de velhas músicas a comerciais de móveis ou conversas de locutores.

Desliguei o rádio quando cheguei a Shepaug, ouvindo o silêncio enquanto rodava por aquelas ruas cercadas por árvores. Passei pela entrada da Casa Monk, instintivamente virando a cabeça para ver uma luz ainda acesa no segundo andar. Imaginei que minha mãe tivesse caído no sono lendo, como fazia todas as noites, livro aberto contra o peito, abajur ligado. Peguei a próxima rua à direita, direto para aquela fazenda desocupada tomada por ervas daninhas. Apaguei a luz da caminhonete e diminuí a velocidade. Assim como no Maine, era uma noite sem nuvens em Connecticut, o céu negro pontuado por estrelas brilhantes. O casebre, sem enfeites ou cores, se ergueu diante de um jardim que havia virado um pasto. Uma

única árvore, plantada perto demais da casa, parecia envelopar a estrutura, um dos seus galhos atravessando o telhado. Saí da caminhonete e fui inundada pelo cheiro familiar de pinho vindo da floresta. Tirei a lanterna e andei rumo ao campinho adjacente, a grama seca quebrando por baixo dos meus pés. Voltei algumas vezes para esse campinho desde minha infância, mas era a primeira vez que ia lá desde a noite de verão em que eu havia matado Chet. Fui na direção de onde supunha que estivesse o poço, só ligando a lanterna quando achava estar perto, apontando o fecho de luz para o chão. Levou cinco minutos, mas achei a tampa coberta pela grama que eu colocara havia muitos anos. Posicionei a lanterna na borda de madeira, deixando-a em um ângulo que me permitisse ver a luz fraca. Então voltei para a caminhonete.

Exceto pela chuva do dia anterior, foram meses secos na Nova Inglaterra e a terra estava macia, mas não lamacenta. Mantendo o olho na luz da lanterna, dirigi até o campinho, passando por cima de pedras do que um dia fora um muro antigo. Brad Daggett balançou para a frente e para trás no banco, expelindo mais gases. Minha janela estava abaixada, minha cabeça quase toda para fora. Estacionei a caminhonete do lado esquerdo do poço e deixei o motor ligado enquanto saía e rodeava a tampa. Com minhas luvas, enfiei as mãos na grama e afrouxei a tampa. Puxei suavemente, tentando não quebrar a madeira apodrecida, e deixei a tampa ao lado da abertura. Peguei a lanterna; no seu fecho, podia ver minhocas se contorcendo na terra. Apontei-a para o fundo do poço, vendo apenas as pedras e a terra que cobriam Chet. Imaginei o que restara dele lá embaixo — um cadáver murcho, algumas roupas salpicadas de tinta, molduras apodrecidas, aros escuros de óculos. De repente, o mundo escureceu e uma onda de medo atravessou meu corpo. Olhei para cima e era apenas uma nuvem desgarrada que encobria a lua. Observei-a passar, e o mundo foi iluminado novamente pelo luar.

Abri a porta de passageiro da caminhonete, desafivelei o cinto de segurança de Brad e ele caiu sem esforço de cara na terra, com um dos pés, dentro das enormes botas de trabalho, preso na porta. Desamarrei a bota, e sua perna seguiu o corpo rumo ao chão. Ele estava a um metro do buraco do poço, mas, mesmo assim, não foi fácil mover aquele corpanzil. Terminei rolando-o diversas vezes, até sua cabeça e torso se inclinarem para dentro do poço, então levantei seus pés pesados e ele escorregou. Atingiu o fundo do poço com um som de estilhaço, jogando um jato de ar azedo para cima.

Brad, este é Chet. Chet, Brad.

Puxei a tampa de volta para o lugar, fechando os dois lados, e ajeitei a grama, espalhando-a como um tufo de cabelo na cabeça de um careca. Olhei para meu relógio. Eram quase três da manhã. Tudo estava indo como havia planejado. Antes de voltar para a caminhonete e dirigir até Nova York, tirei um momento para mim mesma, em pé naquela noite estrelada, cercada por nada a não ser natureza e trevas. “Uma espécie rara de animal”, como um dia meu pai me chamou, e era como me sentia. Totalmente viva e totalmente solitária. Minha única companhia naquele momento era a minha versão mais jovem, aquela que jogou Chet naquele poço. Imaginei-a ali comigo. Nós nos encaramos, sem precisar falar nada. Entendemos que a sobrevivência era tudo que importava. E tirar outra vida era, de certa forma, a maior expressão do que significava estar viva. Pisquei, e minha jovem eu desapareceu. Ela voltou para dentro de mim, e juntas dirigimos para Nova York.

Estava novamente em Shepaug por volta das dez da manhã. Dirigira a caminhonete dentro da cidade, passando pelo Lower East Side até encontrar um lugar para estacionar não muito longe de uma estação de metrô. Era uma vizinhança suja com lojas fechadas por todos os lados. Era quase hora do alvorecer, mas eu conseguia ouvir música

alta de um carro a um quarteirão de distância. Estacionei embaixo de um poste com a lâmpada piscando. Usei luvas durante toda a noite, então não precisava limpar minhas digitais, mas fiz isso mesmo assim, usando uma pequena toalha que achei no portaluvas. Depois de limpar tudo, abri a toalha e a estendi por cima do banco de passageiro sujo, então reuni todos os documentos que tinham o nome de Brad e os levei comigo. Havia uma lixeira perto e enfiei os papéis entre pedaços de pizza e copos de café. Depois joguei as chaves da caminhonete no pavimento próximo ao lado do motorista, onde seriam iluminadas pela luz do poste. Esperava que a pessoa que as encontrasse não fosse um bom samaritano que alertasse as autoridades. Estava contando com a possibilidade de a caminhonete virar pedacinhos em algum desmanche na hora em que o sol estivesse alto.

Peguei o metrô para a Grand Central, comprei uma passagem no trem Metro-North para Shepaug. A espera era de uma hora e bebi um café, comi um donut gorduroso e observei a estação aos poucos ficar cheia de passageiros. Consegui cochilar um pouco no trem para minha cidade natal e acordei tremendo do frio que atacou meus ossos por causa da noite sem dormir. Da estação Shepaug andei cinco quilômetros até a Casa Monk, permanecendo em uma trilha que contornava uma parte pouco usada da ferrovia. Não morava em Shepaug havia quase dez anos, mas não queria arriscar ser vista por algum conhecido.

Quando minha mãe abriu a porta, com uma caneca grande na mão, ela disse:

— Querida, aqui está você. — E, por um breve momento, me perguntei se eu tinha avisado da minha vinda, antes de perceber que ela estava apenas se acobertando, caso tivesse esquecido de alguma visita minha.

— Você estava me esperando? — perguntei ao entrar na casa.

— Não. Estava? Ele não está vindo *hoje*, não é?

O *ele* ao qual minha mãe se referia era meu pai, que estava se mudando de volta para os Estados Unidos e de volta à Casa Monk. Arranjei isso na minha última viagem para Londres. O resumo da história: meu pai precisava morar com alguém que pudesse cuidar dele por causa do seu frágil estado mental, e minha mãe precisava de dinheiro para pagar as contas. Consegui armar um acordo entre os dois e não tinha ideia se iria funcionar, mas valia a pena tentar. Pelo menos era o que dizia para mim mesma.

— Este fim de semana, mãe. — Fui até a cafeteira na cozinha.

— O que você está fazendo aqui e o que está vestindo? Você parece uma ladra.

Depois do café, contei a minha mãe que estava viajando a trabalho, coletando material de arquivo para a faculdade, primeiro no Maine, depois em Nova York. Falei que havia deixado meu carro no Maine e voado de Portland para Nova York, mas que perdera meu voo de volta. Disse que havia decidido ir para Shepaug e visitar minha mãe, talvez conseguir uma carona de volta para o Maine. Era uma história ridícula, eu sei, mas minha mãe, apesar dos seus supostos instintos, era incrivelmente crédula, pelo simples fato de que ela não se interessava o suficiente pelas histórias das pessoas para processá-las em sua mente.

— Não sei, Lily, tenho aulas de cerâmica hoje...

— São apenas três horas de carro para o Maine — menti. — Depois, pensei que você poderia ir comigo para Winslow. Podíamos ter um jantar mãe-e-filha, e você podia dormir lá em casa.

Ela pensou a respeito, mas eu sabia que aceitaria. Por alguma razão inexplicável, minha mãe sempre estava tentando ser convidada para me visitar em Winslow. Ela gostava do ambiente universitário, do meu "chalé minúsculo" (suas palavras) e que

cozinhasse para ela. Sabia que ela me levaria até o Maine se isso significasse ir para Winslow.

— O.k., querida. Que empolgante. Uma viagem inesperada para o Maine, apenas eu e você.

Ela demorou algumas horas para se arrumar, mas pegamos a estrada com seu velho Volvo por volta do meio-dia. Fazia trinta horas que eu não dormia de verdade, e o pensamento de passar outras quatro horas atrás do volante de um carro não era agradável, mas tudo tinha ido perfeitamente bem. E estava perto de acabar.

Passamos boa parte da viagem conversando sobre meu pai.

— Espero que ele não esteja pensando em um relacionamento conjugal — disse ela, não pela primeira vez.

— Vocês não são nem casados, então dificilmente seria conjugal.

— Você sabe o que quero dizer.

— Eu não me preocuparia com isso. Você nem o reconhecerá. Ele não é o mesmo desde que foi para a prisão.

— Eu espero que sim.

— Ele não pode ficar sozinho em casa. Pelo menos não à noite. Tem ataques de pânico. Você não precisa ficar perto o tempo todo, mas ele precisa saber que está por perto.

— Sim, você me disse.

Eu dissera, diversas vezes. Mesmo assim, sabia que ela ainda não estava preparada para o que seu ex-marido se tornara. Ele sempre teve caprichos e fobias. Tinha medo de escuro, de atravessar ruas nas cidades, sentar no banco de trás de carros. Era difícil entender, porque ele também era um homem sem medo de falar na frente de grandes plateias, um homem que saía escondido da cama, quando sua mulher dormia, e deixava a amante entrar na casa para fazer sexo no sofá da sala. Um homem que subiu no monumento em homenagem aos peregrinos, em Provincetown, para

ganhar uma aposta. Entretanto, aquele lado do meu pai, inconsequente, havia morrido depois do que aconteceu com Gemma, sua segunda mulher. Ele a conhecera depois da finalização do divórcio da minha mãe; estava morando em um hotel na Old Brompton Road, em Londres. Gemma Daniels era uma aspirante a escritora, um ano mais nova que eu, que, provavelmente, tinha ido ao pub favorito do meu pai com a única razão de encontrá-lo. Eles se tornaram inseparáveis, casando seis meses depois de terem se conhecido. Para meu pai, um dos inconvenientes de morar em Londres era que os tabloides se importavam tanto com a vida pessoal dos escritores quanto com a de jogadores de futebol ou estrelas pop. Meu pai e Gemma eram fotografados aos gritos nas ruas; eram repreendidos em manchetes como "Davie Canalha e sua Noiva Criança". Isso foi antes do acidente, antes de o meu pai ter destruído seu Jaguar 1986 contra uma árvore, depois de sair bêbado de uma festa em um sábado à noite. Gemma estava no banco de passageiro e quebrou o pescoço quando atravessou o para-brisa. Meu pai, que sempre usava cinto de segurança, escapou ileso. Ele conseguiu chamar uma ambulância, mas não conseguiu sair do Jaguar para verificar o estado de Gemma. Não faria diferença. Ela morreria instantaneamente. Mesmo assim, boatos se espalharam de que ele fora encontrado encolhido no carro e sua esposa esparramada ao lado da estrada. Foi acusado de homicídio por negligência e mandado para a prisão por dois anos. A pena foi diminuída por um ano, depois de um recurso, e ele seria liberado no começo de setembro. Visitei meu pai na casa de um amigo que o abrigou em Cotswolds e pedi que retornasse para os Estados Unidos e morasse com minha mãe. David ainda tinha um dinheiro significativo, e minha mãe, depois de abandonar o professorado após um desentendimento com o chefe de departamento do curso, estava lutando para pagar as contas. A Casa Monk já tinha sido

hipotecada. Meu pai, com lágrimas nos olhos, havia concordado em se mudar para Connecticut.

— Você não mora muito longe, Lil. Vai me visitar o tempo todo, não vai?

Meu pai, agora com 68 anos, soava como um garotinho conversando com a mãe antes de ser enviado para um internato.

— Que lugar lindo! — disse minha mãe quando apontei seu Volvo na direção de Kennewick Cove. Ainda estava claro, mas o sol estava baixo a oeste, criando sombras extensas pela estrada. O céu era de um azul elétrico.

Parei no estacionamento do Admiral's Inn, onde havia deixado meu carro menos de 24 horas antes. Ele ainda estava lá. Antes de dirigir para Winslow, minha mãe e eu fomos esticar as pernas, andando perto da praia, olhando para o oceano verde-musgo.

— Sempre amei o mar, mas seu pai odiava.

— Sim, ele odeia — disse eu, e ri. — Ele dizia que era como olhar para a morte.

— É como olhar para a morte, e todo mundo falando como é agradável — disse minha mãe com um sotaque inglês similar ao do meu pai.

— Certo. Era isso que ele sempre dizia. Qual era a outra coisa? “Amo a praia, tudo menos a porra da areia, o caralho do sol e a merda da água.”

— Sim, me lembro dessa. O que ele queria dizer era que a única coisa que ele gostava na praia eram as garotas em trajes de banho.

Rimos juntas, então minha mãe tremeu de frio e voltamos aos nossos respectivos carros para dirigir até Winslow. Fiquei tentada a dirigir ao norte, pela Micmac, para ver se havia alguma atividade na casa de Ted e Miranda, mas não quis arriscar. Logo eu descobriria quanto tempo a polícia levava para encontrar o corpo de Miranda.

Fui para o sul, pegando a rota mais rápida para a I-95. Um pouco antes das seis da tarde, parei na entrada da garagem em Winslow, com minha mãe atrás de mim. Não havia nenhum policial me esperando, nenhuma equipe da SWAT saindo da floresta. Eu estava em casa e tinha conseguido escapar. Uma onda de euforia passou por mim, um sentimento parecido com o que tivera no campinho, quinze horas antes. Eu tinha mudado o mundo, e ninguém saberia disso. E, mesmo que um dia encontrassem a caminhonete de Brad em Nova York, os policiais presumiriam que ele simplesmente a havia deixado ali. Jamais o encontrariam e nunca me conectariam ao que aconteceu. Miranda seria encontrada morta, todas as evidências apontando que Brad Daggett era o assassino. E Brad sumiria para sempre. A polícia presumiria que ele fugiu, mas nunca o encontraria. Caso encerrado.

Lembro de ter contado a Ted que havia duas maneiras de esconder um corpo. A primeira era literal, mas a outra seria escondendo a verdade, fazendo os outros acreditar que alguma coisa mais acontecera com ele. *Nós fizemos isso*, sussurrei ao sair do carro, permitindo-me um momento de alívio ao acreditar que havia alguém ali para dividir isso comigo. Minha mãe me seguiu para dentro de casa. Acendi a luz do corredor de entrada e peguei sua malinha para a noite.

— Ah, tão pitoresco! — exclamou ela, como sempre fazia quando me visitava em casa.

## Capítulo 29

### Kimball

QUANDO A DETETIVE JAMES E EU CHEGAMOS à casa dos Severson, em Kennewick, mal havia espaço para estacionarmos o carro na entrada. Já havia uma bagunça jurisdicional, como imaginávamos. Todo o departamento de polícia de Kennewick apareceu, porém, como os recursos do setor de investigação eram poucos, também chamaram os detetives da polícia estadual. O chefe dos legistas estava lá, e ouvi que os federais também foram alertados que o suspeito poderia ter cruzado as fronteiras estaduais. Conseguimos abrir caminho até o interior da casa, passando por milhares de fitas amarelas da polícia e sete oficiais uniformizados, todos determinados a proteger a cena do crime.

Eu tinha visto a casa gigantesca de fora no dia anterior, quando estava procurando por Brad Daggett, mas não a conhecia por dentro. O corredor de entrada era do tamanho do meu apartamento. Miranda Severson estava deitada de bruços no piso inacabado. Ela vestia um casaco verde-escuro com aparência cara por cima de jeans e botas. Uma das suas mãos enluvadas estava próxima da cabeça destruída. Seu chapéu — cinza de tweed com aba curta — tinha caído. Os cabelos negros estavam soltos, espalhados pela cabeça. Era difícil dizer onde o cabelo terminava e onde começava o sangue, escuro e coagulado. Juntos, o cabelo e o sangue formavam uma auréola negra ao redor da cabeça.

— Arma? — perguntei ao delegado Ireland, quando se aproximou. Ele ainda não havia visto nada. Estava me dando a chance de olhar para o corpo.

— Acabou de ser ensacada. Uma ferramenta ajustável de 24 polegadas. Do lado dela. — Ele fez um gesto vago na direção de uma das diversas partes do piso empoeirado que havia sido marcado com fitas.

— O que mais encontraram?

— Muita coisa, pelo que parece. Pegadas, fibras, cabelos. Você perdeu a festa do saco.

— Algo incomum? — perguntei.

— Mais incomum que uma garota ter a cabeça destrocada?

— Quero dizer algo que parecesse fora do lugar. Algo que não pareça como se Brad Daggett tenha entrado em pânico, trazido ela para cá e batido nela até a morte.

— Bem, não. Não achamos a carteira perdida do prefeito de Kennewick, se é isso que você quer dizer. Havia marcas frescas de pneus lá fora que não foram pisadas por esse circo. Para mim, pareciam marcas de caminhonete e provavelmente pertencem à F-150 de Daggett. Então, nada de estranho. Quero dizer, se você me perguntar, vou dizer que tudo isso é estranho. Ela levantou a mão para bloquear o golpe. — O delegado Ireland levantou a própria mão larga para o lado de sua cabeça para demonstrar a ação. — Mas essa foi a única reação que ela teve, nenhuma luta. Então, sim, isso é um pouco estranho. Ele traz a vítima para cá segurando uma chave-inglesa gigante e ela apenas fica olhando até ele golpeá-la?

— Isso é estranho — concordei. — Nenhum sinal de outra pessoa além deles?

— Bem, eles fotografaram tudo, então vamos esperar para ver. Mas, de cara, eu diria que não. O esquisito foi que pareceu que ela veio pela porta da frente, enquanto Daggett entrou pela porta corrediça dos fundos. Aquela ali. Está vendo essas pegadas grandes? São dele.

Havia uma fita marcando tudo, mas peguei os pequenos sulcos lamacentos no chão empoeirado que devia ter vindo das botas de Brad.

— Por que ele faria isso?

— Posso pensar em algumas razões. Não necessariamente alguma muito boa. Talvez a porta da frente estivesse trancada, então, enquanto ela procurava pela chave, ele deu a volta para ver se essas portas estavam abertas. Talvez ele tenha feito ela entrar antes, então voltou, pegou a chave-inglesa e veio por trás para surpreendê-la.

— Isso faz sentido, acho — concordei.

— Talvez ele quisesse olhar para a luz da lua no mar.

— Nunca se sabe — disse eu.

Um dos policiais de Ireland estava acenando para ele do outro lado da sala. Ele pediu licença e foi encontrá-lo. Fiquei ali um pouco mais, me perguntando sobre as pegadas. James se aproximou. Ela vestia um sobretudo cinza sobre seu terninho preto. Estilosa como sempre, exceto quando usava um gorro verde do Celtics no inverno com um logotipo horrível de um duende rodando uma bola de basquete no dedo.

— O que descobriu? — eu lhe perguntei.

— Todos os sinais apontam para Daggett. A hora provável da morte foi doze horas atrás, o que significa que ele pode estar bem longe.

— Ele vai ser capturado — declarei.

— Ah, vai, sim! — disse ela.

Contei sobre as pegadas que vinham da frente e de trás. Ela pensou por um momento.

— Faz sentido. Ele a trouxe até aqui para matá-la, mas não podia entrar com uma chave-inglesa grande na mão, então ele dá alguma desculpa e volta para a caminhonete, pega a ferramenta e

dá a volta pela casa. As portas corrediças já estavam provavelmente abertas. O que faz menor sentido é como ele a convenceu a vir para esta casa. Quero dizer, se ele falou que queria conversar, eles poderiam ter feito isso na caminhonete. Não é como se este lugar fosse confortável e quente.

— É, eu sei. Isso também me incomoda.

Ficamos quietos por um momento. Então perguntei:

— Você viu a paisagem? Nos fundos?

— Não — respondeu ela.

Caminhamos juntos na direção das portas corrediças que davam para um pátio de pedras, e através dele havia um lindo dia de outono. A vista era deslumbrante. A casa ficava em cima de uma falésia que dava diretamente para o Atlântico. Dava para enxergar a quilômetros em todas as direções.

— Aquilo ia ser a piscina, você não acha? — perguntou James, apontando para o buraco largo cavado no jardim.

— Seria minha aposta.

— É tudo meio obsceno. Não a localização, mas o tamanho da casa. Parece mais um hotel do que um lugar para um casal sem filhos.

Dei alguns passos adiante e me virei para encarar a fachada bege da casa. O segundo andar era cercado por pequenas varandas. Uma para cada quarto, imaginei. Havia uma lareira no pátio de pedra e um local para churrasqueira e refrigerador. Perguntei-me o que aconteceria com aquele lugar. Se alguém viria e pagaria para terminá-lo ou se definharia e apodreceria, tornando-se uma casa de luxo para colônias de morcegos e guaxinins.

— Outra coisa. — James ainda olhava para o mar. — Se nossa suspeita estiver correta, se Miranda Severson convenceu Brad Daggett a matar o marido dela, ele deve ter feito isso achando que finalmente ia colocar as mãos nesta fortuna.

— Talvez ele estivesse apaixonado por ela, James. Não seja tão cínica.

— Que seja. Não muda minha questão: por que ele mataria Miranda menos de uma semana depois de ter assassinado o marido dela? Quero dizer, ela é a razão de Brad ter feito aquilo. Matá-la significa que tudo vai embora. Não tem mais dinheiro. Não tem mais sexo.

— Sim, é estranho. Pode haver muitas razões, apesar disso. Ele entra em pânico, acha que Miranda vai entregá-lo.

— Se esse é o caso, por que não fugiu em primeiro lugar, em vez de matá-la e, só depois, fugir?

— Não sei — disse eu. — Talvez ele tenha agido sozinho. Talvez tenha se apaixonado por Miranda e pensado que matar o marido dela faria com que ela se jogasse em seus braços. Quando isso não funcionou de imediato, ele matou Miranda para que ninguém mais a tivesse.

— Pensei nisso, mas se esse foi o caso, então como ele convenceu Miranda a vir aqui com ele?

— Bem, vamos descobrir. Vão capturá-lo em breve. No máximo em 24 horas. Nesse meio-tempo, temos de construir um caso. Vou falar com essa Polly Greenier, o álibi de Brad para a noite de sexta-feira.

— Precisa de mim?

— Sempre *preciso* de você — disse eu. — Mas dou conta da Polly. Algo me diz que o álibi dela vai por água abaixo assim que souber que temos uma testemunha da presença de Brad em Boston.

— O.k. Ligue se precisar de mim. Os detetives da estadual querem repassar conosco tudo que temos sobre o caso do assassinato de Ted Severson, e eu disse que iria cooperar.

Depois de conseguir o endereço de Polly com o delegado Ireland, dirigi sentido norte para Kennewick Beach, passando pelo

Cooley's, o bar onde supostamente Brad estaria com Polly na tarde de sexta-feira. Da estrada litorânea, peguei a Sea Mist, me afastando da praia. Dois quilômetros depois, as casas começavam a ficar menores e as florestas mais escassas. Polly Greenier morava numa rua sem saída chamada York Court, em uma casinha cinza no meio de um jardim que não fora aparado por todo o verão. Verifiquei o número novamente na caixa de correio. A casa, com todas as persianas abaixadas e fechadas, parecia desabitada.

Andei pela grama alta até a porta da frente. A campainha produziu um eco pela casa, e quase imediatamente uma mulher loira com um celular entre o ombro e o queixo abriu a porta. Eu estava com meu distintivo à mostra.

— Jan, preciso desligar — disse ela no celular. Ela chutou a tela antimosquitos, que abriu meio centímetro, e fez um gesto para mim. — Sim, sim. Ligo para você depois. Preciso ir, a polícia está aqui.

— O que tá pegando? — disse ela para mim quando limpei meus pés no capacho e entrei na sala completamente bagunçada.

— Estou aqui para fazer algumas perguntas sobre a última vez que você viu Brad Daggett. Tudo bem?

— Ah, meu Deus, claro. — Ela ainda segurava o telefone na mão. Na outra, tinha um cigarro apagado. Vestia um roupão cor-de-rosa surrado, bastante folgado na frente, deixando visível o lado de um dos seus peitos grandes. Mantive os olhos em seu rosto. Ela me convidou para entrar, arrumando o roupão com a mão que segurava o cigarro, então apontou para uma área que tinha um sofá e uma poltrona reclinável. Um cocker spaniel numa caminha de cachorros apontou os olhos molhados na minha direção. Polly pediu licença por um minuto, e sentei na poltrona de veludo. A casa cheirava a cigarros e odorizadores.

Quando Polly voltou para a sala de estar ainda usava o roupão, mas agora bem amarrado ao redor da cintura. Os cabelos loiros

estavam para trás, e parecia que tinha se maquiado um pouco, mas não sei ao certo.

— Aceita alguma coisa? Café?

— Se você for tomar, claro. Caso contrário, estou bem.

Ela foi para a cozinha e trouxe duas xícaras, adicionando açúcar e leite no meu café, sem perguntar se eu queria. Enquanto esperava, me agachei e passei a mão atrás da cabeça do cachorro. Ele era velho, percebi, com olhos cobertos por catarata.

— Esse é Jack. — Ela me entregou o café. Tomei um gole enquanto Polly se ajeitou no sofá, do outro lado da sala. Ela cruzou as pernas, que ficaram expostas quando o roupão deslizou. Ela era grande no meio, o estômago alto contra o roupão, mas Polly Greenier tinha belas pernas, levemente bronzeadas e torneadas. As unhas dos pés estavam pintadas de um azul cintilante.

Eu me perguntava antes de ir até lá se Polly teria ouvido falar do corpo na casa dos Severson, mas agora eu sabia que sim. Notei assim que ela abriu a porta, com o celular contra a orelha. Ela provavelmente tinha conversado sobre isso durante toda a manhã.

— Você ouviu? Sobre o corpo encontrado nesta manhã?

— Ah, sim. A cidade toda está sabendo. É realmente Miranda Severson?

— Ela ainda não foi oficialmente identificada, mas sim, acreditamos que seja Miranda. Contudo, estou aqui por causa de Brad Daggett.

— Não sei onde ele está. Juro por Deus. Conte tudo para o delegado ontem à noite.

— Sim, eu sei. Não vim aqui por achar que você saiba onde ele está, mas para escutar um pouco mais sobre a última vez que o viu. Ireland me disse que foi na noite da última sexta-feira.

— Correto.

— Pode me contar como foi? Sei que você tem passado por muita coisa recentemente, mas gostaria de ouvir.

Polly me contou como ela e Brad viviam terminando e reatando desde sempre, desde a época de colégio, que eles ainda ficavam juntos no Cooley's e, ocasionalmente, se pegavam. E que a última vez que isso aconteceu foi na sexta.

— Não tenho orgulho disso, mas temos uma história, sabe? De vez em quando, penso que estamos destinados a terminar juntos.

— Tem certeza de que foi na sexta-feira?

— Ah, sim — afirmou, inclinando-se para a frente e pegando o maço de Marlboro mentolado da mesa. — Não se importa que eu fume, não é? — perguntou ela.

— Não, claro que não.

— Quer um?

— Claro. — Eu me inclinei para pegar um cigarro do maço. Normalmente só fumava cigarros enrolados à mão, mas achei que não faria mal me conectar um pouco com Polly Greenier. Ela acendeu seu cigarro primeiro, então passou o isqueiro Bic para mim. Não fumava um mentolado havia anos, e a primeira tragada foi um soco na garganta. — Como você tem certeza de que foi sexta-feira?

— É o único dia da semana em que saio mais cedo do trabalho. Faço o turno da manhã em uma casa de repouso nas sextas. Depois fui para o Cooley's almoçar, e foi lá que vi Braggett... Quero dizer, Brad... Tomamos umas bebidas e fomos para a casa dele.

— Você marcou com ele no bar ou foi uma coincidência?

— Meio a meio, na verdade. Tinha encontrado Brad mais cedo na semana, e ele tocou no assunto. Perguntou se eu ainda saía cedo nas sextas e disse que estava planejando ir ao Cooley's e talvez pudéssemos tomar uns drinques para celebrar o fim de semana.

— Era algo comum entre vocês? Fazer planos para se encontrarem?

Ela soltou uma nuvem de fumaça azulada do nariz e lapidou as cinzas do seu cigarro na borda do cinzeiro de vidro em cima da mesa de centro.

— Não, nem um pouco. Não fazíamos planos normalmente. Só nos esbarrávamos. É uma cidade pequena, você sabe.

— Notou algo incomum em Brad naquele dia?

— Ele estava um pouco estranho, preciso admitir. Tipo, ele insistiu em pagar pelo meu almoço e por umas cervejas. Ele estava derretido por mim. Quero dizer, isso aconteceu antes várias vezes, mas não no meio do dia. Pensei como era esquisito, mas meio que também gostei. Pensei que talvez ele estivesse se sentindo solitário por causa do fim do casamento e quisesse uma namorada.

Terminei meu cigarro e o apaguei no cinzeiro.

— Polly, Brad Daggett foi identificado por uma testemunha em Boston, na sexta-feira, em torno das seis da tarde. Tem certeza de que deseja continuar com sua história?

— Não estou entendendo. Eu estava com Brad na casa dele.

Fiz uma pausa e tomei um gole de café para me livrar do gosto mentolado.

— Quero deixar isso bem claro, Polly. Brad está numa baita encrenca. Ele é o principal suspeito de dois assassinatos. Se você estiver mentindo sobre ter estado com ele, significa que está voluntariamente obstruindo a lei, e você pode ir para a cadeia também. Sem dúvida.

Ela pôs a mão sobre a boca. Seus olhos chocados, mas também confusos.

— Brad matou alguém?

— Você estava com ele na noite de sexta-feira?

— Estava. Estava com ele, mas não sei. Não me lembro muito. Acho que desmaiei. — A voz dela ficou mais aguda. Jack, o cocker

spaniel, levantou a cabeça preocupado, contudo permaneceu na caminha.

— Só me diga exatamente do que se lembra. Se me contar a verdade, você não vai ter nenhum problema, o.k.?

— Estávamos bem bêbados quando deixamos o bar, viramos bebidas de uma só vez e essas coisas. Lá na casa dele, continuamos a beber...

— Que horas foi isso?

— Não sei exatamente, três da tarde? Cheguei ao Cooley's por volta da uma, e ficamos umas duas horas por lá. Não sei a hora exata...

— Tudo bem. Por volta das três da tarde já está bom. Então, vocês dois estavam bebendo? O que exatamente?

— Viramos Jaeger, no começo, então começamos a brincar. Estávamos detonados. Brad não conseguia fazer levantar. Eu me lembro disso. Ele falou algo como vamos dormir e tentar depois, então deitamos.

— Que horas você acordou?

— Era tarde. Não sei. Por volta das dez ou algo assim. Lembro porque olhei para o relógio e não sabia se eram dez da noite ou da manhã.

— E Brad estava na cama com você?

— Não, mas ele estava lá. Na sala, vendo tv. Ele me levou para meu carro parado no Cooley's, e fui para casa. Eu estava me sentindo péssima.

— Polly, obrigado. Foi muito esclarecedor. Você não entrou em contato com ele nem o viu desde então?

— Deus, não. Ele fez isso mesmo? Matou os dois? — A mão dela estava por cima da boca novamente, e o roupão se abriu. Ela colocou o cigarro aceso no cinzeiro e o amassou.

— É o que estamos tentando descobrir. Ele alguma vez conversou com você sobre qualquer um dos Severson?

— Não, nunca, mas ele e o cara eram amigos. Costumavam beber no Cooley's juntos. Eu o encontrei certa vez.

— Eles bebiam juntos?

— Pelo menos uma vez. Lembro de Brad ter me apresentado. Ele era o cara que estava construindo aquela casona no penhasco, não era? Eles pareciam amigos.

— E Miranda Severson? A esposa? Alguma vez a viu no Cooley's?

— Nunca. Tinha ouvido falar nela, mas... Jesus Cristo, não posso acreditar que isso está acontecendo. — Ela foi atrás do cigarro no cinzeiro, viu que estava no filtro e o apagou com violência.

Deixei meu cartão com ela, disse para me ligar caso lembrasse de alguma coisa mais, então voltei para o carro. Era perto do meio-dia. Meu plano original era passar no Cooley's, falar com um barman e ver se poderia corroborar a história de Polly, mas agora não via necessidade. Ela estava falando a verdade. Brad a embriagou, certificou-se de que tinha apagado na casa dele e, então, dirigiu para Boston para matar Ted. Liguei para James e contei a ela o que descobrira, que o álibi de Brad não se sustentaria. Ela não pareceu surpresa. Ainda estava na central de polícia estadual em Portland, Maine. Falei que a pegaria em uma ou duas horas. Isso me deu tempo suficiente para pegar um almoço. Fui para o sul, passando pela casa dos Severson, ainda cercada por carros da polícia. Parei na entrada do Kennewick Inn. Ouvi que era ali que Ted e Miranda ficavam quando estavam no Maine. Uma placa de madeira com as palavras *HÁ VAGAS* balançava ao sabor da brisa marítima. Pensei comigo mesmo: quando a imprensa descobrir essa história, o problema de falta de hóspedes será rapidamente resolvido.

Havia uma pequena placa na frente do prédio principal do hotel que dizia THE LIVERY PUB. Andei na direção dele pelo corredor estreito, esmagando umas folhas secas, e desci uma escada de pedras rumo à entrada no porão. O interior do Livery era um espaço estreito que fedia a fumaça de madeira e batata frita. Sentei em um banco no bar. Havia poucas pessoas no pub, mas todas falavam fervorosamente, sem dúvida espalhando boatos sobre o que acontecera a menos de dois quilômetros dali. Enquanto esperava, tirei meu caderno e olhei para o que tinha escrito naquela manhã.

*Polly Greenier — Por que ela mentiria por Brad?* Agora sabia que não havia mentido, que fora usada por Brad como um álibi involuntário.

*Por que Ted tinha uma chave da casa de Brad?* Ainda não sabia, mas descobri com Polly que Brad e Ted se viram socialmente no Cooley's. De quem teria sido a ideia? Será que Brad dera a chave para Ted por alguma razão?

A anotação final que havia escrito era: *Por que Lily Kintner mentiu para mim?* Ainda me perguntava sobre isso, embora acredite que ela não tivesse nada a ver com o que aconteceu com Brad e os Severson. Ainda assim, tirei meu celular, verifiquei se tinha serviço e procurei uma foto de Lily Kintner que sabia haver na internet. Era uma imagem em baixa resolução dela com o pai, dez anos atrás, mas Lily não tinha mudado muito desde então. Os cabelos ruivos no mesmo estilo. A mesma pele pálida e olhos intensos. Quando o barman entregou meu cheeseburger, virei a tela do celular para ele e perguntei se reconhecia a garota na foto. Ele se aproximou, analisou a tela por cinco segundos. Estava tão preparado para ouvir um “não” que mal registrei quando ele falou:

— Com certeza. Ela veio aqui no começo da semana. Ficou umas duas noites. Moça bonita.

— Por que ela estava aqui? — perguntei, tentando esconder a surpresa e a empolgação na voz.

— Não saberia dizer. Bebeu Sam Light, acho. Sempre lembro dos pedidos de bebidas.

Ele se afastou para cumprimentar um par de fregueses que acabara de se sentar do outro lado do bar. Olhei para a foto de Lily no celular — os poucos pontos granulados que formavam o rosto dela. Seria possível que tivesse maior envolvimento com isso do que eu imaginava? Eu sabia que precisaria vê-la novamente, descobrir por que mentira para mim e a razão de ter vindo para o Maine depois do assassinato de Ted. Não esperava descobrir muita coisa, mas significava que a veria de novo. Antes cedo do que tarde demais. Dei uma mordida no sanduíche, que era bem melhor do que qualquer cheeseburger tem o direito de ser. A vida estava melhorando.

## Capítulo 30

### Lily

MEU PAI SE REMEXEU E SUSPIROU DURANTE toda a viagem entre o JFK e Shepaug.

— É apenas mamãe — disse eu. — Ela continua falando as mesmas baboseiras de sempre. — Ele sorriu para mim, mas ainda havia medo em seus olhos marejados. — Dê-lhe uma chance. Se não funcionar, então tentaremos uma alternativa.

— Eu poderia morar com você, Lil — disse ele.

Era a inevitabilidade que eu estava desejando evitar, claro, mas apenas coloquei minha mão no joelho dele e o apertei.

Quando subimos os morros baixos de Connecticut para entrar em terreno familiar, meu pai aquietou-se, olhando pela janela. As folhas nas árvores já haviam passado do auge e perdido suas cores mais radiantes. As vermelhas ficaram cor de ferrugem, as amarelas desbotaram. Entrando pelo portão da Casa Monk, meu pai disse:

— Posso sentir minhas bolas se encolhendo. Agora sei que estou chegando em casa.

Quando estávamos tirando as duas malas pesadas do meu pai do carro, minha mãe veio até a porta, de avental salpicado de tinta. Ela havia passado duas camadas de batom vermelho brilhante nos lábios.

— O patriarca retorna — disse ela como se tivesse ensaiado, me fazendo perceber que também estava um pouco nervosa.

— Sharon — disse meu pai, tirando os óculos do rosto e subindo-os para o alto da cabeça para enxergar de longe. — Você não mudou nada. — Foi a coisa mais bacana que ele poderia ter

falado diante das circunstâncias. Ela balançou a cabeça afirmativamente e entrou na casa.

Depois de ajudar meu pai a arrumar suas coisas e se ambientar no quarto de hóspedes no primeiro andar, nos fundos da casa, andamos um pouquinho pela propriedade antes de o sol desaparecer completamente.

— O céu escurece mais cedo aqui — observou meu pai. — Lembro-me disso.

— Apenas no outono e no inverno — corrigi. — Não o ano todo.

— Acho que poderia limpar as folhas amanhã.

— Mamãe gostaria disso. Ela odeia juntar folhas.

— Eu lembro. Ela sempre me fazia limpar o jardim.

— Bem, era você ou o garoto do outro lado da rua.

— Certo. — Meu pai apertou o cachecol ao redor do pescoço, embora estivesse quente para uma noite de fim de outubro. — Lembra quando você era pequena e costumava engatinhar para dentro da pilha de folhas?

— Não.

— Os outros garotos sempre queriam pular nas folhas, mas você as usava como refúgio. Ficava dentro delas por horas. Não se lembra disso?

— Mais ou menos.

— Você era uma garotinha estranha. Antes de enfiar seu nariz nos livros, achávamos que tínhamos dado à luz um animal selvagem. Você mal sorria. Vagava lá fora por horas. Fazia sons de animais. Costumávamos chamá-la de nossa raposinha e falar que você estava sendo criada por humanos. Espero que não tenhamos te estragado muito.

— Vocês se saíram bem — disse eu, quando um pouco de chuva começou a cair do céu. — Você está me permitindo ver meus pais juntos novamente. O sonho de qualquer filho do divórcio.

— Não era seu sonho, era? — perguntou meu pai ao virarmos de volta para casa, escura a não ser pela luz que vinha da cozinha.

— Deus, não. Estava só brincando. Além disso vocês não estão reatando, espero. Apenas vivendo juntos. Parasitismo mútuo. Não é o plano?

— Sim, é o plano. Paz e tranquilidade. Talvez escrever mais um livro. Talvez não. Só quero viver o resto da minha vida sem machucar mais ninguém. É tudo que desejo.

O jantar correu bem. Minha mãe assou um frango e meu pai não falou mal de nada, embora a comida estivesse um pouco queimada. Dividimos uma garrafa de vinho, e depois meu pai se ofereceu para limpar tudo, prometendo sempre fazer isso.

— Não consigo cozinhar, Sharon. Você sabe disso, mas fico feliz em limpar a mesa.

Ela revirou os olhos, mas só para mim. Meu pai já estava limpando a mesa, cuidadosamente empilhando a louça na pia. Fomos para a sala; havia uma televisão lá agora, algo que nunca tivemos quando eu era criança. Mencionei isso.

— É para ver o canal público — explicou minha mãe quando sentamos em lados opostos do sofá velho. Pensei que falaríamos sobre meu pai, mas ela me contou com detalhes exaustivos sobre uma resenha incrível de algum artista que conhecia. — Nunca dei nada por ele, mas acho que estava errada, pelo menos de acordo com o *New York Times*. — Escutava minha mãe e pensava que esse arranjo entre os dois poderia funcionar, pelo menos por um tempo. Durante os anos separados eles passaram a significar menos um para o outro, e isso poderia permitir viverem sob o mesmo teto. Não se amavam o suficiente para se machucar.

Saí no outro dia atrás de um café da manhã. Não estava com pressa, então virei para o norte em Hartford para dirigir pelo Pioneer Valley, finalmente pegando a Rota 2 e voltando para Winslow por

estradas mais bonitas. Era minha época favorita do ano, o ar inquieto cheio de folhas mortas, as casas decoradas para o Halloween. Uma semana antes eu tinha descoberto que Ted Severson estava morto, e agora esse capítulo sórdido da minha vida estava finalizado. Qualquer ansiedade que tinha em relação a ser capturada havia ido embora. Agora só me sentia relaxada e poderosa. Até mesmo gostei de passar um tempo na companhia dos meus pais.

Os assassinatos tinham virado notícia grande; pelo que apurei, Kennewick foi invadida por repórteres, todos tentando desvendar a história do jovem e glamoroso casal assassinado com uma semana de diferença. Brad Daggett ainda não havia sido encontrado, e nunca seria. Se localizaram a caminhonete, isso não saiu nos jornais. Ele matara Ted e Miranda, e as evidências científicas provavam isso. E ele nunca seria encontrado para contar sua versão da história.

Pensei sobre o que meu pai falou no dia anterior — como ele queria passar o resto da sua vida sem machucar outra pessoa. Talvez eu também pudesse transformar isso na minha meta. Eu me senti assim depois de matar Chet e Eric. E era como me sentia agora. Não me arrependo de nada que fiz no passado. Miranda e Eric me machucaram. Chet queria fazer isso, e Brad — apesar de não ter feito isso diretamente — assassinou um homem inocente. Acho que foi, provavelmente, um erro deixar Ted Severson entrar na minha vida. Corri riscos enormes nas últimas semanas e tive sorte de escapar, mas agora tudo tinha chegado ao fim. Não faria mais isso. Viveria uma vida calma e não deixaria ninguém me magoar novamente. Continuaria a sobreviver, sabendo, como soube naquela noite no campinho, as estrelas jogando suas luzes em mim, que eu era especial, que havia nascido com um tipo diferente de moral. A moral de um animal — um corvo, uma raposa ou uma coruja —, e não a de um ser humano normal.

Saí da Rota 2 e dirigi pelo centro de Winslow em direção à minha casa. Estava tendo uma Oktoberfest no parque, uma banda de polca tocando e uma tenda de cervejas havia sido armada. Abaixei a janela, e o ar cheirava a sidra de maçã. Considerei parar, mas resolvi que era melhor ir para casa. Dirigi quatro quilômetros e, quando me aproximava de casa, pude ver um carro branco na entrada, fácil de enxergar entre as árvores peladas. Uma onda de medo atravessou meu corpo e quase passei sem parar, dobrei na entrada da garagem, dizendo a mim mesma que tudo ficaria bem.

Encostado no carro estava o detetive que havia me feito perguntas no começo da semana. Henry Kimball, da polícia de Boston. Quando me viu, deixou cair o cigarro que estava fumando e o apagou com o sapato. Estacionei e saí do carro. Ele veio na minha direção com um sorriso indecifrável no rosto.

## Capítulo 31

### Kimball

DEPOIS DO ALMOÇO, NO DOMINGO, dirigi até Winslow para falar de novo com Lily Kintner. Ela não estava em casa, mas era um dia fresco de outono, então resolvi esperar. Imaginei que ela estivesse em algum brunch e logo voltaria. Encostei-me no carro para ter uma visão do lago em frente à casa e cuidadosamente enrolei um cigarro, um dos dois que me permito por dia.

Brad Daggett não havia sido encontrado. A única pista sólida que tínhamos era uma oficina em Kennewick que denunciou que um dos carros sob manutenção tivera a placa trocada. Mike Comeau, o mecânico, notou isso só porque a placa nova era bem mais limpa que o resto do veículo. Calhou que a placa era da caminhonete de Daggett. Então ele fora esperto o suficiente para trocar as placas antes de sair do Maine. Um aviso foi expedido com o novo número da placa, mas nada foi encontrado ainda. Eu estava começando a duvidar que isso um dia iria acontecer.

Acendi meu cigarro, inclinei a cabeça para trás e deixei o sol banhar meu rosto. Por cima de mim, passou uma revoada de gansos. Quando estava prestes a terminar o cigarro, Lily estacionou seu Honda Accord na entrada da garagem. Tentei ler suas expressões pelo vidro, mas ela parecia olhar para mim apenas com leve curiosidade. Depois que parou e desceu do carro, andei na direção dela e me apresentei de novo.

— Lembro-me de você — disse ela. — Foi apenas há alguns dias.

Ela levava uma bolsa grande com ela, azul-escura e com pontos cinzentos, e perguntei se havia passado a noite fora.

— Estava com meus pais em Connecticut. Meu pai acabou de voltar de Londres.

— É mesmo? Para morar aqui?

— Esse é o plano, por enquanto. O que posso fazer por você, detetive? Soube do que aconteceu com Miranda. Estou chocada.

— Tenho mais algumas perguntas. Esperava que pudéssemos... sentar e conversar, de novo.

— Sem problema. Apenas me dê um minuto para arrumar as coisas. Podemos sentar no terraço de trás, se você gostar. Não está tão frio.

Segui Lily para dentro do seu chalé, passando pela sala de estar e pela porta da cozinha, que levava a uma varanda nos fundos, toda coberta por folhas.

— Deixe-me pegar um pano, e você pode limpar as cadeiras — disse ela.

Fiz o que pediu e liberei as duas cadeiras de madeira das folhas amareladas em formato de ventilador que caíram de uma ginkgo biloba. Sentei-me, e cinco minutos depois Lily retornou. Ela ainda usava jeans, mas tinha tirado o casaco e agora vestia um suéter com decote V que parecia seda. Seus cabelos estavam soltos, e o rosto parecia refrescado e livre de maquiagem.

— Como posso ajudá-lo?

Eu havia decidido mais cedo que iria direto ao assunto.

— Quero saber por que mentiu para mim.

Ela não pareceu surpresa, mas piscou lentamente os olhos verdes.

— Sobre o quê, exatamente?

— Sua relação com Ted Severson e o fato de ter ido para Kennewick no domingo e na segunda-feira desta semana. Você não achava que devia ter mencionado isso para mim na última vez em que estive aqui?

— Posso explicar. E peço desculpas por ter mentido. Tenho estado muito estressada com essa situação do meu pai. Quando você apareceu na primeira vez, fiquei com medo de me envolver em uma investigação de assassinato. Seria demais para a cabeça dele. Essa foi a razão de ter fingido não conhecer Ted. Espero que saiba que não teria mentido caso achasse que nossa relação tivesse algo a ver com o assassinato.

— Qual relação era exatamente essa?

— Nós nos encontramos no aeroporto, em Londres. Não o reconheci no início, mas depois começamos a conversar e, por fim, chegamos à conclusão de que tínhamos nos conhecido antes, por meio de Miranda. Estávamos na classe executiva e terminamos sentados lado a lado, então ele me contou que estava achando que sua mulher o traía com o mestre de obras da sua casa.

— Essa é uma informação importante. Teria ajudado bastante se tivéssemos sabido disso há uma semana.

— Eu sei, eu sei. Desculpe. Não é que ele tivesse certeza. Apenas pensou que era o caso. Eu conhecia Miranda desde a universidade e achei que ele provavelmente estava certo. De qualquer maneira, nos demos bem. Ele se abriu para mim, de uma maneira que acontece de vez em quando em voos.

— Então vocês se envolveram?

— Não, não romanticamente. Nós nos encontramos novamente, em um bar em Concord para uma bebida, mas não estávamos atrás de nada. Ele era casado.

— Mas você gostava dele?

Ela piscou o olho devagar novamente.

— Sim. Ele era um homem bom.

— Quando você soube que ele tinha morrido?

— Li no *Globe*, no domingo. A matéria fazia parecer que ele havia sido morto por um ladrão, mas fiquei pensando...

— Pensando se ele teria sido morto por Brad Daggett?

— Esse é o nome do mestre de obras, certo? E você acha que ele matou Ted e Miranda.

— Apenas me diga o que você foi fazer no Maine.

— Não sei exatamente. Foram muitas razões. Ted me falou quanto amava aquele lugar, então decidi conhecer. Acho que foi uma forma de luto. Eu o vi apenas duas vezes, mas foi bastante intenso. E acho que também fui lá para ver se poderia descobrir algo. Acho que estava fingindo ser Nancy Drew. É estupidez, eu sei.

— O que você fez enquanto estava lá?

— Andei. Jantei no bar do hotel. Todo mundo estava falando sobre o assassinato e eu escutei, mas não ouvi nada sobre Miranda estar tendo um caso. Pensei que conseguiria descobrir isso, que todo mundo estaria falando. De acordo com Ted, Miranda praticamente vivia no Kennewick Inn. Se ela estava dormindo com alguém da região, você supõe que todo mundo saiba. É o que achava. Mas ninguém falou nada. Até fui no Cooley's, o bar na estrada, mais local, e tomei uma cerveja lá, achando que poderia ouvir algo. Mas nada.

— O que exatamente você iria fazer caso descobrisse que Brad e Miranda estavam tendo um caso?

— Encurralá-lo, claro — disse ela. — Fazê-lo confessar. Entregá-lo à polícia. — O rosto dela não mudou, e levei um tempo para perceber que estava brincando. Sorri de leve, e ela riu de volta. Havia um vinco entre seu lábio superior e o nariz quando ela sorria.

— Sinceramente — continuou ela —, não sei o que iria fazer. Não tinha um plano. E só porque Brad e Miranda estavam tendo um caso não significava que isso tinha a ver com a morte de Ted.

— Estamos bem certos de que Brad Daggett matou ambos os Severson.

— E ele está desaparecido?

— Sim.

Ficamos em silêncio por um tempo. Observei Lily tocar o encosto da cadeira com seus dedos da mão esquerda em sucessão. Era o primeiro sinal de nervosismo que percebia nela. Finalmente ela disse:

— Eu estraguei tudo. Devia ter te falado na primeira vez que veio aqui. Devia ter falado que Ted pensava que sua mulher estava tendo um caso com Brad. Desculpe. Sinceramente, quando você apareceu, presumi que Ted tivesse sido morto por um ladrão. Fiquei meio envergonhada de ter ido ao Maine tentar fazer minha própria investigação. Pareceu estúpido.

— Como Nancy Drew — disse eu.

— Humm, você está chamando minha heroína de infância de estúpida?

— Não, claro que não. Também amava Nancy Drew. Por que acha que virei detetive?

Um gato vira-lata se aproximou da varanda, miando para Lily.

— Você tem um gato — comentei.

— Não é bem assim — retrucou ela, levantando-se. — O nome dele é Mog, mas ele passa a maior parte do tempo na rua. Ele vem aqui quando está com fome. Vou pegar um pouco de comida para ele. Quer algo lá de dentro?

— Não, obrigado — respondi. Enquanto ela ficou fora chamei Mog, mas ele ficou parado. Seus olhos eram de cores diferentes, a não ser que estivesse doente. Lily voltou com comida de gato numa tigela e sentou na beirada da varanda. Mog se agachou e começou a comer.

Eu queria ficar, mas não tinha mais nada para perguntar. Ainda não acreditava que Lily estivesse me contando toda a verdade, mas suas respostas eram convincentes o suficiente.

— Seu pai — recomecei. — Como ele está?

— Ah, ele está... do mesmo jeito. Acho que sair da Inglaterra é o melhor para ele. Ele apanhou muito da imprensa.

— Ainda está escrevendo?

— Ele me falou que pode ter ainda um livro dentro dele, mas não tenho certeza. Vamos ver. Talvez ele se inspire, agora que voltou a morar com minha mãe.

— Pensei que seus pais fossem separados.

— Eles são. Graças a Deus. Isso é apenas um arranjo. É estranho, eu sei, mas minha mãe precisa de dinheiro e meu pai vai ajudá-la, agora que está na casa. Além disso, ele não pode ficar sozinho. É um tiro no escuro, mas se der certo, resolverá os problemas dos dois. Caso contrário, meu pai pode vir morar comigo.

Queria perguntar mais sobre o pai dela, em parte porque estava interessado nele, mas também porque queria ficar ali na varanda de Lily Kintner. Queria continuar olhando para ela. O sol por trás de Lily deixava seus cabelos vermelho-fogo. Ela havia cruzado os braços, deixando o suéter mais apertado no corpo, e eu podia ver o inchaço alto dos seus seios e as marcas apagadas de um sutiã rosa por baixo da seda branca. Pensei em algumas maneiras de prolongar minha estadia. Podia perguntar mais sobre o pai, sobre o seu amor por Nancy Drew ou sobre o trabalho em Winslow, porém sabia que não era certo. Não estava ali para uma visita social. Eu me levantei, assim como Lily. Mog terminou de comer e foi se esfregar no tornozelo de Lily, então se mandou pelo mesmo caminho por onde veio.

— Ah, mais uma coisa. — Lembrei da última questão que precisava perguntar. — Você disse na primeira vez em que nos encontramos que conhecia Miranda da faculdade.

— A-hã. Estudamos na Universidade Mather, em New Chester, Connecticut.

— Miranda falou que você roubou o namorado dela.

— Foi mesmo? Bem, namoramos o mesmo cara. Miranda primeiro, depois eu, então ele voltou para ela. Foi uma confusão na época, mas faz muito tempo.

— Então, quando você encontrou Ted e descobriu que ele tinha um casamento infeliz com Miranda, você não achou que seria uma oportunidade para se vingar?

— Claro, passou pela minha cabeça. Gostava de Ted e não gostava de Miranda, mas não tínhamos uma ligação romântica. Eu era apenas alguém com quem ele gostava de conversar.

Lily me acompanhou por sua casa até meu carro. Esticou a mão e eu a cumprimentei, a palma seca e quente. Quando larguei, as pontas dos dedos de Lily gentilmente roçaram pela minha mão, e me perguntei se fora intencional ou se estava imaginando algo que não existia. Seu rosto não me dizia nada.

Antes de entrar no carro, me virei e perguntei para ela:

— Qual era o nome do namorado?

— Como?

— O namorado que você e Miranda tiveram na faculdade?

— Ah, ele — disse ela, com um leve enrubescer nas bochechas.

— Era Eric Washburn, mas ele está, hã, morto.

— Ah. Como aconteceu?

— Logo depois da faculdade. Morreu de choque anafilático. Ele tinha alergia a castanhas.

— Ah — repeti, sem saber o que falar. — Sinto muito.

— Não precisa. Faz bastante tempo.

Eu fui embora. Enquanto dirigia para Boston, um grupo de nuvens baixas começou a bloquear o sol. Era o início da tarde, mas parecia o entardecer. Estava repassando a conversa com Lily. Acreditei em muita coisa que me disse, mas ainda havia algo de mentira ali. Sabia que ela havia omitido algumas coisas, assim como na primeira vez em que conversamos. Mas por quê? E por que Lily

hesitou quando perguntei sobre o nome do seu namorado na faculdade? Parecia que não queria me dizer. Ela falou que fazia muito tempo, mas nem tanto. Ela estava no fim dos seus vinte anos. *Eric Washburn*. Falei o nome em voz alta algumas vezes para ter certeza de lembrar mais tarde.

## Capítulo 32

### Lily

UMA SEMANA DEPOIS DE SER NOVAMENTE interrogada pelo detetive Kimball, dirigi para o centro de Concord. Eu acompanhava o progresso do caso Severson todas as noites pelos noticiários locais, embora não houvesse nenhuma novidade. Sabia que não haveria. Brad Daggett não seria encontrado. Eu me sentia bem sabendo que era a única pessoa no mundo que sabia onde estava Brad — que ele nunca seria encontrado bebendo daiquiris em alguma praia do Caribe. Ele estava apodrecendo lentamente num campinho esquecido. Sabia disso, assim como os pássaros e os animais que cruzassem seu caminho. Eles o cheirariam, pensariam que algum animal grande tinha morrido e seguiriam em frente.

Era o primeiro domingo desde o término do horário de verão. A manhã começou fria com nevascas, mas a neve tinha acalmado ao meio-dia e o céu era uma prateleira de nuvens cinza baixas. Peguei estradas secundárias de Winslow para Concord, dirigindo lentamente, ouvindo música clássica de uma estação de rádio pública. Era meados da tarde quando cheguei a Concord e estacionei meu carro na rua principal. As calçadas estavam lotadas: uma aglomeração de famílias esperando do lado de fora de um restaurante da moda; mulheres de meia-idade em roupas esportivas saíam e entravam das joalherias. Caminhei calmamente para a praça Monument, atravessando o grande cruzamento na entrada do cemitério Old Hill. Eu me espremi pelos pilares de pedra e mantive o passo para cima, rumo ao topo da colina. Não havia mais ninguém no cemitério.

Fui até o alto da colina, passando pelo banco onde sentara com Ted Severson da última vez que o encontrara, havia pouco mais de um mês, e olhei para os telhados de Concord. As árvores perderam todas as folhas desde que estive ali, e conseguia até ver onde parei meu carro. Fiquei em pé por um tempo com minha jaqueta verde brilhante, saboreando a solidão, um pouco do vento frio da Nova Inglaterra e a visão de cima dos pedestres apressados em suas tarefas dominicais com uma hora extra. Olhei para o lugar onde Ted e eu nos beijamos, tentei me lembrar de como tinha me sentido. Seus surpreendentes lábios macios, sua mão forte passando por dentro do meu suéter. Depois de cinco minutos, direcionei minha atenção de volta à colina íngreme e a suas lápides de pedra. As folhas mortas foram sopradas pelo vento e se empilharam contra a traseira de várias lápides. Andei de volta pelo caminho de pedra e, aleatoriamente, escolhi um túmulo que estava parcialmente encoberto por uma árvore pelada e retorcida. Eu me ajoelhei na frente da lápide. A inscrição dizia que pertencia a Elizabeth Minot, morta em 1790, aos 45 anos. Ela “encarou a morte lenta com calma e alegria”. No topo da pedra, havia uma caveira com asas envolta em um estandarte que dizia ESTEJA ATENTO À MORTE. Fiquei agachada, estudando a lápide, me perguntando como teria sido a vida curta e difícil de Elizabeth Minot. A verdade era: não importava mais. Ela estava morta, assim como todo mundo que a conhecia. Talvez o marido a tenha sufocado com o travesseiro para pôr fim à infelicidade dela. Ou à dele mesmo. Entretanto ele também se fora havia muito tempo. Seus filhos estavam mortos, assim como os filhos dos seus filhos. Meu pai costumava dizer: a cada cem anos, novas pessoas. Não sei por que exatamente falava isso ou o que significava para ele — uma variação do ficar atento à morte, acredito —, mas sabia o que significava para mim.

Pensei sobre as pessoas que havia matado. Chet, o pintor, cujo sobrenome ainda não sabia. Eric Washburn, morto antes de sua vida começar. E o coitado do Brad Daggett, que provavelmente nunca teve chance alguma desde o momento em que colocara os olhos em Miranda Severson. Senti uma pontada no peito; não era uma sensação familiar, mas reconhecível. Não que eu estivesse me sentindo mal por minhas ações, ou culpada. Eu tinha motivos — bons motivos — para matar todos eles. Não, a dor no meu peito era porque estava me sentindo sozinha. Não havia nenhum outro ser humano no planeta que sabia o mesmo que eu.

Desci a colina e caminhei de volta para a cidade. Senti meu celular vibrando na bolsa. Era minha mãe.

— Querida, você já leu o *Times*?

— Eu não recebo o *Times*, mãe.

— Ah, tem um artigo inteiro sobre Martha Chang. Lembra dela, não? A coreógrafa? — Ela descreveu a matéria em detalhes, lendo-a em voz alta para mim. Sentei em um banco frio com vista para a rua principal.

— Como está o papai? — perguntei quando ela terminou.

— Acordou gritando no meio da noite de ontem. Fui lá achando que ele estava apenas tentando me fazer entrar no quarto, mas ele estava em frangalhos. Tremendo e chorando. Fui pegar leite quente com uísque, e quando voltei ele tinha dormido de novo. Sinceramente, querida, é como ter uma criança em casa.

Falei que precisava ir, e ela me contou mais histórias sobre amigas dela que eu não lembrava. Quando desliguei, notei que a multidão na frente do restaurante havia diminuído e peguei um café para viagem. Então andei mais um pouco, passando pelo Concord River Inn, onde bebera com Ted e planejara o assassinato da mulher dele. Nosso plano teria funcionado. Era parecido com o que aconteceu de verdade. Armando para Brad ser acusado pelo

assassinato de Miranda, então fazê-lo desaparecer para sempre e seu corpo nunca ser encontrado. Os detalhes eram diferentes. Seu corpo seria jogado no mar, enquanto eu dirigiria a caminhonete para Boston, deixando-a em algum lugar onde fosse roubada e desmantelada, mas o resultado seria o mesmo.

Caminhei calmamente por ruas calmas, cercadas por casas coloniais. Estava indo na direção dos fundos do cemitério de onde tinha acabado de sair. Uma equipe de jardineiros limpava as folhas de um dos jardins grandes. Um pré-adolescente jogava uma bola de futebol direto no ar e agarrava de novo. Não vi ninguém por perto. Cheguei a uma rua sem saída que dava na parte de trás do cemitério. Pulei uma cerca baixa, me encostei em uma árvore e esperei. Podia ver o topo da colina, as lápides espalhadas como nós na espinha. O sol, um vislumbre de brancura atrás do manto de nuvens, estava baixo no céu. Aproximei meu café para perto do peito para me manter quente. Meu cabelo estava por baixo do mesmo gorro que havia usado na noite em que Brad e Miranda tinham morrido. Perguntei-me, não pela primeira vez, o que teria acontecido entre mim e Ted caso as coisas tivessem seguido de acordo com o plano. Teríamos nos envolvido, isso eu sabia, mas quanto tempo ficaríamos juntos? Será que eu teria lhe contado tudo? Dividido minha vida com ele? E esse conhecimento — de que nós dois tínhamos um do outro — nos tornaria mais fortes? Ou teria nos matado no fim? Provavelmente seria isso o que iria acontecer, pensei, embora pudesse ter sido gostoso, por um tempo, ter alguém com quem pudesse dividir tudo.

Terminei meu café. Joguei o copo vazio de papelão na minha bolsa aberta. E esperei.

## Capítulo 33

### Kimball

DESCOBRI QUE, SE ESTACIONASSE MEU CARRO no Dunkin' Donuts no cruzamento quántuplo logo depois do centro de Winslow, eu poderia ver Lily Kintner dirigindo pela Leighton quando voltasse para casa. Poucos carros vêm da Leighton, e era fácil notá-la em seu Honda vermelho-escuro. Esperava por ela todos os dias desde nosso segundo interrogatório seguindo Lily por sete vezes no total. Ia atrás dela até o escritório na Universidade Winslow e pelo caminho de volta. Eu a segui até um mercado e para uma feira na cidade vizinha. Uma vez, ela entrou na interestadual para o sul; acho que estava indo visitar os pais em Connecticut, mas voltou. As poucas vezes que foi ao centro de Winslow para algum compromisso, segui um pouco a pé, mantendo uma boa distância. Não vi nada de interessante.

Estava fazendo isso por conta própria, usando meu próprio Sonata prata. Não sabia o que esperava com isso. Só sabia, no fundo do coração, que Lily Kintner estava, de alguma forma, envolvida. E, se mantivesse a vigilância, então talvez ela entregasse o jogo em algum momento.

Eu estava estacionado no Dunkin' Donuts em um domingo à tarde, prestes a desistir, quando vi o Accord de Lily. Ela virou à esquerda na Brooks, indo para leste, distanciando-se do centro. Saí do estacionamento, deixando três carros entre nós dois. O Honda dela era um modelo antigo, mais quadrado que os Honda modernos, e fácil de seguir. Fiquei atrás dela na Stow, na Maynard, e então na Concord oeste. Tentei deixar pelo menos dois carros entre nós o tempo todo. Só a perdi uma vez, quando passamos pelo centro de

Maynard, onde fiquei preso atrás de um caminhão do correio, mas adivinhei corretamente que ela iria ficar na Rota 62 e a alcancei. Ela dirigiu para o centro de Concord, estacionou na rua principal e saiu do carro. Estava usando seu casaco verde brilhante, abotoado até o pescoço. Eu a observei rumo ao que parecia ser uma grande rotatória que circulava um pequeno parque.

A única pessoa que sabia que eu estava seguindo Lily Kintner era Roberta James, minha parceira, embora nem ela soubesse com que frequência. Ela certamente não soube de nada em duas ocasiões. Eu tinha parado depois de anoitecer na Leighton e fui a pé sozinho pela floresta para espionar a casa de Lily dos limites da propriedade dela. Observei o lugar por uma hora, quando ela se sentou na poltrona de couro vermelho, as pernas enfiadas embaixo do corpo, e ficou lendo um livro de capa dura. Enquanto lia, inconscientemente enrolava uma longa mecha de cabelo num dedo. Uma xícara de chá próxima a ela exalava vapor. Eu ficava repetindo para mim mesmo que devia ir embora, mas me sentia grudado no lugar e, mesmo se ela tivesse saído repentinamente e me visto, acho que não sairia dali. Nunca contaria nada disso a James. Ela já estava suspeitando dos meus motivos.

— Como ela é, Hen? — perguntou ela na noite anterior, quando a convidei para um espaguete carbonara e um scotch.

— Ela é linda. — Decidi não mentir.

— A-hã — disse James, sem precisar completar a frase.

— Ouça. Eric Washburn foi namorado dela na universidade. Ele também foi namorado de Miranda Severson, ou Faith Hobart, como era conhecida naquela época. Miranda me disse que Lily roubou Eric dela, então Lily me contou que Miranda o roubou de volta. Eric morreu de alergia a castanhas no ano em que se formou. Ele estava com Lily em Londres.

— Você acha que ela o matou com castanhas?

— Se ela fez isso, foi brilhante. Você não pode provar que algo assim não foi um acidente.

— O.k. — James balançou a cabeça afirmativamente e tomou um gole de seu Macallan.

— Agora, anos depois, ela vira amiga do marido de Miranda. Talvez mais que isso. Então ele é assassinado...

— Ele foi morto por Brad Daggett. Sabemos disso. Você acha que Lily Kintner o conhecia também?

— Não. Só sei que ela mentiu para mim e que é uma coincidência incrível que ela estivesse envolvida na morte de Eric Washburn e, agora, na de Miranda.

— Podemos levá-la para a delegacia e interrogá-la um pouco mais. Você perguntou se ela tinha álibi para a noite em que Miranda foi morta?

— Não, não perguntei. Quero dizer, nós sabemos que Brad foi o responsável por isso também. É possível que ela conhecesse Brad desde o começo, que o tenha convencido a cometer esses assassinatos, e agora ela sabe onde ele está?

— Claro, é possível, mas por que faria isso? As pessoas não saem por aí matando a garota que roubou o namorado delas na faculdade.

— Sim, bem — disse eu.

— É tudo que você tem a dizer? “Sim, bem”?

— Sim, é tudo que tenho a dizer. — James sorriu. Ela não fazia isso com frequência, mas, quando fazia, transformava seu rosto de algo severo para uma beleza radiante. Éramos parceiros havia apenas um ano. As noites de massa e scotch começaram uns três meses antes. Até então, nosso relacionamento era o melhor relacionamento sem sexo da minha vida. Desde o primeiro dia, entramos num padrão de troca de ideias que me fazia sentir como se fôssemos amigos havia anos. Não fazia muito tempo que

percebera o pouco que sabia sobre Roberta James, além do lugar onde cresceu (costa de Maryland), onde estudou (Universidade de Delaware) e onde morava (terceiro andar de um prediozinho em Watertown). Presumi que ela fosse gay, mas nunca falamos sobre isso. Quando finalmente toquei no assunto, na primeira de nossas noites de massa, ela disse:

— Gosto de homens, mas só na teoria.

— Isso quer dizer que você gosta de mulher?

— Não, quero dizer que sou voluntariamente celibatária, mas se decidir que não quero mais isso, faria com um homem.

— Saquei, James. — E não pedi mais esclarecimentos. Seu costumeiro olhar inabalável havia vacilado durante essa breve conversa.

A maioria das noites de massa e scotch era em minha casa, provavelmente porque exagero na bebida e, quando James foi a anfitriã, ela sempre me fez dormir no sofá dela. Em uma daquelas noites, me levantei para pegar um copo d'água e, ao retornar para o sofá, notei que a porta do quarto dela estava semiaberta, deixando vazar uma luz amarelada. Empurrei a porta um pouco, falando "toc, toc". James estava na cama lendo um livro. Era uma noite quente, e ela estava com uma das pernas para fora dos lençóis. Usava óculos de leitura e olhava de forma inquisitiva para mim por cima da armação.

— Não consigo dormir. Achei que você quisesse companhia.

Não tenho certeza de como eu esperava que James reagisse à minha proposta, mas não esperava a explosão de gargalhadas que ganhei em troca. Joguei as mãos para cima e saí, dizendo:

— O.k., o.k.

Ela tentou impedir minha saída, mas voltei rapidamente para o sofá. Durante a manhã, James estava em pé assim que o sol saiu e me trouxe uma xícara de café.

— Desculpe pela risada ontem à noite — disse ela ao me passar o café.

— Não. Desculpe pela visita ao seu quarto tarde da noite. Totalmente inapropriado. — Minha voz soava gutural, e minha cabeça parecia presa em um torno.

— Acho que você me pegou de surpresa. As últimas três cantadas que levei foram de mulheres. De qualquer maneira, estou me sentindo mal a respeito.

— Você não deveria. Eu que passei dos limites. Além disso, somos bons parceiros no trabalho. Por que foder tudo isso?

— Certo. Por que foder tudo?

Essa foi toda a extensão de nossa conversa sobre o assunto. Ficamos constrangidos por um tempo, mas depois passou. E então voltamos a nossos encontros para discutir minha vida amorosa.

— E aí, planejando segui-la de novo amanhã? — perguntou James, colocando um pouco de scotch nos copos.

— Não sei. Talvez eu devesse tirar um dia de folga.

— Talvez você devesse. Quero dizer, você é bom no que faz, mas é apenas uma questão de tempo até que ela perceba você e faça uma reclamação formal.

— Você está certa — disse eu, sabendo que não levaria o conselho em conta.

Quando Lily estava andando em direção ao fim da rua principal, perto da rotatória, saí do carro e comecei a segui-la a pé. Eu a vi atravessando o cruzamento e indo na direção de uma igreja branca e quadrada, sua torre envolta em andaimes, então virando para a direita e entrando no cemitério da colina. Sentei num pequeno muro de pedra e comecei a enrolar um cigarro. Ela estava a duzentos metros, mas eu conseguia notá-la facilmente em seu casaco verde. Observei Lily subindo calmamente o caminho dentro do cemitério. Ela vagou um pouco, desaparecendo momentaneamente atrás do

telhado de uma antiga casa de pedra com uma pérgola. Acendi meu cigarro, e uma mulher num uniforme de ciclista olhou na minha direção como se eu tivesse assassinado os filhos dela. Mantive os olhos no cemitério. Pouco depois, voltei a ver Lily caminhando no topo da colina. Ela devia ter encontrado o túmulo que procurava, uma lápide de pedra debaixo de uma árvore retorcida. Ela se agachou e leu a inscrição, ficando naquela posição por um tempo antes de se levantar e descer de volta. Perguntei-me de quem era aquele túmulo e se significava algo.

Quando Lily chegou à calçada na frente do cemitério e começou a atravessar a praça Monument na minha direção, recuei, atravessando a rua principal e entrando em uma loja de roupas femininas com fachada de vidro. Fingi interesse em uma prateleira de cachecóis — todos com um preço similar ao de um carro usado — e mantive meu olho em Lily, que foi na direção de um banco de pedra, conversando no celular. Eu estava tão perto que consegui ver que uma mecha dos seus cabelos ruivos soltou-se do gorro.

— São todos de seda da caxemira — declarou a vendedora, repentinamente a cinco centímetros de mim.

Dei um pulo.

— Eles são lindos. Tão macios.

— Não são?

Afastei-me dos cachecóis e dei mais uma olhada pela lojinha. Parecia que Lily iria ficar no banco por um tempo. Depois de alguns minutos, agradei a mulher que trabalhava no lugar e voltei para a calçada. Lily tinha sumido. Fiquei preocupado que ela tivesse atravessado a rua na minha direção para fazer compras e que esbarraria nela acidentalmente. Então, me afastei das lojas e voltei para o muro de pedra de mais cedo. O que eu queria realmente fazer era descobrir a quem pertencia aquela lápide que Lily lera com tanto interesse. O túmulo ficava debaixo de uma árvore retorcida

que se projetava para fora do topo da colina, e eu tinha certeza de que podia achá-la, mas seria melhor visitar o cemitério quando Lily não pudesse me ver lá. Resolvi esperar.

Dei uma longa olhada do meu mirante. Lily sumira, e comecei a ficar nervoso que ela aparecesse de repente e me visse. Resolvi que não precisava vê-la novamente. Em vez disso, me levantei e me afastei do centro de Concord. Passei por um velho hotel chamado Concord River Inn. Havia fumaça saindo da chaminé, e parecia o tipo de lugar que teria um bar. Decidi entrar. Havia um salão de jantar na frente com mesas cobertas por toalhas brancas e uma decoração com papel de parede, mas eu conseguia ouvir vozes vindo dos fundos do hotel. Andei por um corredor de teto baixo e encontrei um pequeno bar, encravado em um espaço não muito maior que uma vaga de estacionamento. Rapidamente verifiquei o ambiente para ter certeza de que Lily não estava lá — havia dois casais terminando seu almoço tardio e um sujeito solitário lendo o jornal e bebendo uma garrafa de Grolsch. Puxei um banco de madeira desconfortável no balcão do bar e pedi um chope Boddingtons. Meu plano era beber a cerveja lentamente, então checar o túmulo que Lily visitara. Naquele cemitério antigo, provavelmente era um marco de alguém que morreu havia mais de duzentos anos — mas sentia uma necessidade de ir lá. Lily olhara tão intensamente para aquela inscrição que me deixou curioso. Pensei no meu jantar com James na noite anterior e seu aviso de que eu estava ficando obcecado por Lily Kintner de uma maneira nada profissional. Provavelmente era verdade.

Tomei um gole da minha cerveja, peguei um pedaço pequeno de pretzel da tigela que ficava em cima do balcão e tirei uma caneta do meu casaco. Escrevi uma rima boba em um dos guardanapos.

*Era uma vez um tira chamado Kimball  
Cujo cérebro era do tamanho de um dedal.*

*Ele seguiu uma garota  
Por todo o mundo  
Na esperança de atividade sexual.*

Amassei o guardanapo e o enfiei no bolso do casaco. Tirei um novo guardanapo da pilha do bar e tentei de novo.

*Era uma vez uma garota ruivinha  
Que sonho em ver peladinha  
A chance de isso acontecer  
É de uma em um milhão,  
Mas ficaria feliz só com uma calcinha.*

Amassei esse também e guardei junto do outro guardanapo, então continuei a beber minha cerveja. De repente, me senti ridículo — não tanto pelos versos bobos —, mas por ter ficado seguindo uma mulher envolvida indiretamente em um caso, e sem o conhecimento do meu departamento. James estava certa. Se eu achava que Lily Kintner estava escondendo algo, devia chamá-la e interrogá-la. O provável era que Ted Severson tenha se apaixonado por ela pouco antes de ser morto. Ela mentiu para mim por causa da situação estressante com o pai, uma figura pública envolvida em outro caso de morte. Ela não tinha nada a ver com Brad Daggett, o sujeito que matou Ted e Miranda sozinho e desapareceu da face da Terra. A última teoria era de que Brad, depois de matar Ted, quis chantagear Miranda, insistindo que o dinheiro fosse entregue na casa inacabada. Isso explicaria o porquê de terem se encontrado no lugar tão tarde e como Brad fora capaz de sumir completamente — uma quantia substancial de dinheiro deixaria isso mais fácil. Terminei minha cerveja e paguei. Eu teria deixado o hotel, voltado para meu carro e retornado a Boston. No dia seguinte, conversaria com meu superintendente e perguntaria se achava uma boa ideia trazer Lily Kintner para um novo interrogatório. Se concordasse, pediria para

James me acompanhar. Caso contrário, esperaria uma semana, ligaria para Lily e perguntaria se ela gostaria de tomar um drinque comigo.

Saí pela porta baixa do hotel. O dia havia escurecido consideravelmente na meia hora em que fiquei lá dentro. Lembrei que o horário de verão tinha acabado e anoitecia mais cedo. Quando estava voltando para o carro, dei uma olhada para o cemitério. Estava vazio. Na luz pálida, podia enxergar a lápide e a árvore; não faria mal dar uma olhada. Atravessei o grande cruzamento e achei a entrada do cemitério. Uma inscrição na pedra de granito negro polida me informou que se chamava Old Hill. Caminhei na trilha íngreme rumo às árvores, seus galhos sem folhas virando sombras contra o céu cinzento. Encontrei a inscrição que Lily estudara tão intensamente, me agachei como ela fez e li os dizeres. Sra. Elizabeth Minot, morta em 1790. De repente, me perguntei o que eu possivelmente esperava encontrar ao ir até ali. Passei um dedo pelos sulcos. Era uma lápide bonita com uma efígie no topo, ao lado de um aviso: ESTEJA ATENTO À MORTE. Meu corpo estremeceu um pouco e me levantei, meus joelhos estralando com o movimento. Minha cabeça se perdeu um pouco na luz descolorida do anoitecer. Um vento constante começou a espalhar as folhas pelo topo da colina. Era hora de voltar para casa.

Ouvi o quebrar de um galho vindo do outro lado da colina. Eu me virei, e Lily Kintner estava a poucos passos de mim, suas mãos nos bolsos grandes do casaco. Ela vinha na minha direção. Sua presença parecia sobrenatural, como se fosse uma aparição, e eu sorri, sem saber o que fazer. Deveria admitir que a estava seguindo? Deveria fingir que era uma coincidência?

Ela continuou a se aproximar e estava a poucos centímetros. Pensei, por um instante, que fosse me beijar. Porém, em vez disso, ela sussurrou:

— Desculpe.

Senti uma pontada contra minhas costelas e, quando olhei para baixo, vi a mão enluvada de Lily pressionando a faca contra meu corpo, na altura do coração.

## Capítulo 34

### Lily

DO MEU LUGAR EMBAIXO DO CASTANHEIRO-DA-ÍNDIA, nas redondezas do cemitério, flagrei uma figura solitária ao lado da colina. A luz diminuía rapidamente, mas pude ver que era o detetive Kimball. Eu o vi se agachando e olhando para uma lápide, a mesma que eu havia visitado mais cedo, da sra. Minot.

Parei por um momento — balançando meus braços para fazer o sangue fluir —, para me parabenizar por ter atraído Kimball tão facilmente a um local isolado, exatamente durante o crepúsculo. À medida que comecei a andar em direção a ele, olhei ao redor para ver se ainda havia visitantes no cemitério, mas estávamos sozinhos.

Quando eu estava a menos de cinco metros de Kimball, pisei em um galho caído no chão, e ele se virou.

Em um bolso estava minha arma de choque e, no outro, a faca de peixe. Tinha planejado paralisá-lo primeiro e só então esfaqueá-lo, mas ele pareceu tão surpreso, tão atordoado em me ver, que simplesmente me aproximei e deslizei a faca entre suas costelas, de maneira que ela alcançasse seu coração.

Foi tudo muito fácil.

O rosto dele ficou branco, e eu senti o sangue quente derramando na minha mão.

Com nossos olhos presos uns aos outros e meu coração batendo alto, eu nem tinha prestado atenção aos passos pesados subindo a colina à minha esquerda.

— Afaste-se dele e coloque suas mãos para cima! — gritou uma voz feminina sobre o farfalhar do vento.

Virei-me e vi uma mulher alta e negra em um sobretudo caminhar, segurando uma arma com as duas mãos. Seu casaco desabotoado esvoaçava atrás dela. Soltei a faca, e Kimball caiu de joelhos, um deles batendo com força em uma pedra. Levantei as mãos e dei um passo para trás. Observei os olhos da mulher passando por Kimball, enquanto ela continuou a se mover. Ela viu a faca saindo de suas costelas e começou a andar mais depressa, alcançando Kimball e virando a arma, agora com uma única mão, na minha direção.

— Deite-se na porra do chão. Agora mesmo. Cara no chão. — Eu podia praticamente ouvir a adrenalina percorrendo o corpo dela enquanto gritava, e fiz o que pediu, me esticando sobre o chão frio e duro do cemitério. Eu não tinha intenção alguma de lutar ou fugir. Eu tinha sido pega.

— Fique deitado aí e não se mexa, Hen. Deixe a faca onde está, o.k.? — disse a mulher para Kimball, em uma voz baixa e como se estivesse ronronando.

Virei a cabeça para poder assistir à cena, e ela começou a digitar números rapidamente em seu celular, a arma ainda apontada na minha direção. Ela ligou para o 911, pedindo uma ambulância para “uma porra de um cemitério no centro de Concord. É numa colina”. Identificou-se como detetive Roberta James do departamento de polícia de Boston e disse ao atendente que havia um agente ferido. Ela encerrou a ligação e checkou o detetive Kimball.

— Isso não parece ser tão ruim, Hen, apenas tente não se mover.

Então virou o rosto para mim. Ouvi um som quando ela tirou o cinto de tecido do casaco. Ajoelhou-se nas minhas costas e apoiou todo o seu peso. Eu conseguia sentir o cano da arma contra meu pescoço.

— Não me dê um motivo — disse ela. — Mãos para trás!

Fiz o que ela pediu, e com apenas uma das mãos ela prendeu meus pulsos com o cinto apertado, demonstrando experiência.

— Se você se mexer, vou atirar na sua cabeça — ela informou. Relaxei. O vento soprou algumas folhas contra minha bochecha. Fechei os olhos e pensei, horrorizada e descrente, como minha vida havia acabado. Podia ouvir a voz feminina da detetive sussurrando para Kimball. Ele respondeu algo, mas não consegui entender. Agora que eu havia sido pega, não havia razão para querer que ele morresse. Na verdade, esperava que vivesse, e pensei que provavelmente iria. Não enfiei a faca completamente. A distância, escutei a sirene de uma ambulância se aproximando. Ouvi a detetive dizer que iria ficar tudo bem com Kimball, que ele iria sobreviver. Abri os olhos. Uma mecha de cabelo obstruía minha visão, mas consegui ver parcialmente o cenário à minha frente: o detetive Kimball estava deitado na frente da lápide de Elizabeth Minot, a mulher estava em cima dele, com a mão pressionada contra seu corpo para retardar o sangramento. O céu estava escuro como um quadro-negro, e as luzes fracas da ambulância começavam a iluminar a cena.

Vinte e quatro horas depois, minha fiança foi negada na corte do condado de Middlesex.

— Tentaremos de novo — disse minha advogada, indicada pelo Estado. Seu nome era Stephanie Flynn, e ela devia ter uns vinte e cinco anos. Era pequena e bonita, mas suas unhas eram roídas, e parecia não ter uma boa noite de sono havia anos.

Ela me acompanhou até minha cela.

— Eles vão autorizar uma revisão de fiança e não vão conseguir te segurar. Não nessas circunstâncias.

— Tudo bem. Você fez o seu melhor. Entendo que esfaqueei um policial.

— Um policial que estava te perturbando e te seguindo — completou Stephanie, me encarando através de seus óculos estilosos. — Ele vai ficar bem, aliás — continuou. — Acabou de sair da UTI.

— Que bom.

Minha advogada olhou para seu relógio e me prometeu que voltaria na mesma hora no dia seguinte. Poderia ter pagado meu próprio advogado ou pedido para os meus pais mandarem um, mas pedi que escolhessem um para mim e, agora, sinto que fiz a escolha certa.

Depois que ela foi embora, me deitei na cama com meu macacão verde-escuro. Meu almoço — um hambúrguer com legumes mistos — foi entregue por uma policial com expressão sombria. Não estava exatamente com fome, mas comi um pouco do hambúrguer e bebi o copo de suco de maçã que veio junto com a refeição. Enchi o copo de plástico com água da torneira da minha cela e tomei vários goles, então me deitei novamente na cama. Meus pais, a quem havia finalmente ligado a cobrar naquela manhã de um orelhão instalado no fim do corredor, chegariam em breve. Eu estava saboreando o silêncio enquanto eles não chegavam. No dia anterior, quando eu estava quieta e imóvel no cemitério Old Hill, vi primeiro uma ambulância e depois várias, então uma frota de carros de polícia chegou, e pensei o que diria quando fosse interrogada. Pensei em falar a verdade, toda a verdade, sobre os dois corpos no poço e o que aconteceu com Eric Washburn em Londres e meu envolvimento com Ted e Miranda Severson e Brad Daggett. Imaginei como me sentiria — ao confessar tudo — e vi os olhos deles, frios e fascinados, em mim, enquanto contava as histórias, e então imaginei que essa fascinação permaneceria para o resto da minha vida. Todos

aqueles anos na prisão. A filha infame de David Kintner. Eu me tornaria um atração, uma curiosidade. As pessoas iriam querer escrever livros sobre mim. Eu perderia meu anonimato para sempre.

Então pensei em uma história diferente, muito mais simples. Contaria a todo mundo que fiquei morrendo de medo do detetive Henry Kimball, que estava me seguindo havia mais de uma semana. Diria a eles que o vi várias vezes — essa parte era verdade — e tinha começado a temer pela minha vida. Se eles me perguntassem por que não liguei para a polícia, eu diria que *e/e* era a polícia. Diria que comecei a andar com minha arma de choque e minha faca e, naquele dia em especial, eu havia dirigido ao meu cemitério favorito em Concord. Quando o avistei lá, entrei em pânico e o ataquei com a faca. Sabia que era errado, mas não estava pensando direito. Foi um momento de insanidade, causado por estresse.

E essa foi a história que contei, primeiro para o policial que me prendeu e me interrogou na delegacia de Concord, onde fui fichada por tentativa de homicídio. E, mais tarde naquela mesma noite, para a detetive Roberta James, a mulher que salvou a vida do detetive Kimball. Tentei descobrir pelo interrogatório se Kimball e James estavam me seguindo, ou se a detetive tinha apenas tropeçado na cena. Estava certa de que Kimball estava me seguindo sozinho, e não de forma profissional. Estava claro que ele estava obcecado por mim, e era apenas uma questão de tempo até que começasse a bisbilhotar todos os aspectos da minha vida. Eu já havia lhe falado o nome de Eric Washburn, e sem dúvida ele checkou os registros e descobriu que estávamos juntos quando ele morreu. Comecei a entrar em pânico e me ocorreu que, se ele estava mesmo me seguindo sozinho, eu poderia simplesmente atraí-lo a um local isolado e cuidar do problema. Pensei no cemitério a que havia ido com Ted Severson. Nunca tinha visto ninguém mais por lá, e mesmo assim era razoavelmente aberto. Se o detetive Kimball me seguisse

para Concord, ele poderia me ver no cemitério da cidade. Eu olharia por muito tempo para uma lápide, esperando que ele também a visitasse. Então, simplesmente esperaria por ele.

Teria funcionado perfeitamente, até que a detetive James apareceu.

Eu me senti confiante com a minha história. Provavelmente ficaria numa cela temporariamente ou em um hospício, mas duvidava que ficasse presa por muito tempo. Minha maior preocupação era quanto eles investigariam a morte de Miranda e o desaparecimento de Brad. Não tinha álibi para aquela noite, mas por que eu teria? Era madrugada de uma terça-feira, e eu morava sozinha. Mesmo se interrogassem minha mãe, pensei que havia uma chance muito pequena de que ela mencionasse o fato de que eu precisava de uma carona para o sul do Maine. Pensei que a chance de ela se lembrar seria mínima.

Enquanto pensava na minha mãe, ouvi o som agudo da porta no fim do corredor se abrir e reconheci a sua voz ameaçadora. Ouvi a palavra *fiança* e a palavra *ridículo*. Meus pais foram trazidos até a porta da minha cela pelo mesmo policial que trouxe meu almoço. Minha mãe estava ultrajada, meu pai, velho e amedrontado.

— Ah, querida... — disse minha mãe.

Três dias depois, um dia antes da revisão da minha fiança, eles me levaram para a sala de interrogatório depois do meu café da manhã de ovos feitos no micro-ondas e batatas. Já estivera naquela sala antes, uma caixa sem janelas, com paredes pintadas de um branco industrial.

A detetive James entrou, anunciando seu nome e o horário para a câmara localizada no canto alto da sala.

— Como você está, srta. Kintner? — perguntou ela, depois de se sentar.

— Já estive melhor. Como está o detetive Kimball?

Ela fez uma pausa, mordeu os lábios e peguei seus olhos se virando em direção ao retângulo de vidro em um dos lados da sala. Perguntei-me se ele estava assistindo a esse interrogatório.

— Kimball está se recuperando. Ele tem muita sorte em estar vivo.

Concordei com a cabeça, mas escolhi não dizer nada.

— Tenho algumas perguntas para você, srta. Kintner. Primeiro, você disse em seu interrogatório anterior que flagrou o detetive Kimball a seguindo em um número de ocasiões antes do domingo, quando você viajou para Concord para visitar o cemitério. Você pode me contar quando foram essas ocasiões?

Contei a ela sobre as vezes em que tinha flagrado o detetive Kimball me seguindo. Uma vez no centro da cidade de Winslow, e outra vez vi seu carro passar bem devagar pela minha casa. Ela me perguntou sobre o meu relacionamento com Ted Severson e meus motivos para ir a Kennewick depois de sua morte. Contei a ela as mesmas coisas que falei para Kimball.

— Então o que você está me falando é que, quando você tinha informações cruciais a respeito de um assassinato, optou por esconder essas informações da polícia e investigar o crime você mesma? Então mais tarde, quando acreditou que um detetive, que estava apenas fazendo seu trabalho, estava a seguindo e perturbando, decidiu matá-lo? Você tem soluções interessantes para seus problemas.

— Não planejei matar o detetive Kimball.

— Bem, você decidiu enfiar uma faca nele.

Eu não disse nada. A detetive James me encarava do outro lado da mesa. Eu me perguntava se havia algo acontecendo entre ela e Kimball, algo romântico, mas duvidei. Ela era quase bonita — com a estrutura óssea e o corpo alto e esguio de uma modelo —, porém

havia algo forte e predador na detetive James. Talvez fosse só a maneira com que ela estava me olhando, como se pudesse ver através de mim.

O silêncio permaneceu, e pensei que a detetive James não tivesse mais perguntas. Então ela disse:

— O detetive Kimball me contou que você falou com ele pouco antes de esfaqueá-lo. Você se lembra do que disse?

Eu lembrava, mas balancei minha cabeça.

— Sinceramente, não me lembro de muita coisa daquela tarde. Acho que apaguei.

— Que conveniente para você! — Ela se levantou e saiu da sala.

Fiquei sozinha por um período que pareceu se estender por trinta minutos. Não estava usando relógio e não havia nenhum na sala, então não tenho certeza. Continuei sentada, tentando manter meu rosto sem nenhuma expressão. Sabia que estava sendo observada através do vidro, analisada, que eles estavam falando sobre mim. Era como se estivesse amarrada, nua, sendo apalpada por um bando de mãos sujas.

Entretanto sabia que, se mantivesse minha história e se o corpo do Brad nunca fosse encontrado, eles não conseguiriam me manter ali para sempre. Eu teria minha vida de volta, ou uma vida de volta, pelo menos. E nunca cometeria os mesmos erros novamente. Não deixaria ninguém se aproximar. Isso só causou problemas.

A porta se abriu, e o detetive Kimball entrou. Ele usava sua roupa costumeira, um blazer de tweed e um jeans, mas não devia fazer a barba havia uma semana e sua pele estava pálida. Ele se moveu cautelosamente em direção à cadeira, mas não sentou, colocando uma das mãos nas costas dela e me encarando com um olhar que parecia mais curioso do que bravo.

— Detetive — eu disse.

— Sei que você se lembra do que me falou. Antes de me esfaquear.

— Não me lembro. O que eu disse?

— Você disse: "Desculpe".

— O.k., se você diz.

— Por que diria isso se você estava com medo de mim, se achava que eu estava te seguindo?

Eu balancei minha cabeça.

— Vou encontrar o que você não quer que eu descubra — disse ele. — Não sei onde está ou o que é, mas vou encontrar.

— Espero que encontre. — Olhei para ele. Pensei que ele desviaria o olhar, mas não. — Estou feliz que você esteja bem — falei sinceramente.

— Bem, neste momento, provavelmente é melhor para você que eu esteja.

Não falei nada mais, e ele continuou olhando para mim. Procurei por ódio nos olhos dele, mas não encontrei.

A porta se abriu com um forte estrondo, e um homem de terno que nunca tinha visto entrou com tudo na sala. Era um sujeito de meia-idade, robusto, de bigode cinza.

— Fora, detetive, agora. — Henry Kimball se distanciou vagarosamente de mim, então andou para fora da sala enquanto o homem segurava a porta para ele. Antes de a porta se fechar, escutei a voz do homem gritando: — Jesus Cristo, o que diabos você estava... — Fiquei novamente no silêncio.

Naquela noite, depois que voltei para minha cela, minha advogada me visitou, puxando uma cadeira do lado de fora das barras da cela.

— Você teve um visitante inesperado hoje — disse ela. Estava fazendo algo estranho com seu rosto, e percebi que tentava não sorrir.

— Você quer dizer, o detetive Kimball.

— Sim, ouvi dizer que ele entrou na sala de interrogatório. Você não devia estar lá sozinha, em primeiro lugar. Você sempre pode pedir minha presença para ser interrogada.

— Eu sei.

— O que ele disse?

— Queria saber se me lembrava do que havia dito a ele antes de esfaqueá-lo, e eu disse que não me lembrava de nada, o que é verdade. Ele disse que ia descobrir o que eu estava tentando esconder.

Agora minha advogada estava mesmo sorrindo, e percebi pela primeira vez que ela usava aquele aparelho de plástico quase invisível nos dentes de baixo.

— Desculpe. Sei que deve ter sido chato para você, e não devia ter acontecido. Henry Kimball foi suspenso do departamento de polícia oficialmente. Ia acontecer de qualquer maneira, acredite em mim.

— Então ele estava mesmo me seguindo sozinho?

— Ah, sim. Nós já sabíamos disso. Sua parceira estava de olho porque estava preocupada com sua saúde mental. Ele admitiu para ela na noite anterior que estava te seguindo em seu tempo livre. Ela achou que ele estava ficando obcecado. Então, no dia seguinte, ela foi visitá-lo e acabou indo atrás de Kimball. O que a levou a Concord. Não apenas isso, mas aparentemente encontraram algumas coisas que ele escreveu sobre você quando foi para o hospital. Poesias.

— Sério? Tipo o quê?

— É bem incriminador. Não acho que o detetive Kimball voltará a trabalhar para a polícia novamente.

— Então o que tudo isso significa? — perguntei.

O celular dela deve ter vibrado, porque ela o tirou do bolso do blazer, apertou um botão e guardou de volta.

— Não quero te deixar esperançosa, Lily, mas acho que podemos conseguir um acordo aqui. Preciso te perguntar como você se sentiria em relação a fazer uma avaliação psiquiátrica e, talvez, passar algum tempo em um hospital que trabalha com gerenciamento de raiva.

Disse a ela que ficaria feliz com esse acordo.

— Bom. Estamos avançando aqui. — Ela olhou para mim e sorriu novamente. — De uma maneira ou de outra, não acho que vá passar muito mais tempo aqui. — Ela se levantou, então pegou algo de dentro de sua maleta. — Quase me esqueci, você recebeu outra carta. Eles me entregaram lá em cima.

Ela deslizou o envelope por onde eles entregavam minhas refeições. Era outra carta do meu pai. Nos três dias desde que eu o havia visto, ele mandara três cartas.

— Obrigada.

Minha advogada foi embora e me sentei na cama, sem abrir o envelope imediatamente. Pausei por um momento. As notícias eram muito melhores do que eu pensava. Ia conseguir minha vida de volta. Talvez não logo de cara, mas em breve. Abri a carta, ansiosa para ler. Meu pai sempre me escreveu cartas, desde que eu era menina. E elas sempre me animavam.

*Minha querida Lil,*

*Sua mãe está fora dando aulas para adultos (sua única fonte de renda!) esta noite, então estou aqui em casa esquentando uma lasanha congelada no micro-ondas. Aparentemente isso leva quinze minutos, então vou escrever outra carta. Falei com sua advogada nesta manhã, e ela disse muitas coisas esperançosas. Tudo indica que você vai ficar livre para retornar à sua vida o quanto antes. Assim esperamos.*

*Parece que já são dez da noite, mas são só cinco! As noites são mais escuras aqui. Estou tomando um coquetel que eu mesmo inventei. Um copo alto de água com dois dedos de scotch. Essencialmente, é água com sabor de uísque. Muito saboroso, e posso tomar de manhã até à noite sem ficar bêbado. E também não estou completamente sóbrio em nenhum momento do dia, mas acordo no dia seguinte me sentindo ótimo. Queria ter descoberto esse método de beber anos atrás. Teria patenteado e feito uma fortuna.*

*O micro-ondas apitou, e preciso de um refil para o meu coquetel. Sua mãe mencionou algo sobre ir até aí este fim de semana para te ver. Até lá — "AGUENTE FIRME", disse o gatinho se pendurando no galho.*

*Fique bem, querida*

*Papai*

*Ah, P.S.: Esqueci de te contar na minha carta anterior, mas tenho más notícias. A fazenda vizinha dos Bardwell foi vendida para um investidor da cidade. Ele vai nivelar o terreno e construir uma espécie de hotel com 57 quartos. As escavadeiras já começaram a chegar. Só estou te contando porque sei quanto você amava aquele campinho do lado da fazenda e acho que eles vão destruir a coisa toda amanhã. Sua mãe de repente virou uma ambientalista ferrenha. Desculpe pelas más notícias. Acho que você deve estar se perguntando do que diabos estou falando. Até breve, Lil. Papai te ama, não importa o que aconteça.*

[1] *Lily*, "lírio" em inglês. (N. T.)